HISTORIA DA POESIA PORTUGUEZA

(ESCHOLA ITALIANA. — II)

Seculo XVI

HISTORIA

DE

CAMÕES

POR

THEOPHILO BRAGA

PARTE I

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

1873

HISTORIA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA

CAMÕES

I

HISTORIA

DA

POESIA PORTUGUEZA

DO SECULO XII A XVI

I. *Introducção á Historia da Litteratura Portugueza*. Porto, 1870. Pag. VIII-335...... 1 volume

II. (Eschola nacional) *Epopêas da Raça Mosarabe*. Porto, 1871. Pag. VIII-378........ 1 volume

III. (Eschola provençal) *Trovadores galecio-portuguezes*. Porto, 1871. Pag. VIII-346..... 1 volume

IV. (Eschola hespanhola) *Poetas palacianos do seculo XV*. Porto, 1872. Pag. VI-434..... 1 volume

V. (Eschola hispano-italica) *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*. Porto, 1872. Pag. VIII-316 1 volume

VI. (Eschola italiana) *Vida de Sá de Miranda e sua Eschola*. Porto, 1871. Pag. VIII-328.. 1 volume

VII. (Eschola italiana) *Vida de Camões*......... 1 volume

VIII. (Eschola italiana) *A Eschola de Camões*, (no prélo).

HISTORIA DA POESIA PORTUGUEZA

(ESCHOLA ITALIANA — II.)

Seculo XVI

HISTORIA

DE

CAMÕES

POR

THEOPHILO BRAGA

PARTE I

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

1873

Em uma edição dos *Lusiadas,* impressa no Porto em 1869, dizia o benemerito editor: «Accrescentamos á nossa edição, intencionalmente feita para o povo, uma biographia de Camões, contendo puramente tudo quanto ha de historico na vida do poeta. O snr. Theophilo Braga extrahiu de um seu livro inedito sobre a *Vida de Camões,* trabalho pelo systema de Taschereau na *Vida de Molière* e de Cesar Balbo na *Vida de Dante,* um prospecto chronologico, que ajuda á intelligencia de todas as conciliações de datas que se discutem.» *(Op. cit.,* p. VI.) Só passado tres annos nos é possivel entregar á publicidade esse livro aí promettido, e com o qual fechamos a—Historia litteraria de Portugal no seculo XVI.

É de uma difficuldade incalculavel o escrever a vida de Camões; a necessidade de dar aos factos uma exacção historica, de explicar todos os pequenos successos que têm relação com esta grande individualidade, fez

com que os biographos de Camões se esquecessem do individuo moral e quasi revelassem incapacidade para conhecel-o. Além d'isto, o vulto de Camões anda envolvido em um nimbo de tradições sobre as quaes inconscientemente se formou um ideal, que fascina e se impõe ao historiador, que em vez de descrever um profundo espirito da Renascença, recorta com sinceridade um typo de convenção. A quem estudar a vida de Camões, importa ter sempre em vista, que elle não foi homem de posturas esculpturaes, como nol-o pintam todos os dias os poemas, as gravuras, as estatuas e as divagações litterarias que lhe consagram. Quem o quizer vêr com ares de artista em tres quartos, falsifica este vulto, grande sómente pela sua verdade; era simples de trato, brigão, temerario, desinteressado, como portuguez bilioso-melancholico. Camões teve até nossos dias a felicidade de haver escapado ás interpretações theoricas; esmagado sob os Commentarios do seculo XVII, aformosentado pelas patrioticas phantasias do seculo XIX, é necessario um grande esforço para tornarmos a achar a natureza.

Estudamol-o aqui como elle foi, consubstanciando em um livro tudo quanto ha de positivo sobre Camões; não temos pretenções a descobertas, mas a tirar dos textos uma nova luz. Os trabalhos fundamentaes em-

quanto a documentos pertencem a Manoel de Faria e Sousa, e ao snr. Visconde de Juromenha; sem a dedicação d'estes dois solícitos investigadores pouco se poderia affirmar como indubitavel. Faltava ainda determinar a acção de Camões na Historia litteraria de Portugal; é o que agora se cumpre.

Emquanto trabalhavamos n'este corpo da *Historia da Litteratura portugueza,* o accidente fortuito da nossa nomeação de Professor do Curso Superior de Letras, fez rebentar secretas invejas, algumas d'ellas abafadas até áquelle dia com simulacros de amisade. Não houve phrase injuriosa que me não atirassem, iniquidade de que se não servissem; armaram o seu reducto nos esgotos da baixa imprensa, até aonde a authoridade administrativa de motu proprio teve de descer para pôr cobro a tamanha impudencia. Tempestuavam esses impotentes accéssos, e no remanso do estudo vinha surprehender-nos a adhesão ao nosso trabalho da parte de M. Gaston Paris, auctor da *Histoire poétique de Charles Magne,* a verdadeira introducção ás litteraturas da edade media; tambem o auctor da *Historia de la Literatura española,* o sabio D. José Amador de los Rios vinha pessoalmente visitar-nos, dizendo com a auctoridade dos seus annos diante dos nossos continuados esforços: *Macte, generose puer!* Da coragem com que

nós e mais alguns poucos trabalhadores temos entrado n'esta lucta de renovação litteraria, escrevia Littré: «*Continuez, prosperez, travaillez; que le Portugal apporte sa quote part dans l'histoire et la critique. Ce n'est pas trop des efforts de tout le monde pour faire face aux besoins de la transition intellectuelle et morale.*» Imitando aquelle que diante do sophista que negava o movimento, se pôz a andar, respondemos tambem a essa geração nulla—trabalhando sempre.

HISTORIA

DE CAMÕES

PARTE I

—

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES

As expedições maritimas do seculo XV, e as grandes navegações do seculo XVI, deram ao povo portuguez uma missão superior no progresso da humanidade, e ao mesmo tempo imprimiram-lhe um caracter proprio, o vigor de uma nacionalidade distincta entre as raças da Peninsula. Collocado *entre o continente e o mar,* a desmembração de Hespanha deu a Portugal a autonomia politica; os seus portos, as suas armadas crearam-lhe as condições economicas; a sua burguezia foi uma consequencia da riqueza publica, a sua decadencia um resultado de nunca ter precisado crear uma industria organica para se manter. É na litteratura do seculo XVI, que se começa a vêr a affirmação da nacionalidade portugueza: em Gil Vicente, revelando a

existencia de um genio popular; em João de Barros, apresentando a concepção da historia moderna; em Fernão de Oliveira, a disciplina grammatical da lingua; em Antonio Ferreira, a independencia e superioridade do idioma portuguez para as obras do pensamento; em João de Castilho, a architectura manoelina, accommodando o gothico florido á impressão da natureza oriental, symbolisada nos Jeronymos, de Belém; nos eruditos, o presentimento de uma grande epopêa para completar a historia; nos Reinícolas a codificação geral das garantias locaes; em tudo profundos symptomas de vida propria.

Não bastava porém a affirmação, faltava ainda a consciencia da nacionalidade: Camões, foi aquelle que mais sentiu, que melhor se compenetrou d'essa vigorosa consciencia, que tem uma raça no momento em que realisou a sua unidade. Extinga-se para sempre a nossa vida historica, acabem os vestigios que tornaram Portugal solidario na obra da civilisação moderna, bastarão as obras de Camões para representarem sempre vivo este povo, que succumbe pela fatalidade da sua ethnologia.

O estudo de Camões não póde ser feito exclusivamente pelo lado litterario; visto assim era grande, mas incompleto. Ha n'elle uma feição organica, que explica os problemas da litteratura e da raça. O epitheto de *barbi-ruivo,* que se lhe dá nos assentos da Casa da India, confirma a sua origem, de um trovador fidalgo emigrado da Galiza; a predilecção pelos *romances* do

povo e pelas tradições heroicas, resultam do sangue dos ascendentes do Algarve e da educação domestica. As nacionalidades nunca se formam com elementos puros de raça; os Celtas, emquanto se conservaram inmixtos, nunca formaram uma nação, mas invadidos pelos romanos e frankos, pelos romanos e lombardos, pelos romanos e wisigodos, desdobraram-se no povo francez, italiano e hespanhol. Em Camões se encontram os dados d'este problema: o seu nascimento, devido a uma emigração de fidalgos da Galiza, coincíde com o grande desastre das expulsações das colonias judaicas pelo catholicismo; o seu genio adquiriu uma individualidade completa com o longo desterro da India; a sua morte acontece no momento em que o exercito de Philippe II se apodera de Portugal. Nas suas obras transpiram de um modo absoluto os caracteristicos fundamentaes de uma nacionalidade: a *tradição*, a *linguagem* e o *territorio*.

A *tradição* dá a unidade moral a um povo, é o vinculo que constitue a nacionalidade; os poemas homericos encerram o conjunto das *tradições* hellenicas, e o genio grego sentindo esta revelação, fortaleceu-se com elles todas as vezes que se quiz affirmar. Na educação grega, o estudo de Homero formava o nucleo fundamental; Xenophonte diz, que seu pae querendo fazer d'elle um homem de bem, o mandou decorar Homero: «Quando uma criança começa a poder aprender alguma cousa, o ensino deve-lhe saír de Homero, e os cantos heroicos devem alimentar sua alma apenas saído

do berço, como o leite o mais puro; elle fica o companheiro de nossa vida; com a edade torna-se o nosso confidente; e na velhice, se o abandonamos por um instante voltamos logo a elle famintos.» É esta unidade da *tradição,* que tornou a Grecia a Jerusalem da intelligencia e do bello, nexo moral que falta nos grandes emporios mercantís da America e da Australia. Socrates diz, que os gregos faziam decorar Homero aos seus filhos, e Alexandre não é mais do que um producto das impressões d'esses poemas.

Em Camões sente-se que este mesmo espirito o animava; na sua epopêa recolhe todas as formosas *tradições* da historia portugueza, como o milagre de Ourique, a façanha de Giraldo Sem Pavor, de Egas Moniz, de D. Ignez de Castro, da rainha D. Maria filha de Affonso IV, dos Doze de Inglaterra, do Naufragio de Sepulveda, da Ilha dos Amores ou da Antilia; na sua primeira educação, extranha á litteratura mas dirigida pelo sentimento domestico, apprendeu tambem a apreciar os *Romances* cavalheirescos da tradição popular, que elle tantas vezes cita nas suas comedias e redondilhas.

Ainda que a obra de Camões não fosse um resultado do sentimento da nacionalidade, no momento em que se obliterava na consciencia portugueza, bastava esse livro para revelar, que a *lingua* portugueza soffreu uma alteração profunda no seculo XVI. Camões foi o que melhor fundou a disciplina grammatical da *lingua;* enriqueceu-lhe o vocabulario segundo os typos

de formação das palavras, dando-lhe a precisão da syntaxe latina, e seguindo um justo meio entre o archaismo erudito e a inovação popular e dialectal. Depois da *tradição,* o que é a *lingua,* senão um dos caracteristicos mais fortes da nacionalidade? Sob este aspecto Camões leva a primasia a todos os escriptores portuguezes. Pode-se dizer que o seu livro obstou á scisão da lingua portugueza em diversos dialectos: a lingua do continente conservou a mais inteira unidade; mesmo sob o dominio hespanhol, emquanto as classes opulentas e cultas falavam a lingua castelhana, o baixo povo usava no trato commum da lingua portugueza, que por esse facto se julgava então desprezivel.

Depois da *lingua,* a nacionalidade affirma-se na unidade de *territorio;* oriundo de uma familia do Algarve e da Galiza, tendo nascido em Lisboa, e passado a sua juventude em Coimbra, Camões percorreu as conquistas da Africa e da India, quando já o caracter viril o fazia comprehender a grandeza politica de Portugal. Isto lhe dá a ufania para cantar a epopêa das nossas glorias, para affirmar que os portuguezes são para mandar e não serem mandados; isto o levou a crêr que Portugal viria a ser a Monarchia do universo. A edade e a experiencia desfizeram-lhe este sonho: a sua epopêa accusa os filhos dos heroes do Oriente de terem apenas a nobreza dos pergaminhos; mostra tambem o abysmo das ambições sacerdotaes, e os perigos da realeza em mãos infantis. Foram estas tres causas que apressaram a ruina da nacionalidade. Camões ani-

mára a vida com o ideal d'essa *ditosa patria sua amada;* no momento em que a não pôde mais tocar como livre, morreu com ella para a esperança e para tudo. A sua epopêa é o unico signal que ainda nos faz conhecidos, por-que contém o espirito, o sentimento e a vida do facto capital com que entrámos na historia.

CAPITULO I

A Renascença do seculo XVI e a nacionalidade portugueza

Causas porque a Renascença não penetrou em Portugal no principio do seculo XVI. — O animo do lucro distrahia os portuguezes do estudo. — A Renascença foi introduzida em Portugal só com os seus caracteres exteriores: No Direito, pela substituição dos Codigos Romanistas ao direito consuetudinario medieval expresso nos Fóraes. — Na Politica, pela reproducção do ideal antigo da *Monarchia Universal.* — Na Arte, pela substituição das ordens gregas ao gothico popular e espontaneo. — Na Erudição, pela substituição dos modellos classicos da litteratura grega e romana ás livres creações do espirito original e individualista da edade media. — Consequencias d'estas causas no sentimento da nacionalidade: Com relação á *Lingua,* é approximada artificialmente do latim urbano e immobilisa-se. — Com relação ás *tradições*, os heroes nacionaes são moldados sobre os personagens da historia grega e romana. — Com relação á *geographia,* o novo direito de conquista e a exploração das colonias, criam o cosmopolitismo. — Fernão Mendes Pinto e as *Peregrinações.* — Como o genio da Renascença não foi em Portugal completado pela Reforma. — Os dois vultos que melhor representam a Renascença em Portugal, Gil Vicente e Camões, um morre com a liberdade de consciencia em 1536, o outro com a nacionalidade em 1580.

Esse grande phenomeno moral, social e scientifico que transformou a Europa, conhecido pelo nome de *Renascença,* operou-se emquanto Portugal andava occupado nas conquistas do Oriente; mas se com relação á actividade intellectual estava fóra d'esse movimento, não lhe era elle alheio, porque o facto da Renascença do seculo XVI foi uma consequencia fatal das navega-

ções portuguezas, que deram á vida civil uma feição nova e criaram a necessidade das relações internacionaes pelo commercio. Damião de Goes, na *Chronica do Principe D. João,* descreve a sensação profunda produzida pelas navegações portuguezas entre as nações da Europa: «Das quaes navegações admiração foi então tamanha, que por esse respeito *vieram a estes reinos muitos homens letrados e curiosos,* dos quaes uns vinham com tenção de ir vêr estas terras, provincias e novos costumes dos habitadores d'ellas; ou para tambem ajudarem a descobrir outras com esperança do proveito que d'isso podia seguir; outros vinham sómente para verem as cousas, que d'estas nossas provincias os nossos traziam; ou *para escreverem o que ouviam d'aquelles que das taes navegações tornavam;... o que estes homens estrangeiros faziam ou de suas proprias vontades, ou mandados de cidades, republicas e principes* desejosos de saberem a certeza de tamanhas novidades.» Damião de Goes viajou durante muitos annos pela Europa, e conhecia de um modo directo a importancia d'estas descobertas e a influencia capital que exerceram entre os povos modernos. Andavamos occupados n'estas expedições cavalheirescas e mercantís, e por isso fômos o ultimo povo que abraçou a Renascença. Em Sá de Miranda encontra-se a condemnação d'esta avidez do ouro da India e Brazil, na Carta a D. Fernando de Menezes. A André de Resende, escrevia André Falcão:

N'outro tempo valeu mais que o ouro o engenho;
Agora engenho tem quem tem mais ouro,
E só ter ouro é um geral dissenho.

Esta falsa cobiça de thesouro
Leva cega após si honra e nobreza
Do Tejo, Ana, Mondego, Minho e Douro.

Não falo já no mais da redondeza;
Cá em nosso Portugal principalmente
Sangue e saber por vil metal se preza. (1)

....

Quantos vimos, por ser interesseiros
Escurecer o nome e illustre fama
De Portuguezes fortes e guerreiros?

Que se o nobre desejo os leva e chama
Além de tantos mares exquisitos,
Cubiça d'ouro os escurece e infama. (2)

O proprio André de Resende, que viajou pela Europa e frequentou a convivencia dos principaes eruditos da primeira metade do seculo XVI, na sua Oração de Sapiencia, recitada na Universidade de Lisboa em 1534, annuncia-nos o movimento scientifico da Renascença, e convida a mocidade do seu tempo a seguil-a, apresentando-lhe o exemplo «não só da Italia, creadora d'estes estudos, mas tambem da França, da Inglaterra e da Allemanha, n'esta nossa edade disputando a palma das letras á Italia, e finalmente da Polonia, a mais

(1) *Obras*, p. 273.
(2) *Ib.*, p. 278.

atrazada de todas as terras antigamente.» Todos preferiam enriquecer-se, alcançar uma feitoria, uma tença no livro da Ementa, do que estudar; Falcão de Resende descreve este abysmo da educação portugueza:

E assim mandar ordena um filho á China
Instructo e chatim já na mercancia,
Nos resgates das Ilhas, Guiné e Mina;

Inhabil na christã philosophia, ...
Porque o pae, cego, e tendo por affronta,
Diz que qualquer fradinho isto sabia.

Mas contador experto em caixa e conta,
Sabe comprar barato e vender caro,
Que para sua cubiça isto é que monta.

E já se embarca, e é só seu norte e faro
Sempre o negro interesse, e n'elle a prôa,
Deixa atraz patria, o pae e o amigo caro.

Já o mar bravo aos mimos de Lisboa,
Á vida e alma antepondo a fazenda,
Dobrando Cabos, climas, chega a Gôa.

Tira seu fato e faz taverna e venda;
Trampeia e engana, troca, jura, mente,
Como um bofurinheiro emfim põe tenda.

E em que redobre o resto e accrescente
Sempre ao cabedal, mais se desvela
Por navegar os mares do Oriente.

Tenta outra vez Neptuno dando á vela,
Costeia rios, ilhas, enseadas,
Faz viagem á China, até dar n'ella.

Compra na veniaga as mais prezadas
Mercadorias; e as que traz, vendendo,
Nas embarcações torna carregadas.

Mas co' dinheiro o amor d'elle crescendo,
Faz a cubiça que inda em vão forceja
As medidas encher; fundo não tendo... (1)

Este triste cancro da educação portugueza torna-se mais palpavel com os factos; D. João de Castro abandona os estudos para seguir a carreira das armas; Mem de Sá, irmão de Sá de Miranda, Garcia Froes, irmão do Doutor Antonio Ferreira, Affonso Vaz Caminha, irmão de Pedro de Andrade Caminha, Antonio de Resende, irmão de André Falcão de Resende, Damião de Sousa Falcão, irmão de Christovam Falcão, Heitor da Silveira, irmão de Fernão da Silveira, mostram que nas familias mais nobres se os filhos mais velhos seguiam os estudos litterarios, era forçoso que os outros irmãos se embarcassem para o Oriente para a vida das armas e da mercancia. Foi por este preconceito funesto, que no primeiro quartel do seculo XVI, quando a Renascença ostentava o seu explendor, estavamos em Portugal em um tal estado de atraso scientifico, que o erudito Ayres Barbosa ao regressar á patria, escrevia contristado a André de Resende, analysando o triste quadro das sciencias nas nossas escholas: (2) « Agora vos peço que me digaes se em Lisboa passam as cousas do mesmo

(1) *Obras*, p. 295.
(2) Vid. infra, cap. III, fine.

modo, e a cubiça ou a leviandade produz eguaes fructos. Se tal succede, resta uma esperança, a da Reforma dos Estudos, em que sua Alteza tanto lida.» Ayres Barbosa escrevia estas pungentes palavras antes de 1537. Em Camões achamos uma queixa ainda mais dura; exaltando o valor dos guerreiros portuguezes, não pôde occultar a repugnancia que as letras lhes causavam, e o estado de obcecação de seus espiritos indifferentes á actividade intellectual do seculo:

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja;...

Vae Cesar sobjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'uma mão a penna, n'outra a lança
Igualava de Cicero a eloquencia.
O que de Scipião se sabe e alcança
É nas comedias grande experiencia;
Lia Alexandro a Homero, de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

Emfim, não houve forte Capitão
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega ou barbara nação,
Senão da Portugneza tamsómente!
Sem vergonha o não digo; que a rasão
D'algum não ser por vèrsos excellente,
É não se ver prezado o verso e a rima;
Porque quem não sabe a arte não a estima.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.

Mas o peor que tudo é, que a ventura
Tão asperos os fez e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'isso. (1)

Estas outavas, em que Camões esculpiu o estado analphabeto dos nossos cavalleiros, não seriam comprehendidas se não fossem evidentes as causas que tornavam para nós a Renascença da Europa uma cousa sem interesse. Abraçámol-a, é verdade, não por um impulso espontaneo, mas porque a realeza decretava a admissão de certas disciplinas litterarias, convidava algum sabio estrangeiro para o magisterio, como Clenardo, ou Erasmo, que D. João III queria attrahir a Portugal, ou por que um ou outro individuo, isoladamente, como Sá de Miranda, imitava certas fórmas cultas então renovadas pela paixão da antiguidade. Tivemos a Renascença, mas pelo seu lado inorganico, exterior e formal, sem a comprehendermos; d'onde resultou ser incompleta essa revolução, que realisou a liberdade politica e civil, mas que matou do modo o mais absoluto a liberdade de consciencia, principio gerador d'essas outras liberdades, não deixando penetrar em Portugal as ideias da *Refórma*.

O que foi para Portugal a Renascença? Na ordem juridica, foi a reproducção da *unidade* romana da Codificação pelos jurisconsultos eruditos, abolindo o principio da *individualidade* germanica exarado nas ga-

(1) *Lus.*, c. v, est. 93, 96, 97, 98.

rantias locaes do direito foraleiro. A pretexto de renovar a letra quasi apagada, e as palavras quasi obsoletas dos Foraes, e de egualar as moedas, que eram diversas no pagamento das prestações censiticas, el-rei D. Manoel chamou a si todos esses pequenos Codigos locaes, extinguiu as immunidades n'elles contidas, e deixou ficar os canones que haviam sido o preço da compra d'esses privilegios. Assim realisava-se uma egualdade civil puramente exterior. Esta obra de cavillação, mas necessaria e quasi fatal, quando o Direito Romano era restabelecido e tornado vigente entre todos os povos, foi feita por um erudito e poeta, Fernão de Pina. (1)

A substituição do *costume* pelo direito escripto levou á necessidade de estudar o direito como sciencia. Appareceram os profundos Romanistas do seculo XVI que criaram a archeologia, a critica exegetica, a correlação das sciencias subsidiarias, e as fórmulas geraes e abstractas substituindo o velho systema casuistico e taxativo das leis. Esta revolução tambem foi abraçada em Portugal pelo seu lado exterior e lucrativo, como se vê pela existencia dos nossos *Reinícolas;* era um modo de vida mais seguro do que a viagem da India, como escreve o jurista André Falcão de Resende:

> A morte d'este avisa ao irmão segundo,
> Que a pé enxuto siga, e não do oceano,
> Um caminho mais certo e mais jucundo;

(1) Existem versos seus no *Canc. ger.*, t. III, p. 252.

Um caminho direito, que *Ulpiano*
Scevola e outros fizeram, e, ainda escuro,
Com outros o abriu mais *Justiniano.*

Dão sentença final, que é mais seguro,
(Ou seja emfim direito ou seja torto)
Baldo e *Jazão* seguir, que Palinuro:

. . . .

E por isso a este filho o pae avaro
Quer que em Leis se gradue, até ser n'ellas
Das bulras e das trampas casa e amparo.

Estuda mais que Cépola *Cautellas,*
Só *De pane lucrando* escreve e trata;
Refaz demandas mil sem desfazel-as.

Intenta sempre ajuntar ou ouro ou prata,
Morre emfim mal e pobre este trampista,
Que nunca de ser rico a sede o mata.

Ao irmão terceiro o pae faz *Canonista,*
Dos falsos; e por mais te honrar, Mafoma,
Depois de em contas ser fino algorista.

A' pratica mandal-o assenta a Roma,
Que as Decisões da Rota e a Curia veja;
E faça de conluios grande somma.

E por manha ou dinheiro, ainda que seja
Como Simão, que a graça compra e vende,
Trabalhe de acquirir dos bens da Egreja.

E eis o coitado em Roma, e eis só que entende
Em Reservas, Regressos, Beneficios
E n'elles rico e visto ser pretende... (1)

(1) *Obras* de André Falcão, p. 296.

Fernão de Pina, tendo derrocado o velho edificio do Direito consuetudinario, morreu victima da sua dedicação ao cesarismo, como Sansão debaixo das columnas do templo. Esta feição da Renascença fica já extensamente descripta na *Historia do Direito portuguez.*

Isto que a Renascença foi em Portugal achamol-o confirmado na ordem *politica:*

Pela renovação dos estudos da antiguidade, reappareceu na sciencia do seculo XVI esse sonho irrealisavel da *Monarchia universal.* Esta ideia começára no seculo XIII, e lisongeára principalmente os jurisconsultos que estavam trabalhando para a independencia do poder monarchico.

A Eschola de Bolonha sustentou pela primeira vez esta utopia do mundo antigo, e sendo abraçada pelos juristas Bulgarus, Martinus, Jacobus e Hugo, conheceu-se os seus effeitos pelo modo como foi funesta á nacionalidade italiana. Se nos lembrarmos que João das Regras foi discipulo da Eschola de Bolonha, e que aos seus esforços deveu D. João I a firmeza do seu throno, não podemos deixar de attribuir á tradição da *Monarchia universal,* trazida pelo alumno bolonhez, o pretendido direito de conquista com que D. João I começou as expedições de Africa e o augmento de territorio do seu reino. Dante, no livro *De Monarchia,* tambem sustentou esta illusão do fim da edade media; Dante só começou a ser conhecido em Portugal no fim do seculo XV, desde quando a maioria dos poetas portugue-

zes começou a saír das escholas juridicas, como Sá de Miranda, Ferreira ou mesmo Camões, que á sua educação juridica deveu as ideias da *Monarchia universal* que sustenta nos *Lusiadas*. Mas vejamos, como esta ideia se liga á Renascença, como ella seduzia os eruditos e sob que fórma e em que tempo penetrou em Portugal.

A Renascença classica trazia comsigo a renovação do typo politico da antiguidade — a unidade absoluta do estado, sob a nova fórma da Monarchia Universal. Canonistas, philosophos e poetas, dissidentes emquanto a theorias moraes ou artisticas, entendiam-se sobre esta face do novo problema social. Eneas Silvius, que teve relações com a aristocracia portugueza, nega o direito das nações a uma vida independente, e diz que o imperio é o papado na sua fórma temporal; por tanto o imperador está acima da lei, e é um crime desobedecer-lhe, mesmo quando commette uma injustiça. Bellarmino sustenta, que «julgar conveniente mais do que um monarcha é ir bater no polytheismo.» O grande satyrico do seculo XVI, Rabelais, ridicularisou a Monarchia universal no seu *Pentagruel;* descrevendo esse sonho da realeza, aí diz: «sem resistencia, elles tomarão cidades, castellos e fortalezas. Em Bayona aprehendereis todos os navios, e costeando para a Galiza e *Portugal,* pilhareis todos os logares maritimos até *Lisboa,* aonde tereis reforço de toda a equipagem requerida a um conquistador.» (Liv. I, c. 33.) Se não fosse a Reforma, Carlos V realisava o sonho da Monarchia uni-

versal; a influencia d'este monarcha nos destinos de Portugal, é que fez nascer entre nós a ideia do *Quinto imperio.* As prophecias de Daniel e as phantasticas descripções do Apocalypse, produziram em Portugal esse desejo que fez de Bandarra um propheta.

Segundo o livro de Sleidan, *De Quatuor summis imperiis,* do seculo XVI, a Allemanha para este escriptor formava a quarta potencia universal. Enlevados n'esta chimera, e crendo pelo nosso horror á Reforma que o quarto imperio tinha de caír por causa da sua impiedade, Portugal tornou-se para os espiritos religiosos o predestinado a ser o *Quinto imperio do mundo.* Camões condemnando a Reforma, que veiu destruir este sonho da politica cesarista, abraçava tambem a unidade imperial. Para os escriptores estrangeiros a perda da nacionalidade portugueza pareceu um facto providencial, para fortalecer a Hespanha e fazel-a resistir á tendencia da Monarchia universal. Tavannes, nas suas *Memorias,* mostra pela geographia que Deos não quer essa pretendida Monarchia unitaria: «Vendo emprezas tão bem projectadas acabarem mal, crê-se que é obra de Deos, parece que impôz barreiras para que se não ultrapassasse loucamente: á Hespanha, os montes Pyreneos e o mar; á França, o mar, os Pyreneos, o Rheno, as montanhas da Suissa e do Piemonte; a Italia tem o mar e os Alpes.» E continúa depois de ter descripto as fronteiras naturaes: «Deos fez ver a sua vontade, que era que estes limites não fossem falseados, e que se não fizesse um monarcha uno; fez nascer ao mesmo tempo

Francisco I, Solimão, Henrique VIII, para os oppôr a Carlos V... De novo, parece que Deos continúa n'esta vontade; que a França, a Hespanha e a Inglaterra sejam tão egualmente poderosas, que se não possam engrandecer com prejuizo umas das outras; tendo tornado o reino de França pela paz unido, poderoso e formidavel; *de outra parte ajuntou Portugal á Hespanha* e a Escossia á Inglaterra, para que ellas tenham força e meios de se guardarem egualmente umas das outras, impedirem a monarchia e conservarem seu Estado.» (1)

Francisco I, escrevendo a Paulo III, e respondendo ás accusações de Carlos V, diz: «O Imperador crê que tal é o seu destino, e quer tirar a liberdade a todos, tanto aos seus amigos como aos inimigos, e *reinar só-sinho no meio da dissolução universal.*» Em 1539 o embaixador de França, escrevia de Roma, a proposito dos planos de Carlos V: «O papa e toda a côrte romana suspeitam fortemente *que o Imperador aspire á Monarchia.*» O casamento com a Infanta D. Maria de Portugal era muito mal visto na Europa (vid. Audin); só os nossos politicos não perceberam o abysmo que veiu a abrir-se no tempo de Filippe II.

Á imitação de Castella, quizemos parodiar a aspiração de Carlos V, julgando-nos a quinta potencia chamada ao governo do universo. Nas estancias omittidas no Canto X dos *Lusiadas,* achadas no *Manuscripto* de

(1) *Op. cit.*, p. 266, 380, 381. Apud Laurent, *Etudes sur l'Histoire,* t. x, p. 23 a 32.

*

Manoel Correia, descreve Camões o *direito de Conquista* como quarta excellencia de Portugal:

> *Conquista* será a quarta, *que no Imperio*
> *Portuguez só reside com possança:*
> Pois no sublime e no infimo Hemispherio
> As quatro partes só do Mundo alcança.
> E as quatro Nações d'ellas *por mysterio*
> *Com que conquista, e tem certa esperança,*
> *Que Christãos, Mouros, Turcos e Gentios*
> Juntarão n'uma Lei seus senhorios.

Os sonhos da *Monarchia universal,* propagavam-se no baixo povo por meio de prophecias e allusões apocalypticas. Diz o critico Bayle, falando de Carlos v, como um dos que mais se embeveceu com esse ideal cesarista: «Fizeram correr uma prophecia, que promettia a este imperador a derrota dos Francezes, a dos Turcos, a conquista da Palestina, etc.» (1) Antonio Pontes, que em 1535 fôra com Carlos v á expedição de Tunis, diz em uma Relação d'esse feito, que para augmentar a coragem dos soldados *se espalhou entre elles uma prophecia.* N'esta expedição concorreu a flôr da aristocracia portugueza, com o Infante D. Luiz que era tambem poeta; foi o grande galeão portuguez S. João, que quebrou as grossas cadeias que obstavam a entrada da armada na Goleta. Tudo leva a crêr que da tomada de Tunis veiu para Portugal na tradição dos

(1) *Dicc.*, t. II, p. 139.

cavalleiros essa prophecia, que coincíde perfeitamente com a ideia de Bandarra, (1) e com o tempo em que vaticinava nas suas Trovas.

O Sapateiro de Trancoso cantava de um modo que não parece ter sido desconhecido a Camões:

(1) No livro de Pontanus se lê: «Carolum Philippi filium ex natione Lilii, ut ejus verba praestringam, post Gallos Hispanosque domitos Romam quoque et Florentiam congretato magno exercitu Regem Graecorum vocari, indeque post victos Turcos, Chaldaeos, Palaestinosque, sanctam Hierusalem recuperaturum, atque inibi a Dei nuncio coronatum in summi Principis sinu vitam expiraturum, faciet prius edictum, ut qui sanctae Crucis signum non adoraverit morte puniatur.» *In Hariadeno Barbarossa*, p. 2. Apud Bayle. Em 1598, David Pareus, commentando o Apocalypse, introduziu na sua obra esta mesma Prophecia, importante para se comparar com os topicos de Bandarra: «Surget Rex ex Natione illustrissimi Lilii, habens frontem longam, supercilia alta, oculos longos, nasumque aquilinum: Is congregabit Exercitum magnum, et omnes Tyrannos Regni sui destruet, et morte percutiet omnes fugientes montibus, et cavernis sese abscondentes a facie ejus. Nam ut Sponsus Sponsae, ita erit justitia ei associata, cum illis usque ad quadragesimum annum deducet bellum subjugando Insulanos, Hispanos, et Italos. Romam et Florentiam destruet et comburet, poteritque sal seminari super terram illam. Clericos qui Sedem Petri invaserunt morte percutiet: eodemque anno duplicem Coronam obtinebit. Postremum mare transiens cum exercitu magno, intrabit Graeciam, et Rex Graecorum vocabitur. Turcos et Barbaros subjugabit, faciendo Edictum: Quicumque Crucifixum non adoraverit, morte morietur. Et non erit qui resistere poterit ei, quia brachium sanctum à Domino semper cum eo erit et dominium Terrae possidebit. His factis Sanctorum requies Christianorum vocabitur, etc.» Apud Bayle. Claude Comiers, applicou mais tarde esta prophecia a Luiz XIV; tambem as Prophecias de Bandarra foram applicadas á Restauração de D. João IV, pelos Jesuitas, que ainda no seculo XVII aspiravam á *Monarchia Universal.*

Portugal tem a bandeira
Com Cinco Quinas no meio,
E segundo vejo e creio,
Este he a cabeceira,
E porá sua cimeira
Que em Calvario lhe foi dada,
E será Rei da manada
Que vem de longa carreira.

E nos *Lusiadas:*

E eis aqui, quasi *cume da cabeça*
Da Europa toda o Reino lusitano. (1)

Bandarra formúla de um modo mais claro a ideia da Monarchia Universal:

Serão os Reis concorrentes
Quatro serão e não mais;
Todos quatro principaes
Do Levante ao Poente.
Os outros Reis mui contentes
De o verem Imperador
E havido por Senhor,
Não por dadivas ou presentes.

Pelo processo feito no Santo Officio em Lisboa em 18 de Septembro de 1541, contra Bandarra, conhece-se que elle começára a escrever por 1531, e que as interpretações dadas pelos Christãos novos, de que essas Trovas se referiam á vinda do Messias, começaram em 1538, mas que eram extranhas ao pensamento de Bandarra. (2) Este *Quinto Imperio* do mundo, para que

(1) *Lus.*, III, est. 20.
(2) Torre do Tombo, *Processos da Inquisição*, n.º 7197.

estava fadado Portugal, succedia aos *quatro* já extinctos dos Assyrios, Persas, Gregos e Romanos; Camões repete esta ideia:

> Se do grande valor da forte *Gente*
> *De Luso*, não perdeis o pensamento,
> Deveis de ter sabido claramente
> Como *é dos Fados grandes certo intento*
> *Que por ella se esqueçam os humanos*
> *De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.* (1)

Camões não podia resistir a esta utopia da Renascença, e volta a ella todas as vezes que quer engrandecer Portugal:

> E vos prometto... que vejaes
> Esquecerem-se Gregos e Romanos,
> Pelos illustres feitos que esta Gente
> Hade fazer nas partes do Oriente. (2)

> *E por elles, de tudo emfim senhores,*
> *Serão dadas ao Mundo leis melhores.* (3)

> Vós, oh Portuguezes, poucos quanto fortes,
> Que o fraco poder vosso não pezaes,
> Vós, que á custa de vossas varias mortes
> A lei da vida eterna dilataes:
> Assi do Céo deitadas são as sortes,
> Que vós, por muito poucos que sejaes
> Muito façaes na santa christandade,
> Que tanto oh Christo exaltas a humildade. (4)

(1) *Lus.* I, 24.
(2) *Ib.*, c. II, est. 44.
(3) *Ib.*, est. 46.
(4) *Ib.*, VII, est. 14.

E remata a sua epopêa da nacionalidade embalando-se com este mesmo ideal:

> ...... *nunca* os admirados
> Allemães, Gallos, Italos, e Inglezes
> *Possam dizer que são para mandados*
> *Mais que para mandar os Portuguezes.* (1)

Esta doce mentira propagada pelos eruditos da Renascença, e applicada pela vaidade marcial á nação portugueza, embalou-nos á sombra dos louros do Oriente até á hora em que a politica hespanhola nos reduziu a sua provincia.

Vejamos como foi comprehendida em Portugal a Renascença com relação ás fórmas da Arte.

Depois da descoberta da India, mandou el-rei D. Manoel ao papa Leão x, um Elephante como symbolo da Asia; passeou o animal pelas ruas de Roma, com grande assombro do povo, que nunca tinha visto um animal tão desmesurado, mais assombrado pela curiosidade do que attendendo ao symbolo da Asia que prestava homenagem á religião de Christo. O animalaço offerecido em 1514, viveu apenas dois annos; faltou assim este divertimento do povo, e o papa mandou a Giovane da Udine, discipulo de Raphael, eximio em pintar hypogriphos e animaes phantasticos, que o retratasse ao natural. (2) A curiosidade que despertavam

(1) *Lus.*, x, est. 152.
(2) *Vasari*, edição de Florença de 1852, t. VIII, p. 41, not. 2.

estas figuras extranhas vindas de novas regiões, offerecia um elemento de ornato para a pintura e esculptura. Na egreja de Belem os macacos, papagaios e periquitos dependuram-se dos cordões que entrelaçam as columnas com a abobada como mastros e enxarcias de um navio; é o galeão vindo do Oriente, enramalhetado, e enfeitado com os productos dos novos climas.

No livro da *Ropica pneuma,* tira João de Barros uma imagem moral da Pintura, em que ao mesmo tempo nos descreve os generos em que a Pintura se dividia no seculo XVI: «Aa hy huũs pintores, que se delectam em pintar *nuus;* outros tem mais gosto em o *trapo;* outros não se lembram de sy por *payjagẽs,* que sam mais contemplativas. E outros leixam estas tres partes e tomam a do *romano.* Cada hũu segue e obra o natural de sua condição e engenho: hũus imitando a natureza e outros a fantesia sem ordem: porque os *núus,* se sam perfectos, guardam regra de medida, conta e proporção: a *payjagem* tem prespectiva natural; *trapo,* sem alguma d'estas leis, nam faz mais que cobrir, dobrar, e pregar; *Romano* segue monstros, que nam sam hũa cousa, nem outra: toda a sua tençam é encher a parte onde se pinta.» (1) Por esta mesma passagem se vê que o quadro se chamava entre nós *retavolo.* O livro de João de Barros foi escripto em 1531; por elle se conhece que a theoria da pintura da eschola italiana dominava já em Portugal.

(1) *Op. cit.,* p. 152, edic. de 1869.

A influencia da eschola italiana na architectura nasceu da grande importancia que se deu por toda a parte a Vitruvio. João de Barros, em 1531, tambem citava a auctoridade de Vitruvio: «Que ha mister o architector pera nam mudar ora a porta, ora a escada, ora a janella? Segundo Vitruvio, quer que seja *debuxador, geometra, perspectivo,* arismethico, lido, philosopho, musico, medico, legista e astrologo.» (1)

Assim como os modellos litterarios da Grecia e de Roma tinham suspendido os espiritos do impeto espontaneo de creação, lançando-os em uma admiração esteril e em uma imitação servil que durou seculos, da mesma sorte no dominio da arte definhou a magnifica e apparatosa efflorescencia do gothico popular e anonymo, diante do pasmo que deixavam na alma as fórmas geometricas, severas e inflexiveis dos monumentos antigos. A architectura da Renascença nasceu em parte da litteratura; o apparecimento das obras de Vitruvio provocou o novo culto. Pelos annos de 1514 Marco Fabio Calvo traduziu Vitruvio em lingua vulgar, a pedido de Raphael; circumstancia ignorada por quasi todos os criticos, e que se descobriu em um manuscripto guardado na Bibliotheca de Monaco, aonde se encontram notas marginaes do proprio Raphael, e o seguinte colophão: «*Fine del libro Vitruio tradocto di latino in lingua et sermone proprio et volgare da M. Fabio Calvo ravenate in Roma in casa di Raphaello*

(1) *Ropica pneuma,* p. 157.

di giovã di Sãcte da Urbino et a sua instantia.» (1) A contar d'esta época, o gothico começa a decaír depois de tres seculos de uma efflorescencia vigorosa; a architectura religiosa cede o passo ao paganismo, orna-se com as suas linhas finitas e sensuaes. A descoberta dos manuscriptos de Vitruvio, a magia e os trabalhos dos grandes artistas cultos, como Raphael, d'Alberti e Brunelleschi impõem a antiguidade classica; os monarchas faustosos necessitando de uma architectura civil põem-na ao corrente da moda; em França esta revolução profunda da arte dá-se no reinado de Luiz XII e Francisco I. No tempo de D. João II, conforme refere Vasari, vem a Portugal, por cedencia de Lourenço de Medicis, André Contucci em 1485, o qual, durante os nove annos que aqui se demorou, construiu para o monarcha um palacio flanqueado de torres.

Em Portugal os artistas italianos são chamados para construirem palacios e castellos; ainda no tempo de D. João III o infante D. Luiz recorreu a elles para os trabalhos architectonicos que emprehendia. Podemos affiançar, na auctoridade dos bons criticos, que a *Architectura da Renascença,* levantou mais castellos e palacios do que egrejas. A influencia directa do estylo classico em Portugal nota-se no reinado de D. Manoel; o gothico flammejante não cede o passo ás fórmas gregas; em certo ponto assimilam-se, confundem-se, estabelecem a transição para a nova eschola. A ogiva go-

(1) Vasari, na edição de Florença de 1852, t. VIII, p. 56, not. 1.

thica e o pleno-centro romano enlaçam a severidade com a elegancia; os ornatos abundantes do gothico terciario cobrem caprichosamente a simplicidade das ordens gregas. D'esta fusão têm os escriptores da arte querido formar um quarto periodo do gothico, chamado *quaternario*, ou *gothico florido*, e que em Portugal tem o nome particular de *Architectura Manoelina* com que é conhecido na Europa. Em quanto em França e na Italia se imitam servilmente os monumentos gregos e romanos, nós tornámos esse estylo de transição fixo até ao tempo dos Philippes; n'este ponto é uma verdadeira originalidade; o convento de Belem, a capella imperfeita da Batalha, o convento de Thomar, a egreja de S. Francisco do Porto são modelos de um momento passageiro da feição gothica, que em Portugal durou até á invasão da architectura jesuitica. Qual seria a rasão porque não seguimos abertamente o impulso da Renascença? A que influencia particular obedecemos, para apresentarmos assim á Europa uma feição tão formosa da arte, de que lá fóra ha tão rapidos vestigios. A architectura emquanto foi uma fórma espontanea do sentimento, era toda symbolica; Hegel explica-a por uma comprehensão imperfeita das ideias abstractas; nós, povo do Meio Dia, inimigo da abstracção, adoptámos a fórma que mais se quadrava com o nosso genio expansivo e scismador. Descobrindo a India, o novo caminho do Oriente, não vimos o alcance politico; (1) enten-

(1) Veneza conheceu logo a sua ruina como potencia maritima. Daru, *Hist. de Venise*, t. III, p. 295.

demos que era mais uma occasião para alargar os dominios da Christandade. Colombo tambem pensava assim quando prophetisava a ruina da Europa e queria descobrir outro hemispherio para levar para lá o christianismo. O grande feito da descoberta do Oriente devia de ser perpetuado em uma Cathedral, como a independencia do Reino fôra tambem eternisada na egreja da Batalha sobre os louros de Aljubarrota. Era o padrão que mais se impunha ao respeito dos seculos. Tendo o architecto de symbolisar o feito nos differentes ornatos do monumento, os productos do Oriente vinham com a sua novidade extravagante e abundancia excessiva dependurar-se por toda a parte, dar a conhecer os novos climas, essas regiões extranhas; eram como *ex votos,* que ali vinham depositar os mareantes cansados das tormentas. Revestindo assim o edificio com uma graça não conhecida, o povo sabia ao primeiro relance colher o pensamento da obra, lêr na pedra o grande feito commemorado. Por isso era impossivel banir completamente a arte gothica que se prestava a este capricho e espontaneidade, ficando sempre bella; pela sua parte o estylo classico, imitador, seguindo modelos conhecidos, não offerecia margem para este symbolismo livre e audacioso que reunia em uma mesma fórma o sentimento religioso com o espirito aventureiro da navegação que agitava a alma portugueza. Eis aqui está a rasão porque esse rapido momento de transição em que o gothico flammejante se enlaçou com o estylo classico, durou em Portugal o tempo bastante para estabelecer

o periodo *quaternario,* chamado gothico florido, que é conhecido com o nome nacional de *Gothico manoelino.* Os ornatos, que tanto o distinguem são a esphera armilar, flôres de outras regiões, periquitos, grinaldas, florões, rendilhados exquisitos, cordas em acanaladura enrolando-se pelas columnas de fórmas jonicas ou corynthias, travando-se no ar em abobada, que deixa pender para baixo grandes laços de pedra, cachos com fructos, e desenhos emblematicos; de longe em longe apparecem medalhões com figuras de meio corpo olhando para o horisonte como o marinheiro na amurada do navio espreitando pela immensidade dos mares, vendo atravez das cerrações dos cabos.

A ogiva e o semi-circulo romano, transformam-se a ponto de imitarem o arco selvagem que verga para despedir a flexa; as janellas ornam-se com estalactites engraçadas, e os trabalhos caracterisam-se com a perfeição do bem acabado; não é o dinheiro que paga, é a crença que incita á perfeição, é a revolta contra as regras academicas que deixou ao espirito, ao genio portuguez este momento de espontaneidade. Na Musica vimos tambem este mesmo espirito de independencia animar Vicente Luzitano, na polemica que teve contra Vicentino para mostrar que a Musica moderna se não derivava dos gregos. (1)

(1) Eis a exposição d'esta discussão artistica que occupou o mundo intellectual do seculo XVI: «Nicoláo Vicentino, cujo caracter era muito irascivel, pretendia que os generos diatonico, chromatico e enharmonico da antiga musica dos Gregos

Se a architectura nacional portugueza, ao ser invadida pelo estylo classico resuscitado em Italia, se prendeu á tradição gothica, criando essa admiravel fórma do estylo *manoelino*; a architectura militar, como não tinha tradições, foi completamente absorvida pela influencia italiana. As nossas fortalezas principaes da India eram feitas pelos architectos que regressavam dos seus estudos da Italia. Da bella Fortaleza de Moçambique diz Frei João dos Santos: «Esta fortaleza he uma das mais fortes que ha na India: foi traçada assi ella como a de Damão, por um architecto que foi sobrinho do Arcebispo santo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres, da ordem dos Pregadores, o qual architecto, sendo mancebo, se foy a Flandres, donde tornou grande official de architectura; e depois d'isso foi mandado á India pola Rainha dona Catherina, quando governava este reyno, pera fazer estas fortalezas, o que foi no anno do senhor de 1558, quando Dom Constantino foy por vice-Rey da India, e tornando este architecto da India, foy-se para Castella, onde tomou o habito da ordem de S. Hieronymo, e foy muy acceito a el-rey Phi-

podiam ser submettidos á harmonia moderna, tal como existia no seculo XVI. Para dar mais evidencia á sua demonstração, mandou construir um instrumento a que deu o nome de *arcicembalo*, que continha muitos teclados, onde se reproduziam as differentes escalas da musica grega com os intervallos que as caracterisavam. Esta questão, que foi tantas vezes ventilada depois, foi julgada contra Vicentino, por isso condemnado a pagar dois escudos de ouro ao seu antagonista Vicente Luzitano.» Scudo, *Le Chevalier Sarti*, pag. 84.

lippe II, e por sua traça se fizeram muitas obras no Escurial. » (1) O Infante Dom Luiz, com a sua predilecção pela mathematica e pelas artes, é que desenvolvera em Portugal a eschola italiana da Renascença. Collocado em uma posição quasi official, por isso que el-rei D. João III descançava sobre o seu conselho, o Infante introduziu nas fortificações a renovação italiana, porque as construcções eram pagas pelos cofres da nação. Em uma informação de Pero de Alcaçova Carneiro, mandada ao Cardeal D. Henrique em 17 de Maio de 1573, do que se deve escrever da vida e feitos do Infante D. Luiz, se lê: « Tambem deve lembrar, que as mais das fortificações que se fizeram nos logares maritimos d'este Reyno, foi elle principal instrumento, e *em fazer vir homens entendidos neste mister de Italia:* e como assi nestas materias como em todas as mais do seu estado, justiça e fazenda descançava El-Rey sobre elle. » (2) Ainda em 1595, era Vedor-Mór das Obras do Reino, um italiano poeta, Leonardo Turriano, que celebrou Camões em um Soneto.

A arte portugueza apresentava n'este periodo uma certa originalidade, porque emquanto a razão adquiria o seu imperio na liberdade de consciencia, em Portugal continuamos a ser crédulos por indole e por necessidade. A Ourivesaria do seculo XVI inexcedivel nos lavores de Gil Vicente, apesar de ter assimilado a si

(1) *Ethyopia Oriental*, liv. III, cap. 4.
(2) Frei Luiz de Sousa, *Annaes de D. João III*, p. 462.

a ornamentação do estylo *manoelino*, da architectura, não escapou á condemnação dos eruditos; o palaciano e culto Garcia de Resende, falando da arte italiana, avança: « *Ourivisis* e escultores, *são mais sutis* e *melhores* ». E' porque na Ourivesaria portugueza havia ainda um vislumbre de espontaneidade medieval, que Benevenuto Cellini banira com os seus ornatos mythologicos.

Resta-nos finalmente vêr o que foi a Renascença para os eruditos. Reduziu-se tambem a um caracter exterior: os modelos classicos substituindo a livre creação da Edade Media. Esse periodo da historia, o mais profundamente poetico, e talvez o ultimo em que a humanidade foi creadora, tornou-se para os eruditos uma noite de trevas, prosaica e esteril, e de uma barbaridade inaudita: o maravilhoso feérico, agiologico, e theurgico, foi substituido pelas transformações da mythologia, pelo *deus ex machina* das epopêas academicas. As fórmas dramaticas, que andavam mais ligadas á vida popular, foram banidas da egreja e das côrtes pela admiração das imitações de Terencio e de Plauto. Os *Autos* de Gil Vicente, que pertencem á edade media pela fórma litteraria, pelas superstições, pelos interesses, pela lubricidade, pelo mixto de fé e de sarcasmo, finalmente pelo seu espirito revolucionario, foram condemnados pelos eruditos da Renascença, por Garcia de Resende e Sá de Miranda, a quem elle chama « *homens de bom saber* ». A historia, que em Fernão Lopes era a vida civil no conflicto de todas as suas paixões, co-

piada sobre a realidade immediata, tornou-se nas mãos dos eruditos da Renascença uma parodia de Tito-Livio, com discursos rhetoricos dos capitães substituindo as pragas e os anexins populares applicados no momento sem calcular os effeitos de estylo. Os historiadores em vez de irem buscar aos cantos nacionaes, como Affonso Sabio, as origens historicas do povo de quem escreviam, calcavam a verdade e forjavam genealogias entroncando os seus reis nos foragidos de Troya. Raro será o povo que não apresente nos seus annaes litterarios origens d'este cyclo que a edade media desenvolvera na espontaneidade da sua ficção. No seculo XVI entraram na Historia de Portugal estas genealogias troyanas. Antes de Frei Bernardo de Brito, já Camões escrevia nos *Luziadas:*

> Esta foi *Lusitania*, derivada
> De *Luso* ou *Lysa*, que de Baccho antigo
> Filhos foram, parece ou companheiros,
> E n'ella então os íncolas primeiros. (1)
>
> Este que vês é *Luso*, d'onde a fama
> O nosso reino *Lusitania* chama. (2)
>
> Foi filho e companheiro do Thebano
> Que tão diversas partes conquistou;
> Parece vindo ter ao ninho hispano,
> Seguindo as armas que continuo usou,
> Do Douro e Guadiana o campo ufano,
> Já dito Elysio, tanto o contentou,
> Que ali quiz dar aos já cansados ossos
> Eterna sepultura e nome aos nossos.

(1) *Canto* III, est. 21.
(2) *Ib.*, VIII, est. 2.

. . . .
Vós outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longe mar arado,
Onde muros perpetuos edifica
E templo a Pallas, que em memoria fica?

Ulysses, é, o que faz a santa casa
Á deosa que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia *Troya* insigne abrasa,
Cá na Europa *Lisboa ingente funda.* (1)

A mesma tendencia se encontra na historia de França, e transparece na divisa com que Luiz XII entrou na batalha de Ravenna, levando a letra: « *Ultus avos Trojae.* » Veneza lisongeava-se de ter sido o asylo dos Troyanos fugitivos, os quaes, segundo a tradição nacional, se acolheram á pequena ilha de S. Pietro di Castello. Esta phantasmagoria erudita fazia desvairar o sentimento da nacionalidade, perder quasi a noção d'elle, substituindo-o por uma vaidade nobliarchica; as suas consequencias reflectiram-se nas tres caracteristicas mais essenciaes de uma nacionalidade: a *lingua,* a *tradição* e a *geographia.* Para os eruditos da Renascença, a lingua portugueza era derivada directamente do latim urbano, tal como o escreveram Virgilio e Cicero; d'aqui a necessidade de regeitar as locuções privativas do povo, de abraçar os hyperbatons da construcção latina e de augmentar o vocabulario aportuguezando palavras que entrassem principalmente na linguagem poetica. Camões, como aquelle que mais sentiu a Renascença

(1) *Ib.*, est. 3 e 5.

em Portugal, foi tambem o que usou mais d'esta liberdade da erudição; elle adoptou os vocabulos *abysso, opifice, celsa, crebro, divicias, equoreo, incolas insidias, mesta, nequicias, plaga, prisca, procella, sceva, vates,* e outras muitas, com que deu á lingua portugueza um caracter tal, que os seus escriptos são ainda hoje, pela facilidade com que se entendem, um documento da sua immobilidade. Camões creou a lingua portugueza erudita, e deu-a:

á Gente lusitana
Por quantas qualidades via n'ella
Da antigua tão amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrella
Que mostraram na terra Tingitana,
E na lingua, na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é a latina. (1)

A maior parte dos escriptores portuguezes do seculo XVI foram profundos latinistas; na educação litteraria do collegio de Santa Cruz de Coimbra era prohibido aos estudantes o falarem em qualquer lingua que não fosse a *latina*. Perdido este amor da lingua que se aprende do berço e com o leite materno, facil é trocal-a, dar a preferencia a qualquer outra adoptada pela galanteria aulica; o *italiano* foi adoptado nos centões poeticos do seculo XVI, e na lingua *hespanhola* escreveram os escriptores de quinhentos as suas principaes obras.

(1) *Cant.* I, est. 33.

O uso do hespanhol na côrte portugueza não era sómente uma consequencia das rainhas que vieram de Castella com o seu séquito; era tambem uma preferencia politica, para lisongear Carlos V: este typo do cesarismo do seculo XVI, dizia: «que se quizesse falar ás damas usaria o *italiano;* se quizesse falar aos homens usaria o *francez;* se quizesse falar ao seu cavallo usaria *allemão;* mas se quizesse falar a Deus, usaria o *hespanhol.*» (1) As linguas da Europa do seculo XVI, começaram a exprimir para os eruditos o caracter das nacionalidades: assim a lingua castelhana era tida como propria para mandar, a italiana para persuadir, a franceza para se escusar. Quando Ferreira protestou nos seus versos, para que se falasse, escrevesse e cantasse na lingua portugueza, reagia contra este habito da côrte, que accusava inconscientemente a falta de individualidade politica da nação portugueza. Os versos escriptos em hespanhol por Camões, foram motivados por exigencias da côrte; a mãe de sua amante D. Catherina de Athayde, era hespanhola, e tinha vindo para Portugal no séquito da rainha D. Catherina. O grande palaciano Jorge Ferreira, queixava-se das trovas hespanholas se haverem apossado do ouvido portuguez; o uso palaciano do hespanhol acha-se motejado por Gil Vicente, quando disse «o que quizer *fingir,* na castelhana linguagem achará quanto pedir.» Estava n'estas condições o caracteristico fundamental de uma naciona-

(1) Bayle, *Dicc.* t. II, p. 134, not. D.

lidade; os escriptores em vez de encontrarem na lingua portugueza uma creação viva, compraziam-se em filial-a no grego e no latim. Dizia Ferreira:

> Docemente suspira, doce canta
> A portugueza musa, filha herdeira
> Da *grega* e da *latina*, que assi espanta.

O esforço disciplinar dos eruditos do seculo XVI, que adoptaram nos seus escriptos as fórmas cultas do latim, produziu no espirito de Camões essa miragem, que se esvaeceu quando elle cantou a vida nacional e realisou na epopêa dos *Lusiadas* uma profunda revolução linguistica.

Depois da *lingua* as *tradições*. Nenhum periodo foi mais fecundo n'esta creação sentimental do que a Edade Media; basta vêr a infinidade das lendas locaes das vidas dos Santos, para conhecer que se estava creando a vida independente e individual; conhece-se pela extensão dos cyclos cavalheirescos pouco a pouco substituidos pelos *heroes* nacionaes, como aconteceu em Hespanha. Mas dominados pelo genio da Renascença, renegamos as ficções poeticas da edade media, e procuramos uma craveira para aferir os nossos *heroes* na historia da Grecia e de Roma. Falando das façanhas portuguezas, diz Camões:

> Que excedem as sonhadas, fabulosas;
> Que excedem Rhodamonte e o vão Rogeiro,
> E *Orlando*, inda que fôra verdadeiro. (1)

(1) *Lus.*, c. I, est. 11.

Mas raro será o heroe portuguez celebrado nos *Lusiadas,* que não seja comparado em todas as suas virtudes a um *heroe grego* ou *romano;* os factos são eloquentes: a fidelidade de Egas Moniz é comparada á de *Zopiro,* aio e valido de Dario; (1) uma derrota que soffreu D. Affonso Henriques, é comparada á de *Pompêo* na Pharsalia; (2) Ignez de Castro assassinada encontra um símile em *Polyxena;* (3) os amores de D. Fernando I, com os de *Hercules* e com os de *Marco Antonio;* (4) o Conde Andeiro é comparado a *Astyanax;* (5) o Condestavel, que em vida imitava o typo cavalheiresco de *Galaaz,* dos poemas da Tavola Redonda, é comparado por Camões a *Cornelio* e a *Scipião;* (6) os traidores portuguezes que seguiram a causa de Castella, reproduzem *Coriolano, Sertorio* e *Catilina;* (7) o Infante Santo, que se deixa matar para não ser entregue Ceuta, imita a abnegação de *Atilio Regulo;* (8) quando el-rei D. Manoel convida Vasco da Gama para a empreza da descoberta do Oriente, o navegador do Algarve offerece-se-lhe para exceder *os trabalhos de Hercules,* e os seus companheiros são comparados aos *Argonautas;* (9) esse martyr da causa publica, Duarte Pacheco, eguala

(1) *Lus.*, c. III, est. 41.
(2) *Ib.*, est. 71 a 73.
(3) *Ib.*, est. 131, 132.
(4) *Ib.*, est. 141 a 143.
(5) *Ib.*, c. IV, est. 5.
(6) *Ib.*, c. IV, est. 20, 21; VIII, 32.
(7) *Ib.*, c. IV, est. 23.
(8) *Ib.*, c. IV, est. 53.
(9) *Ib.*, c. IV, est. 79, 80, 83.

Belisario. Outras vezes, a antonomasia historica é tirada de uma analogia do nome, como Heitor da Silveira comparado a *Heitor* troyano, (1) ou D. Leoniz Pereira, comparado a *Leonidas* grego:

> Oh Nymphas, cantae pois: que claramente
> Mais do que *Leonídas* fez em Grecia,
> O nobre *Leoniz* fez em Malaca. (2)

Para Camões o *heroe* deve ter os caracteres que a antiguidade exigia: a belleza das fórmas, a alliança das armas com as letras ou com a poesia; fazendo o retrato do vice-rei D. Henrique de Menezes, no Soneto 88, celebra-o pela:

> Gentileza de membros corporaes,
> Ornados de pudica continencia,
> Obra por certo de celeste altura.
>
> Estas virtudes raras e outras mais
> *Dignas todas da Homerica eloquencia...*

A morte do seu joven amigo D. Antão de Noronha, morto em Africa, é comparada á de *Euryalo:*

> Qual o mancebo *Euryalo* enredado
> Entre o poder dos Rutulos, fartando
> As iras da soberba e dura guerra,
> Do chrystalino rosto a côr mudando,
> . . . .
> Tal te pinto, oh Tionio, dando o esprito
> A quem te tinha dado...

(1) *Lus.*, c. x, est. 60.
(2) Soneto 228.

Emfim não ha *heroe* celebrado por Camões que não tenha o seu typo primario na historia antiga; perdiam assim a feição individual e nacional para se moldarem aos padrões da erudição classica. A ideia do direito de conquista, resultante da theoria da *Monarchia universal,* fez quebrar os limites das nações, absorvendo para dentro da sua geographia as colonias longiquas e as possessões adquiridas á força. Foi no seculo em que mais desconhecemos os limites geographicos de Portugal, que tivemos os maiores cosmopolitas, como esse contemporaneo de Camões, Fernão Mendes Pinto, que escreveu o livro extraordinario das *Peregrinações.*

A mesma fatalidade da *geographia,* que tinha feito de Portugal uma nacionalidade independente e forte, acha-se, como vimos na Philosophia da Historia de Hegel, confirmada na Hollanda; mas pelo fatalismo da vida historica coube á Hollanda o tornar-se uma das grandes potencias do seculo XVII á custa dos erros politicos de Portugal; no seculo XVI, quando a intolerancia religiosa asphyxiava a consciencia e o pensamento ainda nas nações mais illustradas, a Hollanda foi o asylo inviolavel de todos os perseguidos, e era d'alí que o bom senso de Erasmo appellava para todos os que guardavam em si uma centelha da rasão humana. Quando D. Manoel, para comprazer com o fanatismo de uma infanta de Hespanha, expulsava de Portugal a parte industrial e productora da nação — os Judeus —, estes foram enriquecer a Hollanda com os seus capitaes, com o seu commercio, e com os seus grandes homens de in-

telligencia, como Spinosa. Quando Portugal era annexado á Hespanha como uma provincia sem vida propria, a Hollanda accudiu tambem aos despojos das nossas colonias da America. É porque a Hollanda, tendo de defender-se das invasões do mar, que constantemente avançava para a submergir, não se esquecia um instante de que não bastava vencer aquella força, senão tambem tirar d'ella os seus recursos de existencia propria.

Uma cousa obstou que estes phenomenos moraes, politicos e scientificos da Renascença deixassem de ser formaes e exteriores: a *Renascença* só foi completa nos paizes aonde penetrou a *Reforma,* que a corrigiu pela tolerancia, pelo livre exame e pelo individualismo. Em Portugal, a imprensa do seculo XVI publicou quasi que unicamente livros de theologia; accresceu a este exclusivismo a creação da censura do Santo Officio e esses insensatos *Indices Expurgatorios,* que atacaram de preferencia as obras de litteratura. Faria e Sousa, commentando o Soneto I de Camões, fala da prohibição que sofferam os Cancioneiros manuscriptos do seculo XV, por conterem Canções amorosas em que apparecem os epithetos *angelico, divina, deusa,* dados ás namoradas. Este facto explica a perda de muitas collecções poeticas, a demora que os Quinhentistas levaram a dar á publicidade os seus cantos, e o encontrarem-se hoje em Hespanha varios Cancioneiros, como o do Conde de Marialva, que para alí eram mandados para serem revistos pelo Santo Officio. Do seculo XVI perderam-se as *obras*

meudas de Gil Vicente, as Comedias de sua filha Paula Vicente, as poesias de Fernão da Silveira e de seu irmão Heitor da Silveira, de Antonio de Abreu, de André de Quadros, de João Lopes Leitão, de Estacio de Faria, de Antonio Pereira, senhor de Basto, de André da Fonseca, de Antonio de Castilho, do Infante D. Luiz, de D. Gonçalo Coutinho, e de outros muitos, como nol-o revelam as rubricas das poesias publicadas.

Assim, podemos concluir que esta má comprehensão da Renascença e o horror catholico contra a Reforma, nos levou bem cêdo á conclusão fatal da negação da nacionalidade: dois factos tornam evidente o asserto. Quando a Reforma foi combatida em Portugal pelo novo tribunal da Inquisição, no mesmo anno em que se extinguia entre nós a *liberdade de consciencia,* em 1536, expirava Gil Vicente, aquelle que mais luctára a favor d'ella; quando a *independencia nacional* ficou extincta pela invasão de Philippe II de Castella, que se senhoreou de Portugal em 1580, n'esse mesmo anno morreu em pura pobreza Camões, aquelle que mais profundamente sentiu e soube revelar a consciencia da nossa nacionalidade. São estes os principios que nos dirigem na exploração da vida do maior poeta do mundo moderno.

*

CAPITULO II

Origem da familia de Camões

Vasco Pires de Camões emigra para Portugal com outros fidalgos da Galiza, por causa de ter seguido o partido de D. Fernando, contra Henrique II de Castella. — Seu caracter litterario. — Parallelo com João de Mena. — Fernão Lopes retrata-o algum tanto venal. — O Marquez de Santillana cita Vasco Pires de Camões como um dos chefes da Renascença poetica da Galiza. — Dos seus tres filhos, o segundo genito, João Vaz de Camões foi o bisavô do Epico portuguez. — *a)* João Vaz de Camões milita em Africa, vae á batalha do Toro, e passa os seus ultimos annos em Coimbra. — O seu sepulchro na Sé de Coimbra. — *b)* Antão Vaz de Camões, casa com uma parenta de Vasco da Gama. — Era capitão de armada em 1505. — *c)* Simão Vaz de Camões e sua personalidade historica nos documentos legaes. — Sua vida aventurosa. — *d)* Luiz de Camões, creador da epopêa nacional portugueza, ultimo representante d'este segundo ramo de Vasco Pires de Camões. — Sua vida antes de começar os estudos em Coimbra. — Epoca em que frequenta os estudos menores em Santa Cruz.

Seria ocioso explorar as origens da familia de qualquer outro escriptor, a não ser a de Luiz de Camões, cujas particularidades da vida interessam immediatamente a historia litteraria e nacional. Em Camões dá-se uma coincidencia notavel: aos seus antepassados estão ligadas as tradições da poesia provençal portugueza; elles representam essa seiva poetica da Galiza, que fecundou a Peninsula toda, e ainda no *Cancioneiro da Vaticana* existem cinco canções do trovador galego João Nunes *Camanes*. Vasco Pires de Camões foi o ter-

ceiro avô de Luiz de Camões; no seu nome está representada tambem a reacção da eschola galega contra as ficções bretans e contra as allegorias dantescas da Italia, quando os fidalgos que seguiram o partido de D. Fernando se refugiaram em Portugal. No livro dos *Trovadores galecio-portuguezes,* já analysámos a sua importancia litteraria. (1) Alão de Moraes, na *Cedatura luzitana,* manuscripto genealogico da Bibliotheca do Porto, n.º 445, diz: «Este appellido se entende ser o mesmo que Gandara, nas *Armas e Triumphos de Galiza,* p. 584, chama Vasco *Fernandes* de Camanho, filho segundo de Fernão Garcia Camanho e de sua mulher D. Constança Soares de Figueirôa.» No *Cancionero de Baena,* tambem se lhe chama Vasco *Lopes* de Camões. Nas *Chronicas,* que têm exacção historica, é chamado Vasco *Pires* de Camões, geralmente admittido; este trovador, ao contrario de seu irmão Garcia Fernandes de Camanho, seguiu o partido de Pedro Cruel contra o bastardo Henrique II, refugiando-se depois da sua derrota em Portugal em 1370, vindo com outros fidalgos, como Fernão Caminha, sexto avô do poeta Pero de Andrade Caminha, e o Conde Andeiro.

Vasco Pires de Camões foi um dos fidalgos do principio do seculo XV que mais medrou com os seus sacrificios pela causa de el-rei D. Fernando; este lhe deu por mercê de 2 de Septembro de 1373 a Quinta de Ges-

(1) *Op. cit.,* p. 312 a 321.

taçó e mais terras de Monte-Mór o Novo, (1) bem como as villas de Sardoal, Punhete, Marvão, Villa Nova de Anços, as terras e herdados que a Infanta D. Beatriz possuia em Extremoz, Aviz e Evora, a Quinta do Judeu em Santarem, as Alcaidarias de Portalegre e Alemquer, e o senhorio do Castello de Alcanede. D. Leonor Telles nomeou Vasco Pires de Camões aio do Conde de Barcellos seu sobrinho; todas estas liberalidades foram causa d'elle seguir depois o partido do Conde Andeiro contra o Mestre de Aviz. Em vista de tanta benignidade regia, comprehende-se logo a quem se refere a estancia VIII da Carta em redondilhas de Manoel Machado de Azevedo escripta a Sá de Miranda:

> Hade enfreiar sua penna
> Como um potro desatado,
> Quem quizer *ser mais medrado*
> *Que Camões* ou João de Mena. (2)

Juan de Mena era o poeta cesáreo de Henrique II de Castella; Vasco Pires de Camões, abandonando o partido de Henrique II, e seguindo a causa já morta de Pedro Cruel, sustentada por el-rei D. Fernando de Portugal, cá veiu encontrar na liberalidade real a compensação da perda da sua patria e solar. Tantas mercês e doações o tornaram por assim dizer o typo pro-

(1) Liv. I da *Chancell.*, fl. 9; *ib.*, liv. II, fl. 2.
(2) Apud *Historia dos Quinhentistas*, p. 108.

verbial do aulico favorito, como o era na côrte de Castella o poeta Juan de Mena. (1)

Com Vasco Pires de Camões tambem veiu para Portugal um seu primo, Ayres Perez de Camões, como se vê pela *Chronica de D. João I,* de Fernão Lopes; (2) «Entonce ficou com elles Ayres Peres de Camões, *seu primo*...» O velho trovador galeziano, grato á memoria de el-rei D. Fernando, seguiu o partido de D. Leonor Telles, e resistiu contra o Mestre de Aviz, na sua Alcaideria de Alemquer; Fernão Lopes, que recolheu nas suas Chronicas as tradições do tempo, retrata-o com um caracter venal, contractando com o Condestavel a sua entrega por dinheiro: «E contado havemos como, jazendo o Mestre sobre Alemquer, preitejava com Vasco Pires de Camões, que lhe desse o logar com certas condições, em que se concordaram, recebendo entonce do Mestre soldo elle e *Gonçalo Tenreiro seu sogro*... e mandou Vasco Pires ao Mestre Gonçalo Tenreiro, seu sogro, com recado sobre certas cousas, e quando tornou de Torres Vedras, parece que Vasco Pires nom foy con-

(1) O snr. Visconde de Juromenha equivocou-se attribuindo a essa quadra um sentido allusivo a Luiz de Camões, para provar: «a consideração e estima que houve logo na côrte por elle.» *(Obras,* t. I, p. 28.)

Além do argumento que acima fica, outro se tira da propria Carta, onde Manoel Machado de Azevedo chama a Sá de Miranda: «Amigo, senhor e *hirmão.*» A palavra *hirmão* aqui significa cunhado; sendo o casamento de Sá de Miranda em 1536, e referindo-se a carta ao desgosto que o fez saír da côrte em 1534, com certeza não póde alludir a Luiz de Camões, que só começou a figurar na côrte em 1546.

(2) Cap. 186, fl. 392.

tente da resposta ou por ventura tinha vontade de fazer aquello que fez, e buscou azo de o fazer mais sem prasmo. » (1) E accrescenta: « Falando em esto de praça, o que lhe houverom por mal para fidalgo: — Olhay, que vos valha Deus, que boa preytezia fazia commigo o Mestre: Mandey lá meu padre Gonçalo Tenreiro com alguns desembargos, e nam me tornou nenhuma cousa, *inda se me trouvera mil dobras emburilhadas em um trapinho, guardar-lhe-ia preytezia;* pois me não trouve nada, nam curo de lha guardar. » (2) Na *Chronica* anonyma *do Condestavel,* tambem se fala em Vasco Pires de Camões, que abraçara o partido de Castella: «Tendo Vasco Pires de Camões a Villa e o Castello de Alemquer por a rainha D. Leonor, e com muita gente de Castellãos e portuguezes, o Mestre se partiu de Lisboa, e Nunalvres com elle, nom mais que com duzentas ou trezentas lanças e poucos homens de pé e besteiros, e se foi a Alemquer sobre Vasco Pires. E foram hy feitas muitas escaramuças da gente do Mestre com os que estavam na villa. » (3)

D'este facto historico se originou a tradição de Luiz de Camões ter nascido em Alemquer. Vasco Pires de Camões ficou prisioneiro na batalha de Aljubarrota. No *Cancionero de Baena,* ha um verso de Fray Diego de Valencia, que allude a este captiveiro:

Que Dios vos guarde de mala *prision.*

(1) Cap., fl. 391.
(2) *Ib.*, fl. 393. Vid. tambem cap. 17, fl. 34; cap. 31, fl. 55.
(3) *Chr. do Cond.*, cap. 21.

D. João I confiscou-lhe as immensas doações regias, deixando-lhe apesar de tudo as herdades de Evora, Estremoz e Aviz, de que fez varios morgados conhecidos pelo nome das *Camoeiras.* Em Evora dava-se o nome de *Camoeiras* ás casas do Recolhimento de Santa Maria Magdalena, assim chamadas por terem pertencido aos descendentes de Vasco Pires. (1) O Morgado das *Camoeiras* de Evora, pertenceu, segundo Alão de Moraes, a Lopo Vaz de Camões, e no termo de Alemquer existiu outra propriedade com o titulo de *Quinta de Camões.* (2)

Como sabemos pela authoridade historica de Fernão Lopes, no tempo das luctas do Mestre de Aviz, era Vasco Pires de Camões casado com uma filha de Gonçalo Tenreiro, aí apellidado Mestre, e nos Nobiliarios, chamado Capitão-Mór das Armadas de Portugal; segundo Alão de Moraes, o nome de sua mulher era Maria Tenreira. (3) Os talentos poeticos de Vasco Pires de Camões eram conhecidos tanto em Portugal, como em Castella; o Marquez de Santillana, escrevendo ao Condestavel de Portugal, antes de 1449, cita-o como um representante dos ultimos restos da eschola provençal da Peninsula: «Depois d'estes (João Soares de Paiva, e Fernant Gonzales de Senabria) vieram *Basco Peres de Camões* e Ferrant Casquicio, e aquelle grande ena-

(1) Fonseca, *Evora gloriosa,* pag. 233.
(2) Juromenha, *Obras,* t. I, not. 12.
(3) O snr. Visconde de Juromenha, traz o nome de *Francisca. Obras,* t. I, p. 13.

morado Macias.» (1) Apesar de se encontrar no *Cancioneiro* da Vaticana o nome de um *Vasco Perez,* crêmos comtudo que as poesias de Vasco Pires de Camões não foram recolhidas n'esse *Codice,* não só porque, segundo Wolf, termina em 1357, mas principalmente porque o Marquez de Santillana, descrevendo o *Cancioneiro* que possuia sua avó D. Mecia de Cisneros, e falando das Canções de el-rei D. Diniz e de outros trovadores, escreve: «*Depois d'estes vieram...*» e n'esse *Codice* não se acham as canções de Macias nem de Ferrant Casquicio, com que elle representava a nova influencia litteraria. (2)

Do seu casamento com a filha de Gonçalo Tenreiro, teve Vasco Pires de Camões tres filhos, sendo o primogenito, Gonçalo Vaz de Camões; do seu filho segundo, João Vaz de Camões, é que descendo o immortal poeta Luiz de Camões; e finalmente de sua filha Constança Pires de Camões descendem os Severins de Faria, distinguindo-se entre estes Manoel de Faria Severim, que fez o primeiro estudo sobre a vida de Camões, com elementos autobiographicos, e Gaspar de Faria Severim, sobrinho do erudito Chantre da Sé d'Evora, que mandou gravar o primeiro retrato de Camões. D'esses tres filhos de Vasco Pires de Camões continuou a descendencia, excepto a de João Vaz de Camões, que

(1) Apud *Poetas palacianos,* p. 166, *Carta,* § xv.
(1) O snr. Visconde de Juromenha, interpretou esta passagem da *Carta,* menos proximo da verdade. *Obras.,* t. I, p. 13.

terminou em Luiz de Camões, por essa fatalidade que faz com que o genio se não eternize pelo sangue mas pelas suas obras.

A vida dos antepassados do grande epico portuguez explica-nos muitas feições do seu caracter; por isso recolhemos aqui os subsidios historicos que se acham dispersos.

É importante, o que de João Vaz de Camões, escreve Manoel de Faria Severim nos *Discursos varios politicos:* «João Vaz de Camões, filho segundo do primeiro Vasco Pires de Camões, foi vassallo de El-Rei D. Affonso v (titulo muito principal d'aquelle tempo) e serviu o mesmo rei nas guerras de Africa e de Castella. Viveu na Cidade de Coimbra, da qual foi benemerito cidadão, indo por seu procurador ás côrtes d'aquelles calamitosos tempos da creação del-rei D. Affonso; teve o cargo de Corregedor d'aquella Comarca, officio então de grande jurisdição, porque não havia mais de seis no reino, e ordinariamente eram fidalgos muito honrados, e não professavam letras, como inda agora se usa em algumas partes de Hespanha. Tudo isto consta do epitaphio de sua sepultura, que está em uma Capella da crasta da Sé de Coimbra, que o mesmo João Vaz de Camões mandou fazer, onde, á parte do Evangelho se vê um tumulo levantado de marmore, todo lavrado de figuras de meio relevo e nos cantos duas maiores, com escudos das suas armas nas mãos, e em cima do tumulo está a figura do mesmo João Vaz armado ao modo antigo, com uma espada na mão, e aos pés um rafeiro

deitado. Esta Capella tem agora o arco quasi tapado de uma parede de tijolo, porque, como faltaram os descendentes do instituidor, ficou devoluta e sem haver quem a ornasse e tivesse cuidado d'ella. » (1) Manoel de Faria Severim escrevia pelo anno de 1624, quando este ramo estava extincto havia já quarenta e quatro annos.

D'este importante trecho de Severim, se deduz que João Vaz de Camões seguiu o partido contra o infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e por ventura a esta adhesão deveu o cargo de Corregedor da Beira. Andou nas guerras de Africa; sua irmã Constança Pires de Camões casou com o seu companheiro de armas Pedro Severim, cavalleiro francez, natural do Bispado de Senlis, o qual veiu a Portugal depois de ter estado em Ceuta com D. João I, e então conhecido na côrte pela alcunha de *Baralha*. João Vaz de Camões tambem se achou com D. Affonso V na batalha do Toro, á qual concorreu a maior parte dos poetas palacianos do *Cancioneiro* de Resende; casou com Ignez Gomes da Silva, filha natural de Jorge da Silva, de quem teve um filho, chamado Antão Vaz de Camões.

Nasceu este em outra época, quando os serões poeticos do paço ainda continuavam como um arremedo do esplendor antigo; mas já as navegações da India at-

(1) *Discursos Varios*, p. 174. Ed. 1805.

trahiam com o seu lucro todos os fidalgos, que d'antes eram desinteressados poetas. (1)

Na *Chronica dos Conegos Regrantes* de Santa Cruz de Coimbra, por D. Nicolau de Santa Maria, acha-se escripto Antonio Vaz de Camões, em vez de *Antão;* isto poderia induzir em um grave erro historico, por que esse teve um filho bastardo, chamado *Luiz* Gonçalves *de Camões,* que instituiu o morgado da Torre em Aviz, o qual veiu a pertencer a Simão de Camões, todos do ramo primogenito.

Antão Vaz de Camões filho de João Vaz de Camões, casou com *Dona* Guiomar Vaz da Gama, da familia dos Gamas do Algarve, á qual pertencia o grande navegador portuguez; este casamento explica a vinda de Antão Vaz de Camões para a côrte, e ao mesmo tempo o cargo de Capitão da Armada, que se conferia á principal nobreza. Em 1502, el-rei D. Manoel fez doação a Vasco da Gama, da dizima nova do pescado da Villa de Sines, e de Villa Nova de Mil Fontes, e das sysas de Santiago de Cacem para supprirem a falta das de Sines, e de mais quarenta mil rèis das sisas da Villa de S. Thiago, tudo no Algarve: «E bem assy o

(1) N'esta época tambem figurava um outro *João de Camões,* como se vê por uma Carta de El-Rei D. João II, datada de Carnide, para o Bispo de Evora, em 23 de Julho de 1483, a qual começa: «Por *João de Camões*, vosso Vigario, nos enviastes e vimos o que da vossa parte nos disse em resposta do que vos escrevemos sobre o effeito do entredicto que na cidade de Evora mandastes...» *Nob.* de D. Luiz Lobo da Silveira, fl. 189. *Ms.* da Bibl. do Porto.

fazemos a elle Vasquo da Gama e por seu respeito isso mesmo queremos e nos praz, que Ayres da Gama e Thereza da Gama sejam de *Dom,* e se possam em diante chamar de *Dom*, e *assy seus filhos e netos e todos aquelles que d'elles descenderem.*» (1) Estes factos mostram a importancia que pelo seu casamento com *Dona* Guiomar Vaz da Gama, recebera Antão Vaz, que em 1505 foi á India como capitão de Armada; (2) nas *Lendas da India* de Gaspar Corrêa, cita-se um «Antão Vaz, que commanda uma caravella, era *honrado e fidalgo cavalleiro.*» (3) Tudo isto leva a crêr que seja este mesmo Antão Vaz aquelle que esteve com Affonso de Albuquerque na tomada de Gôa. Era muito frequente no seculo XVI dar a capitania das náos da India aos fidalgos cavalleiros, não pela sua sciencia nautica mas pela gerarchia do nascimento e dos parentescos; foi isto a causa das perdas incalculaveis dos galeões da India e dos profundos desastres relatados nas relações de naufragio. Gil Vicente, que conheceu todas as miserias da sociedade portugueza, satyrisa este ruinoso privilegio da nobreza, em uma scena de uma Tragicomedia, na qual se vê uma náo em perigo:

MARINHEIRO: Tomastes vós hoje a altura
Por saberdes onde estaes?
PILOTO: C'o Rio dos Bôs-Sinais
Me faço a Deos e á ventura.

(1) Apud *Roteiro de Vasco da Gama*, p. 178.
(2) *Indice de toda a Fazenda*, p. 141.
(3) *Op. cit.*, t. I, p. 530.

Ou na Aguada da Boa-Paz,
ou seremos tanto ávante
Como o Rio do Infante
Segundo o tempo aqui faz,
Ou c'o Cabo das Correntes.

MARINHEIRO: Isso é ou lobo ou ran,
Ou feixe de lenha ou armo de lan;
Isto fazem adherentes.
Quem vos houve a pilotagem
Para a India, d'esta náo?
Porque um piloto de páo
Sabe mais na marinhagem.
....

Esta é uma errada
Que mil erros traz comsigo,
Officio de tanto p'rigo
Dar-se a quem não sabe nada.
Este ladrão do dinheiro
Faz estes máos terremotos;
Que eu sei mais que dez pilotos
E sempre sou marinheiro. (1)

Por este privilegio da nobreza, accusado por Gil Vicente na presença do rei, é que julgamos ter sido Antão Vaz, aparentado com o Almirante do mar das Indias, aquelle que apparece citado como Capitão, apezar de se lhe não dar o appellido de *Camões*. Tambem assim se explica a lenda, que dizia ter o seu filho Simão Vaz de Camões militado na India, e lá naufragado, como primeiro o quiz explicar Magnin.

Pedro de Mariz, falando de Simão Vaz escrevia

(1) *Obras* de Gil Vicente, t. II, p. 469.

levado por uma vaga tradição: «foi por Capitão de uma náo á India, naufragando nas costas da terra firme de Gôa». Não é admissivel esta asserção, porque no *Indice de toda a Fazenda,* de Luiz Figueiredo Falcão, não se encontra o nome de Simão Vaz; pelo contrario aí se lê da expedição de 1505, que uma das naus «*foi-se ao fundo passada a linha*». Simão Vaz de Camões estava vivo e residia em Lisboa em 1553, como se sabe pela Carta de Perdão a seu filho; e só a Náo *Boa Ventura* é que se perdeu na costa de Gôa em 1554, mas levava por capitão o Viso-rei D. Pedro de Mascarenhas. Com estes factos toma corpo historico a tradição de Antão Vaz de Camões ter sido Capitão da India, e talvez por este motivo teve casa em Lisboa, aonde viveu com seus filhos Simão Vaz de Camões e Bento de Camões.

Este ultimo, como filho segundo, seguiu a carreira das letras, e antes da reforma do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em 1527, já aí havia recebido o habito de Conego Regrante; neto do respeitado João de Camões, que tinha tumulo e capella na Sé de Coimbra, é tambem de crêr, que pela nobreza do seu nascimento Bento de Camões entrasse para essa rica ordem dos Cruzios, aonde então a principal fidalguia portugueza trazia os seus filhos na educação dos estudos menores. D. Bento de Camões foi depois Geral de Santa Cruz, e primeiro Cancellario da Universidade em 1539, como em outro logar diremos. O nome d'este religioso é hoje indispensavel na vida de Luiz de Camões pela influencia que exerceu sobre os seus primeiros estudos. Mor-

reu a 2 de Janeiro de 1547, quando o poeta frequentava a côrte. (1)

Simão Vaz de Camões, o primogenito de Antão Vaz de Camões, como se vê pela data da profissão de seu irmão, teria nascido nos ultimos annos do seculo xv; a sua frequencia na côrte de Lisboa, e a antiga posse da Quinta do Judeu em Santarem, que pertencia a Vasco Pires de Camões, explicam em parte o seu casamento em Santarem, com Anna de Sá e Macedo, filha de Jorge

(1) De D. Bento de Camões, se lê no *Agiologio luzitano*, t. I, p. 32: «Em Sancta Cruz de Coimbra, a morte do R. P. Dom Bento, varão em todo genero de virtude excellente, a quem Dom Frei Bras de Bairros (primeiro Bispo de Leiria,) reformador d'esta Congregação entre todos aquelles religiosos escolheu por benemerito do Generalato; no qual procedeu com grande exemplo, modestia e affabilidade. Estando pois certo dia recitando algumas devoções (como costumava) diante do sepulchro do S. Rei Dom Affonso Enriquez, lhe appareceu glorioso, dando-lhe as graças de quam excellentemente se havia portado no cargo. E já póde ser, lhe désse aviso do tempo de seu transito, pois os cinco annos que lhe restaram de vida esgotou todos em tal perfeição, como se fôra cidadão do céo.» O facto da visão de D. Bento de Camões, indica-nos como Camões conheceu as lendas de Affonso Henriques, que elle introduziu nos seus *Lusiadas*. Foi a visão em 1542, em tempo que Camões estava para deixar Coimbra. Na nota e a 4 de janeiro, diz Cardozo no citado *Agiologio*. «Por mais que nos cansemos, nunca pudemos descobrir com certeza a patria do servo de Deos D. Bento. *Achamos porém indicios de ser Coimbra*. E o que mais é, que foi d'aquelles antigos Conegos, que vivendo na largueza da claustra, se quiz espontaneamente sugeitar ao rigor e observancia de uma asperrima vida, a qual deu principio no real Convento de Santa Cruz da mesma cidade D. F. Bras de Bairos, Religioso da Ordem de S. Hieronymo, e primeiro Bispo de Leiria, em 13 de Outubro de 1527, por mandado de el-rei Dom João III, e auctoridade apostolica; e com a mesma foi eleito em Primeiro prelado

de Macedo, (1) e de sua mulher .... de Oliveira. Seria o casamento nos principios de 1523, por isso que Luiz de Camões nasceu em 1524, em Lisboa. A época d'este casamento vem a coincidir com o escandalo amoroso do Marquez de Torres Novas, com a tristeza de Christovam Falcão e de Bernardim Ribeiro, cujos amores excitaram o interesse de todos os corações. Influiria isto no casamento de Simão Vaz, que apezar de ser cavalleiro fidalgo ficou pobre sem melhorar de fortuna com o seu enlace matrimonial. Talvez que a retirada da côrte para a sua antiga casa de Coimbra fosse uma consequencia da exiguidade de meios.

De Simão Vaz de Camões restam bastantes documentos historicos, que nos determinam as épocas em

triennal o dito Padre *D. Bento*, e confirmado an. 1539, cujo transito foi em 4 de Janeiro de 1547, como se vê dos livros novos dos obitos d'esta Congregação e de outras memorias.» (*Ib.* p. 41.) Estas outras memorias de que se serviu Cardoso foram sem duvida fornecidas por Manoel Severim de Faria, de quem diz o auctor do *Agiologio:* «Manoel Severim de Faria, Conego e Chantre da S. Sé d'Evora, a quem assi mesmo confessamos dever muita parte d'esta obra, não só por particulares noticias que com grande liberalidade para ella nos communicou, mas tambem, porque com sua muita erudição, maduro juizo e universal conhecimento da historia ecclesiastica e politica d'este reino, nas muitas duvidas que necessariamente em obra tão universal e dilatada se nos offereceram, com muita facilidade se dignou responder, satisfazer, e alumiar; de cujos louvores por nos sentirmos insufficientes, e a elle por sua modestia lhe serem molestos ouvir, nos escusamos, pois é assáz conhecido, dentro e fóra d'este Reino por unico Mecenas dos curiosos e antiquarios.» (*Ib.*)

(1) Conforme o *Nobiliario* do Abbade de Perozello, t. IV, fl. 160. *Ms.* da Bibl. do Porto.

que viveu, e desde quando o seu nome começa a ser omittido; ha outros documentos diante dos quaes a critica tem de ser perspicaz, para distinguir dois homonymos, confundidos anachronicamente pelos modernos biographos. Com o nome de Simão Vaz de Camões, temos: 1.º o neto de João Vaz de Camões, e pae do grande epico, do ramo segundo genito; 2.º Simão Vaz de Camões, filho de Duarte de Camões de Tavora e de D. Isabel Lobo, que em 1562 casou em Coimbra com Francisca Rebella, filha de Alvaro Cardoso. Conhecem-se mais individuos d'este nome, mas só entre estes dois se dá a confusão historica.

Do primeiro Simão Vaz de Camões temos a prova de ter sido o pae do poeta, no Registo da Casa da India. Na *Chronica dos Conegos Regrantes*, falando-se do Prior Geral em 1539, se lê: «Teve o nosso Prior D. Bento de Camões, um irmão por nome Simão Vaz de Camões, que herdou a casa de seu pae, e casou com D. Anna de Macedo, dos Macedos de Santarem, da qual houve o famoso poeta *Luiz de Camões,* que não teve successão e n'elle feneceu este ramo do tronco dos Camões n'este reino...» (1)

(1) D. Nic. de S. Maria, *op. cit.*, liv. x, p. 290. Este outro Simão Vaz de Camões, morreu sem geração, *(Nobil.* do Abb. de Perozello, t. IV, fl. 158 a 160) e teve um irmão, chamado Luiz Gonçalves de Camões; tudo isto levou os modernos biographos a notaveis erros. (*)

(*) Este fidalgo figura nos documentos desde 1553 até 1576, justamente quando o pae do poeta não é mais nomeado. Pela data d'esses documentos se

Nasceu Camões em 1524, como se deprehende do Registo das pessoas que de Lisboa passaram a servir na India desde 1550 até 1643, em que Faria e Sousa fez este importante achado no Cartorio da Casa da India. N'esse Registo figura Camões com *vinte cinco annos*. Os registos parochiaes foram introduzidos pelo Cardeal Dom Henrique; seria portanto, absurdo procurar um

vê que era da mesma edade de Luiz de Camões, e dotado de igual caracter turbulento; ambos obedeceram a essa extraordinaria monomania da sociedade aristocratica do seculo XVI, foram *Valentones*. Em quanto o poeta estava preso em Lisboa por ter ferido um criado do rei, Simão Vaz de Camões, seu primo, entrava á força no Mosteiro das Religiosas de Santa Anna em Coimbra, pelo que veiu preso para Lisboa, (Carta do Corregedor da Comarca de Coimbra, de 25 de Junho de 1553), sendo depois sentenciado a degredo perpetuo para o Brazil e a pregão com cadeado ao pé, do que obteve perdão (Alvará de 12 de Agosto de 1558), não podendo comtudo apparecer a dez leguas em volta de Coimbra. A simples homonymia d'este Simão Vaz de Camões, com o pae do poeta, levou o snr. Visconde de Juromenha a confundil-os. Não póde permanecer o equivoco, porque uma Vereação de Coimbra (de 31 de Julho de 1563, fl. 61) nos dá Simão Vaz de Camões casado pela primeira vez em 1562: «que posto que o dito simão vaaz *casasse ho ano pasado,* disserão que fora doente e não podera até o presente servir o dito officio de allmotacé, nem ter casa apartada sobre si e estar com seu sogro, e por quanto agora estava são, e bem desposto e comesava de sair por fóra e amdar polla cidade e ter casa apartada sobre si, o elegerão conforme a ordenação por ser *casado novamente*, dos honrados da terra». Para não ser eleito almotacé de Coimbra, Simão Vaz de Camões alcançou o Alvará de 10 de Dezembro de 1563, isemptando-o por ser a este tempo procurador do Collegio de Sam Thomaz de Coimbra. Apesar de isto, foi eleito almotacé por determinação de um Alvará e Carta Regia de 15 e 24 de Março de 1567, em que se allude á sua prisão de 1553. Na Vereação da Camara de Coimbra (1 de Outubro de 1567, fl. 57, v.) foi eleito almotacé d'este mez com Antonio de Alpoim, conseguindo ser isempto d'estas obrigações por Carta de 16 de Janeiro de 1568. O almotacé João Ayres fez queixa á Camara de ter sido espancado por Simão Vaz de Camões e por seus criados, pelo que se mandou proceder, por Provisão de 16 de Maio de 1576. (Vid. *Indices e Summarios dos Livros e Documentos da Camara de Coimbra,* Part. II, Fasc. 1, p. 5, not. 2.) Estes factos não deixam permanecer a confusão.

assento de Camões; tem pois o achado de Faria e Sousa a authoridade legal de um documento de fé publica. (1)

Como as cidades gregas, que disputaram a naturalidade de Homero:

> Esse que bebeu tanto da agua Aonia,
> Sobre quem tem contenda peregrina
> Entre si Rhodes, Smyrna e Colophonia, (2)

tambem disputaram o berço de Camões, Lisboa, Coimbra, Alemquer e Santarem, umas com tradições, outras com argumentos de distrahidos academicos. Manoel de Faria e Sousa na primeira vida do poeta decidia-se por Santarem, d'onde era natural sua mãe D. Anna de Sá e Macedo. Domingos Fernandes, na edição das *Rimas,* de 1607, na Dedicatoria á Universidade, decidia-se por Coimbra, dizendo: «*o vosso Luiz de Camões, pois nascendo elle n'esta vossa cidade de Coimbra, a vosso peyto como mãe natural o criastes tantos annos.*» Por Alemquer havia as presumpções tiradas da *Chronica* de Fernão Lopes e da *Chronica do Condestavel,* junto com alguns logares do poeta.

Lisboa apresentou titulos mais veridicos. Manoel Correia Montenegro, no commento á estancia primeira

(1) Manoel Correia Montenegro e Manoel de Faria Severim trazem a tradição de ter nascido em 1517. Não obstante a rectificação de Faria e Sousa, o editor Ignacio Garcez Ferreira continuou a decidir-se pela data de 1517, fundando-se em que esses sete annos mais que dava á edade do poeta se tornavam necessarios para explicar os accidentes da sua vida.

(2) *Lusiadas,* cant. v, est. 87.

do canto primeiro dos *Lusiadas*, affirma: «O auctor d'este livro é Luiz de Camões, portuguez de nação, *nascido e criado na cidade de Lisboa, de paes nobres e conhecidos.*» Ora Faria e Sousa apresenta o Licenciado Manoel Correia como «*persona de credito, i de la edad del Poeta e su amigo.*» O proprio Manoel Correia dá-se por ter sido amigo de Camões em varios logares do seu Commento; (1) Pedro de Mariz, que arrematou estes Commentarios, no leilão mandado fazer pelo Tribunal da Legacia, apezar de ser natural de Coimbra e Bibliothecario da Universidade, não contradisse este asserto de Manoel Correia. Finalmente Faria e Sousa decidiu-se pela naturalidade de Lisboa, fortalecido pelo Registo da Casa da India de 1550, que diz: «filho de Simão Vaz e Anna de Sá, *moradores em Lisboa, á Mouraria.*» O Bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, tambem abraçou esta opinião, fundando-se na Elegia III de Camões, que diz: «mas o poeta parece declarar a sua naturalidade na Elegia III, em que de certo modo se diz desterrado da patria, ao mesmo tempo que é constante, que a escreveu andando desterrado de Lisboa.» (2) A residencia de Simão Vaz de Camões em Lisboa, como cavalleiro fidalgo que era, foi uma consequencia do seu casamento; a sua pobreza repentina o confirma. O snr. Visconde de Juromenha é de opinião que Luiz de Camões foi educado em Lisboa, até ao anno de 1539, em

(1) Prologo; Comm. ao cant. V, est. 18; cant. VI, est. 40; cant. VII, est. 81; cant. IX, est. 21 e 119.
(2) *Obras*, t. I, p. 29.

que cursou a Universidade: « Na Universidade de Lisboa devia o Poeta continuar os seus estudos, onde ainda alcançou o lente Garcia de Orta, que n'aquella Universidade leu philosophia no anno de 1533, e no anno de 1534 se despediu da Universidade para acompanhar para a India Martim Affonso de Sousa. » (1)

O synchronismo dos factos leva-nos a uma inducção mais proxima da verdade. Tinha Luiz de Camões tres annos de edade, quando em 1527, rebentou em Lisboa uma grande peste, que se propagou tambem pelo Alemtejo. D. João III fugira com a rainha D. Catherina para Coimbra, e a melhor parte dos fidalgos da côrte. O que ficaria fazendo em Lisboa Simão Vaz de Camões, quando tinha casa e propriedades em Coimbra, aonde a memoria de seu avô João Vaz de Camões era ainda tão respeitada? No livro de Amato Luzitano, *Curationum Medecinalium,* se vê que a peste continuou a devastar Lisboa e Santarem em 1527, 1528 e 1529; isto melhor fundamenta o ter Simão Vaz de Camões permanecido em Coimbra depois do regresso da côrte para a capital. Durante o tempo que D. João III e a fidalguia estiveram refugiados em Coimbra, haviam poucas distracções; queixavam-se de não poderem dar-se ao prazer das bellas caçadas de Almeirim, e diziam publicamente mal de Coimbra, cujos filhos arruinaram as suas casas para os sustentar á farta. Sá de Miranda verbera-os duramente na Carta a Pero Carvalho:

(1) Jur. *Obras,* t. I, p. 15, § IV.

Fostes mal agasalhados?
Certo, não; *que té as fazendas*
Vos davam parvos honrados.
Pois que? porque os privados
Tinheis longe vossas rendas. (1)

O caracter de Simão Vaz de Camões, natural de Coimbra, como se acha nos documentos legaes, e a *pobreza* sua, a que alludem documentos a contar de 1553, levam a crêr que elle foi um d'estes *parvos honrados,* que gastou a sua fazenda sustentando os hospedes, durante a peste de 1527. As influencias de que por vezes o vêmos dispôr, só se explicam pela reciprocidade dos favores semeados n'essa época critica.

Antes da Reforma dos Conegos regrantes de Coimbra é que seu irmão professou; esta coíncidencia de D. Bento de Camões tomar o habito no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra antes de 1527, explica egualmente a vinda de Simão Vaz de Camões para a sua patria por essa mesma época.

A amisade e valimento que D. Bento de Camões tomou com D. João III, datam tambem d'este tempo, porque o rei visitava a miudo o Mosteiro de Santa Cruz. Em 1526 já a côrte havia fugido para Coimbra por causa do terremoto que se sentiu em Lisboa; com a peste de 1527 a nobreza da terra, sabendo da escolha do monarcha, regressara immediatamente aos seus solares. Gil Vicente veiu a Coimbra representar a farça dos *Almocreves,* e a tragicomedia da *Divisa da*

(1) Vid. *Historia dos Quinhentistas,* p. 64.

Cidade de Coimbra. Gil Vicente residia então em Santarem, como vêmos por uma rubrica sua; e esta circumstancia torna admissivel o ter relações intimas com Simão Vaz de Camões, que era casado com uma senhora illustre de Santarem. Na farça dos *Almocreves,* o poeta descreve o typo do *fidalgo pobre,* que elle por dura experiencia conhecia, quando se retrata no Ourives que trabalha para o fidalgo sem nunca receber dinheiro. Gil Vicente, celebrado na côrte como chistoso poeta dramatico, era reconhecido como o primeiro Ourives portuguez, e por assim dizer o chefe da nossa eschola artistica da Renascença. (1)

(1) Depois dos argumentos apresentados no livro *Bernardim Ribeiro e os Boculistas*, p. 232 a 264, aqui publicamos um importantissimo documento inedito tirado do Cartorio do Hospital de S. José de Lisboa, descoberto pelo snr. José Maria Antonio Nogueira, no Liv. I do Registo geral, fl. 16, v., e 17: «*Alvará de Gil Vicente, Ourives.* Nós El-Rey fazemos saber a quantos este nosso Alvará virem, que confiando nós de *Gyl Vicente,* Ourives da Senhora Raynha minha irmã, e que n'esto nos servirá assy bem, e como o faz em todas as outras cousas em que o encarregamos por lhe fazermos graça e mercê, temos por bem e o fazemos Vedor de todas as obras que mandamos fazer, ou se fizerem de ouro ou prata, para o nosso Convento de Thomar e Esprital de Todolos Santos da nossa Cidade de Lisboa, e Mosteiro de Nossa Senhora de Belem, queremos que todas as obras, que para as ditas casas se houverem de fazer, ora seja por nosso mandado ora por as ditas Casas o mandarem fazer se façam pelo dito *Gil Vicente* ou por Officiaes que elle para isso ordenar; e se as elle não quizer fazer, e aquellas que por elle ou em sua Casa não forem feitas elle as verá e examinará se vão na perfeição que devem e avaliará se cumprir; e portanto mandamos a D. Priol do dito Convento de Thomar, e Provedor do dito Esprital, e Priol e Frades do dito Mosteiro de Belem, que d'aqui em diante conheçam o dito Gil Vicente por Official e Vedor das ditas obras e das ditas Casas, e lhe dêem e façam dar

N'este anno de 1527, tambem se achava em Coimbra Jorge Ferreira de Vasconcellos, talvez cursando os estudos menores no Convento de Santa Cruz; pelo menos «á sombra dos verdes cinceiraes do Mondego» escreveu elle a Comedia *Eufrosina,* primeiro fructo do seu engenho «inda bem tenro», pelo anno de 1527. Cabe aqui explicar um problema da vida d'este escriptor; no *Cancioneiro geral,* figura um poeta Jorge de Vasconcellos, do qual se lê nas *Lendas da India,* falando do regresso das náos que foram á descoberta do Oriente: «e surgindo as náos (1499) fizeram sua salva de artilheria, onde logo El-rei mandou *Jorge de Vasconcellos,* provedor do Almazem de Lisboa, fidalgo dos principaes de sua casa, a visitar Vasco da Gama» etc. (1)

toda a dita prata e ouro a lavrar quando for necessario, e tudo façam com seu accordo e conselho, e assy mandamos aos officiaes outros que nas ditas Casas temos postós, que o hajam assy por Official d'elles, e o honrem e tratem como é resam e em todo lhe cumpram este nosso Alvará como n'elle he contheudo, o qual lhe mandamos dar por nós assignado para ter por sua guarda e queremos que valha como Carta passada por nossa Chancellaria, e assellada, sem embargo de quaesquer Leis e Ordenações que hy haja em contrario: Feito em Evora, a quinze dias de Fevereiro — André Pires o fez — de mil quinhentos e nove.» D'este documento valioso tira-se ainda outro argumento; no Alvará, diz-se «*Gil Vicente Ourives da Senhora rainha minha irmã*» isto é, D. Leonor, viuva de D. João II, e no prologo do *Auto de D. Duardes*, diz Gil Vicente a D. João III: «Las comedias, farças y moralidades que *he cumpuesto en servicio de la Reyna vuestra tia.*» Esta *rainha* irmã de el-rei D. Manoel, era a *tia* de D. João III, a qual primeiro do que ninguem soube reconhecer o talento poetico do seu lavrante.

(1) Gaspar Correia, *op. cit.* t. I, p. 139.

D'aqui se vê que o que escrevia em Coimbra em 1527, em tenros annos, não póde ser o mesmo que já era provedor do Almazem de Lisboa em 1499. (1) Jorge de Vasconcellos foi casado com uma irmã de João Rodrigues de Sá; e Jorge Ferreira de Vasconcellos, por ventura seu filho, é que foi o amigo intimo do principe D. João, para quem escreveu as suas principaes obras; este figura nas Moradias de El-Rei D. Manoel como estudante de Grammatica.

Com o regresso de Sá de Miranda da sua viagem da Italia, e com a permanencia em Coimbra em 1527, Coimbra tornára-se um centro litterario. Aí viviam seus irmãos, todos filhos do Conego Gonçalo Mendes de Sá e de uma mulher nobre; esta particularidade é-nos revelada pelo *Nobiliario* manuscripto do Abbade de Perozello. (2)

No tempo em que Sá de Miranda esteve em Coimbra, tinha Camões apenas quatro annos de edade; por ventura conhecido de Simão Vaz de Camões pelo facto de serem patricios, esta mesma differença de edade

(1) Ractifica o cap. II do liv. III, da *Historia do Theatro Portuguez*.

(2) Eis os outros irmãos de Sá de Miranda:
2.º Fernão de Sá.
3.º Gaspar de Sá, que serviu na India.
4.º Manoel de Miranda, Prior da Nogueira e do Amial.
4.º Henrique de Sá, Conego em Coimbra.
6.º Mem de Sá (que foi Governador do Brazil).
7.º Guiomar de Sá, Freira Abbadessa em Villa do Conde.
8.º Helena de Sá, Freira em Cellas.
9.º Ursula de Sá, Freira em Lorvão. »

*

seria tambem uma das causas mais fortes de não poder admirar um genio que levou poucos annos a revelar-se.

A vida que Luiz de Camões passou em Coimbra até entrar na frequencia dos estudos foi descuidada, na doce soltura da infancia; o facto de seu tio D. Bento de Camões ser nomeado Geral de S. Cruz e Cancellario da Universidade em 1539, é que serve para determinar o periodo em que se viu forçado ao banco das escholas. Desde 1527 até 1537 brincou elle desligado de todas as preoccupações; na Canção IV, escripta quando já voltava a Lisboa, fala d'estes seus primeiros annos:

> Vão as serenas aguas
> Do Mondego descendo,
> E mansamente até ao mar não param;
> . . . .
> . . . .
> *N'esta florida terra*
> *Leda, fresca e serena,*
> *Ledo e contente para mi vivia.*
> . . . .
> D'hum dia em outro dia
> O esperar m'enganava,
> *Tempo longo passei*
> *Com a vida folguei.* (1)

Sabendo-se que Jorge de Monte-Mór, nasceu pouco menos de tres annos antes de Luiz de Camões, e que passou tambem a sua infancia discorrendo á solta pelas margens do Mondego, nada mais acceitavel do que

(1) *Obras,* t. II, p. 189. Ed. Jur.

vêr n'este novellista um antigo companheiro d'esses primeiros annos do poeta. Jorge de Monte-Mór é explicito n'esta relação da sua infancia:

Riberas me crié del rio Mondego
. . . .
El Rio de Mondego y su ribera
Con otros mis iguales passeava
Sugeto al crudo amor y su bandera.
Con elles a cantar me exercitava, etc.

É tambem n'esta Canção IV, em que Camões fala da sua infancia em Coimbra, aonde descreve o primeiro amor que sentiu na vida:

Alli se me mostraram
N'este logar ameno
Em que inda agora mouro,
Testa de neve e d'ouro;
Riso brando e suave; olhar sereno,
Um gesto delicado
Que sempre n'alma me estará pintado.

As suas relações com Jorge de Monte-Mór tornaram-se a atar em 1552, quando o bucolista regressou a Portugal. Em uma Carta inedita de Camões, descoberta pelo snr. Visconde de Juromenha, se lê este trecho importante: «estou resoluto de *hir este anno a Coimbra restituir-me aos ares em que me criei* parte do tempo que perdido tenho. . .» (1) Na Dedicatoria das *Rimas,* de 1607, feita por Diogo Fernandes, se repete

(1) *Obras*, t. I, p. 18. Ed. Jur.

este mesmo facto: «*nessa vossa cidade de Coimbra, a vosso peyto, como mãy natural o criastes tantos annos.* Co' vossa doutrina como Mestra o creastes; etc.»

É em presença d'estes argumentos que assentamos a vinda de Camões para Coimbra em 1527, tendo começado sómente a frequentar os estudos em 1537, quando já contava doze annos de edade. (1)

(1) A edade em que se entrava para os estudos menores no Mosteiro de Santa Cruz, era effectivamente aos *doze annos. Chr. dos Conegos Regrantes,* por D. Nicolau de Santa-Maria, p. 413.

PRIMEIRA ÉPOCA (1537-1553)

CAPITULO III

Camões e a reforma dos Estudos classicos

As Escholas menores em Santa Cruz de Coimbra em 1527. — O Collegio de Todos os Santos, para os Estudantes honrados pobres. — Estudo da Grammatica Latina de D. Maximo de Sousa, e da Grammatica grega de D. Heliodoro de Payva. — Costumes litterarios de Santa Cruz de Coimbra. — A edade de doze annos para começar os estudos menores. — Relações de Camões com os estudantes que frequentavam as escholas de Santa Cruz: D. Gonçalo da Silveira, D. Alvaro da Silveira. — O Duque D. Theodosio passa por Santa Cruz de Coimbra. — Os divertimentos escholares: Camões compõe o *Auto dos Amphytriões*, segundo a eschola de Gil Vicente. — D. Bento de Camões, sáe eleito Geral de Santa Cruz de Coimbra e Cancellario da Universidade em 1539. — Influencia do seu caracter sobre Luiz de Camões: As lendas de D. Affonso Henriques em Santa Cruz de Coimbra. — O thesouro enterrado: causa da dissidencia de D. Bento de Camões com el-rei D. João III. — Primeiros versos de Luiz de Camões a seu tio. — Camões *bacharel latino*, segundo os versos de André Falcão de Resende. — A Reforma da Universidade por D. João III. — Carta de Ayres Barbosa ácerca da reforma dos Estudos. — Os paes de Camões voltam para Lisboa: férias do poeta. — Regressa definitivamente para Lisboa em 1542. — Os Jesuitas apoderam-se do ensino.

Os escriptores que tratam de Camões reconhecem-lhe a sólida erudição com que os bons espiritos da Renascença se formavam; procuram nos seus versos todos os paradigmas por onde provam o conhecimento que ti-

nha de Homero, de Virgilio, de Petrarcha, de Ptolomeu e dos Geographos antigos, da Mythologia e da Historia universal, mas nenhum tractou ainda de reconstruir o quadro dos estudos classicos em Portugal, no tempo em que Camões frequentou, depois de 1537, as escholas de Coimbra. (1) Pela leitura das *Obras* de Camões descobre-se logo duas educações distinctas, com um espirito até certo ponto contradictorio, e tendendo o mais forte, como auctoritario, a abafar o que era simplesmente sentimental. É um o espirito *classico*, o outro o espirito *nacional*; este ultimo, apezar de todos os esforços tentados pela pedagogia do seculo XVI, não pôde ser de todo obliterado na sua alma; transpira a cada passo nas innumeras allusões aos romances do povo, (2) nos anexins vulgares, na fórma de *Auto* usada nas suas tentativas dramaticas, e principalmente no conhecimento da poesia intima das lendas da historia de Portugal, que elle soube tão bem aproveitar na extructura dos *Lusiadas*. Esta educação, absolutamente desconhecida em Ferreira e em Caminha, fez-se de um modo natural e simples, no tempo da boa soltura das margens do Mondego, antes de trocar a lingua portugueza pelo uso quotidiano do latim nas escholas de Santa Cruz. Esta educação é que lhe deu o sentimento da

(1) O snr. Visconde de Juromenha reconhece esta omissão: «Seria longo para aqui, e por certo tarefa mui superior ás nossas forças, o descrever o movimento litterario da Academia portugueza, no tempo em que foi cursada pelo nosso Poeta.» *Obr.*, t. I, p. 18.

(2) *Epopêas da Raça Mosarabe*, p. 329 e 330.

nacionalidade, e o tornou o palladio do nome de Portugal, por elle ainda lembrado na historia.

Vejamos agora como o espirito *classico* dominava no meio em que vivia, e como as circumstancias do tempo tendiam a absorver para a erudição e para o pedantismo. As Escholas do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra eram no primeiro quartel do seculo XVI o centro da principal actividade litteraria. Reformado este Mosteiro em 1527, continuou com mais ardor o costume que desde D. Sancho I guardava, de se dedicar ao ensino. Desde 1527 até 1547, periodo no qual está incluso o da aprendisagem de Camões, alí permaneceram as Escholas menores. Da *Chronica dos Conegos Regrantes* extrairemos alguns factos importantes relativamente a esta época: «Mandou o Padre Reformador Fr. Braz de Barros, vir Mestres da Universidade de Paris, por informação que lhe deu o P.^e D. Damião, nosso Conego de Santa Cruz, que lá tinha estudado. Vieram pera Mestres de Grammatica, de Grego e de Hebraico, dous Doutores pela Universidade de Paris, ambos portuguezes e mui versados nas ditas linguas, a saber Mestre Pedro Henriques, e Mestre Gonçalo Alvares, que depois leram tambem nas Escholas publicas em Coimbra, como diremos. Artes, começou a lêr o nosso Conego D. Damião, que depois de ter lido tres annos por ordem do dito Reformador, tornou a Paris a receber o gráo de Mestre em Theologia, pera a vir ler ao mesmo Mosteiro de S. Cruz. Canones, leu o Padre D. Dionisio de Moraes, que era Bacharel formado n'el-

les pela Universidade de Paris.—Começaram a lêr estes Mestres aos Religiosos de Santa Cruz em Outubro do anno de 1528, com tanto aproveitamento dos discipulos, que *correu a fama dos Estudos, que havia no dito Mosteiro, muitos fidalgos e nobres do reino mandaram a elle seus filhos.* Para estes se fundou o Collegio de S. Miguel dentro do Mosteiro de Santa Cruz, e pera *Estudantes honrados pobres,* o Collegio de Todos os Santos; este tinha seu dormitorio na Casa grande do terreiro da Procuração, a que chamavam o Galeão, o outro tinha o seu dormitorio mais para cima, á parte do Norte, junto das torres. *Perseveraram estes Collegios dentro do Mosteiro até 1544...*» (1) Se nos lembrarmos de que em 1527, D. Bento de Camões, tendo já tomado o habito em Santa Cruz, abraçou a reformação, e de que Simão Vaz de Camões, fugira para Coimbra com a côrte por causa da peste, é facil de admittir-se o ter Luiz de Camões seguido, como era costume entre a nobreza, estes estudos. A prova d'este asserto está nos versos a D. Bento de Camões, e nos nomes dos amigos do poeta que tambem alí foram escholares.

As relações de Luiz de Camões com D. Gonçalo da Silveira, filho do antigo poeta do *Cancioneiro* D. Luiz da Silveira, e com seu irmão D. Alvaro da Silveira, dataram por certo do tempo em que frequentaram as Escholas de Santa Cruz de Coimbra. Na *Chronica dos Conegos Regrantes,* falando-se de um membro d'esta illus-

(1) D. Nicoláo de S. Maria, *Op. cit.*, p. 300, t. II.

tre familia, se lê: «nasceu em Lisboa, onde estudou as primeiras letras, e como teve edade para as mais, o mandou seu pae estudar no Mosteyro de Santa Cruz, parece que lembrado da boa criação que seu tio o Padre *D. Gonçalo da Silveira* teve no mesmo Mosteiro, ou tambem querendo seguir o costume antigo dos Senhores do nosso Portugal o velho, os quaes mandavam a seus filhos, que haviam de seguir o estado ecclesiastico, ao dito Mosteiro de Santa Cruz a estudar letras e virtudes, como fez o Infante D. Luiz a seu filho natural o senhor D. Antonio, e o Duque D. Jaime a seus filhos o senhor D. Fulgencio e o senhor D. Theotonio, e o Marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, a seu filho D. João de Bragança; e o Conde de Portalegre D. João da Silva a seu filho D. Antonio da Silva; e finalmente o Conde da Sortelha a seu filho *D. Gonçalo da Silveira.*» (1) Este ultimo recebeu a immortalidade na epopêa dos *Lusiadas,* onde Camões fala do seu martyrio:

> Vê de Benomotapa o grande imperio
> De selvatica gente negra e nua,
> Onde *Gonçalo,* morte e vituperio
> Padecerá pela fé santa sua. (2)

D. Gonçalo da Silveira partira para as missões da India em 1555 e recebeu a palma do martyrio em 1560.

(1) *Op.* cit. p. 413.
(2) Canto x, est. 93.

No Soneto XXXVII, em que Camões torna a celebrar a memoria d'este seu amigo, fala d'elle como quem o conheceu com essa penetração que só se tem entre condiscipulos:

> Mais poderás contar a toda a gente
> *Que sempre deu na vida claro indicio*
> *De vir a merecer tão santa morte.*

O estudo das Artes, comprehendia exclusivamente a grammatica, que os Jesuitas desenvolveram até ao ponto da bestificação; o estudo da grammatica latina era feito por uma, escripta por D. Maximo de Sousa, e mandada imprimir por ordem de D. João III; a grammatica grega era ensinada por D. Heliodoro de Paiva. Pelo tempo em que floresceram estes dois professores, se vê que elles foram com certeza os mestres de Camões em Artes. Na *Chronica dos Conegos regrantes* se lê: «Em 6 de Outubro de 1544, levou o Senhor pera si o P. M. D. Maximo de Sousa, natural de Soure, filho de um fidalgo honrado da mesma villa, por nome Leonel de Sousa, e de sua mulher D. Anna de Macedo, natural de Santarem, e assi como foi nobre no sangue, o foi tambem e muito mais na virtude e nas sciencias. Foi o melhor grammatico e rhetorico do seu tempo, foi grande philosopho e mui consummado Theologo. Por occasião de ensinar grammatica a alguns principes e senhores d'este reino, que se criavam com o nosso habito no Mosteiro de Santa Cruz, compôz a primeira *Arte de Latim* e grammatica, que se imprimiu n'este reino por

ordem d'el-rei D. João, no Mosteiro de Santa Cruz, no anno de 1535, e *por ella se ensinou latim e Grammatica nas Escholas menores de Coimbra, muitos annos, e ainda depois, que se deram estas Escholas menores aos Padres da Companhia pelos annos de 1555,* ensinavam Grammatica pela Arte do Padre D. Maximo, até que o Padre Manoel Alvares compôz a Arte por onde agora ensinam. D'estas Artes do Padre D. Maximo ha ainda algumas na nossa Çongregação de Santa Crnz de Coimbra, (1668) e nós temos uma em nosso poder em grande estima. » (1)

Do estudo do grego, escreve o mesmo D. Nicolau de Santa Maria, ao falar de D. Heliodoro de Paiva, collaço de D. João III, filho de Bartholomeu de Paiva, Guarda-roupa e Vedor das Obras do reino, e de D. Filippa de Abreu: « Soube as linguas de Hebraico, Grego e Latim com toda a perfeição e as falava e escrevia como a lingua portugueza... Foi tambem grande escrivão de todas as letras, illuminava e pintava excellentemente. Era cantor e musico mui dextro, e contrapontista, compoz muitas *Missas,* e *Magnificat,* de canto de orgão, e motetes mui suaves; tangia orgão e craviorgão, com notavel ar e graça, tangia viola de arco e tocava harpa e cantava a ella, com tanta suavidade que enlevava os ouvintes. Compôz um *Vocabulario de Grego e de Hebraico,* que dedicou a El-Rei D. João III,

(1) *Op.* cit., p. 356.

e se imprimiu no Mosteiro de Santa Cruz em 1532.» (1) Nos Estatutos do Collegio de Santa Cruz estabelecia-se como costume, que era ignominioso a qualquer escholar o communicar em outra linguagem a não ser o latim ou o grego; (2) dava-se isto em 1536 e prevalecia ainda em 1550, como se vê por uma descripção manuscripta contemporanea: «ha grande concurso de estudantes, que continuamente conferem entre si, uns em grammatica, outros em rhetorica, outros em logica e philosophia, outros em santa theologia, outros em medicina da vida e saude humana reparadora; *e a todos é oprobrio fallar, salvo em a lingua latina ou grega.*» Na mudança dos Estudos para Coimbra em 1537, mandou D. João III edificar dois Collegios, junto ao Mosteiro de Santa Cruz, um á esquerda, outro á direita. O primeiro Collegio tinha cinco aulas em geraes ladrilhados e mui bem forrados de bôrdo, com suas cadeiras para os Mestres, feitas per grande arte; n'este Collegio se liam as lições de Theologia especulativa e Moral, da Sagrada escriptura e Canones. O segundo Collegio se chamava de S. João Baptista, e tinha cinco aulas e cadeiras em que se liam Leis, Medicina e Mathematica. As Artes, Rhetorica e Grammatica grega e hebraica, liam-se no Collegio de Todos os Santos.

Esta communicação com a antiguidade classica tornou-se uma vertigem. O Conde de Vimioso escrevendo

(1) *Op.* cit., p. 327.
(2) Jur., *Ob.*, t. I, p. 18 e 19.

a Ayres Telles, fala d'este exclusivismo como um contagio do tempo:

Estudaes e fugis de mim,
soes *Latino;*
que quedas dá o ensino
do latim.

Trazeis todo decorado
o *Metamorphoseos:*
eu trar-vos-hei assombrado
de rir de vós..
Coytado, triste de ti
homem mofino,
que foste nacer *em signo*
de latym. (1)

O estudo do grego tambem encontrava a mesma predilecção; João Rodrigues de Sá, que fôra discipulo de Angelo Policiano na Italia, deixou varios commentarios a Homero, Pindaro e Anacreonte. O seu parente Doutor Francisco de Sá de Miranda, anotava á margem o seu exemplar de Homero, livro precioso conservado em 1584 por Gonçalo da Fonseca de Castro. O illustre Ayres Barbosa, que trouxe á Peninsula o estudo do grego, e os filhos do Chanceller Dr. João Teixeira, tambem foram discipulos de Policiano. A cultura classica tornou-se um caracteristico da verdadeira fidalguia; nas Moradias da Casa de el-rei D. Manoel vem a lista dos mancebos nobres que estudavam grammatica á sua custa. Esta exagerada educação não era um facto natural;

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 121.

imitavamos a côrte franceza. Em uma Carta de Alciato, de 3 de Septembro de 1530, se vê que Francisco I entrara em contracto com um certo Julio Camillo, para aprender a falar grego e latim, tanto em prosa como em verso, com tanta elegancia como Demosthenes e Cicero, Homero ou Virgilio, e isto no espaço de um mez. Pela sua parte D. João III não pôde penetrar no latim; seus irmãos foram victimas da moda de falar-se em latim, chegando até a Infanta D. Maria e outras damas da côrte a apprendel-o e a fazerem traducções e a versificarem.

Na *Vida do Infante D. Duarte,* conta André de Resende: «Estando El-Rei que Deus tem, em Evora, quando eu vim de França e Flandres, no anno de 1534, fiz-lhe menção da erudição e virtudes do Licenciado Nicolau Clenardo, flamengo, que eu de Lovaina conhecia, e com quem me exercitava na lingua hebraica um pouco de tempo, e contratára entre elle e D. Fernando Colon, sevilhano, como se viesse a Hespanha, e logo com promessa que se el-rei se quizesse servir d'elle viria para este reino. Ora, ao tempo que eu vim, elle estava em Salamanca, já fóra D. Fernando, e lia n'aquella Universidade com muita honra e frequencia, dei conta d'elle a el-rei, que me parecia muito para mestre do Infante D. Henrique, que seguia o estado ecclesiastico. E que para principe tão religioso e virtuoso como o infante já era, como mais perfeitamente depois se demonstrou, não se acharia facilmente outro que mais conviesse. Quadrou isto a el-rei, e mandou-

me a Salamanca para o persuadir que viesse, e em nome de sua alteza assentasse com elle o partido que me parecesse rasoado e honesto. Eu o fiz assim e o trouxe commigo, e depois de beijarmos a mão a el-rei, o levei ao Infante D. Henrique para o mesmo; fez-lhe Clenardo uma breve fala, e o Infante me disse que lhe respondesse e dissesse quanto com sua vinda folgava. Eu por logo começar a desenvolver o Infante, lhe respondi: Senhor, bocca tem vossa alteza, ella por si lh'o diga, e pois ha de ser seu mestre não se acovarde a lhe falar em latim; o Infante assim o fez, que começou e ajudei-o eu. E pareceu-lhe tam bem o que eu fiz em o constranger a falar latim, que logo assentou, que d'ahi em diante como o mestre viesse e estivessem á lição, todos os presentes falassem latim. Muitos houve, que tinham opinião de letrados, que per não descobrirem o fio de quam mal sabiam falar latim, escolheram antes não ir á lição, nem entrar emquanto o mestre lá estivesse, e não é necessario nomeal-os. O Infante D. Duarte, como principe discreto, e que em publico não queria que se lhe enxergasse qualquer falta, me chamou a seu aposento e disse-me: Bem vistes como o Infante meu senhor poz lei que todos falassem latim; as lições se começarão d'aqui a trez dias; folgaria que se não enxergasse tanto em mim este defeito; qualquer afronta que por isso houver de receber seja antes aqui com vosco só. Alegrei-me em extremo e louvei-lhe muito isto e comecei logo a falar-lhe latim e a desempecer a lingua; foi a cousa de trez dias em maneira, que per-

dido o primeiro medo, se desenvolveu tanto que quando veiu a primeira lição fez espanto aos que tal não esperavam vêr, quam facil e não laboriosamente falava.» (1)

Vejamos agora quaes os livros por onde se estudava no seculo XVI.—Desenvolvimento material da memoria, era a lei suprema da pedagogia.

Sendo o Infante D. Duarte, filho de D. Manoel, já casado, teve por mestre André de Resende. Eis como este antiquario fala dos livros de ensino, e do systema de educação: «Liamos um tempo em Lisboa a *Dialectica,* e depois de lhe ter lidos os principios per a arte de Joanne Cetario, tornamo-nos a *Artes;* foi o Infante D. Henrique visital-o uma sésta estando nós em lição, levantei-me eu, e dava-lhe espaço pera pratica e conversação. Não, não, disse o Infante D. Henrique. Eu não quero interromper a lição, sentae-vos e prosegui. —Virei-me para o Infante: Vosso Irmão quer estar á lição, bom será que saiba quanto V. A. tem aproveitado com lho ouvir da sua bocca. Cerrou o Infante o livro e em latim competente lhe resumiu o tratado de Porphirio *De Predicabilibus* e as *Cathegorias* de Artes e *Perihermicas,* tão solta e desempachadamente, que o Infante seu irmão ficou atonito. Não é isto tanto quanto o que agora direi: liamos tambem o livro *De Offciis,* e leramos este dia o capitulo *De justicia.* Repetiu de cór assim como jaz e des que acabou lhe disse, agora este lho quero dizer ás versas. E começou da derra-

(1) *Op. cit.*, cap. 10.

deira palavra proseguindo até á primeira, sem titubear nem fazer intervallo.» (1)

Tambem vieram receber a educação classica no Mosteiro de Santa Cruz o filho natural do Infante D. Luiz, o celebre Prior do Crato, e os dois irmãos do Duque de Bragança D. Theodosio, D. Theotonio e D. Fulgencio.

Depois d'este quadro dos estudos antes da reforma da Universidade, é que se vê o alcance da fatalidade que pesou sobre Camões, por ter nascido em *signo de latim*. Seu tio D. Bento de Camões saíu eleito Prior Geral de Santa Cruz de Coimbra em 5 de Maio de 1539; em attenção ao grande desenvolvimento que os Conegos Regrantes davam aos estudos classicos, el-rei D. João III ordenou por Carta passada a 15 de Dezembro de 1539, que todos os Geraes da Congregação ficassem ipso facto Cancelleiros da Universidade de Coimbra. Foi portanto D. Bento de Camões o primeiro que se achou investido com esta supremacia nos estudos. Na *Chronica* de D. Nicolau de Santa Maria se lê: «Foi o Padre Prior geral D. Bento, natural de Coimbra, filho de Antonio Vaz de Camões e de D. Guiomar Vaz da Gama, e neto de João Vaz de Camões, que tem sua Capella em os Claustros da Sé da mesma cidade de Coimbra, com um tumulo levantado de marmore, todo lavrado de figuras de meio relevo... Seguiu o Padre Dom Bento as letras por ser filho segundo de Antonio

(1) *Op. cit.*, cap. 10.

Vaz de Camões, e tomou o habito de Conego regrante no Mosteiro de Santa Cruz antes da Reforma, e foi um dos Conegos que a acceitaram, e por isso e por sua qualidade, letras e virtude, muito estimado de El-rei D. João III, que festejou muito ser elle o primeiro Prior geral, e o fez tambem primeiro Cancellario da nova Universidade de Coimbra, por sua Carta dada em 15 de Dezembro do anno de 1539... » (1) Este facto basta para determinar o tempo em que Luiz de Camões entrou para as Escholas de Santa Cruz, se é que a edade dos doze annos com que se era admittido, não leva a fixar esta data em 1537. É de crer que quando Camões frequentou esses estudos levaria em vista dedicar-se talvez ao estado ecclesiastico. Em uma *Carta* manuscripta, achada pelo snr. Visconde de Juromenha, se confirma esta hypothese: «Tomei o pulso a todos os estados da vida, e nenhum achei em perfeita saude, *porque a dos Clerigos para remedio a vejo tomar mais da vida que da salvação da alma; a dos frades, inda que por baixo dos habitos, tem uns pontinhos, que quem tudo deixa por Deos, nada avia de querer do mundo...* » (2) A tradição conta que Luiz de Camões nos ultimos annos da sua vida comprazia-se em ir ouvir as theses de theologia moral ao Convento de S. Domingos; era um resto de affeição ás primeiras impressões que recebera. A influencia exercida por seu tio, tanto para o desenvolvi-

(1) *Ch. dos Con.*, liv. x p. 290.
(2) Jur., *Obras*, t. I, p. 17.

mento da sua intelligencia, como para a sua desgraça na côrte, são evidentes; D. Bento de Camões era um visionario, que contava apparições de D. Affonso Henriques, que jaz no Mosteiro de Santa Cruz; como Prior, propugnador dos interesses da sua congregação, tambem chegou a indispor contra si el-rei D. João III. Os primeiros versos de Camões foram dirigidos a seu tio; é uma Elegia á paixão de Christo misturada de mythologia, como usava a Renascença. A vontade de se mostrar erudito em cada verso accusam o prurído da adolescencia. Esta composição poetica é precedida de um Soneto dedicatorio, e encontra-se recolhida em um manuscripto de Luiz Franco Correia, que a si mesmo se chama «*companheiro em o estado da India, e muito amigo de Luiz de Camões.*» O manuscripto foi começado em 1547 e acabado em 1589; suspeitamos que n'este manuscripto se encontram muitas das poesias que formaram o *Parnaso de Luiz de Camões* que se perdeu. O Soneto é dirigido áquelle «a quem as Sacras Musas, nutrem e cibam de poção divina:»

> Este pequeno parto, produzido
> De meu saber e fraco entendimento
> Uma vontade grande te offerece;
>
> Se for de ti notado de atrevido,
> D'aqui peço perdão do atrevimento,
> O qual esta vontade te merece.

Tanto este Soneto, como o assumpto da Elegia a ninguem podiam quadrar melhor do que a D. Bento

de Camões, seu tio, que pelo caracter paternal e pela sua cathegoria ecclesiastica, não acceitaria qualquer composição amorosa. (1) O começo da Elegia allude a uma posição, que sem esforço se entende ser a de Prior geral:

> Divino, almo *Pastor*, Delio dourado,
> A quem de Amphrysio já viram os prados
> *Guardar formoso, rico e branco gado.*

N'esta Elegia, mostra Camões um alarde dos seus conhecimentos da mythologia, misturando-os com o sentimento christão, como quem já imitava Sanazarro e o Cardeal Bembo; ali se citam as *Nymphas,* as *Nove Irmãs, Timbreo, Phebo, Daphne,* a *Hesperia, Thetis, Xantho, Gallatea, Clio, Panopea, Doris, Zephyro, Phavonio, Clais,* o *Touro, Aquario, Piscis, Europa, Pellio, Ossa, Ema, Pindo, Atlante, Jupiter, Phlegra,* o *Acheronte.* E remata dizendo o logar em que escreveu esta composição, nutrindo a par do amor divino a anciedade de ser Homero ou Virgilio:

> Recebe, pão da vida, *este pequeno*
> *Sacrificio de mim, á sombra escripto*
> *De um alto freixo d'este valle ameno.*
>
> E dá-me tanta graça e tanto esp'rito
> Para que sempre louve, qual espero,
> O teu saber profundo e infinito.

(1) O snr. Visconde de Juromenha publicou estas peças: Soneto 349 e Elegia 29.

Tomára ser Virgilio ou ser Homero,
Somente no saber que foi divino,
Que ser o que elles foram não n'o quero. (1)

O triumpho da eschola italiana, inaugurada entre nós por Sá de Miranda, era definitivo; D. Manoel de Portugal, amigo de Camões, abraçára aquelle movimento litterario; o *atrevimento,* a que Camões se refere no Soneto acima citado, consistia no uso do verso *endecasyllabo,* e em abalançar-se a escrever em *tercetos* ou capitulo, como então se lhe chamava. Seria n'este remanso das Escholas que Camões leu os poetas italianos, que tanto o dirigiram nos Sonetos, e com certeza a este primeiro tempo se deve attribuir a traducção dos *Triumphos* de Petrarcha, cuja versificação vacillante indica o esforço que fazia para domar o metro endecasyllabo a que não estava acostumado. Nos *Commentarios* a esta traducção se vê os conhecimentos que tinha Camões da historia antiga; reproduziremos aqui sómente o que elle sabía da Tavola Redonda, que nos explicará mais tarde a comprehensão da lenda dos Doze de Inglaterra, e o que elle pôde alcançar ácerca da biographia dos trovadores provençaes, de quem tanto falava Sá de Miranda; por certo conheceria Camões a *Vida dos mais celebres e antigos Poetas provençaes,* publicada em 1515 por Nostradamus. O *Cancioneiro* de D. Diniz, descoberto em Roma no tempo de D. João III, despertou tambem a necessidade d'este conhecimento.

(1) *Obr.*, t. III, p. 265. Ed. Jur.

Traduzindo os *Triumphos* de Petrarcha, escreve Camões:

> Eis vem os com que o vulgo anda sonhando,
> *Lançarote* e *Tristam*, e os mais andantes,
> Lamentando seu error, e praticando
>
> Com Genevra e Iseu e outras amantes.
> E a copia de Ariminho ali geme,
> Do deshonesto amor assás pesantes. (1)

E no commentario, desenvolve as allusões, condemnando como erudito os poemas medievaes:

«Emfim lhe mostra os cavalheiros andantes e namorados, cuja historia não é escripta de bons poetas, mas de vulgares engenhos, e composta de vanissimas e viciosas ficções com que o vulgo anda sonhando, cubiçoso de ouvir suas grandes aventuras e fabulosas façanhas e deshonestos amores. A verdade he, que El-Rei Arthur de Bretanha, cheio de valor e de virtude, como principe magnanimo que era, recolheu em sua casa os mais valorosos cavalleiros que havia n'aquelle tempo, e continúadamente os fazia exercitar, assi na paz como na guerra, e foram chamados andantes e da Tavola Redonda; entre os quaes foi *Lançarote do Lago*, que amou a Rainha Ginevra, mulher de El-Rei Arthur, seu amo, e *Tristão de Leonis*, que foi muito namorado da Rainha Iseu, mulher de El-Rei Marcos de Cernovia, seu tio, e por seus amores fizeram ambos nas justas e nas batalhas grandes e louvadas provas. E com elles mostra as mesmas Rainhas, suas damas, e assi outros amantes da Tavola Redonda, que amaram outras bellas e amorosas damas.—*E a copia de Asiminho*, que he Paulo, filho de Malatesta, e Francisca, filha de Guido da Polenta, Senhor de Ravena, e mulher de Lançarote, irmão de Paulo, as quaes sendo accessos de egual amor, pela muita conversação que soe haver antre os cunhados; e podendo n'elles mais a força sensual, que o respeito da honra e da virtude, não se atrevendo a descobrir um ao outro, quiz a fortuna que se acertassem sós a ler por esta historia da Tavola Redonda em uma camara escura, e chegando a hum passo amo-

(1) *Obras*, t. v, p. 18.

roso e lascivo dos amores de Lançarote e Ginevra, accendeu-se n'ellas tanto a força do amor, que ardia secreto, que quasi fóra de si se abraçaram ambos, e ajuntando as boccas estiveram tanto espaço transportados na doçura do sensual apetite que não poderam deixar de ser vistos, e effeituando depois seu danado desejo e perseverando n'isso com menos resguardo que lhes convinha, o veiu a saber Lançarote, que tanto os espiou e com tão secretos modos, de cima de uma camara onde se communicavam, que os pode tomar juntos no auto, e atravessados ambos de um golpe os matou com uma lança.» (1)

As tradições da Tavola Redonda não podiam ser comprehendidas por um seculo que não achava o bello fóra da antiguidade classica. Vejamos agora como Camões renovava a memoria dos principaes trovadores da Provença. Eis os tercetos traduzidos:

Assi, ora a um cabo e outro olhando,
Vi ir n'uma florida e verde relva
Gente que de amor ia resoando.

Eis *Dante* e Beatriz, e a da Selva,
Eis *Cim de Pistoia*, e o gentil *Guidão*
Que de não ser primeiro ira leva.

Eis outros dous *Guidos*, que louvados são,
Honesto bolonhez, e os sicilianos,
Que soiam ir diante e detrás vão.

Senunchio e *Francisquim*, assás humanos,
E junto d'elles passava gram tropel,
De vulgares engenhos transmontanos.

(1) *Obras*, t. v, p. 110.

Antre elles o primo *Arnaldo e Daniel*
Gram poeta de amor, que a sua terra
Honrou seu dizer galante e donzel.

E aquelles que amor mui leve aferra,
Um e outro *Pedro*, e segundo *Arnaldo*,
E os que são vencidos em mór guerra.

Primeiro e segundo *Raimbaldo*,
Que cantou Beatriz em Monferrado,
E o velho *Pier d'Alvernia* com *Giraldo*.

Folguedo que a *Marselha* o nome ha dado,
E a Genova tirado, e no extremo
Trocou por melhor patria o estado.

Giaufre Rudel, que usou vela e remo,
Para buscar sua morte, e o *Guilhelmo*,
Que por cantar chorou no triste extremo.

Amerigo, *Bernardo*, *Hugo* e *Anselmo*,
E outros mil a quem a sua lingua,
Foi sempre espada e lança, escudo e elmo. (1)

Depois de se saber a communicação que no fim do seculo XV tivemos com os eruditos de Italia, não nos admira poder Camões escrever o commentario d'estes tercetos. Reproduzimol-o pela sua importancia litteraria e para se vêr o estado em que estava entre nós a tradição provençalesca:

«E mostra logo a *Dante e a Beatriz*, da qual elle cantou, porque além da sua Comedia celebrada, escre-

(1) *Obras*, t. v., p. 23.

veu Sonetos e Cantigas namoradas; e apoz elles a Selvagia e *Cino de Pistoia,* que d'ella escreveu; e *Guidão* de Arezo, *que de não ser primeiro ira leva,* dando a entender que, postoque fosse bom compositor, foi depois avantajado de Dante e de Cino.— *Eis outros dous Guidos,* os quaes no dizer foram louvados; hum he *Guido Cavalgante,* douto nos estudos da poesia e muito mais nos da philosophia; e o outro *Guido Guivizeli,* de Bolonha, de que ha algumas obras.— *E Honesto Bolonhez,* do qual se lê uma balata, que começa: «La partenza che foe dolorosa» e os *sicilianos* compositores, sem nomear nenhum, *que soiam ir diante,* primeiro nas rimas, e ora *detras vão,* por serem depois avantajados de muitos.— *Senunchio,* do seio florentino, *e Francisquim,* dos Albizos, de cujas composições se acha uma balata que começa: «Per fogir riprensione»; os quaes ambos foram tão cortezes, humanos e amorosos, como he notorio, amigos do poeta e do seu tempo.— *E junto d'elles passava gram tropel de vulgares engenhos transmontanos,* de diversos costumes e diversas linguas. *E antre elles o primo Arnaldo Daniel, grande poeta d'amor que a sua terra honrou seu dizer galante e donzel,* brando e amoroso. Foi este de um castello chamado de Ribarac, no Bispado de Peragos, que é em Provença, de nobre sangue, ornado de letras. Amou uma gentil dama da Gascunha, mulher de Guilhelmo de Bovilha, e sendo sempre d'ella contrariado celebrou nas suas rimas, pelas quaes antre os dezidores de Provença, foi no louvor o primeiro. — *E aquelles que amor muito leve afferra, hum e outro*

*

Pedro, sc. Pedro Vidal, que foi tão doudo e vão que cria e tinha por mui certo que quantas o viam todas o amavam, e de todas se gabava falsamente, até que o marido de huma donna honrada o mandou tomar e furar-lhe a lingua; e então se passou além do mar de Chipre, onde se casou com huma grega, metendo-lhe na cabeça que era neta do Imperador de Constantinopla, e que direitamente lhe pertencia a successão do avô; pelo que se tornou a Provença com determinação de fazer armada para ir tomar a posse do imperio. O outro, Pedro Nigeri de Avernia, que, sendo Conego de Claramonte, por presumir de dizedor, e querer andar na côrte, renunciou a conegia, e amou madama Nesmenguarda, valerosa e nobre senhora, que tinha côrte em Narbona, e por seu dizer galante foi d'ella muito amado e honrado, bem que no fim o despediram por certa presumpção que se teve de que não amava debalde.—*E segundo Arnaldo,* menos famoso; a differença de Arnaldo Daniel. E ambos foram de uma patria, mas desiguaes nas condições e na fama, posto que este tambem fosse muito bom dizedor; e não podendo viver em sua terra andou correndo muitas partes do mundo, e em cada logar se namorava de novo, e emfim amou e cantou a condessa de Burlas, filha do proconde Raimondo, e mulher do visconde de Beders, que foi chamado talha-ferro, e houve assás honra e proveito.—*E os que foram vencidos em mór guerra,* que são um e outro Raimbaldo; hum dos que foi senhor de Arvenga, e Coteson e outros castellos, valeroso cavalleiro e galante

compositor, e especialmente amou madama Maria Verde Folha, gentil dama provenciana, e por fama se namorou tambem da Condessa de Urgeil, filha do Marquez de Busca, que foi lombarda; as quaes ambas celebrou em suas rimas e foi d'ellas amado. O outro Raimbaldo, chamado por outro nome Pairops, foi hum pobre cavalleiro de Vacchieras, dado ao dizer em rimas e não muito sabedor. Viveu muito tempo honradamente na côrte do principe de Arvenga, e vindo depois a Monferrado esteve muitos annos em serviço do marquez Bonifacio, e amou e cantou madama Beatriz, irmã do Marquez, e mulher de Arrigo do Carreto; e por isso se diz *que cantou Beatriz em Monferrado.—E o velho Pier de Alvernia*, que foi natural do Bispado de Claramonte, de gentil engenho e singular doutrina; gentilhomem e gracioso, e no cantar excedeu a todos os transmontanos; mas era tão pagado de si e das suas obras que desprezava as dos outros compositores. Viveu largo tempo, e no extremo, feita penitencia de suas culpas, falleceu, deixando de si no mundo louvada opinião.—*Com Giraldo*, provençalmente chamado Gerault di Berveil. Este foi de hum castello de Limoges, e posto que de nascimento se achasse baixo e escuro, pelo estudo de polidas letras, e principalmente pela virtude de sua veia e engenho natural, se levantou e fez claro. Trazia sempre comsigo dous cantores que cantavam suas rimas pelas côrtes, e quanto podia ganhar e alcançar, que não era pouco, tudo dava á igreja da sua patria e a seus parentes pobres.—«*Folguedo*, filho de um mercador de

Genova, o qual ficando rico por morte de seu pae, e sendo de alto e gentil espirito, se deu á conversação e amisade de valerosos cavalleiros e foi havido em grande reputação de El-Rei Ricardo, e do Conde Raimondo de Tolosa, e muito mais de Baral de Marselha, seu senhor, cuja mulher elle amou e louvou muito em suas composições, posto que lhe fosse isenta e esquiva. *Que a Marselha o nome ha dado e a Genova tirado,* porque sendo genovez era chamado Folguedo de Marselha. *E no extremo trocou por melhor patria o estado,* sc., pela celeste, porque tanto que falleceu sua senhora, que elle muito amava e celebrava, tomou em tanto desgosto a vida, e a vaidade do mundo, que se metteu na ordem de Cister, com dous filhos que tinha, endereçando seu pensamento e obras ao verdadeiro fim; e sua mulher se fez tambem freira da mesma ordem.

« *Giaufre Rudel,* que foi senhor de Blaia, se namorou por fama da Condessa de Tripoli, e compoz em seu louvor muitas cantigas namoradas. *Que usou véla e rêmo para buscar sua morte,* porque forçado do desejo de ver exteriormente a que no interior tanto amava, e tinha no coração, se embarcou para Tripoli, e adoeceu na viagem de tão grande enfermidade, que quando chegou ao porto, o tinham por finado; e sabendo-o a Condessa mandou que lh'o levassem com muita diligencia, e tomando-o nos braços com lagrimas e palavras de verdadeiro amor o chamava pelo seu nome, e como se o amor lhe tornara a restituir os espiritos de novo, cobrou alento e pulso, e conheceu onde estava e quem o

tinha, e começou a fallar dando-lhe grandes louvores de tamanho galardão de seus trabalhos, mas logo nos mesmos braços da Condessa expirou, a qual ficou tão cortada d'aquelle acontecimento que renunciou o mundo e se fez freira.

«*E o Guilhelmo,* que alguns chamam *Cabestem.* Este foi um gentil-homem da terra do Rossillon, que he entre Catalunha e Narbona, e namorou-se muito da mulher de Raymundo de Castro Rossillon, de cujos amores alcançou o desejado effeito pelo valor de seu animo, e pela virtude e força de seu gentil engenho; e vindo á noticia do marido, pelas cantigas que em louvor d'ella cantava, se armou um dia com certos seus amigos e criados, e achando-o descuidado e com pouca companhia o matou e tirou-lhe o coração e mandou fazer d'elle um manjar, muito bem feito, e levou-o á mulher que comesse, e sabendo ella o que era o comeu de muito boa vontade, gabando e encarecendo muito aquella iguaria, e acabando de comer fez um voto que em sua vida não comeria outra por lhe não danar o gosto que d'aquella lhe ficava; e indignado o marido de tamanha constancia ou pertinacia correu a tomar a espada para a matar, e ella a se lançar por uma varanda abaixo, e em cahindo morreu. Foi este caso logo publicado pela terra, com gram fama, e sabendo-o El-Rei de Aragão, cuja terra era, foi em pessoa a Rossillon e fez prender a Raymundo, que falleceu na prisão e mandou-lhe derribar os seus castellos, e a mulher e o amigo fez sepultar juntos em uma sumptuosa sepultura diante da egreja

de Peripinhão, e mandou que todos os cavalleiros e damas d'aquella terra lhes celebrassem o annual todos os annos.

«*Amerigo*. D'este nome se acham dous rimadores: hum de Belengi de Bárdidions, de hum castello chamado a Espada, o qual amando madama Gentil, huma das damas da Gascunha, compoz por ella muitos versos galantes e namorados e acabou seus dias em Catalunha. O outro foi de Piguilhão de Tolosa, filho de hum mercador de Paris, cujo engenho, sendo assás disposto a dizer mal, todavia escreveu algumas cousas em louvor de uma dama patricia, e indo a Catalunha foi muito favorecido de El-Rei Affonso, por suas delicadas e graciosas cantigas, e falleceu depois em Lombardia.

« *Bernardo*. Este foi de pessoa assás bello e aprazivel, filho de um forneiro e muito namorado da mulher do Visconde Vent Dorus, hum dos Castellos de Limoges, de onde era natural, e cantou d'ella grandemente; e sendo descobertos seus amores lhe conveiu apartar-se, e foi-se á Duqueza de Normandia, moça, gentil mulher e amorosa, cujos louvores derramou em seus sonetos e cantigas que não foi sem galardão; casando-se ella depois com El-Rei Henrique de Inglaterra, foi elle a Tolosa ao Conde Raimundo, ante o qual esteve honradamente emquanto viveu o conde, e como falleceu, enfadado elle do mundo se fez frade.

« *Ugo* de Penna, natural de hum castello chamado Mon-Messat, situado no Genovez. Foi mais nomeado por cantar bem as cantigas alheias, que por fazer as

suas, e depois que consummiu no jogo o que tinha, se casou e casado falleceu.

«*E Anselmo* Faudite, que foi natural de Userta, terra de Limoges. Sendo seu pae muito ruim cantor sahiu á elle, e havendo pelo jogo e pela gula cahido em pobrissimo estado, andava com a mulher, que sabia bem tanger, cantando pelas côrtes.» (1)

Diante d'este importantissimo documento, conhece-se a verdade da affirmação de Lord Strangford, nas *Notas sobre a Vida e escriptos de Camões:* «He had studied and admired the poems of Provence.» Estava no espirito da sua educação erudita; o platonismo amoroso dos seus Sonetos não era só um resultado da passividade, mas um resto de culto pela tradição provençal. No Commentario dos *Triumphos,* vem citados onze Sonetos de Petrarcha para explicarem o pensamento do poeta; esses Sonetos foram conhecidos por Camões e alguns d'elles traduzidos na sua *Lyrica;* traz tambem explanações mythologicas, que mostram terem sido o primeiro impulso que recebeu a imaginação de Camões, como o Soneto de Leandro e Hero, de Jacob e Rachel, o mytho de Stratonice do auto de *El-rei Seleuco,* uma descripção da Ilha de Venus, a comparação de Canace, Baccho considerado como Deus da India, as cidades que disputaram o berço de Homero, o dito de Scipião, repetido na Carta I da India, e outras caracteristicas infalliveis que provam á evidencia pertencer esse ma-

(1) *Obras,* t. v., p. 120 a 123.

nuscripto, descoberto pelo snr. Visconde de Juromenha, a Camões. (1)

O gosto do seculo XV tambem levara os poetas de *Cancioneiro* a traduzirem os *Triumphos* de Petrarcha; foi esta mesma influencia que predominou nas primeiras tentativas poeticas de Camões, que n'isto seguia os habitos da aristocracia, ao passo que transigia com a eschola italiana. A primeira versão dos *Triumphos* de Petrarcha, que se fez na Peninsula, pertence a Alvar Gomes, e anda recolhida junto á *Diana* de Jorge de Monte-Mór; transcrevemos aqui as passagens correspondentes á versão de Camões, para se vêr como a tradição da eschola hespanhola accomodava ao metro de redondilha os tercetos de Petrarcha:

Mira las manos de *Iseo*,
Cata la reina *Ginebra*,
Que viene en tal devaneo
Que por cumplir su deseo
Mil vezes su fama quebra.
Lanzarote e don *Tristan*
Y el rei *Artur* y *Galvan*,
Y otros muchos son presentes
De los que dicen las jentes
Que á sus aventuras van. (2)

Turbaba-me en conocer
La fuerza y el gran poder
D'este amor tan triumfante
Que trajo à *Beatriz* y al *Dante*
Donde yo los pueda ver.
....

(1) Quando no cap. VII tractarmos da restituição do *Parnaso de Camões*, exporemos os argumentos que nos levam a esta convicção.
(2) Cap. II. Apud Gallardo, *Bibliotheca*, t. I, p. 618.

Viles ali que decian
La pena que padecian
Cuan doblada la sentian
. . . .
Al tiempo que la callabam.

Y vi la lengua dorada
Ya seca, toda arrugada,
Del buen *Cino de Pistoia*
Que solia ser anosoya
Del dios Apollo preciada.

Otros muchos sabios vi
De nuestros italianos
De los que yo conoci,
Sin lengua estaban alli
Atados de pies y manos.
Y aquel con cara serena
Que hizo llamarsela buena,
Amerigo, *Hugo*, *Arnaldo*,
Guidon, *Anselmo*, *Giraldo*,
Todos en una cadena.

Além d'esta influencia exercida pela poesia italiana no genio de Camões, importa ver agora a acção de seu tio, Geral de Santa Cruz de Coimbra; d'este escreve o *Agiologio lusitano:* «*Estando pois certo dia recitando algumas devoções, como costumava diante do sepulchro do Santo Rei Dom Affonso Henriques, lhe appareceu glorioso, dando-lhe as graças de quão excellentemente se havia portado no cargo.*» (1) O facto da visão de D. Bento de Camões, indica-nos como Luiz de Camões veiu a conhecer as lendas do fundador da monarchia, o milagre de Ourique, a fidelidade de Egas Mo-

(1) *Op.*, t. I, p. 32.

niz, a praga de sua mãe, que soube admiravelmente introduzir nos *Lusiadas,* por ventura conhecidas tambem pelas *Chronicas breves de Santa Cruz de Coimbra.* Foi a visão em 1542, em tempo que estava Camões para abandonar Coimbra.

Um outro facto, que não deixou de produzir sérias consequencias para o futuro do joven poeta foi o acontecimento de 14 de Agosto de 1539; um collegial do Collegio de Todos os Santos achou um grande thesouro debaixo das escadas que iam para a torre do Mosteiro de Santa Cruz; chamava-se Aleixo de Figueiredo, e ia-o subrepticiamente levando para casa de seu pae, por nome Nuno Borges. Sabido o successo, Dom Bento de Camões quiz que o thesouro pertencesse ao Mosteiro, e el-rei D. João III, queria pela sua parte apoderar-se d'elle, fiado na Ordenação. «Sobre este thesouro andou o Priol geral D. Bento em requerimentos e demanda com El-Rey, dizendo pertencer ao Mosteiro, mas deram sentença por El-Rei.» (1) Logo no anno seguinte, deu-se um novo conflicto entre o Prior e D. João III; em 20 de Outubro de 1540, vagaram as rendas do Priorado-Mór de Santa Cruz, por morte do Infante D. Duarte, irmão do rei; D. Bento de Camões, apoderou-se d'ellas a bem do seu Mosteiro, e D. João III appellou para o Papa Paulo III, que em 1541 mandou deferir essas rendas a seu filho bastardo D. Duarte. (2) Era da

(1) *Chr. dos Conegos Regr.*, p. 290.

(2) No *Summario de Varia historia,* do snr. Dr. Ribeiro Guimarães, t. III, p. 14, encontram-se os dados biographicos

familia do Camareiro-Mór do Infante D. Duarte a namorada do poeta, D. Catherina de Athayde, e tambem pertencia á casa do Infante, o maior inimigo de Camões, Pedro de Andrade Caminha. Com certeza estes apaniguados não se esqueceriam de lembrar ao monarcha o recente conflicto com o tio do poeta, que duas vezes ousou contradizer as pretenções regias. D. Bento de Camões morreu a 2 de Janeiro de 1547, como se vê nos livros de Obitos de Moreira de S. Jorge, e no de S. Vicente. (1)

Nas leis organicas da trasladação da Universidade de Lisboa para Coimbra, achamos varias disposições, prohibindo aos estudantes frequentarem as aulas e fazerem formatura sem terem seguido a matricula nos diversos annos. O rigor da lei mostra quanto este abu-

d'este infante; nasceu em 1521 de el-rei Dom João III e de D. Isabel Moniz, moça da camara da rainha D. Leonor, terceira mulher de Dom Manoel, e morreu a 19 de Novembro de 1543 no paço dos Estáos, de bexigas: «Este sujeito, em verdes annos teve todos estes beneficios: Prior-Mór de Santa Cruz de Coimbra, Abbade de Sam Miguel de Refoios de Basto, de Sam Bento, de S. Martinho de Caramos, e de S. João de Longavaros; succedeu a Dom Frei Diogo da Silva no arcebispado de Braga tendo apenas vinte um annos de edade, morreu porém antes de ser sagrado.—Principiou a escrever em latim a historia dos Reis de Portugal, de que o erudito Nicolau Antonio diz ter lido em Roma varios fragmentos; e D. Antonio Caetano de Sousa traz nas *Provas* da sua *Historia Genealogica* uma Oração que este Dom Duarte compoz e recitou no mosteiro da Costa, da ordem de S. Jeronymo, sobre o estudo e o amor da philosophia, que mostra bastante erudição e solido pensar.»

(1) Jur. *Obr.*, t. I, p. 488, not. 19.

so estava inveterado, chegando até a provarem a frequencia da formatura por testemunhas; é por isso que não se encontra o nome de Luiz de Camões nas matriculas antigas. Sobre este ponto escreve o snr. Visconde de Juromenha: «Consta-nos que no Archivo da Universidade de Coimbra existem matriculas muito antigas, que vão ao tempo da trasladação, e registo das formaturas; porém tendo-se ali procurado a do nosso Poeta *não se encontrou.*» (1)

O que parecia uma negligencia, explica-se hoje por um abuso, do qual por ventura se aproveitou Camões, como muitos dos seus contemporaneos. (2)

(1) *Ibid.*, t. I, p. x, not. 2.

(2) Em uma Carta regia de 3 de Novembro de 1539, se lê: «que alguns studantes se não querem assentar na matricula d'essa universidade... e os annos que cursarem não poderão provar por testemunhas,» etc.—E em uma Portaria de 18 de Março de 1540, achamos concedida licença a dous estudantes para provarem a sua frequencia por testemunhas, visto não estarem matriculados: «Reverendo Bispo Reitor Amiguo, eu el-Rey vos emvio muito saudar, vi a Carta que me escrevestes o que dizees como nã quizestes que se contassem os Cursos aos Bachareis que ora se querem graduar, senã aaquelles que se achavã matriculados segundo forma da provisão e Regimento que sobre ello passei: foi assi bem feito e assi ei por bẽ que se cũpra e guarde e porem pollas Rezons que na dita carta dais ei por bẽ que a Guaspar Antunes, scholar en leis, e a Luiz Daraujo studante en Canones, se receba prova de testemunhas pera elles provarem ho dito Guaspar Antunes trez annos que diz que studou nesse studo de Coimbra sem ser matriculado, e a Luiz de Araujo dous annos que outro si diz que studou no dito estudo sem se matricular, e provando os ditos cursos per testemunhas lhe sejã contados no numero dos cursos que hã de ter pera se graduarẽ de bacharees assi como se lhe contarã se estiverã matriculados. Anrique da Motta, a fez en Lixboa, a dezenove de março de mil quinhentos e quarenta.»

Na época em que Luiz de Camões deixou Coimbra, pode-se dizer qual era o estado dos dois Collegios de Santa Cruz, pelo que sabemos do anno de 1544. Era reitor no Collegio de S. Miguel, Francisco de Mesquita; collegiaes D. Antonio da Silva, que veiu a ser capellão de D. Sebastião; Manoel de Quadros, que morreu em Alcacer-kibir, e era irmão de André de Quadros, amigo de Camões; Manoel da Fonseca, que foi Corregedor da côrte e primeiro Juiz do Fisco; João d'Araujo, que foi Deão de Leiria; Manoel de Vide, que foi Desembargador do Paço; Manoel de Almeida, que foi Corregedor da côrte; Antonio de Barros, que foi Governador do Priorado do Crato.

No Collegio de Todos os Santos, que era dos estudantes honrados pobres, era Reitor Aleixo de Figueiredo, e collegiaes, Rodrigo Lopes de Carvalho, Francisco Pinheiro, Fernão de Brito, Antonio Serrão e João de Seixas, naturaes de Coimbra, Luiz de Castilho, filho de Diogo de Castilho, e Gonçalo Pires, filho de Duarte Pires, que foi mestre das obras dos dois Collegios. (1)

Foi ainda quando Camões estava em Coimbra, em 1542, que o Duque de Bragança D. Theodosio, vindo em romaria a S. Thiago, se agasalhou no Mosteiro de Santa Cruz, onde se demorou alguns dias. (2) A esta

(1) *Chr. dos Con. Reg.*, p. 301.
(2) *Ib.*, t. II, p. 298.

época attribuimos a composição do Soneto XXI, dirigido ao Duque:

> Ao nosso Portugal, *que agora vemos*
> *Tão differente do seu ser primeiro*,
> Os vossos deram honra e liberdade.
>
> E em vós, grão successor e *novo herdeiro*
> *Do Bragançâo Estado*, ha mil extremos
> Eguaes ao sangue, e móres que a edade.

Tinha então Camões dezoito annos, e estava já apto para poder moralisar ácerca dos costumes; é por isso que não nos conformamos com a opinião do snr. Visconde de Juromenha, que julga esse Soneto «*escripto aos onze annos da vida do Poeta, ou antes*» fundando-se em que a phrase *novo herdeiro*, não podia ser dita, muito além de 20 de Septembro de 1533, em que o Duque D. Jayme morreu. A esta visita a Coimbra do Duque D. Theodosio, (1) refere-se mais claramente o Soneto CCXXVII:

> Levantae, minhas Tagides, a frente
> *Deixando o Tejo* ás sombras nemorosas;
> ....
> *Fique um pouco de vós o rio ausente*
> ....
> *Vinde ver a Theodosio* grande e claro,
> A quem está offerecendo maior canto
> Na cythara dourada o louro Apollo.

(1) *Obras*, t. I, p. 16.

Minerva, do saber dá-lhe o dom raro,
Pallas lhe dá o valor de mais espanto,
E a Fama o leva já de polo a polo. (1)

Por estes versos, se vê que o Duque estava ausente da côrte; este Soneto por si fixa a data do antecedente. O Duque D. Theodosio aproveitou-se da sua passagem por Coimbra, para mandar seus irmãos D. Theotonio e D. Fulgencio para serem educados em Santa Cruz. Como vimos, era então moda a educação litteraria da aristocracia n'esse Mosteiro. Sobre este ponto, tambem escreve Cardoso, no *Agiologio lusitano*: «Pelo que muitos Princepes e Senhores d'este Reino, excitados pelo exemplo e singular virtude d'estes religiosos, os cumularam de grandes favores e beneficios, desejando muitos summamente, que seus filhos se criassem nos santos costumes, que alli se professavam. D'estes foi o senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, que depois foi Prior do Crato, e por morte do Cardeal D. Henrique, acclamado de muitos Rei de Portugal, dado que infaustamente; o mesmo foram aquelles dous principes da Casa de Bragança, D. Theotonio, que depois foi arcebispo de Evora, e D. Fulgencio, que entre outros opulentos beneficios, foi D. Prior de Guimarães.» (2) Pode-se affirmar que durante o tirocinio d'estes estu-

(1) *Obras*, t. II, pag. 114.
(2) *Agiol. lus.*, t. I, pag 41.

dos, Luiz de Camões contrahiu as principaes amisades, que o acolheram quando appareceu na côrte.

Durante os estudos, e talvez por occasião das ferias ou pelos festejos de algum doutoramento, escreveu Camões um Auto, da velha eschola de Gil Vicente, imitado de Plauto, intitulado os *Amphytriões*. (1) Sabendo-se do uso das representações dramaticas nos divertimentos academicos, que consistiam quasi sempre em tragedias de Seneca, ou em novas composições todas em latim, o Auto de Camões, em redondilha popular e em linguagem vernacula, só se explica como uma reacção turbulenta de eschola, que chasqueava por esse modo das cousas em que os graves doutores queriam ainda misturar o ensino. Nos *Amphytriões*, deixa o poeta vêr um vestigio por onde se conhece que lhe eram familiares os Autos, então em folha volante, de Gil Vicente; aí repete o celebre romance da tragicomedia de *Dom Duardos:*

> Voy-me á las tierras estrañas
> A dó ventura me guia.

Falando do uso dos centões, diz D. Francisco de Portugal, na *Arte de Galanteria:* «Que solamente le sufrimos en esto de valerse de versos, los que la antiguidad estableció aprobaciones, una vez en la vida, y otra en la muerte, dexando exceptuado por comission

(1) Vid. *Hist. do Theatro portuguez,* t. I, pag. 240.

particular el *Auto de Don Duardos,* en aquellas certezas echas de molde para successos materiales:

O que agoa tão sabrosa
Toda se me apresentó en el coraçon,
O responde como vistes
O vistes como respondes
Sagrada flôr en las flôres.

«y lo de Artada a Julian, para las criadas en las desperaciones, si mi cônsejo tomara no se iria, aunque con riesgo de que le succeda, como al (D. Juan de Silva, Conde de Portalegre) que trayendo por resposta dos versos de un Romance a una dama, dixo ella:—Oh que cansada cosa, discretos de cartapacio.» (1) Por aqui se vê quanto em verdes annos já Camões era versado na galanteria palaciana; um filho d'este Conde de Portalegre, tambem frequentou as escholas de Santa Cruz.

Em 1554, Ferreira referia-se ao uso das representações dramaticas pelos escholares em Coimbra; quando em 1551 o Prior do Crato acabou de estudar Philosophia e Metaphysica, e o Infante D. Luiz pediu ao Prior geral D. Francisco de Mendanha, que lhe désse o gráo de bacharel em Artes, houve uma grande festa dramatica: «Ordenou então o mesmo Prior geral, que este acto se fizesse com grande solemnidade. Para isto houve provisão de El-Rei D. João III, que podesse o snr. D. Antonio receber o dito gráo em Santa Cruz na

(1) *Art. de gal.*, p. 100.

Aula ou Geral em que se fazem os *Quodlibetos* e *Augustinianas*. E que seu mestre o Padre D. Braz lhe orasse no acto, e lhe pozesse as insignias de Mestre em Artes. *Ordenou mais para a tarde d'aquelle dia uma tragedia do* Gigante Golias *em latim, que representaram os Estudantes nobres da Universidade na Claustra da Portaria, que fica anterior ao Mosteiro.*» (1) «De tarde se representou a tragedia do *Gigante Golias* na claustra da Portaria, com grande apparato e se acabou com uma musica mui suave, cantando a córos aquella letra do triumpho de David, que teve do *Gigante:*

Saul percussit mille,
Et David decem millia.» (2)

Na linguagem popular portugueza ainda se encontra o nome de *Goliardo,* significando o rufião e frascario, derivado das tropelias que faziam os estudantes que representavam *Golias.* Lá diz o Chiado, na *Pratica de outo figuras:* «Em beber sou um *Golias.*» D'aqui se vê qual foi o motivo que fez com que Camões, ainda nos Estudos escrevesse o Auto dos *Amphytriões,* talvez para solemnisar o gráo de *bacharel latino,* que chegou a receber, como se deprehende d'estes versos do seu amigo André Falcão de Resende: «*A Luiz de Camões. Re-*

(1) D. Nicolau de Santa Maria, *Chron.*, liv. x, p. 183.
(2) *Ib.*, t. II, p. 319.

prehende aos que, despresando os doutos, gastam o seu com truhães:

Esta é, Camões, que quem escreve ou fala
Em numeroso verso, ou segue e usa
A poetica prosa, e quer ornal-a;

E o natural engenho applica á musa,
Alguma hora do pó se levantando,
Logo algum vil esprito o nota e accusa:

«Vedes, o triste (diz aos de seu bando)
«Que he *Bacharel latino,* e nada presta,
«É poeta o coitado, é monstro infando. (1)

N'esta Satyra, André Falcão de Resende retrata a situação do grande Camões, desprezado no meio da sociedade portugueza da ultima metade do seculo XVI; por tanto pode-se devidamente inferir, que é a Camões que se refere o epitheto de *Bacharel latino.* Camões assistira á reforma dos estudos em Coimbra; D. João III por Carta regia de 9 de Fevereiro de 1537 mandara que se lêsse desde o primeiro de Março de 1538. O explendor que apresentaram desde o começo inspiraram a Camões esta celebre outava dos *Lusiadas,* quando fala de el-rei D. Diniz:

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicona as musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.

(1) *Obras* de André Falcão, pag. 283.

Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberto Apollo aqui reserva;
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
De *baccharo* e do sempre verde louro. (1)

Um desastroso erro politico destruiu de repente a obra de tantos sabios. Dom João III mandou entregar o Collegio das Artes aos Jesuitas; (2) o afamado Diogo

(1) Cant. III, est. 97.

(2) «Consta por narrativa de hum Alvará del Rei Dom Sebastião, que El-Rey Dom Joaõ seu avó mandou entregar aos Padres da Companhia o edificio, casas e assento do Collegio das Artes, que tinha mandado fazer na Universidade de Coimbra, e lhe foy entregue no mez de Septembro de 1555, por Bartholomeu da Costa, Contador de sua casa.» *Ann. de D. João III*, p. 446.

Nas Memorias e Documentos, que Frei Luiz de Sousa reuniu para os *Annaes de Dom João III*, vem os seguintes apontamentos ácerca do Collegio das Artes:

«*Renda do Collegio das Artes:*

«O Collegio das Artes e Latinidade tem das rendas da Universidade .... 3$500 cruz.

«E no Almoxarifado de Coymbra até ser provido n'outra parte........................ 500 cruz.

4$000 cruz.

«Mais tem sete arrobas de cera pera a capella do collegio cada anno.

«Esta fazenda he com obrigação de terem continuos setenta Religiosos, a saber: dezoito pera Mestres, a saber quatro pera os quatro cursos de Arte; dez que tem dez classes de Latinidade e Retorica: hum que lê grego, outro Ebrayco; dous que ensinam a ler e escrever; hum Prefeito dos Estudos, *que no tempo dos Francezes se chamava Principal;* quatro sacerdotes, que se occupam em ouvir de confissões os estudantes, que se confessom pollo menos huma vez cada mez; doze

de Teive foi repellido do ensino, e a Grammatica do Padre Manoel Alvares começou a bestificar as intelligencias. O caracter de ensino litterario dos Jesuitas está lucidamente traçado n'estas palavras de Michelet:

«É deploravel vêr protestantes e livres pensadores (Bacon, Ranke, Sismondi, Auguste Comte, etc.) louvarem os jesuitas como mestres e excellentes *latinistas.* Elles tiveram um conhecimento superficial da antiguidade. Evidentemente, nunca leram nem conheceram os verdadeiros, os grandes eruditos do seculo XVI. Nas mãos dos jesuitas tudo se tornou frouxo e falso. Estas linguas masculinas e altivas, o que ficaram sendo nos seus Collegios? Quão molles e feminisadas. O seu reinado de *humanistas,* póde chamar-se com toda a verdade, o predominio da chateza.

«Nunca o diabo fará a obra de Deos. O mais que faz são contrafacções ignobeis e caricaturas. O fructo jesuitico, derivado da Italia corrupta, do grotesco idyllio de Tirsis e de Corydon, envenenou a Europa.» (1)

que com seu *Reytor* são necessarios pera officiays e serviço do Collegio; quatro moços de serviço e huma besta.

«Os que faltam pera cumprimento dos setenta da obrigação são muytos que estão prestes pera sustituirem quando adoecem os mestres; outros que estão pera examinadores dos que passam de humas classes pera outras; outros que vão estudando pera d'elles se fazerem mestres. Ha dois guardas que levam de salario 24$000 reis; hum porteyro, hum varredor, um tangedor do sino.» *Ann. de D. João III*, p. 454.

(1) Michelet, *Nos fils,* p. 149, 4.ª ediç.

Quando Camões saíu de Coimbra ainda o ensino não estava corrompido pela roupeta; ainda levava comsigo uma séria erudição que o não esterilisava, e as doces saudades das suas primeiras affeições, e dos sitios que melhor o impressionaram.

CAPITULO IV

Camões na côrte de D. João III

Epoca em que deixa os estudos de Coimbra. — Primeiros amores em Coimbra. — A cultura da erudição dá-lhe entrada na côrte. — A Academia da Infanta D. Maria: Angela e Luiza Sigêa, Paula Vicente, D. Leonor de Noronha. — Camões escreve a tensão de *Miraguarda*, depois de Francisco de Moraes ter dedicado o *Palmeirim de Inglaterra*, á Infanta D. Maria. — D. João III pede a Camões algumas cançonetas. — Galanteios com as Damas em Cintra. — A poetica palaciana no seculo XVI, segundo a *Arte de Galanteria*. — A anedocta de Jorge da Silva, apaixonado pela Infanta D. Maria. — Comparação com a lenda do Beato Amadeo. — Relações de Camões com D. Guiomar de Blaesfat. — Os amores no paço e o quietismo religioso. — Origem dos amores de Camões. — Como se achou o nome de D. Catherina de Athayde no anagramma de Natercia. — Homonymas de D. Catherina de Athayde. — Primeira perseguição de Camões, revelada nos Epigrammas de Pero de Andrade Caminha. — Camões confidente de D. Manoel de Portugal nos seus amores com D. Francisca de Aragão. — Ainda a poetica palaciana. — Camões sáe da côrte em 1546; visita João Lopes Leitão, e Miguel Leitão de Andrade. — A vida na provincia no seculo XVI. — A morte de D. Bento de Camões em 1547, faz com que Camões não vá a Coimbra e se demore no Ribatejo. — Determinação do logar do seu desterro. — O cêrco de Mazagão em 1547, provoca em Camões o desejo de militar em Africa. — Satyras contra a decadencia do valor portuguez em Africa. — Regresso de Camões a Lisboa em fins de 1549. — Caminha ridularisa Camões por ter perdido o olho direito. — Como Camões allude a este desastre. — Esperanças de se rehabilitar na côrte, em virtude da protecção que o principe herdeiro D. João prodigalisava aos poetas Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Fernão da Silveira, D. Simão da Silveira, D. Manoel de Portugal, Jorge de Monte-Mór, e outros muitos. — Camões acha-se desprezado na côrte. — Suas relações com Jorge de Monte-Mór, Estacio de Faria, Antonio Ribeiro Chiado. — Costumes da aristocracia portugueza no seculo XVI: os

rufiões de magustos e os modernos fadistas. — Camões era um dos principaes valentões da côrte. — Influencia d'este caracter sobre o seu amor. — Soneto em que Camões explica a origem dos seus desastres. — O arrancamento com Gonçalo Borges, criado de D. João III, na procissão de Corpus. — Protecção que encontra no Bispo de Viseu, D. Gonçalo Pinheiro. — Alista-se em 1553 para a India, como homem de guerra. — Suas ultimas palavras ao abandonar a patria.

Convém primeiro que tudo fixar o tempo em que Luiz de Camões deixou os estudos de Coimbra e veiu frequentar a côrte; porque, fixada qualquer data, as circumstancias historicas já conhecidas explicam-nos a sua vida. O Bispo de Viseu, D. Francisco Alexandre Lobo, determinava esta vinda entre 1544 e 1545, mas sem apresentar fundamento; (1) porém ao snr. Visconde de Juromenha coube o descobrir um argumento que nos approxima o mais possivel da verdade. Na Carta I, escripta da India, em 1553, diz Camões: «Porque, quando cuido que sem peccado que me obrigasse a *trez dias* de purgatorio *passei trez mil de más linguas,* peores tenções, damnadas vontades nascidas de pura inveja...» Estes *trez mil* dias correspondem a *outo annos* e outo dias; e diminuindo-os de 1553, vem a dar 1545; mas antes da partida para a India, esteve Camões em Ceuta *dois annos,* (2) e pelo menos um anno no desterro de Ribatejo. D'aqui se conclue que o poeta abandonára Coimbra em 1542.

(1) *Obras,* t. I, p. 31.
(2) Jur., *Obr.*, t. I, p. 25, e t. IV, p. 150.

Pela nobreza de seu nascimento, e pela sua completa educação litteraria, é de crêr que viesse Camões para a côrte, mais por calculo paterno do accrescentamento de seu filho, do que por intuito proprio de representação. Em uma côrte, onde havia o Infante D. Luiz, poeta e erudito, a Infanta D. Maria, protectora das boas letras, estadistas que tambem eram poetas, como o Conde de Sortelha ou o Conde de Vimioso, e condiscipulos das Escholas de Santa Cruz que andavam muito perto do throno e para quem choviam as graças regias, por certo que um mancebo como Camões, galante e atilado, tinha a esperar grandes vantagens, e podia-se afoutamente auspiciar-lhe um brilhante futuro. Mas a côrte, como a definiu Gil Vicente na *Romagem de Aggravados,* era um mar perigoso onde pesca muita gente; e já n'esse tempo Sá de Miranda accusava o erro economico de concorrer a Lisboa toda a fidalguia do reino. E estes perigos da côrte, vêmol-os mais claramente definidos por um amigo de Camões, o comico Antonio Ribeiro Chiado, no Auto intitulado *Pratica de outo figuras.* Aí diz:

Nam pode ser mór mofina
que se cego no peccado,
corpo de Deos consagrado
s'a mim o tempo m'ensina
porque vou ser enganado
bestial.
Oulha, conhece teu mal,
não te engane o bem do paço,
pois n'elle gastas o aço
e ficas no ferro tal.

*

É uma peçonha tal
esta que todos nos cega,
e é tinha que se apega,
e é mal que se não sonha,
quanto homem depois renega.
ha dez annos
que me mantenho de enganos
sem sentir lavrar os crepes
mui mais danados que serpes
e tudo para meus damnos.
Oh Paço! oh Paço! eu diria
que és thezouro de maldades,
pois nos gastas as edades,
no melhor da mancebia.
Quem cuidasse
ante que no Paço entrasse
o que hade ser ao diante,
certo que escolhesse ante
cousa com que se matasse.

Parece quasi que o Chiado retratava a sorte de Camões n'estes versos; não o ousamos affirmar, mas aquelle dizer «*ha dez annos, que me mantenho de enganos*» comprehende justamente a época, em que Luiz de Camões gastou a sua mocidade na côrte. Na comedia de *El-Rei Seleuco,* cita Camões no prologo o nome do Chiado; que impossivel haveria para que o Chiado por seu turno alludisse a Camões na *Pratica de outo figuras?*

Quando Camões veiu para a côrte, contava então dezouto annos de edade; as suas primeiras tentativas poeticas, fizera-as em Coimbra, aonde encontrara os primeiros amores. Extranho ás influencias palacianas, começou pelo metro endecassyllabo, pelos Sonetos, Eclogas e Canções, da nova eschola italiana, recentemente

introduzida em Portugal; no paço porém reinavam ainda as *Esparças,* os *Motes,* as *Endechas,* no antigo verso de redondilha, ao qual Ferreira teve tanto horror, que nunca poetou n'elle, chegando a dizer: «A *antiga trova* deixo ao vulgo.» Durante os seus estudos em Coimbra, viera Camões em algumas férias a Lisboa, como se deprehende do Soneto CXI; isto prova tambem que seus paes já haviam mudado de residencia; n'esse Soneto fala do seu regresso:

> Já do *Mondego* as aguas apparecem
> A meus olhos, não meus, antes alheios;
> Que de outras differentes vindo cheios
> Na sua branda vista inda mais crecem.

Camões voltava namorado de Lisboa; o primeiro amor que tivera em Coimbra, e do qual diz no Soneto CCLXIX:

> *Este amor*, que vos tenho limpo e puro
> ....
> *Em minha tenra edade começado,*

não chegou a ser comprehendido:

> Mas vêr-vos para mim, Senhora, *escassa,*
> *E que essa ingratidão tudo me engeita...*

Na Canção IV, em que descreve mais claramente ainda, que fôra em Coimbra aonde começara a amar, vem a sua despedida:

Oh quem me alli dissera
Que d'amor tão profundo
O fim pudesse ver eu n'alguma hora!
E quem cuidar pudera
Que houvesse aí no mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!

....

Mas a mór alegria
Que d'aqui levar posso
E com que defender-me triste espero
É que, nunca sentia
No tempo que fui vosso
Quererdes-me vós quanto eu vôs quero.

No Soneto CXXXIII, descreve Camões a partida de Coimbra, sentindo que o pensamento lhe vôa sempre para aquella terra aonde ledo vivêra:

Doces e claras aguas do Mondego
Doce repouso da minha lembrança,
Onde a comprida e perfida esperança
Longo tempo apoz si me trouxe cego.

De vós me aparto, si; porém não nego,
Que inda a longa memoria que me alcança,
Mas não deixa de vos fazer mudança
Mas quanto mais me alongo mais me achego.

Vinha Camões para a côrte em um estado de espirito em que qualquer galanteio o seduzia; tudo servia para exaltar o seu estro; o talento poetico que mostrava serviu-lhe de principal dote para parecer bem no paço.

Ainda embuido da erudição collegial, este mesmo defeito servia para o tornar mais estimavel. Na côrte havia a mania da erudição, como já o mostramos quan-

do historiámos a educação classica. Como todos sabem, do terceiro casamento de D. Manoel, nasceu a Infanta D. Maria, que D. João III quiz conservar na sua côrte, apesar dos esforços que empregou Francisco I para que fosse entregue á rainha viuva D. Leonor, com quem casára, e apesar do empenho que Carlos V mostrava em apoderar-se de sua sobrinha, para os seus planos politicos. Assim disputada e guardada, a Infanta, talvez por motivo de distracção, recebeu uma educação erudita; a propria rainha D. Leonor aconselhou-a a que estudasse latim; João de Barros conta que a Infanta D. Maria o estudára para resar os officios divinos. Em volta d'ella formou-se um centro litterario, com certo brilhantismo; aí figura a sympathica filha de Gil Vicente, a erudita Paula, que collaborára nos Autos de seu pae, que escrevera um livro de comedias por ventura representadas entre as damas do paço, que compozera uma Grammatica ingleza, (1) que era moça da Camara da rainha D. Catherina, e figurava nas suas Moradias com o assentamento de *tangedora*. Tambem figuravam em volta da Infanta D. Maria, as duas celebres eruditas Angela Sigêa e Luiza Sigêa, a quem tanto se recommendava o hellenista Ayres Barbosa, quando escreveu a André de Resende. Luiza Sigêa versificava em latim, grego e hebraico; d'esta dama, lê-se em Feyjó, no *Theatro critico:* «natural de Toledo y originaria de Francia, sobre ser erudita en la Philoso-

(1) Juromenha, *Obr.*, t. I, pag. 22.

phia y buenas letras, fué singular en el ornamento de las lenguas: porque supo la latina, la grega, la hebrea, la arabiga y la syriaca: y en estas cinco lenguas se diz, que escribió una Carta a Paulo III. Siendo despues su padre Diego Sigeo llamado á la corte de Lisboa para Preceptor de Theodosio de Portugal, Duque de Berganza, la Infanta Dona Maria de Portugal, hija del rey Don Manoel y de su tercera esposa Dona Leonor de Austria, que era muy amante de las letras, quiso tener en compañia à la sabia Sigea. Casó esta señora con Francisco de Cuebas, Señor de Villanasur, Caballero de Burgos, y tiene en Castilla, (segun refiere Don Luiz de Salazar en su *Historia de la Casa Farnesis)* mucha y clara succession.» (1) O Papa Paulo III tambem escreveu a Luiza Sigêa, agradecendo-lhe a dedicatoria do seu poema latino intitulado *Cintra.* A par d'esta dama figurava tambem a celebre Joanna Vaz, e ambas se encontram com assentamento nas Moradias da Casa da rainha D. Catherina, com o titulo de *Latinas,* e o ordenado de 6$000 reis. (2) A monomania do latim, que as damas da côrte estudaram por moda, encontra-se tambem em D. Leonor de Noronha, filha do Marquez de Villa Real, que traduziu em portuguez as *Eneadas* de Marco Sabellico; aí figurava tambem outra dama erudita, D. Leonor Coutinho «muito entendida e dada a livros de cavallerias, e compoz n'este

(1) *Theatro crit.*, t. I, Dial. 16, pag. 377.
(2) Jur., *Obr.*, t. I, pag. 31.

genero a *Chronica do imperador Beliandro,* que é muito estimada por seu elegante estylo e admiravel ideia» (1)

O gosto das novellas de cavalleria renovou-se na côrte, por causa da predilecção da Infanta D. Maria; quando Francisco de Moraes, secretario do Embaixador D. Francisco de Noronha, voltou a Portugal em 1543, dedicou á Infanta D. Maria a sua novella de *Palmeirim de Inglaterra*. N'esta obra escripta em França, onde então estava sua mãe a rainha D. Leonor, e a quem a Infanta escrevia Cartas em latim, encontra-se um episodio de *Miraguarda,* (2) que foi muito apreciado na côrte e sobre o qual se compozeram varias coplas que mereceram ser cantadas, e que tinham o nome provençal de *tensão*. Nas *Redondilhas* de Camões, escriptas na maior parte em quanto frequentou o paço, encontram-se uns versos de arte menor intitulados:

Á TENSÃO DE MIRAGUARDA:

Vêr e mais guardar
De vêr outro dia
Quem o acabaria?

Seriam estes tres versos os que se cantavam então na côrte; Camões escreveu estas lindas coplas:

(1) *Cedatura Luz.*, t. III, fl. 269. Ms. 443 da Bibl. do Porto.
(2) *Palmeirim*, cap. 60, 71.

Da lindeza vossa,
Dama, quem a vê,
Impossivel é,
Que guardar se possa.
Se faz tanta móssa
Vêr-vos um só dia,
Quem se guardaria?

Melhor deve ser
N'este aventurar
Vêr e não guardar,
Que guardar e vêr.
Vêr e defender
Muito bom seria,
Mas quem poderia? (1)

O celebre Raynouard traduziu esta ultima copla em provençal, alterando sómente a terminação das palavras; (2) isto prova quanto Camões se approximou da fórma provençal da *tensão*. No Commento aos *Triumphos* de Petrarcha já se viu quanto elle conhecia os trovadores. Francisco de Moraes frequentava a côrte litteraria da Infanta, e D. João III lhe deu em recompensa da sua novella, o apellido de Francisco de Moraes *Palmeirim*. Camões, citando o romance de *D. Duardos* de Gil Vicente, e a *tensão* de *Miraguarda*, de Francisco de Moraes, seguia e lisongeava a moda da côrte, que se comprazia com as novellas cavalheirescas do cyclo dos *Palmeirins*. Era entre os arvoredos de Cintra, cantada no poema de Luiza Sigêa, que Camões escrevia estas cançonetas, algumas das quaes foram pedidas

(1) *Obras*, t. IV, p. 124.
(2) *Introducção á Hist. da Litteratura portugueza*, p. 114.

por el-rei D. João III, como se deprehende d'esta passagem da Carta II: «E porque não digaes que, não sou gente fóra do meu bairro, vêdes, aí vae uma Volta, feita a este Mote, que escolhi da manada dos engeitados, e cuido que *não é tão dedo queimado, que não seja dos que El-Rei mandou chamar;* o qual fala assi:

> Não quero, não quero
> Jubão amarello...»

Esta phrase *tão dedo queimado,* refere-se á locução *fazer versos á candêa,* já no seculo XVI empregada pelo Chiado, na *Pratica de outo figuras:*

> Ri-se elle de João de Mena,
> e é assi que *sem candêa*
> *fará coplas* como area,
> sem vos chegar nunca pena,
> por onde vejo que é vêa.

D'estas galanterias passadas em Cintra com as Damas, escreve o commentador quasi contêmporaneo de Camões, D. Marcos de S. Lourenço: «Estas Nayadas *eram as damas do paço, as quaes se iam recrear áquellas florestas* (de Cintra) *com as Rainhas de Portugal, emquanto Deos quiz que elle gosasse d'estes mimos,* dos quaes porque não soube usar veiu a carecer d'elles.» (1) Em quanto Camões assim gastava a mocidade, estava

(1) Apud Juromenha, *Obras*, t. I, p. 32.

D. João de Castro recolhido na sua quinta de Cintra, escrevendo em 1543 o *Roteiro do Mar Roxo,* que dedicou ao Infante D. Luiz. Este contraste sério não deixaria de suscitar em Camões o genio cavalheiresco e o impulso da navegação.

As damas da côrte tambem poetavam, e davam principalmente os Motes, que eram glosados nos serões; mas este costume decaíu no tempo de D. João III, a ponto de se lêr na *Arte de Galanteria,* que era esta uma prenda que ficava bem a uma dama: «que haga una *endexa* y una *redondilla,* y que sepa responder a un *mote,* y aunque haga algunas, sera cosa asás lucida, sin que las escriva en hojas de arboles, como los oraculos, ni profetisen como las Sybillas, seran estimadas como profecias y respetadas como oraculos. En todolos tiempos florescieran grandes ingenios en mugeres, no desdize la pluma del Aguila, que tambien se buela con ella como con la espada, aunque la *Senhora D. Maria de Portugal,* que igualó en lo mas la virtud y el entendimiento, que solo es discreta quien es santa, excellentissimamente dixo;

Se soubera fazer trovas,
De que me satisfizera
Inda assi as não fizera.

«Pero enquanto Damas, no le aprovamos mas estudio, que antes le tomara rebolviendo unos jazmines que uno Tito Livio, rociando con agua de ambar que no

sudando con una Arte poetica de Escaligero.» (1) Tinha rasão este grande mestre da Galanteria do paço; apesar da pesada erudição das damas da Infanta D. Maria, a belleza pôde mais e fez muitas vezes quebrar a etiqueta aulica. Camões no celebre mote alheio, que glosou:

> Perdigão perdeu a pena,
> Não ha mal que lhe não venha,

refere-se a uma d'estas interessantes anedoctas da côrte, que ficaria ignorada, se um curioso genealogista a não recolhesse em um livro de Linhagens, offerecido em Fevereiro de 1649 pelo Prior do Hospital do Beato João de Deos do Monte-Mór a Manoel Severim de Faria. N'esse precioso manuscripto, intitulado *Quarta parte das Familias nobres de Portugal,* se lê: «Silvas — Casa do Regedor. *Jorge da Silva,* filho terceiro do Regedor João da Silva, irmão de Diogo da Silva. Casou com D. Luiza de Barros, filha herdeira de João de Barros e de D. Philippa de Mello, de quem não teve filhos. Foi fidalgo de grandes brios e altivos pensamentos; *sendo moço namorou a Infanta Dona Maria, filha de El-Rei D. Manoel, e fez taes extremos que, chegando á noticia d'El-Rei D. João III, irmão da Infanta, o mandou prender no Limoeiro, onde esteve o tempo que pareceu*

(1) *Arte de Galanteria,* p. 43.

bastante para seu castigo; e a esta prisão e amores fez Luiz de Camões umas Voltas áquella cantiga velha:

Perdigão perdeu a penna, etc.

« *que começam:*

Perdigão, que o pensamento,» etc. (1)

Estas Voltas lidas á luz de tão importante revelação despertam um interesse real, e nos mostram que é nas *Redondilhas* que se encontram os principaes documentos para a vida de Camões durante o tempo que frequentou o paço. As Voltas alludem á temeridade da paixão de Jorge da Silva:

Perdigão — que o pensamento,
Subiu a um alto logar
Perde a penna de voar,
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Azas com que se sustenha:
Não ha mal que lhe não venha.

Quiz voar a uma alta torre,
Mas achou-se desasado;
E vendo-se depennado
De puro penado morre.
Se a queixumes se soccorre,
Lança no fogo mais lenha:
Não ha mal que lhe não venha. (2)

(1) Apud Juromenha, t. IV, p. 452.
(2) *Obras*, t. IV, p. 79.

Mais tarde quando Camões se viu fóra da côrte, perseguido tambem por causa do seu amor, como que se lembrava d'esta sua satyra, e escreveu na Carta II, da India, outra glosa ao antigo adagio:

> Em um mal outro começa,
> Que nunca vem só nenhum;
> E o triste que tem um,
> A soffrer outro se offereça;
> E só pelo ter conheça
> Que basta um só que se tenha
> Para que outro lhe venha. (1)

Os amores de Jorge da Silva pela Infanta D. Maria têm uma certa analogia com a lenda de Beato Amadeo, chamado no seculo D. João da Silva, que se apaixonou pela Imperatriz D. Leonor, filha de D. Affonso V. Aqui resumimos essa maviosa tradição, que não deixaria de influir no enlevo do filho do Regedor: (2)

«Chamado antecedentemente D. João da Silva, foi filho de Ruy Gomes da Silva, famoso fronteiro em Ceuta, e depois Alcaide Mór de Campo-Mayor e Ouguella e senhor da Chamusca e Ulme, e de D. Isabel de Menezes, filha do nosso segundo Conde de Vianna e primeiro de Villa-Real, D. Pedro de Menezes, primeiro Governador de Ceuta. N'esta cidade nasceu D. João e sua irmã D. Brites ou Beatriz da Silva, conforme al-

(1) *Obras*, t. V., p. 225.
(2) Jorge da Silva tambem foi cantado em um Soneto de André Falcão de Resende (*Obr.*, p. 91.) Tambem o cita Frei Luiz de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, Part. I, liv. III, cap. 30.

gumas noticias, e conforme a outro na de Evora, onde um e outro se educaram debaixo da tutella de seu tio João Gomes da Silva; . . . seu irmão depois de se applicar ás lettras humanas e áquellas artes dignas do seu nascimento, entrou a servir no paço do nosso rei D. Duarte, onde tendo muitas occasiões de ver a Infante D. Leonor sua filha, se arrebatou tanto da sua rara formosura, que entre os limites do respeito devido a tam soberana pessoa, lhe consagrou todas suas venerações e pensamentos: o que explicou engenhosamente tomando por empreza um Falcão volante com as letras *Ignoto Deo*. Assim viveu algum tempo D. João contente com poder vêr e venerar aquelle luzido sol, mas chegado o anno 1449, vendo-o promettido ao Imperador Frederido III, e que se ausentava para diverso horisonte, se contemplou cego e desesperado; mas sabendo que estava destinada para camareira-mór da nova Imperatriz sua tia D. Guiomar, Condessa de Villa Real, se aproveitou da occasião de tão boa companhia para poder sem nota fazer a jornada de Italia, para onde a Imperatriz se partia.» (1)

Embarcou-se D. João em Janeiro de 1452, acompanhou-a até Sena, onde a esperavam Frederico III, Ladislau rei de Hungria, e Alberto archiduque d'Austria; e quando assistiu em Roma, ao casamento pela mão do Pontifice, mudou de nome em *Amadeo*, e vestido de sayal entranhou-se no Apennino, fazendo vida peni-

(1) *Evora gloriosa*, p. 236 e 422.

tente com os Monges de S. Jeronymo. Fez-se depois frade franciscano, em um Conventiculo que fundou de N. S. da Paz; Sixto IV o chamou a Roma. Morreu a 10 de Agosto, de 1482.

Camões era versado nas tradições poeticas da historia de Portugal; e n'esse seculo de devoção aristocratica é natural que esta lenda ainda se contasse na côrte. Camões tinha relações com a familia de Jorge da Silva; isto se vê nas Outavas, que tem por titulo: «*Petição feita ao Regedor, de huma presa no Limoeiro da Cidade de Lisboa, por se dizer que fizera adulterio a seu marido, que era na India, feita por Luiz de Camões.*» (1) O Regedor era João da Silva pae do enamorado da Infanta D. Maria, que por esse facto estivera tambem no Limoeiro. Apesar de Faria e Sousa não attribuir essas Outavas a Camões, o snr. Visconde de Juromenha insiste em que lhe pertencem, porque «*tinha relações intimas com a familia do Regedor.*» (2) N'essas Outavas, diz:

> O nome, o braço, a Musa, e quanto posso
> Ha já muito, Senhor, que é tudo vosso.

Por esta *Petição* tambem se vê a importancia que achavam em Camões, pelas altas relações que frequentava; a *Petição* é só jocosa no titulo, mas humana no sentido:

(1) *Obras*, t, II, p. 338.
(2) *Ib.*, p. 563.

Olhae, que tem, senhor, uma menina
Do ausente consorte e filha sua,
Muito desamparada e pequenina
Fóra do natural, despida e núa...

É possivel que o nome da desgraçada presa do Limoeiro influisse na boa vontade da *Petição;* o seu nome lembrava-lhe o de uma das mais formosas damas do paço:

Ouvi da pobre *Dona Catharina*
O grande desamparo inopinado...

Como já vimos, a Infanta D. Maria era devota, e como tal alheia a todos os sentimentos da realidade e da natureza; para comprazer com este caracter, Camões escreveu o poemeto de *Santa Ursula* que lhe dedicou:

Serenissima Infante, produzida,
Do grão Tronco real, sublime planta;
No titulo, nas obras e na vida
Retrato natural de Ursula Santa.
D'esta virgem, tambem de reis nascida,
Ouvi com ledo rosto o que se canta;
Dae o sentido um pouco a tal sujeito,
Não lhe tire seu preço o meu defeito. (1)

Camões comparando a Infanta D. Maria á Virgem que cantava, estava assim a lisongear todas as damas que formavam a sua casa. Quasi todas ellas lhe pediam versos ou lhe davam motes para elle glossar; D. Fran-

(1) *Obras,* t. II, p. 319.

cisca de Aragão, sobrinha do celebre governador da India Francisco Barreto, a qual pedia versos a Pedro de Andrade Caminha, tambem deu a Camões este mote:

Mas porém a que cuidados.

Cumpria-se então á risca este uso, que mais tarde D. Francisco de Portugal aconselhava ás damas, na sua *Arte de Galanteria:* «Lea versos que le hizieren, que las licencias poeticas han assegurado este genero de razones, pues le quitaron el credito; y cosa fue assas festejada de un galan, que no queriendo acetal-as la Dama, le embió el parecer de un Monge muy conocido por escrupuloso letrado, que en conciencia estava obligada a leerlos, considerando que se los hizo le custó el pensarlos, y se no los hizo le custó el pedilos.» (1) Por este voto do consummado palaciano se descobre o contagio do fanatismo que entristecia a côrte; o espirito livre de Camões tinha de luctar com este poder das trevas.

Os versos de Camões a D. Guiomar de Blaesfet, são tambem uma prova de que tinha relações com as damas da Infanta D. Maria; era esta dama filha de Francisco de Gusmão, *Mordomo-Mór da Infanta D. Maria,* e de D. Joanna de Blaesfet, que viéra para Portugal em 1524 com a rainha D. Catherina. D. Joanna de Blaesfet viéra no mesmo séquito com D. Maria Bócca-

(1) *Arte de Galanteria*, p. 42. Ed. 1683.

Negra, e casára egualmente em Portugal; por isto se vê que D. Guiomar seria pouco mais ou menos da edade de D. Catherina de Athayde, e confidente dos seus amores. Na rubrica de uma Volta de Camões: «*A D. Guiomar de Blaesfet, queimando-se com uma vela no rosto,*» se explica o accidente que o levou a dedicar-lhe os primeiros versos: (1)

Amor, que todos offende,
Teve, Senhora, por gosto
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas accende.

O Soneto XXXIX em que celebra Camões a mesma peripecia do serão do paço, foi escripto logo que começou a frequentar a côrte; Faria e Sousa dava-o como escripto em 1540. Aí diz:

O fogo que na branda cêra ardia
Vendo o rosto gentil, que eu na alma vejo,
Se accendeu de outro fogo do desejo
Por alcançar a luz que vence o dia.

E termina com este formosissimo remate:

Namoram-se, Senhora, os Elementos
De vós, e queima o fogo aquella neve
Que queima corações e pensamentos.

D. Guiomar veiu a casar com D. Simão de Mene-

(1) *Redondilhas*, t. IV p. 53.

zes, que morreu em Alcacer-kibir. (1) Seriam os versos de Camões « *A huma dama mal empregada.* » (2)... resentimento de galanteador? E aquelle Mote, que traz por epigraphe: « *A huma Dama com quem queria andar de amores — se não fôra afeiçoada ao outro* » (3) revela-nos as decepções que ía encontrando no meio dos seus platonicos galanteios.

Os amores do paço receberam uma transformação profunda, desde que D. João III se deixou absorver pelo partido clerical; até ao reinado de D. Manoel, vemos as intrincadas questões de amor que se ventilavam nos serões da côrte; alludia-se muitas vezes *á lei de França,* que era então imitada n'estas galanterias. Em uma memoria franceza, do principio do seculo XVI, a que allude d'Hericault na vida de Marot, vemos descripto este sentimento, que estava então convertido em uso palaciano: « N'este tempo havia um costume, e era, que ficava mal aos mancebos de boas familias o não terem uma amante, a qual não era escolhida por elles nem tampouco pela sua affeição, mas eram-lhes dadas por alguns parentes ou superiores, ou ellas tambem escolhiam aquelles por quem queriam ser servidas na côrte. » (4) Na côrte portugueza os cavalleiros costumavam offerecer palafrens arreiados ás damas, e leval-as a passear; e os amores começavam de ordinario pelos es-

(1) Sousa, *Historia geneal*, t. XIII, p. 799.
(2) *Obrs.* t. IV, p. 71.
(3) *Ib.*, p. 442.
(4) Apud *Oeuvres de Marot*, XXXIX. Ed. 1867.

ponsaes, celebrados em edade em que os namorados não haviam tido consciencia d'esse contracto dos interesses de familia. Quando Camões veiu para Lisboa, em vez do espirito cavalheiresco reinava o escrupulo dos canonistas, em vez das digressões em volta de Almeirim e das romarias festivas, frequentavam-se as egrejas e segredava-se no confessionario. Camões escreveu umas Coplas: *A uma senhora rezando em umas contas:*

Peço-vos que me digaes
As orações que resastes,
Se são pelos que matastes,
Se por vós que assi mataes?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas? (1)

As cinco estrophes d'estas redondilhas são de uma graça e finura admiraveis; o amor do paço ao ir surprehender o enlevo mystico no templo caíu no *quietismo* voluptuoso dos conventos do seculo XVII. Outras coplas de Camões, *A uma Senhora resando,* recolhidas nos manuscriptos de Faria e Sousa, são a primeira quadra acima transcripta, glosadas como commentario ao mesmo pensamento. (2) Na *Arte de Galanteria,* já D. Francisco de Portugal avisava as damas: «ni en la tribuna haga demasiado ruido con las cuentas, que no parecerá que reza devota, si no que llama devotos.» (3)

(1) Tomo IV, p. 40.
(2) *Ib.,* p. 165.
(3) *Op. cit.,* p. 43.

Foi tambem em uma Egreja que Luiz de Camões se sentiu enamorado por uma formosa dama da Rainha D. Catherina; impressionado com as tradições dos amores de Petrarcha, que elle conhecia pela communicação directa da poesia italiana, procura *imitar* os mesmos accidentes d'esse erotismo mystico da Renascença.

A primeira confissão do seu amor foi quasi uma traducção do Soneto III de Petrarcha:

> *O culto divinal se celebrava*
> *No Templo* donde toda a criatura
> Louva o Feitor divino, *que a feitura*
> *Com seu sagrado sangue restaurava.*
>
> *Amor ali*, que o tempo me aguardava
> Onde a vontade tinha mais segura,
> *Com uma rara e angelica figura*
> *A vista da razão me salteava.*
>
> Eu crendo que o logar me defendia
> De seu livre costume, não sabendo
> Que nenhum confiado lhe fugia,
>
> Deixei-me cativar: mas hoje vendo,
> Senhora, que por vosso me queria
> Do tempo que fui livre me arrependo. (1)

Faria e Sousa deduz d'aqui que o começo da paixão fôra em sexta feira santa; e commentando a Canção VII, estancia segunda:

> *No Touro entrava Phebo, e Progne vinha,*
> *O corno de Acheloo Flora entornava;*

(1) Soneto LXXVII.

Quando o amor soltava
Os fios de ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vento esquivas; etc.

N'esta Canção VII, Camões excede por vezes tudo quanto a linguagem humana póde alcançar para exprimir o sentimento do amor; Faria, sempre attento a todas as pequenas circumstancias que escapavam ao poeta, deduz d'esta estancia segunda que o amor começára no mez de Abril, que é quando o sol entra no signo de Tauro; e que a sexta feira santa caíra dois dias depois da entrada do sol n'aquelle signo, isto é a 12 de Abril. Apesar do Soneto LXXVII ser uma imitação de Petrarcha, póde perfeitamente exprimir uma realidade do sentimento de Camões, pelo que se sabe do espirito litterario do seu tempo; mas no *Manuscripto* de Luiz Franco Correia, amigo de Camões, vem outro Soneto, aonde se conta esse eterno episodio da vida:

Todas as almas, tristes se mostravam
Pela piedade do Feitor divino,
Onde ante o seu aspecto benigno
O devido tributo lhe pagavam:

Meus sentidos então livres estavam,
Que até hi foi constante o seu destino;
Quando uns olhos, de que eu não era dino
A furto da rasão me salteavam:

A *nova vista* me cegou de todo,
Nasceo do descostume a extranheza
Da suave e angelica presença.

Para remediar-me não ha hi modo?
Oh por que fez a uma Natureza
Entre os nascidos tanta differença? (1)

Por este Soneto se descobre que a dama já lhe era conhecida: mas uma *nova vista* perturbou a rasão pelo descostume, que então lhe fez sentir a differença entre os sêres, quando a natureza é una e absoluta. O logar aonde teve origem este puro amor, foi na Egreja das Chagas, em Lisboa, como se infere do Soneto CXXIII:

A *chaga* que, Senhora me fizeste
Não foi para curar-se em um só dia;
Porque crescendo vae com tal porfia
Qu'e bem descobre o intento que tivestes.

Esta é a opinião de Barreto Feio; (2) no *Manuscripto* d'onde Faria e Sousa recolheu este Soneto, trazia a rubrica «*A uma Freira das Chagas,*» e embora o commentador julgue que não fôra composto a tal assumpto, comtudo da rubrica infere-se a allusão do primeiro verso. A Canção VII, que Faria julga ter sido um primeiro esboço da antecedente, aonde a verdade e a poesia se alliam no accordo mais sublime, tambem traz outra allusão á época em que esses amores começaram:

Tornava do anno já a primeira edade,
A revestida terra se alegrava,
Quando o amor me mostrava
De fios de ouro as tranças desatadas
Ao doce vento estivo; etc.

(1) Juromenha, *Obras*, t. II, p. 152. (Son. 303.)
(2) Edição de Hamb., t. II, p. XXXVI.

Até aqui ainda o poeta não ousára declarar o nome da sua amante; lembrado do estylo da eschola bucolista, que anagrammava os nomes, como *Crisfal* e *Bimnarder,* esses grandes mestres do amor, Camões tambem deixou escapar o anagramma mysterioso de *Natercia,* com que velava o ideal d'onde lhe nascia a verdadeira inspiração. Á maneira do pastor Corydon, de Virgilio, que sob a ardente calma procura Alexis, assim o pastor *Lizo* (Luiz) procura aquella por quem o écco responde: Pouco te ama:

> Quando *Liso*, pastor, n'um campo verde
> *Natercia*, crua nympha, só buscava
> Com mil suspirós tristes qne derrama. (1)

Catherina era o nome da Dama acobertado no anagramma poetico; na Ecloga XV, achada por Faria e Sousa em um manuscripto com outras duas de Camões, vinha a rubrica inicial, que acclarou este mavioso segredo: «*Ecloga de Luiz de Camões á morte de Dona Catharina d'Athaide, Dama da Rainha.*» Esta Ecloga XV inedita até ao anno de 1779, foi publicada pelo Padre Thomaz José de Aquino, e por isso até esta época os criticos não tiraram partido d'ella. O Licenciado João Pinto Ribeiro, em um *Commentario ás Rimas* de Camões, (2) diz que esta dama fôra *Dona Catherina de Almada,* prima do poeta; mas diante da

(1) Soneto LXX.
(2) Citado por Faria, *Vida de Camões*, § 43.

descoberta de Faria e Sousa, de mais, tambem confirmada no *Manuscripto* de Luiz Franco, já não é possivel a duvida. Uma vez achado o fio para a indagação, Faria foi procurar no *Nobiliario manuscripto* de D. Antonio de Lima, que pertence ao seculo XVI, o nome d'essa dama da rainha D. Catherina. Aí se encontra esta importante memoria: «*D. Antonio de Lima,* filho primogenito d'este D. Diogo de Lima, foi Mordomo-Mór do Infante D. Duarte, filho de el-rei D. Manoel, e depois foi Camareiro-Mór do snr. Infante D. Duarte, Condestabre e Duque de Guimaraens, seu filho, e foi Commendador de Cucujães, da Ordem de Christo. Foi casado com *D. Maria Bocca Negra,* dama da rainha D. Catherina, mulher de el-rei D. João III, que com ella veiu de Castella, e filha de Francisco Velasques de Aguilar, trinchante do principe D. João, pae de el-rei D. Sebastião, e marido de D. Cecilia de Mello, Camareira pequena, e Guarda Roupa da dita Rainha: — de quem houve

D. Diogo de Lima.

D. Duarte de Lima (morreu no cêrco de Chaul).

D. Francisco de Lima (Chantre de Evora e bom letrado).

D. João (morreu em Chaul, no tempo de D. Luiz de Athayde).

Dona Catharina de Athaide, *que sendo Dama da dita Rainha, morreu no Paço moça.*

D. Cecilia, freira no Mosteiro da Boa Vista.

D. Joanna de Lima, que casou com Martim Affonso

*

de Miranda, Camareiro-Mór do Cardeal Infante D. Henrique.

D. Isabel de Lima, que foi freira na Boa Vista.» (1)

Depois d'este precioso documento historico, que explicava o sentido de muitas poesias de Camões, achou Faria e Sousa um Mote com sua Volta em acrosticos, que dizia: *Luiz — Caterina de Ataide,* mas que não chegou a publicar: (2)

MOTE

L ume d'esta vida,
U eja-me esse lume;
I á que se presume
S em o vêr perdida.

VOLTA

C oncedei luz tal
A quem vós cegaste,
T oda me tiraste
E essa só me val:
R asão he querida
I á vir do alto cume,
N orte de tal lume
A alma tão perdida.

D esatando hide
E sta treva escura,
A urora onde pura
T oda luz reside:
A y que atada a vida
I á com esse lume,
D eixa o seu queixume,
E stima-se por perdida. (3)

(1) *Ms.* da Bibliotheca do Porto, n.º 344; fl. 128, v.

(2) Recolhido pelo snr. Visconde de Juromenha nos Mss. de Faria e Sousa, depositados na Bibliotheca publica de Lisboa.

(3) *Obras*, t. IV, p. 171; t. I, p. 32.

A este mesmo tempo figuravam no paço outras duas Damas, com o mesmo nome de *D. Catherina de Athayde;* uma era filha de D. Alvaro de Sousa, Mordomo-Mór da rainha D. Catherina, de quem tambem foi dama e morreu moça; a outra era filha de D. Francisco da Gama, segundo Almirante da India, segundo Conde da Vidigueira, Estribeiro-mór de El-Rei D. João III, e de D. Guiomar de Vilhena. Diante d'esta homonymia inextricavel, restabelece-se a identidade d'aquella que foi namorada de Camões, não só pela data da sua morte, mas principalmente pelo odio litterario que Pero de Andrade Caminha votou ao poeta. Se nos lembrarmos, que D. Antonio de Lima foi Camareiro-Mór do Infante D. Duarte, e que Pero de Andrade Caminha fazia serviço de Camareiro do mesmo infante, (1) facilmente se deprehende a origem do rancor que este mediocre poeta votou a Camões. O Epitaphio XXII, de Caminha, traz a rubrica: «*Á Senhora Dona Catherina de Ataíde, filha de D. Antonio de Lima, Dama da Rainha;*» (2) não significará isto o indicio de um antigo ciume, que o insípido Caminha transformava em acerados Epigrammas contra Camões? Abaixo desenvolveremos este problema, bastando-nos isto por ora, para authenticar o nome d'essa dama que foi a origem da desgraça e da immortalidade de Camões.

As outras duas Damas, que tambem tiveram o no-

(1) *Historia dos Quinhentistas*, p. 223.
(2) *Obras* de Caminha, p. 269.

me de *Catherina de Athayde,* não foram de todo extranhas á sorte do poeta; é até admissivel que ellas, para afastarem de si quaesquer indicios de galanteio, procurassem localisar e tornar conhecido o amor de Camões pela filha de D. Antonio de Lima. Nas *Redondilhas* vêm algumas coplas com esta rubrica: « *A humas Senhoras, que haviam de ser terceiras para com huma Dama:*

> Pois a tantas perdições,
> Senhoras, quereis dar vida,
> Ditosa seja a ferida
> Que tem taes Cirurgiões!
> Pois ventura
> Me subiu a tanta altura,
> Que me sejaes valedoras;
> Ditosa seja a tristura
> Que se cura
> Por vossos rogos, Senhoras. etc. (1)

É certo, que de D. Catherina de Athayde, filha de Alvaro de Sousa e de D. Philippa de Athayde, que casou com Ruy Pereira Borges, senhor de Carvalhaes, corria ainda em sua vida a tradição de ter sido amada por Camões. Entre os papeis de Frei João do Rosario, datados de 1573, se encontra esta passagem relativa a essa Dama, de quem o frade fôra confessor: « *E todalas vezes que no Poeta desterrado por ssa rasão lhe falava, sempre em reposta havia que assim não era. . .* » Na Capella do extincto Convento de S. Domingos de

(1) *Obras*, t. IV, p. 80.

Aveiro está o tumulo d'esta dama, com um epitaphio por onde consta ter fallecido em 28 de Fevereiro de 1551; ainda em 2 de Agosto de 1852, era o snr. Alexandre Herculano consultado de Aveiro, para se verificar se esta D. Catherina de Athayde era a amante do poeta; (1) isto mostra quanto a tradição era ainda viva n'aquella cidade.

A outra D. Catherina de Athayde, septima filha de D. Francisco da Gama, em parte explica-nos a tradição de ter o poeta amado *uma sua prima,* como escrevia João Pinto Ribeiro; era esta dama sobrinha de D. Manoel de Portugal, de quem Camões foi até á morte o amigo intimo; casaram-n'a com D. Pedro de Noronha, senhor de Villa Verde. (2) Camões era ainda parente d'ella, por causa dos Gamas do Algarve; será por ventura d'aqui que vem a severidade do poeta pelos Gamas, na sua epopêa? Nos *Lusiadas,* a Estrophe XCIX do Canto V exprime um resentimento profundo:

> Ás Musas agradeça *o nosso Gama*
> O muito amor da patria, que as obriga
> A dar aos seus na Lyra nome e fama
> De toda a illustre e bellica fadiga:
> Que elle, *nem quem na estirpe seu se chama,*
> *Calliope não tem por tão amiga,*
> Nem as filhas do Tejo, que deixassem
> As telas de ouro fino, e que o cantassem.

(1) Jur., t. I, p. 33 e 493.
(2) *Nob.* de D. Antonio de Lima, fl. 176 v. *Cedat.*, fl. 261 v, *Ms.* n.º 443.

É natural que fossem estas duas Damas, que, «*servindo de terceiras*» tornassem publico na côrte esse recatado amor de Camões pela filha de D. Antonio de Lima; da senhora fallecida em Aveiro ha a certeza de que interviera n'esses amores, porque se lhe falava n'elles, como quem perguntava; da filha do segundo Almirante ha essa acerba estrophe em que se fere a rudeza do primeiro Almirante do mar das Indias e de *quem na estirpe seu se chama.* Nas *Redondilhas,* fala-se tambem em tres Damas, o que dá a entender uma certa conspiração amorosa: «*A tres Damas, que lhe diziam que o amavam:*

> Não sei se me engana Helena,
> Se Maria, se Joanna;
> Não sei qual d'ellas me engana. (1)

Camões deixava-se ser pasto da alegria d'estas senhoras; estando á janella do paço umas damas jogando as cartas, um accidente do jogo levou o poeta a compenetrar-se do seu estado de incerteza: «*A humas senhoras, que jogando perto de uma janella lhes caíram tres-páos e deram na cabeça de Camões:*

> Para evitar dias máos
> Da vida triste que passo,
> Mandem-me dar um baraço,
> Que já cá tenho tres páos. (2)

(1) *Obras,* t. IV, p. 70.
(2) Recolhida pelo snr. Visconde de Juromenha, *Obras,* t, IV, p. 191.

Na Carta II da India, ainda Camões allude a uma circumstancia, que faz lembrar este epigramma:

> Eu então *por burlar quem me burlou,*
> *Trez-páos joguei*, e disse que ganhasse. (1)

Desde que os amores do paço foram conhecidos, não faltou quem quizesse tirar partido contra Camões. Pedro de Mariz, que foi o primeiro que falou d'estes amores, no prologo biographico de 1613, escreve: «Vendo-se n'este desamparo, *(como alguns dizem, homisiado ou desterrado por huns amores no paço da Rainha).*» Por esta phrase, *como alguns dizem,* vê-se que recolheu uma tradição. Manoel Severim de Faria, tambem repete: «Continuou em Lisboa algum tempo, até que uns amores, que *segundo dizem,* tomou no paço, o fizeram desterrar da côrte.» O modo de dizer de Severim de Faria, *segundo dizem,* revela uma fonte tradicional; nos Commentarios manuscriptos de D. Marcos de S. Lourenço, citados pelo snr. Visconde de Juromenha, falando-se da sua convivencia com as damas do paço, diz: «*...d'estes mimos dos quaes por que os não soube usar veiu a carecer d'elles.*» Depois do escandalo amoroso do Marquez de Torres Novas, que acabou com uma negra catastrophe, depois da publicidade da Ecloga *Crisfal* e da *Menina e Moça,* importava não deixar apparecer na côrte entre as damas nenhum sentimento que produzisse eguaes alardos. Na

(1) *Obras*, t. v, p. 228.

Arte de Galanteria se vê quanto D. João III era rigoroso n'esta austeridade palaciana: «Bien pudiera aqui traer lo del Conde de Vimioso, que veniendo de *un Consejo de Estado adonde se havia tratado el grossero modo de galantear, que havia acaecido en Palacio, porque condemnó á muerte el dichoso cumplice,* que despues perdonado de cuchillo, se le executó de casamiento.» (1) Nas *Obras* de Caminha tambem se encontra um Epigramma «*A João Lopes Leitão, estando prezo em sua casa, por entrar uma porta a ver as Damas contra vontade do Porteiro.*» (2) Seria em igual circumstancia, quando os amores de Camões começavam a ser revelados, que o insulso Caminha o apoquentou com os seus Epigrammas; quando Damião de Goes jazia nos carceres do Santo Officio, é que veiu Caminha indignamente delatal-o. Estava no seu caracter; eis um d'esses Epigrammas: «*A um, que tinha grande opinião de saber e de sangue:*

Se está o saber na propria opinião,
Tu só sem falta sabes mais que todos;
Se tambem está n'ella a geração,
Tambem sem falta és nobre mais que os Godos;
Mas se está no que sabe o mundo todo,
Sabe-se que nem sabes, nem és Godo. (3)

Lembrando-nos da genealogia de Camões e da sua educação erudita, que o fazia figurar na côrte, vê-se

(1) *Op. cit.*, p. 167.
(2) *Obras*, p. 361.
(3) *Ib.*, p. 338.

que este Epigramma de Caminha era despertado pela inveja das suas brilhantes qualidades.

O seculo XVI é cheio de anedoctas grotescas dos odios litterarios dos eruditos; não ha odios mais profundos nem com um fundamento mais frívolo. Camões foi tambem perseguido por estas varejas, das quaes a mais conhecida é o nome do poeta Caminha. É crivel que fossem algum tempo amigos, porque tanto os Camões como os Caminhas eram fidalgos emigrados da Galiza no tempo de el-rei D. Fernando; mas esta amisade não podia durar muito, porque Pedro de Andrade Caminha era auctoritario e meticuloso no uso das palavras por causa do conhecimento que tinha do grego, e Camões era um espirito lucido, que se exprimia com a espontaneidade do sentimento; Caminha bajulava nos seus versos os velhos poetas dos serões do paço e os principes da casa reinante, e Camões cantava o amor e as emoções da vida; Caminha era um palaciano consummado, como se vê pelas boas doações regias que alcançou, e Camões era irrequieto, indisciplinado ante á etiqueta; finalmente Caminha era mediocre e de sentimentos baixos, como se demonstra pela accusação de Damião de Goes no Santo Officio, e Camões era um genio, desgraçado por causa da generosidade da sua alma. Tudo isto bastava para tornar irreconciliaveis estes dois espiritos. Accresceu uma circumstancia, até hoje desconhecida: Camões amava D. Catherina de Athayde.

O pae d'esta dama da rainha D. Catherina, D. Antō-

nio de Lima, era Camareiro-Mór do Infante D. Duarte, sobrinho de D. João III, e Caminha era tambem camareiro do mesmo Infante. Seria talvez este o delator d'esse segredo do poeta? O epitaphio que se encontra nas *Obras* de Caminha á morte de D. Catherina de Athayde, leva a crêr que ella não lhe era indifferente; pelo menos quiz lisongear o seu antigo Camareiro-mór.

O modo como os odios de Caminha se descarregaram sobre Camões, que se queixa na primeira Carta, de ter passado trez mil dias «de más linguas, peores tenções e danadas vontades *nascidas de pura inveja,*» é-nos hoje desconhecido, salvo esse resto de baba que transpira em bastantes Epigrammas de Caminha, acerados como quem quiz ferir fundo. Elles não trazem a indicação da pessoa a quem são dirigidos, porque Caminha pejava-se de citar o nome de Camões, que então veiu a decaír das graças da côrte, e que era tambem um valentão, que em qualquer tempo lhe podia tomar duras contas da sua vileza. D'este e d'outros, escrevia Camões na primeira Carta da India, que iam «*vingando com a lingua o que não podiam com o braço.*» Isto nos prepara para a intelligencia dos Epigrammas de Caminha.

O Epigramma CXLIII de Caminha, nega a Camões o saber e a mocidade:

Por Poeta douto, e mancebo és julgado,
E esta opinião de ti não é secreta:
Mas vejo-te de ti ser tão louvado

De mancebo, e de douto e de poeta,
Que de ti (se perdoas) nam concebo,
Que és poeta, nem douto, nem mancebo.

O genio inovador de Camões, que inaugurava em Portugal as verdadeiras Canções e Eclogas da eschola italiana, mereceu tambem a Caminha este outro motejo:

A teu sabor escreves o que escreves,
A leis de outros poetas nam te obrigas;
Tambem tu és poeta, e nam te deves
Atar a Leis de Poesia antigas;
Faze Leis e desfaze, como fazes,
Ri-te dos outros se te satisfazes.

Caminha chega a revelar relações mais intimas com Camões no Epigramma CXLVIII:

Muitas vezes meus versos me pediste
Que t'os mostrasse, e nunca te mostrei;
Em nom pedir-te os teus, se bem sentiste,
Entenderias porque t'os neguei:
Da paga me temi; se a nom temera
Muitas vezes meus versos já te lêra.

Os outros Epigrammas de Caminha, servirão para acclarar alguns factos da vida de Camões; por este ultimo, se vê que os dois poetas se acharam algum tempo em contacto. Caminha escreveu varias poesias em louvor de D. Francisca de Aragão; «*no fim de um livro de versos meus,*» escreve:

S'a estes versos notados e nacidos
De tua nunca vista formosura,
E a teu nome real offerecidos

Com a fé que te devem, clara e pura,
Acontecer chegar a teus ouvidos;
Nom podem desejar maior ventura,
Francisca formosissima, nem querem
Mais nada, nem mais nada ha porque esperem. (1)

Caminha tornou-lhe a offerecer outro livro de versos, como se vê por esta epigraphe: « *Á mesma, no principio de outro livro.* » D. Francisca de Aragão, com esse gosto intuitivo que têm as mulheres, sabia distinguir Camões; emquanto acceitava com complacencia os versos de Caminha, pedia versos a Camões, como se vê por esta rubrica: « *A D. Francisca de Aragão, que lhe mandou glosar este verso:* Mas porém a que cuidados? » (2) Camões glosou o mote e acompanhou-o de uma Carta, forma privativa da galanteria do paço, da qual diz D. Francisco de Portugal: « Será la *Carta* breve, y llana, y ligera, un logar entre lo mismo enamorado que libre, todo el caudal en lo discreto; las razones medidas y la letra sin borrones... » (3) A *Carta a D. Francisca de Aragão, Dama do paço* é uma pagina texto da arte de galanteria: « Senhora: — Deixei-me enterrar no esquecimento de V. M., crendo me seria assim mais seguro; mas agora que he servida de me tornar a ressuscitar, por mostrar seus poderes, lembro-lhe que huma vida trabalhosa he menos de agradecer que huma morte descançada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, for para me tornar a tomar, servindo-se d'ella, não

(1) *Obras*, p. 381.
(2) Jur. *Obr.*, t. IV. p. 100.
(3) *Arte de Galanteria*, p. 144.

me fica mais que desejar, que poder acertar com este Mote de V. M., ao qual dei tres entendimentos, segundo as palavras d'elle poderão soffrer: se forem bons, he o Mote de V. M., se mais são as glorias minhas.» (1) Importa saber, que na côrte de D. João III, para fazer chegar uma glosa a uma dama, era preciso dispensa da Camareira-Mór, para que o Mordomo lh'a fosse entregar por sua mão; revela-nos esta difficuldade da etiqueta do paço, o afamado D. Francisco de Portugal: «Aunque dezia un discreto (Villa Mediana) que no se podian sufrir *Cabezas de Motes* por las manos que corren, y por el desasseo con que llegan a las de las Damas, con *aquella obligacion, de que no se puede ninguna sin la dispensacion de la Camarera Mayor, aquel dallas a un Mordomo que las dê a la Dama a que van encaminadas, y ella levallos à la Reyna, que los abra, y luego mandar que los respondan,* mas cerimonias solian tener, que lo tiempo le fue quitando como impertinencias.» (2) «Los que se trazen en la antecamara, y manda luego sobre alguna particularidad ó question, no siendo tan solemnes, son mas solemnisados.» (3) «Sufren-se estar burlas cortezes, embian-se con licencia del Mayordomo semanero, y a vezes sin ella...» (4) Estes extractos descobrem-nos o viver intimo dos poetas que galanteavam as damas do paço, e

(1) *Obras*, t. v, p. 235.
(2) *Arte de Galanteria*, p. 124.
(3) *Ib.*, p. 139.
(4) *Ib.*, p. 140.

as difficuldades que teria Camões, quando satisfazia a algum d'estes pedidos. Aquellas coplas: « *A huma dama que lhe mandou pedir algumas obras suas* » (1) mostram-lhe a difficuldade que ha em dizer o que sente, e quanto mais eloquente seria se ella o visse:

Senhora, se eu alcançasse.
No tempo que ler quereis,
Que a dita dos meus papeis
Pela minha se trocasse
E por vêr
Tudo o que posso escrever
Em mais breve relação,
Indo eu onde elles vão
Por mi só quizesseis lêr,...

Uma outra Dama brindava Camões com *uma penna*, na certeza de que lhe inspiraria uma delicadissima copla; (2) Caminha não encontrava d'estes favores no paço. Á *Dama que lhe deu uma penna,* agradeceu Camões com uma *Decima:* « Las *Decimas,* diz a *Arte de Galanteria,* no se le serrará las puertas de Palacio, pues tanto se entran por las del pecho; los otros modos de versos hizieronse para leidos, y estos para sentidos... » (3) D. Francisco de Portugal, na sua Arte não faz mais do que recolher as tradições consuetudinarias da côrte de D. João III; a cada passo encontramos Camões nas *Redondilhas* satisfazendo os mais escrupulosos preceitos palacianos: « *Glosas,* solamente quando el Mote

(1) *Obras,* t. IV, p. 37.
(2) *Ib.*, p. 41.
(3) *Op. cit.,* p. 111.

fuere de Dama, que no tiene el entendimiento todo el logar en esto modo de dezir, antes es atar el ingenio a cosas, que a vezes hará mal lograr otras mayores, mas estoy de la parte de las *Bueltas,* que los antigos ivanse atraz los affectos. » (1)... « el *Mote,* no llevará retruecano, ni sentencia sin derivacion, *ni cosa que huela a Romance,* claro, elegante y agudo, decifrando de entre los terminos que se propone, haziendo proprio lo ageno, que aquel Mote será mas acertado que mayor affecto descubriere, y con mayor pureza le representare... » (2) O uso dos versos hespanhoes em Camões, explica-se não sómente por que D. Catherina de Athayde era filha de uma dama castelhana, D. Maria Bocca-Negra, mas principalmente por este preceito palaciano: «*las Coplas castelhanas son las mas proprias para palacio,* por mas desnudas de arte... » (3) Não se podia ser galanteador do paço sem saber rimar de prompto: « Que hazer una Copla era entendimiento, y muchas és parto de necedad; se refiere de un buen juicio (D. Juan de Silva) el galan no hade ser Poeta, mas hade hazer versos, aunque no sea mas que por no pedillos prestados... »

Por esta grande lei corteză, muitos poetas se agruparam em volta de Camões; o primeiro e o principal vulto, foi D. Manoel de Portugal, terceiro filho do Conde de Vimioso, enamorado de D. Francisca de Aragão; na *Arte de Galanteria,* vem uma anedocta a respeito

(1) *Op. cit.*, p. 118.
(2) *Ib.*, p. 143.
(3) *Ib.*, p. 105.

d'este amor: «D. Manoel de Portugal dezia, que no queria mas sinó licencia para poder con unos organos en el terrero del palacio, enternecer la Señora Dona Francisca.» (1) Se nos lembrarmos da alta importancia que Sá de Miranda, o inaugurador da eschola italiana, ligava a D. Manoel de Portugal, assim comprehenderemos melhor o alcance da sua amisade por Camões, que era então seu confidente. Camões confirma o juizo de Sá de Miranda, quando na Ode VII, lhe escreve:

> ...... vós, por quem restituida
> Se ve da Poesia já perdida
> A honra e gloria egual
> Senhor *D. Manoel de Portugal.*

Muitos dos versos de Camões se encontram em manuscriptos do seculo XVI, com o nome de D. Manoel de Portugal e dedicados a D. Francisca de Aragão; este poeta escreveu quasi que exclusivamente em hespanhol. Estava Camões no explendor da sua inspiração; joven, erudito, apaixonado, vigoroso e de uma das principaes familias do reino, todos o invejavam; quando passava na rua apontavam-no com o dedo, não com o terror que inspirava Dante, mas com enthusiasmo, como quem se louvava na sua ventura. Commentando o verso do Soneto LXIII:

(1) *Arte de Gal.* p. 168.

Escriptos para sempre já ficaes
Onde vos mostrarão todos co'o dedo,

escreve Faria e Sousa, que pessoa que tivera conhecimento pessoal de Camões lhe dissera, que quando o poeta passava pelas ruas de Lisboa, paravam e apontavam-no com admiração. Tudo isto devia suscitar as mais entranhadas invejas; abaixo veremos as armas de que se podiam servir para causar a sua ruina.

Os Sonetos de Camões tambem relatam a sua vida intima no paço; mas pela perfeição e verdade com que são escriptos, vê-se que raramente os empregava n'esses galanteios. De mais as coplas de arte menor eram as que mais lisongeavam as damas: «El *Soneto* lugar tiene en todo: la maestria d'ellos guardase para los estudiosos, aunque sean muy buenos, se hagan tarde y quando la occasion pida salir a plaça, que *las Damas no estan obligadas a saber la Poetica de Aristoteles, ni ay muger que apeteça versos sino aquelles que tienen pocas syllabas,* pensamientos vivos y mucho ayre, que son *propriedades de Romance, cuyos desenfados parece que se hizieron solamente para ellas...*» (1)

Este mixto da poetica antiga de *Cancioneiro* com a nova eschola italiana só se dava no paço, para transigir com a tradição dos afamados serões, em que ainda figuravam alguns velhos cavalheiros, e com a tendencia erudita da Renascença. Na *Pratica de outo figu-*

(1) *Arte de Galanteria*, p. 114.

ras, diz Chiado quaes as cousas de que se deve prezar um galante:

PAYVA Vós galante
prezar-vos-heis de lêr *Dante*,
Petrarcha, ou *João de Mena.*
FARIA E vós falareis por pena,
cousinha, que o mundo espanta,
que não é graça pequena.

Ainda no paço se imitavam aquellas antigas coplas de D. Luiz da Silveira, o valido de D. João III, sobre as quaes já se havia dado um juramento; n'este mesmo *Auto,* escreve Chiado:

Todas vam dar na barreira
vós sois digno de louvor,
acho-lhe eu lá uma côr
das de *Luiz da Silveira.*

O quarto filho do Conde D. Luiz da Silveira, era um dos principaes galantes da côrte; D. Alvaro da Silveira, frequentava o paço no tempo de Camões e partiu para a India em 1550 com o Vice-rei D. Antonio de Noronha, indo com elle ao Malabar; (1) quando Camões soube mais tarde da sua morte, escreveu aquella Elegia: «*Eu só perdi o verdadeiro amigo.*»

N'este tempo deu-se uma forte reacção contra a eschola italiana; como já vimos pela *Arte de Galanteria,* os Romances cultos eram cantados de preferencia pelas

(1) *Nobil. ms.* dos Silveiras, fl. 85.

damas; Valderrabano, Salinas, Luiz Milan e outros escreviam *tonos* sobre os velhos cantos do povo. É por isso que nos escriptos d'esta época se encontram tantas allusões a romances. No *Auto das Regateiras,* escreve o Chiado:

> *Vós bella mal maridada*
> *de las más lindas que yo vi,*
> saí cá fóra, saí,
> sei que sois dama ençarrada
> não sei que diga por ti. (Fl. 4, v.)

Á medida que os romances tradicionaes se foram esquecendo na côrte de Lisboa, o vigor da tradição foi refluindo sobre as provincias, aonde por alguns seculos ainda continuaram a ser repetidos; não só nas Ilhas dos Açôres encontraram paixão as velhas *aravias* peninsulares, tambem na India eram cantadas pelos guerreiros portuguezes, como vêmos a cada pagina das pittorescas narrativas de Diogo do Couto. Citamos alguns factos. Quando D. Antonio de Noronha, foi a Surrate em 1560, os romances populares serviram para dar avisos secretos na expedição: «e foi correndo a Armada a dar-lhe aviso do que haviam de fazer. E prepassando a galeota de D. Jorge de Menezes, chamando por elle, lhe disse aquellas palavras do romance velho:

> Vamos, dixo mi tio
> A Paris essa Ciudad...

«dando-lhe a entender que estava assentado passar

avante pera a fortaleza. E D. Jorge de Menezes lhe respondeu muito apressado, com o mesmo romance:

> No en trajes de romero
> Porque no os conozca Galvan.

«E metendo-se com elle na galveta o foi acompanhando até á sua galeota...» (1) Quando o afamado D. Luiz de Athayde ía a alguma expedição, cantava-se tambem por mar e sob o pezo da metralha as mais conhecidas estrophes dos romances velhos; da sua chegada á barra de Barcellor, diz Couto: «commetteu logo a entrada com todos os navios de remo, em uma cadeira de brocado, armado com suas plumas, e perto d'elle ía sentado o Veiga, tangendo em uma harpa, e cantando aquelle romance velho, que diz:

> Entran los Moros en Troya,
> Trez y trez y quatro y quatro.

«E chegando perto da fortaleza, começaram a vir zunindo por cima das embarcações algumas bombardas, com que o Veiga, que ía cantando se embaraçou, ao que o Viço rei muito seguro lhe disse—Oh! hide por diante, não vos estorve nada.» (2) Aquelles que criticavam o Vice-rey D. Constantino de Bragança por estar con-

(1) Couto, *Decada VII*, cap. 12.
(2) Idem, *Decada VIII*, cap. 30.

struido uma náo para vir para o reino, serviam-se da parodia dos velhos romances: «E tanto que lhe contrafizeram aquelle romance velho:

> Mira Nero da Tarpeia
> a Roma como ardia...

«em:

> Mira Nero da janella
> la nave como se hazia.» (1)

A victoria de Salsete, era celebrada na India por um romance, que se tornou popular, do qual Diogo de Couto cita apenas cinco versos, por ser no seu tempo muito conhecido: «E foi esta victoria tão celebrada e festejada em Gôa, que no dia das festas nas folias a que o governador era muito affeiçoado se lhe cantava um romance, que um curioso fez, que começa:

> Pelos campos de Salsete
> Mouros mil feridos vão,
> Vae-lhe dando no alcance
> O de Castro Dom João.
> Vinte mil eram por todos, etc. (2)

Nas suas *Satyras* Camões serve-se dos versos já proverbiaes dos romances, como nós *Disparates da India.* Finalmente a erudição classica prevaleceu em Lisboa,

(1) Couto, *Decada VII*, cap. 17.
(2) Idem, *Decada VI*, cap. 10.

e os romances do povo, desprezados pelos cultos, foram receber uma nova vida nas colonias portuguezas.

As celebres coplas do *Crisfal* tambem andavam manuscriptas, e os galanteadores do paço não deixariam de servir-se d'ellas para glosarem e exprimirem por *centões* as suas queixas. Na Carta II, transcreve Camões quatro versos d'essa obra prima do amor, os quaes têm até hoje passado desapercebidos por estarem na fórma de prosa:

> Porque o longo uso dos annos
> se converte em natureza.
>
> Pois o que é para mór mal
> Tenho eu para mór bem. (1)

Diogo do Couto, amigo intimo de Camões, tambem fala do *Crisfal;* o escandalo amoroso contado n'essa Ecloga, alludia ao Marquez de Torres Novas, que Camões encontrou ainda na côrte, e que lhe contaria essa lenda sentida, que tanto impressionou a sociedade portugueza do seculo XVI.

Pelo seu extraordinario talento, pela graça e gentileza que o distinguia, Camões tornára-se entre a mocidade d'esta phase da sua vida, o centro em volta de quem gravitavam essas damas e poetas apaixonados. Consultavam-no em casuistica sentimental, como *um*

(1) *Crisfal*, est. 10 e 12. Ed. do Porto, 1871. Camões apresenta duas variantes.

gran maestro de amore. Na Carta VII, escripta da provincia para Camões que estava na côrte, fazem-lhe quatro perguntas, como as que se usavam nas antigas *côrtes de amor* da Provença. Pelo conteudo d'esta Carta, suppômos ter sido escripta por João Lopes Leitão, que estava fóra da côrte, *preso em sua casa;* aí allude á grande amisade que tinham um ao outro, e ao ocio forçado em que se vive na solidão: «São tão grandes os penhores da creação e *amisade,* que n'elles se segura mais vezes a confiança, que no maior parentesco: pelo que *sendo a nossa tão grande e tão antiga,* confiado posso pedir a v. m. as costumadas, assi pelo gosto que sempre mostrou em fazer-m'as como pela facilidade e certeza com que responderá a minhas largas perguntas, que são *consequencia forçada do ocio em que se vive n'estes ermos, os quaes me fazem inquieto, que me obrigam a desejar-me desenganado para com isto me reparar de semsaborias com que se vive entre nescios curiosos;* não porque o sejam em perguntar, mas porque o são em não entenderem o que perguntam e em não se quererem aquietar com o que lhe respondem, etc.» (1) Se nos lembrarmos que João Lopes Leitão se recolhera a sua casa em Pedrogam, e que alí lhe perguntariam porque estava fóra da côrte, e por quanto tempo durava o desterro, e que o mesmo desterrado estava incerto ácerca do seu destino, lembrando-nos tambem que Camões lhe escrevera o Soneto CXXXIV, a dizer que fôra elogiado pela

(1) Juromenha, *Obras*, t. V, p. 241.

sua dama, e que n'este tempo estava egualmente vacillante ácerca do seu futuro, não ha que hesitar em attribuir esta Carta a João Lopes Leitão.

As perguntas que na Carta VII lhe dirige, são:

«1.° Qual he o maior aggravo que se póde fazer a um homem?

2.° Qual he a cousa mais importuna?

3.° Qual he o termo do soffrimento?

4.° Que cousa he esperança e em que para?»

Era fazendo d'estas perguntas, e respondendo com mais ou menos subtileza e facilidade, que se matava o tempo nos solares da provincia, umas vezes no fim dos grandes banquetes, outras vezes á lareira. O Marquez de Montebello, na *Vida de Manoel Machado de Azevedo*, tambem traz umas vinte perguntas d'esta natureza, apresentadas no fim de um banquete a que assistiu o Dr. Francisco de Sá de Miranda, no solar de Crasto, na festa de Santa Margarida, feita por seu cunhado. (1) Aí se fizeram as perguntas:

Qual é o mayor engano?

Qual a mayor enfermidade?

Qual a mayor saude? etc.

Na Carta VII, além d'este retrato da vida portugueza, pergunta-se a Camões, «que na graça de seu engenho sempre foi melhor que todos» se já conseguiu alguma cousa na côrte, se determinou a escolha do seu estado, por alguma alliança de familia ou despacho,

(1) *Historia dos Quinhentistas*, p. 114.

visto que ha já bastante tempo que é pretendente: «E por muito mór me haverei mandar v. m. mil *novas suas,* que eu tanto desejo pelo muito que me vae n'ellas, *avisando juntamente do estado de suas cousas e determinação de vida a que tanto ha que tarda, podendo-a já ter tão descansada como o melhor do seu tempo.*» O talento assombroso de Camões tinha posto em alarme as invejas; elle conhecia que a sua ruina estava imminente, e que uma vez caído nunca mais se rehabilitava nas graças do paço. Tendo respondido ás questões propostas, Camões finalisa a Carta, dizendo com relação a si: «Novas minhas estava para não escrever, porque não ousava confessar que temia deixar um estado por outro, que mais me enfadasse, pois n'esta parte me venciam dous receios: a *hum largar o com que tanto me enganei,* outro de não saber o como me haveria no que não tinha provado; mas aqui entrou a rasão dizendo-me, que do que tinha me bastava o desengano e para o que buscava me servisse *o conselho qual estou resoluto de ir este anno a Coimbra, restituir-me aos ares em que me criei, parte do tempo que perdido tenho,* e entretanto que eu mais de perto nãó posso córar estas opiniões, com que ás duvidas respondo, etc.» (1)

Em verdade Camões tinha gasto o melhor do seu tempo em escrever Cartas ás damas que lhe pediam versos, sem pensar em alcançar alguma Commenda rendosa, para viver regalado na ociosidade da provincia;

(1) *Obras,* t. v, p. 243.

*

incapaz de descer aos calculos das pequeninas ambições, mesmo satisfazendo os pedidos com que o mortificavam, deu elle causa á perseguição de que foi victima. Em 1545 escreveu Camões o Auto de *El-Rei Seleuco*, para ser representado em uma casa particular pela occasião do natal: «Devia ser escripto depois do anno de 1545, pois no prologo o moço diz, fazendo menção da moeda os *basarucos:* — que se agora fôra aquelle tempo em que corriam as moedas dos *sambarcos*, etc. — as quaes corriam ainda no tempo de D. João de Castro, pois n'este mesmo anno revogou este vice-rei a lei do seu antecessor Martim Affonso de Mello, que lhe alterou o valor.» (1) É n'este prologo que Camões elogia o seu amigo Antonio Ribeiro Chiado, tambem louvado pelo aulico Jorge Ferreira de Vasconcellos, como excellente comico: «e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que uma trova fal-a tão bem como vós, ou como eu, *ou còmo o Chiado.*» (2) O Auto de *El-Rei Seleuco*, foi composto no curto espaço de tres dias, como se deduz do prologo em prosa, e representado em casa de Estacio da Fonseca, enteado de Duarte Rodrigues, resposteiro de El-Rei D. João III. (3) O Auto é fundado sobre os amores de Stratonice e de Antiocho, já conhecidos por Camões nos *Commentarios aos Triumphos* de Petrarcha; esta historia, cantada por Petrarcha, tinha uma grande analogia com o successo que se deu em

(1) Juromenha, *Obras*, t. IV, p. 480.
(2) *Ib.*, p. 200.
(3) *Ib.*, p. 480.

Portugal com El-Rei D. Manoel, que se desposou em terceiras nupcias com a noiva de seu filho, D. Leonor de Austria, pertendida por D. João III. (1) A influencia que este Auto teria para apressar a ruina de Camões não escapou ao snr. Visconde de Juromenha, que diz: «Esta comedia não devia agradar na côrte, pois sabemos que El-Rei D. Manoel não representou com seu filho D. João III o papel de Seleuco, antes lhe tomou a noiva que lhe estava destinada.» (2)

Tendo sido publicado o *Auto d'El-Rei Seleuco* em 1616, sobre um manuscripto que possuia o Conde de Penaguião, vê-se que o Auto foi parar ás mãos do Camareiro do principe real, talvez por queixa contra o poeta, fundando-se em allusões que nem elle mesmo previra. Seria esta accusação o que determinou o desterro de Camões; não faltariam almas vis, mordidas da inveja, que viessem recordar a D. João III, de que o tio do poeta, D. Bento de Camões, em 1540 e 1541, tivera dois conflictos com o rei ácerca do thesouro achado em Santa Cruz de Coimbra, e das rendas vagas pela morte do Infante D. Duarte. Aí concorreria tambem D. Antonio de Lima, fazendo carga ao poeta por desauthorar a gravidade e decóro do paço celebrando publicamente em verso os amores com sua filha; não faltaria o miseravel Caminha a delatal-o como mancebo incapaz de ter respeito aos homens de authoridade, e que desprezava

(1) Já analysado sob este ponto de vista na *Historia do Theatro Portuguez*, t. I, p. 249 a 263.
(2) *Obr.*, t. IV, p. 481.

as regras da poesia antiga. Foi no meio d'esta tempestade, que o poeta se lembrou «*de ir este anno a Coimbra, restituir-me aos ares em que me criei, parte do tempo que perdido tenho.*» Ali vivia ainda seu tio ex-geral de Santa Cruz; o pretexto do desterro foi principalmente a falta de respeito ao paço, como se vê pela Ecloga III:

> Mas teu sobejo e *livre atrevimento*,
> E teu *pouco segredo*, descuidado
> Foi causa d'este longo apartamento.

As causas d'este desastre estavam no caracter de Camões, como abaixo provaremos, pelo Soneto em que elle se retrata. O logar do desterro não tem sido determinado com precisão; a ordem que o expulsava da côrte, não lhe indicava logar de homenagem, o que se tornava mais duro pelo despreso que revelava. Faria e Sousa inclinava-se a que saíra da côrte para Santarem; D. Francisco Alexandre Lobo, por illação diz que bem podia ser em outros logares do Ribatejo; Barreto Feio, sustenta que andava pelas visinhanças do Zezere, fundado na Canção XIII:

> Oh pomar venturoso
> Onde c'o a natureza
> A subtil arte tem demanda certa...
> ....
> De teu formoso peso
> Se mostra o monte ledo
> E o caudaloso *Zezere* te extranha,
> Porque olhas com desprezo
> Seu crystal puro e quedo... etc.

Barreto Feio, aventa mais: « *que n'este meio tempo estivesse tambem hospedado* (alguns dias) *em casa de um seu amigo, nas visinhanças do Zezere.* » (1) Isto se confirma pela circumstancia exterior das tres Canções XIII, XIV e XV, terem apparecido pela primeira vez publicadas por Miguel Leitão de Andrade, na *Miscellanea;* era de Pedrogam este fidalgo erudito, que mais tarde se lembrou da antiga amisade de Camões, mandando-lhe pôr uma tarja de azulejos na parede junto á sua sepultura. Saíndo da côrte em 1546, Camões levava em vista dirigir-se a Coimbra, como vimos pela Carta VII; é natural que se demorasse em Santarem, onde existiam parentes de sua mãe, como uma tia casada com Belchior Barreto; d'aqui passou para a aldeia de Pugnete, onde o Zezere e o Tejo se misturam. Como lhe não falaria por estes sitios a memoria do enamorado cantor de *Crisfal.* D'aqui lhe era facil uma excursão até Pedrogam, do qual descreve o Convento dos Dominicanos, e então iria desabafar saudades com o joven poeta João Lopes Leitão « *preso em sua casa* » por ter entrado na sala onde estavam as damas do paço, contra vontade do Porteiro. Mais tarde, na India, lá conservaram esta amisade.

Lembrado da sua educação classica, Camões compara a sua saída da côrte á de Ovidio, desterrado de Roma por ter amado uma irmã de Augusto:

(1) Edição de Hamb., t. II, p. XXXVII.

O sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Vêr-se dos seus Penates apartado;

. . . .

Só sua doce musa o acompanha,
Nos soidosos versos que escrevia,
E nos lamentos com que os campos banha.

D'est'arte me figura a phantasia
A vida com que morro, desterrado
Do bem que em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vejo *caduca e debil gloria*
Desenganar meu erro, co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece
Vêr *sem rasão a pena que me alcança.*

N'esta Elegia I, em que tão claramente fala Camões da sua ruina, tambem descreve o sitio em que curtia a injustiça de que fôra victima:

D'aqui me vou, com passo carregado
A um outeiro erguido, e alí me assento
Soltando toda a redea a meu cuidado.

Depois de farto já de meu tormento
Estendo estes meus olhos saudosos
A' parte d'onde tinha o pensamento.

Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça e sem flôr os campos vejo
Que já florídos víra e graciosos.

Vejo o puro, suave e rico Tejo
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.

....

Ó fugitivas ondas, esperae;
Que pois me não levaes em companhia
Ao menos estas lagrimas levae.

Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vós ides, livre e ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria?

Na Ecloga II, descreve Camões o logar do seu desterro, e ainda allude ao enthusiasmo que provocava entre as damas do paço:

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
N'um valle d'altas arvores cercado
Estava.....................

No derradeiro fio
O tinha a esperança
Que com doces enganos
Lhe sustentára a vida tantos annos...

O Tejo com som grave
Corria mais medonho que suave.

De tanta voz o accento temeroso
Na outra parte o rio retumbava.

D'estes trechos tirou o snr. Visconde de Juromenha, pela propria inspecção dos logares, o argumento de que fôra a duas leguas de Abrantes, na povoação de Pugnete, que estivera Camões. O sitio aonde o Tejo é *mais medonho que suave,* é justamente no ponto mais estreito, onde suas aguas combatem com as do rio Zezére que as investe, e onde uma voz póde retumbar e ser ouvida da outra parte do rio. Como Camões se lembra dos primeiros tempos que figurou na côrte:

De varias cores sempre me vestia.
. . . .
Nenhum pastor cantando me vencia.

A barba então nas faces me apontava,
Na luta, na carreira, em qualquer manha
Sempre a palma entre todos alcançava.

Da minha tenra edade, em tudo estranha,
Vendo, como acontece, affeiçoadas
Muitas Nymphas do rio e da montanha,

Com palavras mimosas e forjadas
De solta liberdade e livre peito
As trazia contentes e enganadas.

No Soneto VII, em que o poeta confessa que no tempo em que costumava viver de amor, nunca *ardia n'um só fogo,* remata com ésta conclusão terrivel:

Louvado seja Amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tão cansado soffrimento.

Pelas proximidades de Pedrogam, d'onde visitou o Convento dos Dominicanos, gastou Camões o tempo, que destinava para restituir-se aos ares de Coimbra; esta tentativa não foi depois levada ao cabo, por causa da morte de seu tio D. Bento de Camões a 2 de janeiro de 1547.

Uma vez acabado o pretexto que o fazia ter vontade de residir em Coimbra, e sem saber o tempo que duraria este degredo:

> Porque primeiro a vida acabará
> Que se acabe tão aspero degredo. (Ecl. I.)

Camões julgou mais digno da sua bravura o gastar o viço da mocidade combatendo com os Mouros da Africa. Em 1547 aconteceu o famoso cerco de Mazagão, do qual Jorge Ferreira de Vasconcellos tantas vezes fala na Comedia *Ulyssipo*. No Auto de Chiado, *Pratica de Outo figuras,* tambem se allude ao cêrco de Mazagão, o que mostra a impressão que este successo causaria no animo do publico:

> GAMA: Além vejo que arrefece
> LOPO: Tudo agora está em paz.
> GAMA: Isso é que me apraz.
> O Xerife?
> LOPO: Não parece
> Dizem que em Marrocos jaz.
> GAMA: Senhor, como nos accodes
> á maior tribulação.
> LOPO: *Sabeis já de Mazagão*
> *Que é outro segundo Rhodes?*

Gama: *Tendes infinda rasão,*
a fortaleza
está sobre penedia,
que não póde ser minada.
Lopo: *Dizem-me que está cercada.*
Gama: *Si; da banda da enxovia,*
que do mar não é feito nada.
Lopo: Porém tudo hade ter fim,
Não ha quem viva quieto,
ho milhor é ser discreto
e assentae que passa assi. (1)

Este successo levaria Camões a trocar o desterro infructuoso do Ribatejo pela vida de acção nos recontros de Africa; assim tomando o anno de 1547, do cêrco de Mazagão, e accrescentando-lhe *dois annos,* que foi o tempo que se demorou em Africa, como Camões o declara, vem a corresponder exactamente ao tempo em que regressou a Portugal, no principio de 1550, em que se alistou pela primeira vez para a India.

Na partida de Camões para Africa, parece que a Náo afferrou no Algarve junto a Villa Nova de Portimão, no sitio da Ribeira de *Buyna*. Na Canção XVI Camões allude a este facto nos versos

Por meio de umas serras mui fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes aguas deleitosas
Na Ribeira de Buina, assi chamada. (2)

(1) Fl. 3, v.
(2) Facto pela primeira vez determinado pelo snr. visconde de Juromenha, *Obr.*, t. I, pag. 44.

Ficara-lhe na côrte o joven namorado D. Antonio de Noronha, seu amigo, e a elle dirigiu a Elegia II, por onde se conhece, que foi em Ceuta o logar do seu desterro:

> Ando gastando a vida trabalhosa,
> E esparzindo a continua soidade
> Ao longo de uma praia soidosa.
>
> ....
>
> Ás vezes cuido em mi, se *a novidade*
> *E extranheza das cousas, co'a mudança*
> Poderiam mudar huma vontade.
>
> E com isto figuro na lembrança
> A *nova terra*, o *novo trato humano*,
> A *estrangeira progenie*, a *extranha usança.*
>
> *Subo-me ao monte, que Hercules thebano*
> Do altissimo Calpe dividiu,
> Dando caminho ao mar Mediterrano.

N'esta mesma Elegia II, mostra-se Camões arrependido de ter trocado o seu desterro de Ribatejo pela Africa, onde já viu tudo que o poderia distrahir:

> Já quieto me achava c'o a tristeza;
> E alli me não faltava um brando engano,
> Que tirasse desejos da fraqueza.
>
> Mas vendo-me enganado estar ufano,
> Deu á roda a Fortuna : e *deu commigo*
> *Onde de novo choro o novo dano.*

E remata esta sentidissima composição, pedindo novas da côrte:

> *Não quero mais senão, que largamente,*
> *Senhor, me mandeis novas d'essa terra,*
> Que alguma d'ellas me fará contente.
>
> Porque se o duro fado me *desterra*
> Tanto tempo do bem, que o fraco esprito
> Desampare a prisão onde se encerra.

O monte, que Hercules separou de Calpe é o Abila; o snr. Visconde de Juromenha encontrou na Torre do Tombo umas Instrucções para a fortificação d'esta praça de armas, que tinha uma torre, n'esse tempo chamada *Torre de Hercules.* (1) Camões procurava no ruido dos combates um motivo de esquecimento do desprezo que soffrêra:

> E nem com isto em fim que estou dizendo,
> *Nem com as armas tão continuadas*
> *De amorosas lembranças me defendo.*

As conquistas de Africa no tempo de D. João III estavam quasi na sua ultima decadencia; haviam expirado totalmente os sentimentos generosos d'esses fronteiros, como D. Pedro de Menezes, D. João Coutinho, dos aguerridos João Falcão ou Gomes Freire. O ultimo d'esta geração sublime foi o afamado poeta palaciano D. João de Menezes. Os outros cavalleiros, que herda-

(1) *Obras,* t. III, pag. 456.

ram este legado de honra, queriam sómente *India e Brazil*, como os accusa o impassivel Sá de Miranda. Camões foi encontrar as conquistas de Africa na mais vergonhosa miseria. O snr. Visconde de Juromenha, recolheu de um manuscripto do seculo XVII duas Cartas de Camões «*escriptas de Africa a um amigo;*» aí fala da decadencia do valor portuguez trocado em roncos de soberba, como diz um velho romance hespanhol:

Melhor fôra ter caladas
As novas que ha n'esta terra,
Pois aonde vim buscar guerra
Sómente achei badaladas.

. . . .

Não ha conversação como d'antes
Porque ha mister cem mil tentos,
Com moradores praguentos
E fronteiros mais galantes:

. . . .

Nenhum remedio a meus danos
Vejo por alguma via,
Senão vendo aquelle dia
Que hade ser fim de dous annos.

. . . .

Dar-vos esta carta tal
Não he fóra de rasão,
Pois eu sei que em vossa mão
Está meu bem e meu mal.

. . . .

Dai-me o favor sem pejo,
Pois o daes a cousa vossa,
Não queiraes vós que não possa
Servir-vos como desejo.

Na guerra, novas mais certas
Brevemente são contadas;
No verão portas fechadas
No inverno pouco abertas.

....

Isto não é praguejar,
Mas toda a culpa é da fome,
Porque gente que não come
Mal poderá pelejar...

Tudo são queixas em vão
E tudo são vãos clamores,
Capitão dos moradores,
Elles contra o Capitão...

Gabaes-me esta vida cá,
E desgabaes-me Lisboa,
Eu dera esta vida boa
A troco d'essa outra má...

Porem emquanto não vejo
O dia das alabanças,
Lembre-vos, que as esperanças
Puz em vós de meu desejo. (1)

As estrophes d'esta Carta terminam com dois versos de romances velhos, tal como Camões usou nos *Disparates da India;* d'ella se conclue, que o praso do desterro estava pendente de *dois annos;* diz que o fim

(1) *Obras,* t. IV, pag. 147.

d'este apartamento está na mão d'aquelle a quem escreve, e de quem se chama *cousa vossa.* Se Camões com esta phrase dá a entender que era *parente,* como julgamos, d'aquelle a quem escrevia, podemos sem risco de grande hypothese julgar que escreveu esta Carta a D. Pedro de Castello-Branco, antigo poeta do *Cancioneiro* de Resende (1) e cavalleiro do Conselho de El-Rei D. Manoel; este fidalgo era casado com D. Mecia Casco, filha de Ruy Casco e do Aldonça Eannes de *Camões.* Um outro parente, a quem podia ser dirigida esta Carta, era Gonçalo Vaz de Camões, Capitão de Damão, a quem o sr. Visconde de Juromenha attribue a Elegia XIII escripta em Damão a D. Maria de Figueirôa. (2) Na segunda « *Carta escripta de Africa em resposta á de um amigo,* » (3) usa Camões o antigo costume dos poetas do *Cancioneiro geral,* mandando Cartas em redondilhas, como Manoel de Goyos, e terminadas com dois versos de romance:

> Mandaste-me pedir novas,
> E pois hei de obedecer,
> *Quero que seja em trovas*
> Por vos dar em que entender.
> *E que esta arte de trovar*
> *Se vá desacostumando*
> A quem anda como eu ando
> Tudo se hade perdoar.

(1) *Op. cit.*, t. I, p. 182.
(2) *Obras*, t. III, p. 502.
(3) *Obras*, t. IV, p. 154.

N'esta Carta, conta Camões a sua vida, e descreve um combate em que se achou, por certo aquella aonde perdeu um olho:

Cuidei que vida mudada
Mudasse tambem ventura...

Vou-me ao longo da praia
Sem outros ricos petrechos...

Faço no meu pensamento
Mais torres que as de Almeirim.

Das torres de Almeirim, hoje para nós lendarias, fala tambem o poeta do *Cancioneiro,* D. Gotterre Coutinho:

altas torres de Almeirim
fazeis-me lembrar de quem
me fez esquecer de mim. (1)

O combate em que Camões se viu parece ter sido uma surpreza em que ía caindo, e de que se livrou pela sua audacia:

Andando só, como digo,
Apartado da manada,
Fazendo contas commigo,
Que emfim fundem em nada...

Vinham de esporas douradas,
E vestidos de alegria
Com adargas e braçadas...

(1) *Poetas palacianos,* p. 283.

Gentes de muitas maneiras
E diversas nações
Corriam a estas tranqueiras...

Tudo anda de levanto,
Era o campo todo cheio,
Em tudo punham espanto...

Contar feitos esquecidos,
É muito contra minha arte,
Houve mortes e feridos,
Houve mal de parte a parte...

Pois falo em *tão fraca guerra,*
Signal é de vosso amigo,
(visto como estaes em terra)
Que ha outras de mór perigo.

Do seu desterro em Ceuta, tira tambem o snr. Visconde de Juromenha argumento da verdade da descripção de uma caçada dos leões de Africa, na estancia XXXIV do Canto quarto dos *Lusiadas:*

.... qual pelos outeiros
De *Ceita,* está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros
Que os campos vão correr de Tetuão...

Pelo tempo em que nos apparece Camões em Lisboa, em 1550, se vê, que os seus protectores não poderam abreviar-lhe o desterro, e que só o trouxe á patria aquelle dia, que era o *fim de dous annos,* que lhe faltavam ainda quando foi para Ceuta. Como dissemos, Camões tinha sido simplesmente desterrado da côrte; a troca do Ribatejo pelas campinas de Ceuta, explica-se

por essa confidencia de D. Catherina, mulher de Ruy de Miranda Borges, ao seu confessor: «E todas as vezes que no *Poeta desterrado* por ssa rasão lhe falava, sempre em resposta havia, que assim não era, e *que fora aquela alma grande, que para emprezas grandes, e a regiões tão apartadas o levara.*» Tendo esta senhora fallecido em 1551, segue-se que n'estas palavras se referia ao desterro de Africa, para onde Camões fôra levado por sua grande alma para grandes emprezas.

Pela Carta primeira da Africa, sabe-se que o desterro do poeta acabava em 1549; n'esse anno chegou da India a noticia da morte do Vice-Rei D. João de Castro; foi chamado para esse cargo D. Affonso de Noronha, que estava em Ceuta, deixando a capitania da praça a seu sobrinho D. Antonio de Noronha, camarada de Camões, que lhe dedicou a Ode XIII, recolhida do *Manuscripto* de Luiz Franco. N'essa Ode, ainda Camões se lembra dos combates de Africa:

A vós, cuja *alta fama*,
Vi entre os Garamatas conhecida; etc.

Livre da pena que cumprira, Camões não tardou em regressar a Lisboa, aproveitando da vinda do novo Vice-Rei, D. Affonso de Noronha; é natural que pelas qualidades de bravura que mostrou nos recontros de Africa, e sobre tudo pela lucidez de espirito, o Vice-Rei o convidasse para o acompanhar na viagem da India; o seu alistamento em 1550 leva a induzir isto. Em

1643, Manoel de Faria e Sousa descobriu no Cartorio da Casa da India esse importantissimo assento, relativo ao anno de 1550: «*Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, moradores em Lisboa á Mouraria, Escudeiro de 25 annos, barbiruivo, trouxe por fiador a seu pae; vae na Náo dos Burgalezes.*» Era a náo *S. Pedro dos Burgalezes,* capitania da armada, composta das náos *S. João, Santa Cruz, Frol de la mar, Trindade,* e da caravella *S. João,* que partiram a 28 de Março «outros dizem a 1, 2 e 18 de Maio,» como se encontra no *Indice de toda a Fazenda.* (p. 163.)

Quando Camões chegou a Lisboa, veiu encontrar ainda accesos todos os antigos odios; trazia dos portos da Africa mais audacia e bravura, e sobretudo um signal evidente da sua coragem: perdêra o olho direito em um combate, e isto o expunha aos motejos das damas e dos galanteadores.

O Epigramma CX, de Caminha, refere-se indubitavelmente a Camões quando voltou de Ceuta, depois de ter perdido um olho:

CONTENDA DE DOIS

Um tem *dois olhos*, e com vista clara,
Outro *um só* tem, e esse co'a vista estreita;
Diz este áquelle: «Amigo, eu apostara
A qual de nós tem vista mais perfeita?»
Quem houvera que a si nom se enganara,
Como o outro que enganado a aposta acceita?
Diz-lhe este: «Vê que vejo mais que ti,
Pois dois olhos te vejo, *um só tu a mi.*» (1)

(1) *Poesias* de Caminha, p. 339.

Não era só da perfidia de Caminha, que vinham a Camões estes torpes epigrammas, depois de ter batalhado pela patria, e de ter alcançado essa disformidade que provava a sua valentia; os seus habitos de galanteador faziam-no soffrer das damas da côrte eguaes apodos. Nas suas *Redondilhas* ha uma com a epigraphe: « *A uma Dama que lhe chamou cara sem olhos:* »

Sem olhos vi o mal claro
Que dos olhos se seguiu:
Pois cara sem olhos viu
Olhos que lhe custam caro:
D'olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam;
Vendo-vos, olhos sobejam,
Não vos vendo, olhos não são. (1)

O proprio Camões era o primeiro que lançava a riso o seu defeito glorioso, como se vê pelas passagem da primeira Carta da India: « Mas um Manoel Serrão, que, *sicut et nos, manqueja de um olho* ». Esta phrase tornou-se proverbial, e já no fim do seculo XVI a usava Soropita na Satyra ao Lente de direito, que era torto dos olhos. (2) Mas com que nobreza fala Camões d'este desastre que o tornava ridiculo, na Canção XI:

Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me estava a vida cara.
Agora experimentando a furia rara

(1) *Obras*, t. IV, p. 44
(2) *Estudos da Edade Media*, p. 225.

De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse e tocasse o acerbo fructo seu.
E n'este escudo meu,
A pintura verão do infesto fogo.

A Náo S. Pedro dos Burgalezes, em que tinha de partir Camões para a India, arribou, e pelo seu máo estado teve de ser concertada. Seria esta uma das causas porque não seguiu logo viagem, se é que chegou a embarcar; mas suppômos que foi outro o motivo que o demorou em Lisboa até 1553. Durante estes tres annos que esteve na côrte, apesar de todos os ataques da inveja, Camões nutriu algumas esperanças de melhorar o seu futuro; na Carta I da India, diz: «mandei enforcar a *quantas esperanças* déra de comer *até então* com pregão publico, por falsificadores de moeda. E desenganei *esses pensamentos que por casa trazia,* porque em mim não ficasse pedra sobre pedra». Vejamos em que se fundavam estas esperanças, cuja decepção o levou a uma resolução extrema.

Depois de 1550, o principe D. João, unico herdeiro de D. João III, revelou um grande gosto pela poesia; fosse talvez por direcção dos pedagogos, que viam os principaes monarchas da Europa serem versejadores, seria pela influencia domestica, por seus tios o Infante D. Duarte e D. Luiz tambem fazerem versos, é certo que o principe empregou o prestigio da sua alta cathegoria para que os melhores poetas portuguezes lhe enviassem as suas obras, que estavam quasi na totalidade manuscriptas. O poeta mais respeitavel d'essa epo-

ca era Sá de Miranda, que havia abandonado a côrte e vivia recolhido na sua quinta no Minho; a pedido do principe recolheu o venerando erudito as suas composições dispersas, como se sabe pelo texto d'ellas e pelas duas edições capitalmente differentes. Sá de Miranda era reconhecido como o inaugurador da eschola italiana em Portugal, e sendo Garcilasso o que principalmente a introduziu em Hespanha, Sá de Miranda dava-se como seu parante, na Ecloga que fez á sua morte, onde diz:

> Al tan antiguo aprisco
> De *Lassos de la Vega*
> Tuyo, *el nuestro de Sá viste ayuntado.*

Pelas noticias genealogicas sabe-se que os Lassos de la Vega se cruzaram com os Souto Mayores, avós paternos de Sá de Miranda: «E dona Tareyia Rodriguez (filha de Ruy Paes de *Souto Mayor)* . . . depois foy casada com *Garçia Lasso de la Vega,* o velho. . .» (1) Sá de Miranda viveu os seus primeiros annos em casa de seus avós na quinta de Buarcos, D. Philippa de *Sá,* e João Gonçalves de Miranda e *Souto Mayor*, irmão de D. Pedro Alvares de Souto Mayor, Conde de Caminha e Visconde de Tuy. (2) O nome de Garcilasso, conhecido em Portugal, desde que esteve na tomada da Goleta com o Infante D. Luiz, era entre nós quasi considerado como o symbolo da poesia. Camões escrevia na Ode XIII (Ms. de Luiz Franco):

> Fôra conveniente
> Ser eu outro Petrarcha ou *Garcilasso*. . .

(1) *Mon. Hist.* Script, p. 387. *Nob. de D. Pedro*, tit. LXXV.
(2) Abb. de Perozello, *Nobil. ms.*

As poesias de Sá de Miranda, hoje tão difficeis de lêr mesmo para os eruditos, eram no seculo XVI um encanto para as damas, com se vê por um soneto de André Falcão de Resende: « *A huma dama que lia por o livro de Francisco de Sá de Miranda.* »

Um outro parente de Sá de Miranda, o afamado João Rodrigues de Sá, tambem poeta, era o Camareiro Mór do principe D. João; Ferreira escreveu-lhe uma Carta, quando se deu o desastre da morte do principe, que elle educava. Frei Manoel da Esperança, na *Historia Seraphica,* tambem allude aos seus talentos poeticos: « A este respeito celebrou a sua frescura a Musa galante do insigne portuguez João Rodrigues de Sá, com a Canção que dizia:

> O' Rio de Leça,
> Como corres manso!
> Se eu tiver descanço
> Em ti começa.» (1)

D. Manoel de Portugal, amigo intimo de Sá de Miranda, e um dos principaes sustentaculos da eschola italiana, era então « o lume do paço, o mimoso das Musas ». Fernão da Silveira, filho do terrivel Coudel Mór Francisco da Silveira, (2) tambem dedicou os seus *Poemas,* hoje perdidos, ao Principe D. João, que em Carta escripta de Almeirim, a 4 de Março de 1551, lh'os man-

(1) *Op. cit.*, p. 478.
(2) Vid. *Poetas palacianos*, p. 373 a 382.

dou pedir, e por Carta de 29 de Janeiro de 1552, os mandava copiar pelo seu moço da Camara Luiz Vicente, filho do fundador do theatro portuguez. (1) Jorge Ferreira de Vasconcellos, vivia tambem na intimidade do principe, e para elle passou a limpo a sua comedia *Eufrosina;* tinha escripto a novella de cavalleria *Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda,* que deixou inedita pelo desgosto que sentiu com a morte do principe D. João. (2) Foi tambem n'este tempo que regressou á côrte João Lopez Leitão, talvez rehabilitado do seu desacato ás damas, pelos talentos poeticos que mostrava. Em Coimbra, onde então frequentava os estudos, Antonio Ferreira escrevia para dedicar ao principe a sua comedia de *Bristo*, e Diogo de Teive, escreveu á sua morte uma tragedia latina. O medico da Rainha D. Catherina, sua mãe, tambem era poeta; escreveu o medico Francisco Lopes o *Lôor de Nuestra Señora en diversos generos de metros,* e outra collecção de *Versos divinos.* Frei Paulo da Cruz, mais conhecido pelo nome de *Fradinho da Rainha,* tambem escrevia para comprazer com esta predilecção do principe o poema da *Trasladação de S. Vicente.* Caminha egualmente encontrava favor por causa dos seus versos, e acceitava ricas tenças emquanto abocanhava Camões. Figurava e era querido no paço D. Simão da Silveira pela excentricidade do seu humor, pelos ditos

(1) *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 225 e 238.
(2) *Historia do Theatro portuguez,* t. II, p. 45.

agudos e principalmente pelas poesias amorosas; Camões teve relações com elle, como se vê pelo Soneto CCLXXX, que traz esta rubrica: «*A D. Simão da Silveira, em resposta de outro seu, pelos mesmos consoantes, mandando-lhe perguntar quem fôra o primeiro poeta que fizera Sonetos.*» (1) Era este fidalgo o que fazia da novella do *Amadis de Gaula* o seu livro de devoção.

Todo o empenho que merecia no paço a poesia portugueza, fez tambem com que Bernardes tratasse de vir para a côrte. Com quanta rasão não podia ter Camões esperanças de se mudar a sua sorte adversa, vendo que havia um principe que protegia os talentos notaveis e se acercava d'elles? Foram com certeza estas as esperanças que nutria, e de que fala com mágoa na sua Carta I da India. Por isso que era Camões reconhecido como um genio deslumbrante da poesia, não o deixaram approximar do principe D. João; calumniaram-no com toda a qualidade de infamias, não de frente, e d'isso elle se queixa, mas traiçoeiramente, de lingoa, de modo que se não pudesse defender.

O infame Caminha não cessava de o apodar nos Epigrammas que trazem o titulo «*A um poeta*»:

> Nada, segundo entendes, te parece,
> *Grande Poeta*, bem na alheia Musa;
> Nunca ante ti na tua erro apparece,
> E se t'o mostram dás-lhe logo escusa;

(1) Jur., *Obras*, t. II, p. 488.
*

Se o conselho te enfada e te aborrece,
Que se póde dizer a quem isto usa,
Se não, que bem seus versos lhe pareçam,
E os alheios lhe enfadem e aborreçam? (1)

A phrase *grande Poeta,* empregada aqui irrisoriamente, referir-se-ia á empreza que encetára Camões, tentando a composição de uma epopêa? Crêmos, que antes de partir para a India, já havia escripto o primeiro canto dos *Lusiadas;* no Epigramma CXLV de Caminha, ha uma allusão a uma estrophe d'essa epopêa:

Dizes que o bom *Poeta hade ter furia;*
Se não ha de ter mais, és bom poeta;
Mas se o Poeta ha de ter mais que furia
Tu não tem mais que furia de Poeta.

Na invocação dos *Lusiadas,* estrophe V, escrevia Camões:

Dae-me uma furia grande e sonorosa
E não de agreste avena ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende e a côr ao gesto muda.

No Soneto de João Lopes Leitão, escripto em 1555, já fala de Camões como poeta epico, influido: «Da *homerica* musa *e mantuana.*»

No Manuscripto de Luiz Franco, começado na India a 15 de Janeiro de 1557, encontra-se o primeiro Canto

(1) *Obras* de Caminha, p. 351.

dos *Lusiadas;* n'este anno estava Camões na gruta de Macáo, e o seu regresso a Gôa só foi em 1558, por tanto é crivel que esse primeiro Canto, que então tinha o titulo de *Elusiadas,* e que appresenta muitas variantes, o levasse o poeta já escripto de Portugal, applicando depois a D. Sebastião o que competia cabalmente ao principe D. João. Quando Luiz Franco voltou ao reino, não proseguiu na cópia, no fim da qual pôz a declaração: «*Não continuo porque se imprimiu.*» Se a cópia fosse tirada ao tempo do regresso de Camões a Gôa, não teria ficado no primeiro Canto, cuja impressão só se realisou passados quatorze annos.

O apparecimento das *Decadas* de João de Barros, no tempo em que estava Camões ainda em Lisboa, (1552 e 1553) arrebatou a sua imaginação para o campo de uma epopêa nacional. De facto, de todos os historiadores do seculo XVI, é João de Barros o que mais se afastou dos modêlos classicos de Tito Livio, o que appresenta de um modo mais vivo a impressão directa dos acontecimentos. Os commentadores dos *Lusiadas* descobriram práticamente o resultado que tirou Camões da leitura da primeira e segunda *Decadas* de Barros. Em uma Carta de D. Marcos de S. Lourenço, commentador do principio do seculo XVII, descrevendo o seu trabalho de annotação dos *Lusiadas,* declara: «Na geographia, segui sempre João de Barros, homem famosissimo e em tudo excellente.» E termina: «*Mais de meio Commento tirei de João de Barros, e sem a sua geographia impossivel he a entendimento algum com-*

mentar Luis de Camões... » (1) Camões seguiu depois a mesma direcção de João de Barros, visitando os sitios que eram theatro da gloria portugueza, e tirando da inspecção local esse caracter de verdade que é o principal caracteristico da sua poesia.

O pensamento de uma epopêa nacional, despertado sobretudo pela desolação das conquistas de Africa, era a esperança que o devia fazer acceito ao principe D. João. Não aconteceu assim; Camões estava interdicto para o paço. Em 1552 celebrou-se o novellesco Torneio de Xabregas, em que o Principe D. João tomou as primeiras armas; foi escolhido para justar com o principe, o joven, valoroso e enamorado D. Antonio de Noronha, amigo de Camões. N'esse Torneio tambem figurou Fernão da Silveira, senhor de Sarzedas, cujas poesias o principe mandára recolher, e com elle justou outro poeta, João Lopes Leitão, que vivia na intimidade de Camões. Este Torneio acha-se descripto allegoricamente no *Memorial dos Cavalleiros da Segunda Tavola Redonda,* por Jorge Ferreira de Vasconcellos. Camões, já conhecido pela sua bravura, e que d'antes era a alma das festas de Almeirim, não figura no Torneio. Por occasião do casamento do Principe, veiu a Portugal Jorge de Monte-Mór, antigo companheiro dos brincos da infancia, quando Camões viveu em Coimbra; reataram a antiga amisade; porém Jorge de Monte-Mór era protegido da princeza D. Joanna, e

(1) Publicada em Jur., *Obras,* t. I, p. 326.

Camões estava decaido. Nos *Apothegmas* de Pedro José Supico, vem a seguinte anedocta:

«Achava-se no Terreyro do Paço conversando com Luiz de Camões Jorge de Monte Mayor, celebre poeta d'aquelles tempos. Estava em uma janella do quarto das Damas, D. Francisca de Aragão, dama mui formosa da rainha D. Catherina. Chegou-se um pobre a elles a pedir-lhes esmola, e Jorge de Monte Mayor apontando para a dita Senhora, lhe respondeu:

> Si, hermano, pedis por Dios,
> Aquel Serafin pedid,
> Y pedid para los dos,
> La libertad para mi,
> La limosna para vós.» (1)

Esta anedocta é ignorada por todos os biographos de Camões, que não falam das suas relações com Jorge de Monte-Mór. Vejamos o grão de verdade que ella encerra. Jorge de Monte-Mór, tendo ido para Hespanha ainda criança, regressou a Portugal na comitiva da princeza D. Joanna, quando casou com o principe D. João, que devia ser o successor de D. João III. Deu-se isto em 1552; n'este tempo estava Camões em Lisboa, e recebia pedidos de versos de D. Francisca de Aragão; só a 24 de Março de 1553 é que se embarcou para a India. Portanto, as relações dos dois poetas são verosimeis, e podemos concluir que foram

(1) Liv. I, Part. I, p. 38. Ed. 1761.

rapidas, porque antes de 1554 Jorge de Monte-Mór também abandonou Portugal para sempre, morrendo em 1561, oito annos antes de Camões regressar á patria. Admittidas as relações com Jorge de Monte-Mór, é verosimil que Camões tivesse noticia de Bernardim Ribeiro, por isso que esses dois inauguradores da Novella pastoral foram amigos. A tradição conservada por Faria e Sousa, de Camões chamar a Bernardim Ribeiro «*o seu Enio*» não leva a induzir que se conhecessem pessoalmente; na época em que se colloca o regresso de Bernardim Ribeiro a Portugal, em 1549, depois da morte do Conde de Vimioso, estava Camões no desterro de Africa.

N'este periodo, que decorre entre a volta de Ceuta em 1550 e o segundo alistamento para a India em 1553, já sem esperança de valimento na côrte, e sentindo-se desprezado pela sua amante, é que Camões se entregou a uma vida tempestuosa de aventuras de valentão; n'este tempo conheceu «*os soalheiros dos Escudeiros da Castanheira, de Alhos Vedros e Barreiro, e da Rua Nova em Casa do Boticario*». (1)

Apesar de se vêr desprezado da côrte, Camões contava numerosos amigos, muitos dos quaes se foram mais tarde encontrar com elle na India; apparece-nos em primeiro logar o dizidor Antonio Ribeiro Chiado, cujo caracter turbulento explica em parte o caracter de Camões. O Chiado fôra frade franciscano em Evora,

(1) Comedia de *El-Rei Seleuco,* prologo.

e abandonára a regra para se entregar á vida de comediante; quando Camões o conheceu já elle tinha o apellido da rua aonde as suas tropelias ou antes a residencia habitual o tornaram celebre. Conta-se que chegou a representar no paço, diante de D. João III, o *Auto da Natural Invenção;* é n'um Auto que o cita Camões. O Chiado sabia perfeitamente até aonde chegava o pulso de Camões; em um certame poetico entre Camões e um fidalgo, em que apostaram os melões que estavam na giga de uma regateira, o Chiado lançou-lhe este Epigramma, em que allude á sua valentia e em que nos descobre a alcunha de *Trinca-fortes,* por onde Camões era conhecido:

Luiza, tu te avisa,
Que teus melões lhe não dês;
Porque esse que aí vês
Trinca-fortes, mala guisa. (1)

É preciso lembrarmo-nos que no seculo XVI Lisboa estava quasi povoada de escravos pretos e de mulatos, e que os fidalgos, quando andavam resando de noite pelas ruas a via-sacra e o officio das almas, com lanternas de furta-fogo e toques funebres de campainha e encommendação, se serviam d'esses agentes para os espancamentos e assassinatos. Este mesmo costume se conservou no seculo XVII, como vêmos pelo encontro de

(1) Jur., *Obras,* t. I, p. 137. Infelizmente não declarou o snr. Visconde de Juromenha aonde recolheu esta anedocta, para se avaliar a sua authenticidade.

D. Francisco Manoel de Mello e D. João IV, e pela morte de Pedro Severim de Noronha, filho d'aquelle que mandou gravar o primeiro retrato de Camões, assassinado em uma noute na Tanoaria pelos mulatos de D. Affonso VI. No seculo XVIII continuou esse costume da fidalguia da côrte, e do Marquez de Pombal se conta que fôra celebre n'estas vacações nocturnas. D'este costume fala Camões no prologo de *El-Rei Seleuco:* «Ora vieram uns Embuçadetes e quizeram entrar por força; eil-o arrancamento na mão; deram uma pedrada...» O Chiado era o companheiro d'estes arrancamentos por *côrros* ou theatros particulares, aonde havia casa juncada, castanhas assadas e cartas.

Usava Camões no meio d'estas suas valentias um grande chapéo de abas largas, talvez para encobrir a nobre cicatriz que trazia no rosto; sabe-se isto, porque fez um Epigramma contra uma senhora que estava a uma janella e chamou outra para vêr «*o homem das abas grandes*». (1) Camões respondeu com esse Epigramma, que começa: «*Quem por abas me quer conhecer,*» que se conservou inedito por causa da sua obscenidade.

Entre os amigos mais intimos com quem convivia, figuram os nomes de Miguel Dias e Luiz de Lemos, a quem escreveu logo que chegou á India; não são conhecidos pelos seus talentos litterarios nem por importancia historica, o que faz suppôr que eram tambem valentões de magustos como o proprio Camões, brigo-

(1) Jur., *Obras*, t. I, p. 134.

sos de beccos. A Elegia XX, que Camões escreveu á morte de D. Tello de Menezes, morto em um desafio em Cochim, tambem prova qual era o fundamento de esta amisade; sobre esta morte conta Diogo de Couto nas *Decadas,* um importante facto, por onde se vê qual era o caracter da fidalguia portugueza no meado do seculo XVI; falando do regresso da armada que foi com o Vice-Rei a Tiracole para ajustar as pazes com o Çamorim, escreve: « E como a gente da armada era muita, e andava ociosa, começaram-se a atear em brigas uns com os outros, e a haver desafios particulares, de feição, que *se mataram mais de cincoenta homens,* em que entrou D. Tello de Menezes, um fidalgo mancebo muito gentil homem, e bom cavalleiro, que foi morto em um desafio. » (1)

N'essa Elegia diz Camões com pena de se não ter lá visto:

> Porque engeitaste a minha companhia,
> E acompanhar-te eu não consentiste?...

Nas *Redondilhas* tambem se encontram as relações do poeta com outro brigão: « *D. Antonio, Senhor de Cascaes, que tendo-lhe promettido seis gallinhas por uma copla que lhe fizera, lhe mandou por principio da paga meia gallinha recheada:*

(1) Apud Jur., t. III, p. 508.

Cinco gallinhas e meia
Deve o Senhor de Cascaes,
E a meia vinha cheia
De apetite para as mais.» (1)

Com estes fidalgos, que eram os *fadistas* do seculo XVI, se encontram outros documentos para deduzir o caracter de Camões. Nas *Redondilhas,* vem a copla: «*A um fidalgo que lhe tardava com uma camisa galante que lhe prometteu.*» (2) Tambem se conta a anedocta do Duque de Aveiro, que indo ouvir missa na Egreja do Amparo, encontrou Camões, e lhe perguntou que peça queria da sua meza; respondeu o poeta, que lhe bastava uma gallinha, e o Duque, esquecendo-se do promettido, quando se recordou, depois de haver jantado, só teve carneiro assado para lhe mandar. Camões agradeceu com o bem conhecido Epigramma:

Eu já vi a taverneiro
Vender vaca por carneiro;
Mas não vi por vida minha
Vender vaca por gallinha
Senão ao Duque de Aveiro. (3)

Estes factos explicam o Epigramma CXXX de Caminha: «*A um que se gabava de Cavalleiro*»:

(1) Jur., *Obras,* t. IV, p. 94.
(2) *Ib.*, p. 55.
(3) *Ib.*, t. I, p. 135.—Fixamos a anedocta depois do regresso de Camões a Lisboa, porque este titulo só foi creado em 1557.

Gabas-te de grande Cavalleiro,
E se em matar está a cavalleria
Devem-te n'isto ter por cavalleiro,
Pois matas mil co' a lingua cada dia:
Sempre no maldizer és o primeiro,
No bemdizer a lingua se te esfria;
Este é o esforço com que alçar-te queres,
Estas as armas com que a tantos feres.

Educado com a antiga tradição da cavalleria, e com a necessidade de desenvolver a coragem nos póstos militares de Africa e India, Camões mostrou-se muito cedo brigão, arrancador, richoso e desordeiro; era uma d'aquellas naturezas irrequietas para quem o genio assombroso que possuia, servia principalmente para ser perdoado. Se o não desterrassem da côrte, teria sido assassinado por causa da sua turbulencia. Na Ecloga II, descreve o seu amor, como este caracter o transformava:

Não póde quem quer muito, ser culpado
Em nenhum erro, quando vem a ser
Este amor em doudice transformado.

Amor, não será amor, se não vier
Com doudices, deshonras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer e desprazer;

Perigos, linguas más, murmurações,
Ciumes, arruidos, competencias,
Temores, nojos, mortes, perdições.

Na Carta I da India, accentúa mais os traços do seu caracter; falando dos detractores que lhe fizeram abandonar a patria, diz com arrogancia: «Então jun-

tou-se a isto acharem-me na pelle a virtude de Achilles, que não podia ser cortado senão pelas solas dos pés; as quaes de m'as não verem nunca, *me fez vêr as de muitos, e não engeitar conversações da mesma impressão, a quem fracos punhão máo nome, vingando com a lingua o que não podiam com o braço.*» Esta sua altiveza fazia-lhe dizer dos guerreiros de Africa, com quem se vira:

> Pois aonde vim buscar guerra
> Sómente achei badaladas...

E falando do modo como se sustentavam os póstos militares, escreve com desdem:

> Da guerra novas mais certas
> Brevemente são contadas,
> *No verão portas fechadas,*
> *No inverno pouco abertas...*

E na Elegia x á morte de D. Miguel de Menezes, condemna a mocidade do seu tempo pela covardia que mostrava:

> Ah! quem vos fez que os impetos da guerra
> Não sustentasseis com valor ousado,
> Desprezando o furor que a vida encerra?
>
> A vida por a patria e por o estado
> Pondo vossos avós, a nós deixaram
> Em terra e mar exemplo sublimado.
>
> Elles a desprezar nos ensinaram
> Todo o temor. *Pois como agora os netos*
> *Sabitamente assim degeneraram?*

Este mesmo pensamento se exprime nos *Lusiadas,* e é o que lhe dá um caracter de desolação quando fala d'essa «apagada, feia e vil tristeza».

Na Ecloga á morte do seu amigo D. Alvaro da Silveira ha a mesma condemnação. Contra os covardes que abandonaram na occasião do perigo o seu capitão:

> Mas gentes, que não tem da natureza
> Esforço, espirito, sangue e condição,
> O seu natural é mostrar fraqueza.

Conscio da sua coragem, depois de ter ridicularisado os *galantes* fronteiros da Africa, apoda com vehemencia nos *Disparates da India* essa mesma geração nulla pela degradação physica e moral:

> Vereis mancebinho d'arte
> Com espada em talabarte:
> Não ha mais Italiano.
> A este dizeis: Meu mano,
> Vós sois galante que farte;
> Mas pan y vino anda el camino, que no mozo garrido.

> Outros em cada theatro
> Por officio lhe ouvireis
> Que se mataran con tres,
> Y lo mismo haran con cuatro.
> Prezam-se de dar respostas;
> *Mas se lhe metteis a mão,*
> *Na paz mostram coração,*
> *Na guerra mostram as costas;*
> Porque aqui torce a porca o rabo.

Camões presava a sua bravura tanto como o genio da poesia; nos *Lusiadas,* allia-os sempre, quando diz:

«N'uma mão sempre a *espada,* na outra a *penna*»; e nos versos

> Para servir-vos *braço ás armas* feito;
> Para cantar-vos, *mente ás musas* dada...

Foi esta segurança da sua força, junto com o caracter altivo, franco e apaixonado, que lhe deram essa irreverencia e falta de respeito aos modêlos auctoritarios, essa liberdade de espirito, que o torna o maior vulto do seculo XVI. Taes qualidades, extraordinarias n'um seculo de degeneração moral, originaram tambem as suas desgraças. No Soneto CXCIII, retrata-se Camões com uma verdade surprehendente, e de um modo que nos confirma a physionomia que traçâmos:

> *Erros* meus, *má Fortuna*, *Amor* ardente,
> Em minha perdição se conjuraram;
> Os *erros* e a *Fortuna* sobejaram,
> Que para mi bastava *Amor* sómente.
>
> Tudo passei; mas tenho tão presente
> A grande dôr das cousas que passaram,
> Que já as frequencias suas me ensinaram
> A desejos deixar de ser contente.
>
> *Errei* todo o discurso de meus annos,
> Dei causa a que a *Fortuna* castigasse
> As minhas mal fundadas esperanças.
>
> De *Amor*, não vi senão breves enganos,
> Oh quem tanto podesse, que fartasse
> Este meu duro genio de vinganças!

Este Soneto é quasi uma recapitulação dos factos que temos appresentado; agrupam-se n'essas tres fatidicas allegorias de um modo natural. Os *erros,* foram originados pelo seu caracter impetuoso e perdulario, franco até á provocação, caminhando de frente para a verdade, atropellando as conveniencias da etiqueta cortezã. A *má fortuna;* seria por soffrer as consequencias dos resentimentos de D. João III contra seu tio D. Bento de Camões, quando pugnou pelos interesses do Mosteiro de Santa Cruz pretendendo para elle o thesouro achado por Aleixo de Figueiredo em 1539, e bem assim as rendas do Priorado-mór em 1541, vagas pela morte do Infante Dom Duarte. O *amor,* foi a causa de ser repellido da côrte, de ser ferido na sua dignidade, soffrendo o desterro no Ribatejo, Ceuta, e India. No anno de 1552 tocou Camões o maior auge de desespero, sabia que era desprezado pela amante por quem tanto soffrera; a *má fortuna,* conspirou para o acabar de perder: era por Maio d'esse anno, no dia mais festivo de Lisboa; saíam pelas ruas da cidade as diversas figuras allegoricas da procissão de *Corpus Christi;* em quanto o povo se embevecia na contemplação da *Dama e do Drago,* e passavam as danças *Judengas,* e o *Gigante com o Menino,* a *Serpe* e o *Segitorio,* as Pellas e bandeiras dos diversos officios, (1) passeava garbosamente no Rocio para a rua de Santo Antão, um certo Gonçalo Borges, moço dos arreios de El-Rei D. João III.

(1) *Hist. do Theatro Portuguez,* t. II, p. 242.

Acertou que dois mascarados chasquearam com o cavalleiro garboso, e sem terem conta na lingua, acharam-se de repente de espadas desembainhadas; n'esse momento passava o grande poeta, conhecido então pelo nome de *Luiz Vaz de Camões,* e descobrindo que os dois mascarados eram seus amigos, atirou um sexto ao dito Gonçalo Borges, e o feriu no pescoço. Quem eram estes dois amigos podemos suppôl-o pelo interesse com que logo na Carta I da India fala em Miguel Dias, o amigo intimo de D. Antonio de Noronha, e em Luiz de Lemos.

No meio d'aquella multidão era facil aos dois mascarados evadirem-se; Camões foi recolhido no Tronco da cidade, por apparecer culpado na devassa que se tirou d'esse arruido. O unico modo de salvar Camões de uma pena maior, apesar de ser filho de cavalleiro, foi conseguir-se de Gonçalo Borges o perdão para o delinquente, que o deu quasi passado um anno, a 3 de Fevereiro de 1553, e offerecendo-se o poeta para ir militar como soldado na India. A Carta de perdão foi-lhe alcançada a 7 de Março de 1553, tempo em que saiu da cadeia, deixando Lisboa a 24 d'esse mesmo mez. Tudo isto se tira de um preciosissimo documento, achado na Torre do Tombo, pelo snr. Visconde de Juromenha, que durante vinte e seis annos frequentou aquelle riquissimo Archivo, talvez dos principaes da Europa.

Aqui o reproduzimos:

Carta de perdão a Luiz de Camões

« D. Johão Et. A todollos corregedores, ouvidores Juizes e Justiças officiaes e pessoas de meus reinos e senhorios a que esta minha carta de perdão fôr mostrada, e o conhecimento d'ella com direito pertencer saude: faço vos saber que Luiz Vaaz de Camões filho de Symão Vaaz, Cavalleiro fidalguo de minha casa morador em esta cidade de lixboa, me enviou dizer per sua pitiçam que elle estáa preso no tronquo desta cidade por ser culpado em huma devassa que se tirou sobre o ferimento de gonçallo borges que tinha carreguo dos meus arreos por se dizer que andando o dito gonçalo borges passeando a cavallo no recio desta cidade dia de Corpore Xpti na rua de Sancto antão alem de S. dominguos defronte das casas de pero Vaaz que dous homens emmascarados a cavallo se pozeram a passear e zombar com o dito gonçallo borges, e que na dita zombaria vieram a haver brigas dárrancar e que elle soplicante acudira em favor dos ditos emmascarados conhecendo-os por serem seus amiguos. E que de preposito com huma espada ferira ao dito gonçallo borges de huma ferida no pescoço junto do cabello do toutiço, estando eu nesta cidade com minha corte e casa de supricaçam e levando outros em sua companhia E o dito gonçallo borges he são e sem aleijão nem desformidade, e lhe tem perdoadô como se mostra do perdão junto a sua pitiçam, e elle sopricante he hum mancebo e pobre e me vay este anno servir a India enviando me elle supricante pedir por mercê ouvesse por bem de lhe perdoar a culpa que no dito caso tem da maneira que diz, e o instrumento de perdão que apresentou parecia ser feito e asynado per antonio vaaz de Castelbranco pubrico tabalião das notas em esta cidade de Lixboa e seus termos aos XXIII dias do mes de fevereiro do anno presente de mil quinhentos cinquoenta e trez annos pello qual se mostrava gonçallo borges que tem carreguo dos meos arreos por ser ja são da ferida sem aleijão nem desformidade para que o senhor deus lhe perdoe seos peccados de sua boa livre vontade perdoar ao dito Luiz Vaaz de Camões toda sua justiça que contra elle podia ter e o não queria por ello acusar nem demandar crimemente nem civelmente e lhe perdoava toda justiça dano corregimento, e todo o que contra elle per dereito podesse alcançar com tanto que o dito supricante se livre do dito caso a sua custa e despeza e me pedia por merce lhe perdoase minha justiça segundo que todo esto melhor e mais compridamente em o dito instrumento de perdam se conthem. E eu vendo o que me elle

supricante assi dizer e pedir enviou se asy he como elle diz e hy mais não ha, visto um parecer com o meu passe e querendo lhe fazer graça e mercê tenho por bem e me praz de lhe perdoar a culpa que tem no caso conteudo em sua pitiçam pelo modo que n'ella declara visto o perdam da parte que apresenta e pagará quatro mil reis pera piedade. E por quanto loguo paguou os ditos quatro mil reis pera ao bispo de Sancthomé do meu conselho, e meu esmoler segundo delle fuy certo per hum seu assynado e per outro de alexandre lopez meu capellão e escrivam do dito carguo que os sobre elle carregou em recepta Vos mando que o mandeis soltar se por al não for preso. E da quy em diante o não prendaes nem mandeis prender, nem lhe façaes nem consintaes ser feito mal nem outro algum desaguisado quanto he por rezão do conteudo em sua petiçam em esta minha carta declarado por que minha merce e vontade he de lhe assy perdoar pela guisa que dito he. O que asy compry huns e outros e al não façaes. Dada em esta minha cidade de Lixboa aos sete dias do mez du março e feita aos 3 do dito mez. El Rei nosso Sr. o mandou per dom *gonçallo pinheiro* bispo de Viseu e per o doutor Joham Mont.ro chanceler do mestrado de nosso senhor Jesu Christo ambos do seu conselho e seus desembargadores do paço e petições, francisco martins a fez por antonio godinho anno do nascimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e cincoenta e trez annos, e eu antonio godinho a fiz escrever. Concertado, Pedro de Oliveira, Concertado Luiz Carvalho, Pedro Gomes. » (1)

Por esta Carta de perdão se póde concluir, comparando-a com o Soneto CXC, que o Bispo D. Gonçalo Pinheiro, que Luiz de Camões teria conhecido em Africa, porque para ali fôra pela primeira vez nomeado Bispo, foi um dos principaes agentes para o perdão do poeta. No Soneto CXC, escreve:

(1) Torre do Tombo, Liv. XX de *Perdões e Legitimações de D. João III*, fl. 296, v. Jur., t. I, p. 166.

Depois que viu Cibele o corpo humano
Do formoso Atys seu, verde *pinheiro*,
Em piedade o vão furor primeiro
Convertido, chorava o grande dano.

E, á sua dor fazendo illustre engano,
A Jupiter pediu, que o verdadeiro
Preço da nobre palma e do loureiro
Ao seu *pinheiro* désse soberano.

Mais lhe concede o filho poderoso;
Que, crescendo, as estrellas tocar possa,
Vendo os segredos lá do céo superno.

Oh ditoso *Pinheiro! oh mais ditoso*
Quem se viu coroar da rama vossa,
Cantando á vossa sombra verso eterno.

Ha aqui uma evidente allusão a um alto dignatario da egreja, de quem se recebia protecção. Faria e Sousa, que não teve conhecimento da Carta de perdão achada pelo snr. Visconde de Juromenha, sentiu a allusão, e localisava-a em D. Rodrigo Pinheiro, Bispo do Porto; ora a Carta é passada a 7 de Março de 1553, e assignada por D. Gonçalo Pinheiro, que era do Conselho de D. João III, Desembargador do Paço e Petições, e que além d'isso n'esse mesmo anno fôra nomeado Bispo de Vizeu. (1)

Depois que saiu da prisão, Camões tratou de se embarcar na primeira náo que partia para a India; offereceu-se para substituir outro mancebo. No emtanto seu pae achava-se ausente da côrte, ou estava indisposto com o poeta, não querendo ser seu fiador. No Re-

(1) Jur., *Obr.*, t. II, p. 469.

gisto da Casa da India, encontrou Faria e Sousa este assento com o titulo de *Gente de guerra:* «Fernando Casado, filho de Manoel Casado, e de Branca Queimada, moradores em Lisbôa, Escudeiro. *Foi em seu logar Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá. Escudeiro, e recebeu 2:400 como os demais.*» Em outro Registo da Casa da India, copiado pelo Padre D. Flaminio, augustiniano, se sabe que d'este segundo alistamento ficou por fiador seu tio Belchior Barreto, cunhado de sua mãe. (1) Pelo Alvará de 7 de Março de 1553, fala-se em seu pae como *morador em Lisboa;* por tanto a sua ausencia seria occasionada por um dos motivos indicados. O embarque de seu filho foi desolador; na Carta I da India, descreve em poucas palavras este adeos sem esperança: «E assi posto em estado, que me não via senão por entre lusco e fusco, *as derradeiras palavras que na Náo disse*, foram as de Scipião Africano: *Ingrata patria non possidebis ossa mea.*» E em outro logar da mesma Carta: «Emfim, senhor, eu não sei com que me pague saber tão bem fugir *a quantos laços n'essa terra me armavam os acontecimentos...*»

(1) Jur., *Obr.* t. I, p. 53.

SEGUNDA ÉPOCA (1553 a 1569)

CAPITULO V

Partida de Camões para a India

A viagem da nau *S. Bento*, segundo a Relação de Mesquita Perestrello. — A despedida de Camões ás Damas de Lisboa. — Autobiographia da Canção XI. — A passagem do Cabo da Boa Esperança descripta na Elegia III. — Impressões novas para a concepção do Adamastor. — A tradição do naufragio de Sepulveda recolhida na viagem. — Os cantos dos marinheiros. — Chegada de Camões a Goa: impressão produzida por esse centro de corrupção. — Os parentes de Camões na India: João de Camões, Gonçalo Vaz de Camões, Gaspar Gil Severim, Antonio Gil Severim, D. Ignez de Camões, Duarte Frade de Faria. — Revista passada por Camões aos valentões de Gôa. — Retrato grotesco das damas da terra. — Os amores de Barbora escrava. — Primeiro combate em que entra. — Relações com o Vice-Rei D. Affonso de Noronha e com sua familia. — O Cruzeiro das Costas da Arabia, descripto na Canção X. — Primeiras noticias recebidas de Lisboa: a prisão de seu pae Simão Vaz de Camões em 12 de Agosto de 1553, a morte de D. Antonio de Noronha, a 18 de Abril de 1553, e do principe D. João. — Das Cartas que escreveu Camões para o reino. — A successão de Francisco Barreto em 16 de Junho de 1555. — Caracter integro d'este governador segundo Diogo de Couto e D. Alvaro da Silveira, amigos de Camões. — Camões toma parte nos festejos de Gôa, com o Auto do *Filodemo*. — Satyra aos vicios dos Fidalgos de Gôa. — Francisco Barreto despacha Camões para a China com o cargo de *Provedor mór dos Defunctos e Ausentes*, para o livrar dos seus inimigos.

No anno de 1553, apparelhou-se uma Armada para a difficil viagem da India, e foi entregue o commando

d'ella a Fernão Alvares Cabral.» (1) Era composta a Armada de cinco náos; a Náo *Santo Antonio,* que devia de ser commandada por D. Manoel de Menezes, queimou-se no Tejo, quando ainda estava recebendo carga. Partiram apenas quatro náos, nos dias 23 e 24 de Março de 1553, em um domingo de Ramos. Luiz de Camões ia na náo *Sam Bento,* commandada pelo Capitão-Mór Fernão Alvares Cabral. Na *Relação* de Perestrello, de que abaixo falaremos, se diz que a náo Sam Bento «*era a maior e melhor que então havia na carreira,* e levava por piloto Diogo Garcia, o Castelhano; por mestre, Antonio Ledo; e por contra-mestre Francisco Pires, todos homens muito estimados em seus cargos...» Na torna-viagem, a Náo *Sam Bento* veiu a perder-se na Terra do Natal em 23 de Abril de 1554. O resto da Armada era composto da Náo *Santa Maria da Barca,* de que era commandante Ruy Pereira da Camara; a Náo *Concepção,* commandada por Belchior de Sousa Lobo, e *Loreto,* commandada por D. Payo de Noronha. (2)

A impressão da partida acha-se admiravelmente recolhida nos *Lusiadas:* (Cant. v, est. 3)

> Já a vista pouco e pouco se desterra
> D'aquelles patrios montes, que ficavam;
> Ficava o patrio Tejo, e a fresca serra
> De Cintra; e n'ella os olhos se alongavam;

(1) No *Cancioneiro geral,* t. I, p. 119, encontra-se um poeta *Fernão Cabral.*

(2) Luiz Figueiredo Falcão, *Indice de toda a Fazenda,* p. 165.

Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já depois que toda se escondeu
Não vimos mais emfim, que mar e céo.

Embora pertençam estas palavras ao heroe da epopêa, ha aqui esse toque pessoal que só podia competir ao poeta; lembrava-lhe Cintra, onde passára a mocidade galanteando as damas da côrte, e era a ellas tambem que dirigia o Soneto CLVIII:

Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida;
E se a minha alma vae entristecida
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade, que rasão leva vencida,
Présto verão o fim á triste vida...

E da resolução extrema de saír de Lisboa, apesar de lhe facilitarem alguns dos impedimentos ao seu amor, declara no Soneto CXXXIX:

Por cima d'estas aguas, forte e firme,
Irei aonde os fados o ordenaram...

Poucos dias eram apenas passados, quando começaram os temporaes que separaram a Armada; na *Relação* de Perestrello se conta isto, que falta nas Chronicas: «Partiram do porto d'esta cidade de Lisboa em Domingo de Ramos, 24 de Março do dito anno, e *se-*

guiram sua róta alguns dias, assim em conserva, até que andando o tempo, succederam tão diversos acontecimentos, que foi forçado a apartarem-se uns dos outros, ajudando-se cada um do caminho que melhor lhe parecia, segundo a paragem em que se achavam, para salvamento das vidas e fazendas que levavam a seu cargo...» Em uma d'estas situações desesperadas da borrasca, é que escreveu Camões esse Soneto CXLIII, onde canta:

> Commigo levo esta alma, que se obriga
> *Na mór pressa do mar, de fogo e d'ira*
> A dar-vos a memoria, que suspira
> Só por fazer comvosco eterna liga.
>
> N'esta alma, onde a fortuna póde pouco,
> Tão viva vos terei, que *frio e fome*
> Vos não possam tirar, nem *mais perigos.*

Em uma *Relação summaria da viagem que fez Fernão d'Alvares Cabral, desde que partiu d'este Reyno por Capitão-Mór da Armada que foi no anno de 1553 ás partes da India,* escripta por Manoel de Mesquita Perestrello «*que se achou no dito naufragio*» (1) acham-se interessantes noticias d'esta viagem de Camões, que faltam em Diogo de Couto. Aí diz das quatro náos que formavam a armada: «cujas viagens particularmente deixo de contar por não ser meu intento tratar mais que

(1) Publicada por Bernardo Gomes de Brito na *Hist. Tragico-Maritima*, t. I, p. 41.

de Fernão d'Alvares, o qual sobrepujando com sabia experiencia a todos os contrastes que lhe sobrevieram, *dobrando o Cabo da Boa Esperança em tempo que não podia já ir a Moçambique,* se lançou fóra da Ilha de S. Lourenço, e só entre todos os da sua Armada passou aquelle anno á India, e *foi surgir na entrada do mez Fevereiro á barra da cidade de Gôa,* onde esteve descançando dos enfadamentos do mar.» As outras tres náos arribaram, *Santa Maria da Barca,* a 24 de Junho de 1553; *Loreto,* a 24 de Maio de 1556; o mesmo a *Concepção,* como se sabe pelo *Index* de Luiz de Figueiredo. Pelo tempo em que se fixa a estada de Camões em Gôa, é que se determina a sua ida na *Náo S. Bento,* a unica d'essa Armada, que chegou ao seu destino.

D'esta viagem, escreve Camões na Canção XI, que é quasi uma autobiographia:

> Agora peregrino, vago errante,
> Vendo nações, linguagens e costumes,
> Céos varios, qualidades differentes,
> Só por seguir com passos diligentes
> A ti, Fortuna, injusta....,

E descreve o estado em que se achava quando teve de abandonar a patria:

> A piedade humana me faltava,
> A gente amiga, já contraria via
> No *perigo primeiro;* e *no segundo*
> *Terra em que pôr os pés me fallecia.*
> *Ar para respirar se me negava,*
> *E faltava-me em fim o tempo e o mundo.*

O *perigo primeiro* allude ao desterro do Ribatejo; o *segundo*, em que se viu forçado a fazer a viagem da India, depois de ter estado quasi um anno prêso na cadeia do Tronco da cidade de Lisboa, conta este mesmo desastre na falta de terra em que pôr os pés, e no ár para respirar que lhe negavam. O poeta continúa na Canção XI:

> Em fim não houve transe de fortuna,
> Nem perigos, nem casos duvidosos,
> *Injustiças d'aquelles que o confuso*
> *Regimento do mundo, antigo abuso,*
> *Faz sobre os outros homens poderosos,*
> *Que eu não passasse, atado a fiel coluna*
> *Do soffrimento meu,* que a importuna
> Perseguição de males em pedaços
> Mil vezes fez á força de seus braços.

E referindo-se á nova incerteza a que se achava entregue n'esta viagem da India, confessa:

> Não conto tantos males, como aquelle
> Que depois de tormenta procellosa,
> Os casos d'ella conta em porto ledo;
> Que *inda agora a fortuna fluctuosa*
> *A tamanhas miserias me compelle...*

E de tudo isto que conta, conclue affirmando serem:

> *Puras verdades* já por mi passadas,
> Oxalá foram fabulas sonhadas!

Todas estas fundas tristezas que trazia Camões as-

sociadas á lembrança da sua patria e do seu amor, quizera-as elle esquecer pelo apartamento, que se lhe afigurava talvez para sempre. Queria que as aguas que atravessava se tornassem as aguas do esquecimento, como diz na Elegia III:

> Ou em pago das *aguas* que estilei,
> *As que passei do mar* foram do Lethe,
> Para que me esquecera o que passei.

É n'este ponto que se lhe apresenta o lance difficil da viagem; sempre batidos pelo temporal, e separada a Capitania das outras tres náos, só esta pôde dobrar o Cabo da Boa Esperança. Camões sentiu a grandeza d'esta impressão nova, e na Elegia III a descreve como um primeiro esboço da concepção do Adamastor:

> Porque chegando ao *Cabo da Esperança*
> Começo da saudade se renova,
> Lembrando a longa e aspera mudança.
>
> Debaixo estando já da Estrella nova
> Que no novo Hemispherio resplandece,
> Dando do segundo axe certa prova;
>
> Eis a noite com nuvens se escurece,
> Do ar subitamente foge o dia;
> E todo o largo Oceano se embravece.
>
> A machina do mundo parecia
> Que em tormentas se vinha desfazendo;
> Em serras todo o mar se convertia.

Lutando Boreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das náos as velas concavas rompendo.

As cordas co'o ruido assoviavam;
Os marinheiros já desesperados
Com gritos para o céo o ar coalhavam.

Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.

N'esta Elegia III, em que o poeta nos dá o roteiro da sua viagem, não vem a impressão que lhe produziu a vista do Cabo da Boa Esperança; essa encontra-se nos *Lusiadas*. Foi em Agosto que a Náo *S. Bento* chegou á altura do Cabo, depois de cinco mezes de viagem: (c. v, est. 37, 38.)

Porém *já cinco soes eram passados*
. . . .
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortádora prôa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha e carregada
Que pôz nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo...

Eu sou aquelle occulto e grande *Cabo*
A quem chamaes vós outros *Tormentorio*
. . . .
Aqui toda a africana costa acabo,
N'este meu nunca visto promontorio
Que para o polo antarctico se estende...

Todos os biographos fixam a chegada a Gôa em Setembro d'esse anno, depois de seis mezes de viagem, talvez fiados n'este dizer da Carta I, da India, aonde manda contar ás damas portuguezas: « que não receiem *seis mezes de má vida por esse mar*... » Na Relação de Mesquita Perestrello, diz-se que a Náo *S. Bento* surgia na barra de Gôa « *na entrada do mez de Fevereiro.* »

Quando Camões chegou á India estavam os espiritos impressionados com as tristes relações do naufragio que em 1553 fizera Manoel de Sousa Sepulveda, que morreu no sertão com sua formosissima esposa D. Leonor de Sá. Em 25 de Maio de 1553, chegaram os poucos que escaparam d'esta catastrophe a Moçambique, aonde seriam recebidos pela Armada que n'esse anno vinha do reino, e na qual vinha Camões. Durante os ocios da viagem é que Camões ouviu contar todos esses horrores, que se acham admiravelmente retratados na descripção que fez do naufragio do galeão *S. João*, o guardião da náo, Alvaro Fernandes. Na viagem ouviria Camões essa terrivel lenda dos amores de Sepulveda e de D. Leonor de Sá, que andava ligada ao naufragio. Dizia-se que Luiz Falcão de Sousa, capitão de Ormuz, fôra morto á espingarda « *por mando de Manoel de Sousa de Sepulveda, por intentar casar com Dona Leonor de Sá, que era mulher formosa, filha de Garcia de Sá, de quem o Sepulveda andava enamorado, e se casou depois, e todos foram a esperar o castigo de Deus á Terra Natal.* » (1) A impressão produzida em

(1) *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 146.

Camões com estas mysteriosas coincidencias, depois de ter afrontado as tempestades do Cabo da Boa Esperança, que n'esse anno foram as mais tremendas, levaram-no insensivelmente a introduzir este caso entre as prophecias da ficção do Adamastor; assim essas tres estrophes dos *Lusiadas,* tem o effeito da impressão immediata e recente:

Outro virá tambem de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, *enamorado*,
E comsigo trará a formosa dama
Que Amor, por grão mercê lhe terá dado.
Tris'e ventura, *negro fado os chama*,
N'este terreno meu, que duro e irado,
Os deixará de um crú naufragio vivos
Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome *os filhos caros*
Que com tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á *linda dama* seus vestidos:
Os crystalinos membros e preclaros
A' calma, ao frio, ao ar verão despedidos;
Depois de ter pizado longamente
Co'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
A tanto mal, a tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão. (1)

(1) *Lus.*, c. v, est. 46, 47, 48.

N'este laconismo dantesco, Camões toca a realidade tão de perto, como essa testemunha do desastre, Alvaro Fernandes; dos contos que se diziam a bordo, durante a viagem, fala tambem Camões, indicando-nos assim a fonte por onde recebeu a impressão nova sob que escreveu os *Lusiadas:*

> Remedios contra o somno buscar querem,
> *Historias contam, casos mil referem.*
>
> «Com que melhor pudemos, um dizia,
> Este tempo passar, que é tão pesado,
> Senão com algum conto de alegria,
> Com que nos deixe o somno carregado?
> Responde Leonardo, que trazia
> Pensamentos de fino namorado:
> — *Que contos poderemos ter melhores*
> *Para passar o tempo, que de amores?*... (1)

Segundo Faria, Camões retrata-se no typo de Leonardo; d'estes contos de amores, foram insensivelmente levados os marinheiros para os amores de Sepulveda, e para o castigo do assassinato de Luiz Falcão.

O desastre de Sepulveda revelou-lhe os novos interesses e a ordem de desvairadas paixões que reinavam no emporio portuguez do Oriente. Logo que chegou Camões a Goa, caracterisa duramente essa terra onde lhe brotavam os soffrimentos de que fugira; na Elegia III continúa:

(2) *Ib.*, c. VI, est. 39, 40.

D'est'arte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.

Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E nos proprios quam pouca;...

Para que citar as paginas com que Gaspar Correia descreve os crimes dos portuguezes no Oriente, as Cartas onde se vê o inferno de ambições que ali se debatiam, os anexins em que se prognosticava o modo como perdiamos a India, que nos custára tanto sangue e tantas virtudes, se temos nos versos de Camões uma condemnação mais incisiva, em que mostra o gráo de esphacelo em que caíra aquella opulenta colonia. O Soneto CXCIV toca o limite do horrivel; foi escripto sob a primeira impressão da chegada a Goa:

Cá n'esta Babylonia, d'onde mana
Materia a quanto mal o mundo cria,
Cá d'onde o puro Amor não tem valia,
Que a Mãe, que manda mais, tudo profana:

Cá d'onde o mal se afina, o bem se dana,
E póde mais que a honra a tyrannia;
Cá d'onde a *errada e cega Monarchia*
Cuida que um nome vão a Deos engana;

Cá n'este labyrintho onde a Nobreza,
O Valor e o Saber pedindo vão
A's portas da Cobiça e da Vileza;

Cá n'este escuro cáos de confusão,
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

Não se póde sentenciar com mais altura; este Soneto encerra o fundo sinistro do *Inferno* de Dante. Apesar d'esta impressão extraordinaria recebida ao entrar em Gôa, Camões encontrou nos primeiros dias da chegada o bom acolhimento dos seus antigos conhecidos de Lisboa. Na Carta I, escripta para o reino, dá-se a si proprio os parabens, por ter vindo para esta terra «*onde vivo mais venerado que os touros da Merceana, e mais quieto que a cella de um frade prégador*». O valor d'estas palavras comprehende-se desde que virmos a quantidade de parentes que tinha Camões na India; nas noticias genealogicas da familia dos Severins, descendentes de Vasco Pires de Camões, encontra-se um *João de Camões*, que serviu na India, onde casou; era filho de Pedro Alves de Camões, senhor do Morgado de Camões de Alemquer, e de D. Luiza de Carvalho. É natural que o poeta o conhecesse no tempo do seu desterro do Ribatejo. Tambem estava na India por este tempo *Gonçalo Vaz de Camões,* filho de Simão de Camões da Camara, que era Capitão de Damão. Gaspar Gil Severim, que morreu solteiro na India, e Antonio Gil Severim, seu irmão que serviu muitos annos na India e se achou no segundo Cêrco de Diu, e recebeu depois do Cardeal-Rei o cargo de Executor-Mór da Fazenda real, ali conheceriam Camões, por que eram contemporaneos. Tambem Manoel Pegado, casado com *D. Ignez de Camões,* irmã dos antecedentes, estava na India; e Duarte Frade de Faria, egualmente casado na

familia dos Severins, e que fôra duas vezes á India, o teriam por ventura agasalhado. N'estes primeiros dias esteve Camões *mais venerado que os touros da Merceana*. Cumpre lembrar que foi da familia dos Severins, que Luiz de Camões recebeu as primeiras homenagens publicas, no seculo XVII.

Com o seu genio audacioso, durante o tempo que descançou da viagem, Camões tratou de se informar acêrca dos valentões da India; nenhum lhe mereceu estima, eram uns poltrões com roncas de soberba: «Já estes que tomavam esta opinião de valentes ás costas, crêde que nunca:

> Riberas de Duero arriba
> cavalgaron zamoranos,
> que con roncas de tal soberbia
> entre si fuesen hablando;

«e quando vem ao effeito da obra, salvam-se com dizer que não podem fazer tamanhas duas cousas, como he prometter e dar.» N'esta Carta I, passa revista aos mais conhecidos por valentes, como quem quer saber com quem se media; falava-se em um João Toscano, Callisto de Sequeira e em Manoel Serrão: «Informado d'isto veiu a esta terra *João Toscano,* que, como se achava em algum magusto de rufiões, verdadeiramente que ali era:

> Su comer las carnes crudas,
> Su beber la viva sangre.

«*Callisto de Sequeira* se veiu cá mais humanamen-

te, porque assi o prometteu em uma tormenta grande em que se viu. Mas um Manoel Serrão, que, *sicut et nos,* manqueja de um olho, se tem cá provado arrezoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez desligar a um soldado, o qual pela postura de sua pessoa, era tido em boa conta. »

Esta escolha de Camões para árbitro de uma pendencia entre valentes, logo que chegou a Gôa, e ao mesmo tempo a sua preoccupação de mandar novas dos que eram conhecidos por mais destemidos, mostram-nos a verdade do seu caracter, que já traçámos. Depois dos valentões seguia-se a revista das damas da terra, que eram quasi todas de *muita edade,* e incapazes de perceberem um conceito amoroso tirado de Petrarcha ou Boscan, falavam um portuguez mascavado de termos asiaticos, com uma degeneração de fórmas, como podemos ainda hoje vêr nos livros religiosos traduzidos no dialecto portuguez de Ceylão. Eis como Camões retrata com as magnificas tintas do grotesco, essa sociedade elegante de Gôa: « Se das damas da terra quereis novas, as quaes são obrigatorias a uma Carta, como marinheiros á festa de S. Frei Pero Gonçalves, sabei que as portuguezas todas *caem de maduras,* que não ha cabo que lhe tenha os pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dá, *além de serem de rála,* fazei-me mercê que lhe falleis alguns amores de Petrarcha ou de Boscão; *respondem-vos huma linguayem meada de hervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança agua na fervura, na mór quen-*

tura do mundo.» Depois d'isto Camões lembra-se dos seus diversos amores de Lisboa, d'aquellas damas, que têm, como admiravelmente disse D. Francisco Manoel de Mello:

> Um falar com tanto geito,
> Um ditinho de repente,
> Que affeiçôa:
> Um ter em tudo respeito,
> Ai, Déos me mate com a gente
> De Lisboa!

Depois d'isto, comprehende-se o sentimento com que Camões diz na Carta I: «Ora julgae, senhor, o que sentirá um estomago costumado a resistir ás falsidades de um rostinho de touxia, de uma dama lisbonense, que chia como um pucarinho novo com agua, vendo-se agora entre esta carne de salé, que nenhum amor dá de si.» Esta bella imagem do *pucarinho novo* já se encontra nos Cantos populares, como se póde vêr nos *Despiques de Conversados.*

Apesar de Camões falar n'estas damas que eram de *rála,* e na *carne de salé,* que nenhum amor dá de si, elle não deixou de se apaixonar por uma mulata, chamada Luiza Barbora, que lhe inspirou essa admiravel endexa da «*pretidão do amor*». Faria e Sousa conta a tradição, mas localisando-a em Lisboa; na primeira edição das *Lyricas* de 1595 se lê esta rubrica authentica: «*Endechas a uma Cativa, com quem àndava de amores, na India, chamada Barbora*» (1) o que é mais

(1) Ed. de 1595, fl. 159.

admissivel, porque as damas portuguezas de Gôa, pela sua *muita edade* todas *caiam de maduras*. Eis como Faria e Sousa, commentando a Canção x, est. 10, appresenta essa tradição: « Uma mulata d'este trato (chamava-se Barbora) sabendo da sua miseria, dava-lhe ás vezes um prato do que ia vendendo, e algumas vezes dinheiro do vendido; e elle acceitava-o. » As Endexas de Camões lembram esse ardor oriental que inspirava a Sulamite, que dizia *nigra sum, sed formosa:*

Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.

....

Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cansados
Mas não de matar.

....

Pretidão de amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura,
Que trocara a côr.
Leda mansidão
Que o siso acompanha,
Bem parece extranha
Mas *barbara* não.

A mesma seducção encontrou na Asia o erudito Anquetil du Perron, que só pode oppôr á magia voluptuosa das bayaderas a paixão profunda que o levava a achar

a lingua zend e os livros sagrados da India. Camões tinha a erudição do seculo XVI, que com o criterio sensual da Renascença o justificava de deixar-se captivar pela bayadera, com o exemplo de Aristoteles, de Achilles e de David. Em uma Satyra, que fizeram a esta sua predilecção, (1) se deduz que estes amores não foram em Portugal:

> Ao som de um biribáo Luiz cantava
> . . . .
> *Da sua negra absente o perseguia*
> *A saudade*, que inda hoje o maltrata,
> Com o pensamento n'ella assim dizia:
> Se claro logo está quanto és formosa,
> Toda a affeição que em tal negra se emprega
> Negra affeição será, mas venturosa.

Na Ode X, justificava-se Camões dos que explicavam ridiculamente o amor de Luiza Barbora:

> Ali se viu captivo
> *Da captiva gentil, que serve e adora;*
> Ali se viu que vivo
> Em vivo fogo mora,
> Porque de seu senhor a vê senhora.
> . . . .
> Se agora foi ferido
> Da penetrante ponta e força d'herva;
> E se Amor é servido
> *Que sirva a linda serva*
> Para quem minha estrella me reserva?

Estes amores de Luiza Barbora seriam por ventura uma primeira consequencia da acção que a vida dissol-

(1) Publicada pela primeira vez pelo snr. Visconde de Juromenha, *Obras*, t. v, p. 307.

vente de Gôa produziu no poeta; no Soneto CXCIV, em que compára Gôa a outra Babylonia, aí appresenta a Venus impudica dominando. Mas na Carta I, aonde fala nas damas que eram de *rála,* tambem retrata Gôa, como quem prophetisava o destino que o esperava: «*Da terra vos sei dizer, que é mãe de villões ruins, e madrasta de homens honrados.* Porque os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre agua como bexigas, mas os que sua opinião deita = a las armas Mouriscote, = como maré corpos mortos á praia, sabei que antes que amadureçam, se secam.» Camões era d'estes ultimos; fôra á India para combater e não para ganhar dinheiro. Em fins de Novembro de 1553, depois de mez e meio de descanço da viagem acompanhou Camões o Vice-Rei D. Affonso de Noronha em uma expedição com que foi soccorrer o rei de Cochim; (1) na mesma Elegia III, onde descreve os horrores da passagem do Cabo das Tormentas, continúa

Foi logo necessario termos guerra.

Uma Ilha que o Rei de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomará,
Fomos tomar-lh'a, e succedeu-nos bem.

Com uma grossa Armada, que juntou
O Viso-Rei, de Goa nos partimos
Com toda a gente de armas que se achou.

(1) Vae de encontro á relação de Mesquita Perestrello, mas está authenticado pela Elegia III de Camões.

E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada;
Com morte, com incendios os punimos.

Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Emfim, outra Veneza trasladada.

N'ella nos detivemos só dois dias,
Que foram para alguns os derradeiros
Pois passaram da Estyge as ondas frias.

D. Affonso de Noronha depois de vingar o alliado de Portugal, voltou para Cochim e d'ali para Gôa, deixando Gomes da Silva com doze ou quinze navios de pequeno bordo; Camões regressou na companhia do Vice-Rei. Foi n'este tempo que Camões escreveu o Soneto VI, celebrando o filho do Vice-Rei, D. Fernando de Menezes, que foi com uma armada ao Estreito do Mar Roxo. As boas relações em que estava com o Vice-Rei, explicam-se por ter militado sob o seu commando em Ceúta em 1549, alistando-se para vir com elle em 1550 na náo *S. Pedro dos Burgalezes*. A Ode XIII é dedicada ao sobrinho do Vice-Rei, D. Antão de Noronha, com quem tambem militára em Africa; n'ella lhe fala na intenção que tinha de compôr uma epopêa, e ao mesmo tempo dá a conhecer que lhe mostrava os seus versos:

... ao menos podera
Entre aquelles contar-me, que alcançado
Na Lusitana esphera
Tem o *louro sagrado*
D'aquelle de quem o sol he governado.
Para que ousadamente
De minha Musa vos dera essa parte...

A vós, por quem já cresce
O nome luzitano a tanta gloria,
Que a seu pesar esquece
De Virgilio a memoria...

D'esta Ode XIII se póde deprehender que D. Antão de Noronha tambem cultivava a poesia; com certeza Camões mostrava-lhe os seus versos, como se vê no fim da estrophe:

Não he de confiado
Mostrar-vos minhas cousas, pois conheço
Que tendes alcançado
N'isto o mais alto preço,
E quanto em mostral-as desmereço.

A amisade com que vivia Camões com a familia do Vice-Rei, o fez entrar na expedição que o velho D. Affonso de Noronha ordenou para seu filho D. Fernando de Menezes nos principios de 1554. Apparelhou-se em Gôa a armada que havia ir ao Estreito de Meca e depois invernar a Ormuz, aonde esperaria as galés vindas de Baçorá. (1) D. Fernando de Menezes, levava comsigo um fidalgo experimentado, Manoel de Vasconcellos, para o auxiliar com seu conselho; foram seguindo a derrota até ao Monte Felix, até ao principio do mez de Abril; foram depois correndo a costa da Arabia, recolhendo-se o filho do Vice-Rei a Ormuz, deixando Manoel de Vasconcellos com a armada em Mascate,

(1) Seguimos n'este ponto o snr. Visconde de Juromenha, *Obras*, t. I, p. 64.

e ficando Camões com este no cruzeiro. Na Canção x, descreve Camões este episodio da sua vida, começando pela descripção do Cabo de Guardafú, já aproveitada por todos os biographos:

> Junto de um secco, duro, esteril Monte,
> Imobil e despido, calvo e informe,
> Da natureza em tudo aborrecido;
> Onde nem ave vôa ou fera dorme,
> Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
> Nem verde ramo faz doce ruido;
> Cujo nome, do vulgo introduzido,
> E' *Feliz*, por antiphrase infelice;
> O qual a natureza
> Situou junto á parte
> Aonde um braço de alto mar reparte
> A Abassia da Arabica aspereza....
>
> O Cabo se descobre, com que a Costa
> Africana, que do Austro vem correndo,
> Li . ite faz, Arómata chamado:
> Arómata outro tempo; que volvendo
> A roda, a dura lingua mal composta
> Dos proprios outro nome lhe tem dado.
> *Aqui no mar*, que quer apressurado
> Entrar por a garganta d'este braço,
> *Me trouxe em tempo e teve*
> *Minha fera ventura.*
> *Aqui n'esta remota, aspera e dura*
> *Parte do mundo, quiz que a vida breve*
> *Tambem de si deixasse um breve espaço.*
> *Porque ficasse a vida*
> *Pelo mundo em pedaços repartida.*
>
> *Aqui me achei gastando uns tristes dias,*
> *Tristes, forçados, maus e solitarios*
> *De trabalho e de dor e de ira cheios.*
> *Não tendo tão sómente por contrarios*
> *A' vida, o sol ardente, as aguas frias,*
> *Os ares grossos, férvidos e feios,*

Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria
Que eu já no mundo vi, quando vivi.

Quando Camões pôde regressar a Gôa, por se ter acabado esse insupportavel cruzeiro, já veiu achar investido do cargo de Vice-rei a D. Pedro de Mascarenhas; os abusos immensos do emporio portuguez do Oriente, já accusados por Camões, estavam reclamando um remedio energico; no *Cancioneiro* manuscripto de Luiz Franco Correia, começado a colligir em 1557, quando elle militava na India, encontra-se uma parodia das afamadas Coplas de Jorge Manrique, satyrisando a profunda degradação do governo da conquista.

Apesar da sua avançada edade, D. Pedro de Mascarenhas, para comprazer com o rei e com o Infante D. Luiz, acceitou essa missão difficil; partiu a 2 de Abril de 1554, commandando a Capitania *Boa Ventura*, com as náos *Concepção*, *Victoria*, *Spadarte* e *Santa Maria das reliquias,* e entrou em Gôa a 16 de Septembro d'esse anno. Pelo *Indice de toda a Fazenda*, de Luiz Figueiredo Falcão, (p. 165) se sabe que a náo *Boa Ventura* «Perdeose na costa de Goa a 18 de Setembro 554». A isto parece referir-se a Satyra do *Cancioneiro* de Luiz Franco:

Ved con quan poco temor
los nabios mal tratamos
que tenemos!
las galeras, es dolor,
primero que las varamos
las perdemos.

D'ellas por su edad
mas que casos desastrados
que acaecen,
otras por flexedad
nuevas quillas y costados
apodrecen.

Pelo *Indice* de Falcão se vê que é inadmissivel a tradição de ter Simão Vaz de Camões naufragado na costa de Gôa, porque o seu nome não figura aí como capitão. Depois da chegada de D. Pedro de Mascarenhas, é que o poeta regressou do longo cruzeiro das costas da Arabia; a Armada vinda do reino trouxe-lhe as primeiras cartas que recebeu de Lisboa com tristes noticias. Entre essas más novas, doia-lhe a da morte do seu intimo e joven amigo D. Antonio de Noronha, filho de D. Francisco de Noronha, segundo Conde de Linhares, que seu pae mandára militar em Ceuta, quando para ali partira por Capitão seu tio D. Pedro de Menezes, a fim de o afastar dos amores que trazia na côrte com D. Margarida da Silva, filha de Garcia de Almeida, neta do segundo Conde de Abrantes. Morreu este joven cavalleiro juntamente com seu tio e mais trezentos fidalgos em uma traição que os mouros lhe armaram a uma legoa de Ceuta junto ao

monte chamado da Condeça, a 18 de Abril de 1553. N'este desastre tambem morreu Gonçalo Mendes de Sá, filho de Sá de Miranda. (1) D. Antonio de Noronha tinha sido escolhido por causa da sua edade, para justar com o principe D. João, no Torneio de Xabregas, em que tomou as armas. Nas mesmas Cartas do reino vinha tambem a noticia da tristeza geral que havia no reino por causa da morte do unico herdeiro de D. João III, o principe D. João, casado prematuramente com uma filha de Carlos V. Todos os poetas portuguezas choraram em suas Elegias este desastre, d'onde ficou o vêr-se a sorte do reino ligada ao destino incerto de uma criança de poucos dias, o desventurado D. Sebastião. Mas o povo, com o exagerado fanatismo da côrte, perdera esse genio poetico, que o fez celebrar uma identica catastrophe, succedida com o unico filho de D. João II; em 1491, o povo inventou o romance em que perpetuou a morte do principe D. Affonso; (2) em 1553 fi-

(1) *Historia dos Quinhentistas*, p. 122.

(2) M. Gaston Paris, publicou na *Romania* um antigo romance hespanhol composto em França, extrahido do *Ms.* da Bibl. Nat. n.º 12744 (fl. IIIIxxxv, *v.*) composto sobre a impressão do desastre do principe:

> Ay, ay, ay, ay! que fuertes penas!
> Ay, ay, ay, ay! que fuerte mal!
>
> Hablando estava la Reyna
> En su palacio real
> Con la Infanta de Castilla
> Princesa de Portugal.
>
> Ay, ay, ay, ay! etc.

cou calado e deixou o sentimento convencional aos eruditos. A impressão causada pela morte do principe D. João, repercutiu-se na India, e Camões lembrando-se que fôra elle quem justára com D. Antonio de Noronha, no torneio de Xabregas, escreveu a Ecloga I, em que allía o sentimento d'estes dois desastres. Na Carta, que então escreveu para o reino em 1554, e que

Ali vino un caballero
Con grandes lloros lhorar;
«Nuevas os traigo, señoras,
Dolorosas de contar.

Ay, ay, ay, ay! etc.

«Ay! no son de reino extraño;
De aqui son, de Portugal.
Vuestro Princepe señoras,
Vuestro principe real...

Ay, ay, ay, ay! etc.

Es caido de un caballo
Y l'alma quiere a Dios dar:
Si lo querés de ver vivo
Non quered vos tardar.

Ay, ay, ay, ay! etc.

Ali estava el Rey su padre,
Que quiere desesperar;
Lloran todas as mugeres
Casadas e por casar.

Ay, ay, ay, ay! etc.

Este romance estava escripto em hespanhol com ortographia franceza; M. Gaston Paris desejou comparal-o com os romances dos Açores, já por nós publicados; aí diz: «Des romances portuguaises sur ce sujet sont encore populaires dans les Açôres, et ont été publiées par M. Braga, mais je n'ai pu encore me procurer son précieux *Cancioneiro e Romanceiro geral.*» Rom. p. 377.

anda com a indicação de primeira, escreve: «Por agora não mais, senão que este *Soneto* que aqui vae, que fiz á morte de D. Antonio de Noronha, vos mando em signal de quanto d'ella me pezou. Uma *Ecloga* fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Principe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vol-a mandára para a mostrardes lá a Miguel Dias, que pela muita amisade de D. Antonio, folgaria de a vêr: mas *a occupação de escrever muitas cartas para o reino,* me não deu logar. Tambem lá escrevo a Luiz de Lemos em resposta de outra que vi sua; se lh'a não derem, saiba que é a culpa da viagem, na qual tudo se perde.»

Por esta passagem, se vê o quanto é lamentavel a perda das *muitas Cartas* de Camões; é provavel que muitas d'ellas fossem aos seus amigos mais valiosos, intercedendo por seu pae que estava prêso; outras se perderiam mesmo na viagem. Na conta dada á *Academia de Historia portugueza* pelo Conde da Ericeira, no anno de 1724, n.º 172, se diz que existia na Livraria do Conde de Vimeiro um manuscripto com este titulo: «*Obras varias, que não só contem muitos versos, Discursos e Cartas,* em que entram muitas de Luiz de Camões, *e todas as do celebrado Fernão Cardoso.*» Ainda em 1735, M. Duperron de Casterá, na sua traducção franceza dos *Lusiadas,* falando da interpretação de Camões, escreve: «...d'ailleurs *il s'en est encore expliqué plus clairement dans quelques unes de ses Lettres.*» É possivel que na collecção do Conde de Vimeiro

se comprehendessem algumas d'aquellas em que Camões interpretava o seu poema; mas desgraçadamente a Livraria do Conde de Vimeiro ficou incendiada no terremoto de 1755.

O Soneto XII, é aquelle que acompanhava a Carta I da India:

> Em flor vos arrancou, de então crescida,
> Ah Senhor D. Antonio, a dura sorte,
> D'onde fazendo andava o braço forte
> A fama dos antigos esquecida...

Tinha rasão o poeta para mandal-o mostrar a Miguel Dias, amigo intimo de D. Antonio de Noronha. Depois da morte d'este galhardo mancebo, a dama por amores de quem fôra desterrado para Ceuta, casou com D. João da Silva, herdeiro da casa do Conde de Portalegre, e que tambem estudára em Santa Cruz de Coimbra. A Egloga I, escripta sobre o mesmo caso, era tida por Camões como a melhor de quantas fizera; aí fala no motivo do desterro imposto pelo pae por causa dos amores de D. Margarida da Silva:

> Mas como este tormento o sinalou,
> E tanto no seu rosto se mostrasse,
> *Entendendo-o já bem o pae sisudo,*
> *Porque do pensamento lh'o tirasse*
> *Longe da causa d'elle o apartou.*

A dama é representada com o nome de *Marfida*, e o gentil donzel com o de *Tionio*. N'esta mesma

Ecloga, fala da morte do principe D. João, e allude a Carlos v, quando descreve a viuvez da princeza sua filha:

> Esta é por certo *Aonia,* filha amada,
> D'aquelle grã Pastor, qu'em nossos dias
> Danubio enfreia, manda o claro Ibero,
> E espanta o morador do Euxino féro.

Era este monarcha o que na Europa mais vigorosamente realisava a ideia da *monarchia universal;* Camões, vendo que a corôa dependia do destino de uma criança recem-nascida, receia pela autonomia da nacionalidade, mas fortalece-se com o sentimento de uma antiga tradição:

> *Em quanto do seguro azambujeiro*
> *Nos pastores de Luso houver cajados*
> *Com o valor* antiguo, que primeiro
> Os fez no mundo tão assignalados,
> Não temas tu, Frondelio, companheiro,
> Que em algum tempo sejam subjugados,
> Nem que a cerviz indomita obedeça
> A outro jugo qualquer que se lhe offereça.

Na *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes,* por Azurara, conta-se esta anedocta acontecida com esse Capitão em Ceuta em 1415, quando D. João I não tendo cavalleiro que se atrevesse a manter a nova conquista, se lhe apresentou o Conde, a quem o rei lhe deu um páo, dizendo: «Que o tomasse em honra, que lhe désse Deos muita honra com victoria dos infieis.» O snr.

*

Visconde de Juromenha recolheu esta tradição tal como anda nos nobiliarios manuscriptos; o Conde D. Pedro de Menezes andava jogando a choca com um páo de azambujeiro, e como se não apresentasse ninguem ao rei quando offerecia a Capitania de Ceuta, elle se chegou dizendo: «*Com este só me atrevo a defender esta praça contra todo o poder de Africa.*» (1) A referencia a estas tradições mostra como Camões estava possuido do sentimento da nacionalidade, pelo que ella tem de mais vivo, para entrar na realisação dos *Lusiadas*.

Depois da sua volta do cruzeiro nas Costas da Arabia até á morte do Vice-Rei D. Pedro Mascarenhas em Junho de 1555, é que esteve Camões em Gôa «*mais quieto que cella de frade prégador*, como elle diz na sua Carta I para o reino; n'este anno partia para as missões o seu antigo amigo D. Gonçalo da Silveira. A 16 de Junho de 1555 succedeu no governo da India, Francisco Barreto; todos os biographos do poeta são concordes em consideral-o como um dos maiores perseguidores de Camões, talvez induzidos pela perseguição que mais tarde lhe fez Pedro Barreto, sobrinho do governador; o unico que rejeita esta tradição é o snr. Visconde de Juromenha, sem que por isso deixem de se explicar as phases da vida do poeta. Dois amigos intimos de Camões, Diogo de Couto e D. Alvaro da Silveira, elogiam Francisco Barreto com a linguagem mais franca e de-

(1) Jur., *Obras*, t. III, p. 355.

cidida, que não teriam se elle houvesse sido injusto para com Camões. Couto retrata-o como «*liberal, camarada officioso e sempre propenso a perdoar as offensas recebidas*». D. Alvaro da Silveira, aquelle a quem Camões chamava o seu maior amigo, em uma Carta datada de 24 de Dezembro de 1555, dirigida a el-rei D. João III, diz de Francisco Barreto, e do modo como sustentava o governo da India: «*nunca homem tão amado foi do povo nem desejado*». Accresce a estas provas, outra não menos forte, tirada das relações que teve Camões com D. Francisca de Aragão sobrinha e herdeira de Francisco Barreto. (1) Ao passo que se rehabilita a memoria d'este homem prestante, n'esses elogios encontramos o fundamento que levou a celebrarem com apparatosas festas a sua nomeação de Governador.

Camões passsara o anno de 1555 em Gôa; aí vivia na convivencia de D. Alvaro da Silveira, que em Carta de 10 de Janeiro de 1556 foi proposto a el-rei para Capitão de mar; tambem já se achava na India o seu chistoso e enamorado amigo João Lopes Leitão. Nomeado Francisco Barreto, apenas com trinta e nove annos de edade, fizeram-se festas, banquetes, jogos e até representações dramaticas; o talento de Camões, ávido de se manifestar como nos tempos da sua gloria na côrte, não deixou escapar esta occasião. Camões escreveu e fez representar n'estas funções da investidura de Francisco Barreto o celebre *Auto do Filodemo*; este nome

(1) Todos estes argumentos pertencem ao snr. Visconde de Juromenha. *Obras*, t. I, p. XV n. 8.

só por si justifica o retrato do Governador, feito por Diogo de Couto e D. Alvaro da Silveira; *Filodemo* é uma palavra grega composta de *Philos* e *demos,* o querido do povo. Sabe-se que este Auto foi escripto para essas festas de 1555, porque n'este tempo vivia em Gôa um tal Luiz Franco Correia, que se diz de si proprio «*companheiro em o estado da India e muito amigo de Camões*», o qual recolheu uma copia do *Auto do Filodemo* com esta rubrica inicial: «*Comedia feita por Luiz de Camões. Representada na India a francisco barreto. Em a qual entram as figuras seguintes...*»

Este manuscripto, rico pelas variantes e lições ineditas, acha-se na Bibliotheca Nacional de Lisboa. (1) No *Filodemo* allude Camões ao Auto de *Braz Quadrado,* prohibido nos Indices Expurgatorios e hoje irremediavelmente perdido; era conhecido n'esse tempo na India, e talvez um dos que se representaram nas festas de 1555. No Auto parece referir-se a situações do seu amor, e ás injustiças que soffrera:

N'esse deserto apartado
De toda conversação,
Merecieis *degradado*
Por justiça com pregão
Que dissesse: — *Por ousado.* (2)

(1) Jur. t. IV, p. 483. — Consultando-o, n'elle encontramos muitas poesias ineditas de Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Jorge de Monte-Mór, Jeronymo Corte Real, D. Manoel de Portugal, D. Diogo de Mendonça, etc.

(2) *Ib.*, t. IV, p. 408.

Na representação do *Auto de Filodemo* recitou o poeta João Lopes Leitão esse afamado Soneto que começa:

Quem é este que na Harpa lusitana...

em que elogia Camões como rival de Plauto e Terencio, e aonde sobretudo, já allude á composição de uma *epopêa* virgiliana. As festas pela investidura do Governador íam sendo fataes a Camões; os vicios que reinavam em Gôa, a embriaguez, o jogo e a protervia, soltaram-se á larga no meio do jubilo que se continuou até ao inverno. As festas tornaram-se por fim um pretexto para se beber, jogar e andar em descantes nocturnos e ruidosos. Na Carta I de Camões, fala elle «*de alguns aventureiros,* que cuidam que todo o mato é ouregãos, e não sabem que cá e lá más fadas ha.» Na Carta de D. Alvaro da Silveira, a D. João III em 24 se Dezembro de 1555, diz: «*que huma das cousas que distrue esta terra são novidades e homens novos n'ella.*» Por isto se vê que em Gôa reinavam a intriga e os aventureiros. Foi contra estes que escreveu Camões a celebre *Satyra do Torneio,* que traz a seguinte rubrica importante: «*Finge que em Gôa, nas festas que se fizeram á successão de um Governador, saíram a jogar canas certos homens a quem não sabia mal o vinho, e outros notados de alguns vicios, com divisas nas bandeiras, e letras, conforme sua tenção.*» Esta Satyra é um retrato animado da corrupção profunda d'esse emporio, e bem quizeramos transcrevel-a na sua integra; no em-

tanto os golpes disparados pelo poeta tinham os requesitos da popularidade e faziam rir por força. A um borracho, que fez figurar no *Torneio*, e que não queria ser convertido em morcego, castigo dos que despresavam Baccho, deu-lhe a divisa:

> Si yo desobediciere
> A tu Deidad santa e pura,
> En *al mudes mi figura.*

E explica: «Alguns praguentos quizeram dizer que esta letra era maliciosa, e que não queria dizer tanto desejar este galante de ser *mudado em al,* como que desejava *almudes* d'este licôr. Mas é muito grande falsidade que sendo a letra assi feita, acaso acertou de saír aquella palavra com que molhava as suas quem tirava a divisa. *Do que o innocente author, depois ficou para se enforcar.*» Outros já trocavam os bellos vinhos de Caparica e Seixal pelas terriveis beberragens indianas chamadas Fullas e Orracas. Ás Cartas falsificadas usadas por esses jogadores, allude Camões na divisa de uma camisa lavrada de pontinhos:

> Tanto me vim a apontar,
> Que *apontado* trago o rosto
> E as cartas para jogar.

Camões dava noticia para o reino d'essas festas, e remata dizendo: «Muitos outros homens illustres quizeram

ser admittidos n'estas festas e canas, e que se fizera memoria d'elles, conforme suas qualidades; *mas infinita escriptura fora, segundo todos os homens da India são assignalados; e por isso bastem para servirem de amostra do que ha nos mais.* » (1) Manoel Severim de Faria, que segundo o snr. Visconde de Juromenha, viu Cartas ineditas de Camões, foi o primeiro que attribuiu a esta peça a causa dos novos soffrimentos do poeta. Esta *Satyra do Torneio* andava appensa á Carta II da India, e do começo d'ella se deprehende que Camões a enviára em 1555 para o reino, pedindo inviolavel segredo: « *Esta vae com a candeia na mão morrer nas de V. M.; porque não quero que do meu pouco comam muitos. E se todavia quizer metter mãos na escodella mande-lhe lavar o nome e valha sem cunhos.* » É facil de calcular a celeuma que se levantaria dos fidalgos satyrisados contra Camões; em 1556 viu-se obrigado a saír de Gôa, e Francisco Barreto para o salvaguardar das traições que lhe armavam despachou-o para a China, com o cargo de *Provedor-Mór dos Defunctos e Ausentes de Macáo,* em que chegou, segundo a tradição, a alcançar alguma fortuna. O snr. Visconde de Juromenha é que restituiu á verdade este problema da vida do poeta, conciliando-o com o caracter justo de Francisco Barreto. A partida do poeta sería em Março de 1556, época em que se fazia a viagem da China, para evitar os tufões de Agosto

(1) *Obras*, t. v., p. 245.

e Septembro; (1) nas *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, fala-se na Armada que n'esse anno partíra de Gôa para a China, commandada por Fernão Martins; tudo leva a crêr que n'esta Armada seguíra Camões para o seu pretendido desterro. (2)

(1) *Jur.*, t. I, p. 496.
(2) *Ib.*, p. 73.

CAPITULO VI

Camões em Macáo, e seu regresso a Gôa

O Cargo de Provedor-Mór dos Defunctos e Ausentes.—Nomeação de Camões por Francisco Barreto.—Caracter integro do Governador.—Relações de amisade com o poeta Antonio de Abreu.—A tradição de Affonso de Albuquerque, recolhida por Camões.—O Jáo.—Camões escreve do canto segundo até ao sexto dos *Lusiadas* em Macáo.—Intrigas contra Camões com Francisco Barreto.—E' chamado a Gôa debaixo de prisão.—Naufragio na foz do Mecon.—A sua vida descripta no canto VII dos *Lusiadas*, escripto nos carceres de Gôa.—Sabe em Gôa da morte de D. Catherina de Athayde.—Trovas escriptas na prisão.—Amisade do Vice-Rei D. Constantino de Bragança.—O banquete poetico dado por Camões em Gôa, depois de saír do carcere.—D. Francisco de Almeida.—Traços biographicos de João Lopes Leitão, poeta e amigo de Camões.—Amisade de Diogo do Couto por Camões.—Chegada do novo Vice-Rei D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo.—A anedocta de Miguel Rodrigues Fios Seccos.—Camões pede ao Viso-Rei por Heitor da Silveira.—Traços biographicos d'este poeta.—Influencia de Camões para com o Conde Vice-Rei: Garcia de Orta e os *Colloquios dos Simplices*.—A noticia do perdão de seu pae Simão Vaz de Camões.—Permanencia de Camões em Gôa até 1567.—O Vice-Rei D. Antão de Noronha, nomeia Camões para a sobrevivencia da Feytoria de Chaul.—Vinda de Camões para Moçambique em 1567.—Trabalhos soffridos até 1569 em que se embarca para o reino.

Entre os grandes abusos da administração no governo da India, aquelle que mais se sentia no reino, pois que affectava o interesse de muitas familias, era o do extravio das heranças dos que morriam longe da patria. Em uma Carta de Francisco de Sousa a D. João III, se delata este crime da má arrecadação e des-

caminho dos bens jacentes, e se propõe os meios para se providenciar sobre o modo de se entregarem no reino as heranças aos parentes dos fallecidos. O Governador Francisco Barreto, atacando de frente os abusos que arruinavam o dominio de Portugal na India, attendeu tambem a estes descaminhos; desde 1554 que o commercio portuguez na China estava florentissimo, indo levar os seus productos até Cantão. Em consequencia das grandes riquezas dos negociantes ali fallecidos, reclamava-se uma auctoridade, que fiscalisasse a boa arrecadação das heranças, n'aquellas paragens onde, pela distancia a que se achavam do governo central, era quasi impossivel a justiça. Francisco Barreto dotado de um caracter energico e tenaz, adaptado para executar as grandes reformas, precisava de um homem destemido e honrado, para ir restabelecer a administração n'aquelles perigosos sitios; conhecia Luiz de Camões, então de seus trinta e dois annos, vigoroso e atrevido, e sem mancha na sua probidade; nomeou-o para o cargo de *Provedor-Mór dos Defunctos e Ausentes,* em Macáo, o que corresponde ainda hoje entre nós a Curador geral, uma das attribuições do Ministerio Publico. A difficuldade do cargo, tendo de luctar com grandes interesses constituidos e quasi que sómente com a força moral da lei, poderia fazer parecer esta nomeação um castigo; a grande distancia, pois que na viagem se gastava perto de quarenta dias, e a falta de recursos de uma cidade nascente, poderiam tambem fazer parecer que este despacho era um desterro, como se affigurava a Manoel

Severim de Faria, Faria e Sousa, e a quasi todos os biographos.

Começaram a vir do reino mais reclamações ácerca das heranças, e em 2 de janeiro de 1556 era expedido para a India o *Regimento do Thesoureiro dos Defunctos;* e nas *Instrucções,* dadas no anno seguinte a D. Constantino de Bragança, tambem se repetia: «Assy mesmo vos recommendo muito o bom recado das fazendas dos finados. E de mandardes ao Provedor-mór, e Provedores d'elles, que tenham grande cuidado de se fazerem os inventarios com toda a fidelidade em tudo o que tenho mandado por meus Regimentos.» (1) Por esta exigencia se vê que a nomeação de Camões, a quem se chamava *bacharel latino,* se fundava tambem sobre os seus estudos juridicos, indispensaveis para os inventarios e partilhas. No exercicio d'estas funcções de *Provedor-Mór dos Defunctos,* andavam annexos os cargos de Alcaide-mór e Vedor das Obras, que, pelo *Livro da Fazenda da India,* tinham de ordenado com o titulo de Feitor a quantia de 129$520 réis. Em vista d'isto comprehende-se a verdade d'aquella nota á estancia LXXX, do Canto VII dos *Lusiadas,* de 1584: «Isto diz, porque Camões andando na India, *começando a fortuna a favorecel-o, e tendo algum fato de seu...*» Em virtude d'este cargo teve Camões relações de amisade com o poeta Antonio de Abreu, conhecido pelo epitheto de *Engenhoso,* que era Contador de El-Rei na

(1) Apud Juromenha, *Obras*, t. I, p. 496, nota 42.

India, para onde fôra em 1526 a 16 de Maio, capitaneando a Náo *Conceição*. (1) Nos versos de Antonio de Abreu, publicados juntamente com as *Antiguidades de Coimbra* de Gasco, se lhe dá o titulo de *amigo de Camões;* nas *Obras* de André Falcão de Resende, vêm tres Sonetos mysticos d'este poeta, cujas composições eram geralmente tidas por apocryphas antes d'esta descoberta.

Em quanto Camões se achava ausente de Gôa, em 1557, tambem o seu amigo e poeta Luiz Franco Correia começou a recolher os versos que o Provedor deixára dispersos pelas mãos das pessoas com quem convivera. Os principaes amigos que encontrou Camões na India eram poetas; por isso tinha elle rasão para dizer contra quem o perseguia: «que quem não sabe a arte não a estima».

No tempo em que esteve Camões separado das intrigas que perturbavam a cidade de Gôa, e na solidão de Macáo, applicava os momentos livres do seu cargo ao encanto da poesia; não faltaram antigos resentimentos, que fiados na impassibilidade do Governador Francisco Barreto, procuraram cavar-lhe traiçoeiramente a ruina. Nas notas do amigo de Camões, Manoel Correia Montenegro, á estancia LXXXI e CXXVIII do Canto VII dos *Lusiadas,* se authentica este facto: «*os mayores amigos que tinha o mexericaram com o Viso-Rei da India, como elle me disse...*» E emendando o erro de *Viso-Rei* e referindo-se ao *Governador* Francisco Barreto, re-

(1) Luiz Figueiredo Falcão, *Indice,* p. 153.

pete, que fôra «*mexericado por alguns amigos, d'onde elle esperava favor*». As mesmas intrigas que o perderam quando frequentou a côrte de D. João III, pela inveja que produziu o explendor do seu talento, vinham agora conspirar contra elle para o privarem do cargo que lhe estava confiado, e se apossarem d'esses suados proventos, que iam melhorando a sua posição. Camões ignorava todas estas machinações dos amigos.

Se nos lembrarmos de que desde que Affonso de Albuquerque visitou Malaca é que se inaugurou o commercio portuguez na China, veremos, que foi durante a permanencia de Camões n'estas paragens, que elle recolheu a tradição cruelissima, que mancha o caracter d'aquelle guerreiro. Contava-se que Affonso de Albuquerque mandara matar o joven soldado Ruy Dias, sómente porque andava de amores com uma escrava sua. Sobre este caso, do pobre soldado nascido em Alemquer, talvez contado ao poeta pelo seu parente João de Camões, herdeiro do Morgado de Alemquer, escreveu o Soneto C, de uma admiravel melancolia:

No mundo poucos annos e cansados
Vivi, cheios de vil miseria dura;
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustros acabados.

Corri terras e mares apartados
Buscando á vida algum remedio ou cura;
Mas aquillo que, emfim, não dá ventura,
Não o dão os trabalhos arriscados.

Criou-me Portugal na verde e cára
Patria minha, Alemquer; mas ar corrupto
Que n'este meu terreno vaso tinha,

Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar, que bates a Abassia fera e avára,
Tão longe da ditosa patria minha.

Foi tão profunda a impressão que sentiu Camões com este crime da arbitrariedade de um prepotente, que ainda nos *Lusiadas* deixa sobre Affonso de Albuquerque este estigma, no Canto X, est. XLV, XLVI e XLVII:

Mais estanças cantava esta Sirena,
Em louvor do illustrissimo Albuquerque;
Mas alembrou-lhe uma ira que o condemna
Posto que a fama sua o mundo cerque...

. . . .

Parece de selvaticas brutezas
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade e amor desculpa.

Não será culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura;
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas é uma escrava vil, lasciva e escura.

Longe da convivencia, e absorvido nas risonhas saudades do amor e d'esses tempos que vivêra na côrte, Camões precisava de uma affeição em volta de si; mais humano do que Tasso, que se affeiçoára por um gato, foi no isolamento de Macáo, que elle contrahiu essa amisade tão poetica e sentida com Antonio, escra-

vo jáo, que o acompanhou até ao fim da vida. Ao cargo de *Provedor-Mór dos Defunctos,* annexo ao de Feitor, competia «*hum naique que serve de lingua*» como se vê pelo Orçamento do Estado da India, feito por Antonio de Abreu. É natural que este jáo tivesse sido dado a Camões por interprete, e que as dividas que fez em Gôa fossem com o fim de o comprar e resgatar.

Consta pela tradição, que o poeta escreveu grande parte dos *Lusiadas* em uma gruta formada de um grande rochedo partido e sobreposto por uma massa de granito, que existe ao norte de Macáo, na aldeia de Patane. O Missionario francez Padre Lamiot, traduziu para a lingua chineza em 1827 uma inscripção que perpetúa a tradição de seculos. N'esta solidão, d'onde o poeta, no mais absorto recolhimento avistava o mar que lhe inspirava a epopêa da grande navegação, e alcançava as ilhas de Lintáo e Typa, longe da patria e da justiça, é que a dôr lhe ditou as outavas da sua lyra sonora, *mais afamada do que ditosa.* O que esta situação lhe suscitava, que se vê na realidade sentida dos *Lusiadas,* explica-se por estas palavras da maior victima da arbitrariedade humana, o barão de Trenck: «O homem que escreve pacificamente, em liberdade, no seu quarto de estudo, tem muito menos genio e enthusiasmo do que o que trabalha no horror de um carcere; as expressões de que este ultimo se serve, são com certeza temperadas de outra energia.» (1) Não é isto uma

(1) *Memorias do Barão de Trenck*, t. II, p. 112.

maxima gratuita; acceitamol-a com o valor de uma observação physiologica, de uma profunda lei moral, authenticada pela experiencia dura de Trenck; por isso tomamos essas suas palavras para reconstruirmos o enthusiasmo e a energia que fortificaram pela solidão o genio de Camões. Tambem o árcade Garção, que morreu sob o despotismo de Pombal, nos ferros do Limoeiro, escreveu essas palavras, que resumem a esthetica do soffrimento:

> Não escreve *Lusiadas* quem janta
> Em toalhas de Flandres.........

Emquanto esteve em Macáo, escreveu Camões na sua epopêa até ao *sexto Canto* inclusivè; prova-se isto, porque na estancia LXXX de Canto VII, allude ao naufragio que soffreu no seu regresso a Gôa. De mais, o Padre Thomaz José de Aquino, na edição dos *Lusiadas* de 1779, traz as variantes de um Manuscripto achado por Manoel de Faria e Sousa, que continha sómente *seis cantos*. Seria esta copia tirada em Gôa em 1558, ou talvez o primeiro borrão abandonado pelo poeta á medida que ia avançando e melhorando o que estava escripto. No manuscripto do Canto I, copiado por Luiz Franco, na outava VII, verso primeiro, lia-se:

> Vós, *sagrado* Rei, cujo alto imperio.

No manuscripto dos *seis cantos,* se lê:

> Vós, *oh sagrado Rei,* cujo alto imperio,

o que prova a proximidade dos dois manuscriptos, porque Camões alterou no poema impresso o epitheto de *sagrado* em *poderoso.*

Na celebre edição dos *Piscos,* de 1584, tambem vem notas de um commentador anonymo que serviu na India, militando no cêrco de Chaul, e tendo conhecido o jesuita D. Gonçalo da Silveira, amigo de Camões; isto nos prova que além de ter relações com o poeta, porque foi o primeiro que alludiu ao *naufragio* que soffreu no regresso da China a Gôa, tambem conheceria algum manuscripto do poema, diverso dos que então corriam, pois que as alterações da edição dos *Piscos* não se podem attribuir todas á atrocidade jesuitica.

Mexericado pelos amigos, como conta Manoel Correia, amigo de Camões, o poeta foi intimado para comparecer em Gôa debaixo de prisão, para justificar-se das accusações que lhe faziam. Ao caracter implacavel de Francisco Barreto, e não a inimisade pelo poeta, se deve attribuir este *injusto mando.* Manoel Correia Montenegro commentando as estancias LXXXI e CXXVIII, do Canto VII dos *Lusiadas,* escreve: «Nota o nosso Camões os portuguezes de gente ingrata, pois cantando elle e celebrando seus feitos, em logar de lho agradecerem e servirem: *os maiores amigos que tinha o mexericaram com o Viso-Rei da India, como elle me disse*

contando os enfadamentos que na India tivera, que foi causa de o prenderem e enfadarem.» Pedro de Mariz sustentava que chegára Camões a Gôa ainda sob o governo de Francisco Barreto, que não tinha o titulo de *Viso-Rey,* mas de Governador; apesar de Manoel Correia se ter equivocado n'essa designação, na segunda nota o rectifica: «*Chegando á India foi preso por mandado do Governador Francisco Barreto, pela fazenda dos Defunctos, que elle trazia a seu cargo, porque foi á China por Provedor-Mór dos Defunctos; e isto lhe fizerom mexericado por alguns amigos d'onde elle esperava favor.*» Nos principios do anno de 1558 devia ter Camões partido para Gôa, por isso que veiu ainda encontrar por Governador a Francisco Barreto, que em Septembro d'este anno foi substituido; n'esta sua viagem, lhe aconteceu o naufragio na costa de Camboja, na Cochinchina. A este naufragio allude o poeta na estancia LXXX do Canto VII:

> Agora ás Costas escapando a vida
> Que de um fio pendia tão delgado,
> Que não menos milagre foi salvar-se...

Não era só a perda da vida o maior mal que podia succeder-lhe n'esse naufragio; Camões trazia os *seis cantos dos Lusiadas,* que estiveram em risco de perder-se engolidos pelas ondas. Na estancia CXXVIII, do Canto X, descreve Camões este terrivel momento da sua vida:

Vês, passa por Camboja Mecon rio,
Que capitão das aguas se interpreta....
....
Este receberá placido e brando
No seu regaço os *Cantos, que molhados*
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapados;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.

A este proposito escreve o anonymo commentador, que militára com Camões na India: «*Isto diz, porque Camões andando na India começando a fortuna a favorecello, e tendo algum fato de seu perdeu-se na viagem que fez para a China, donde elle compoz aquelle Cancioneiro que diz:* Sobre os rios que vão, etc.» Por aqui se vê que o commentador anonymo julgou ter sido o naufragio antes da chegada á India; Ignacio Garcez Ferreira foi o unico que adoptou este erro, fundado em que o escravo Antonio, que trazia comsigo, teria morrido ali, se o naufragio fosse no regresso para Gôa! Do naufragio tambem fala Pedro de Mariz: «*Mas nem a enchente de bens que lá grangeou o pode livrar, que em terra não gastasse o seu liberalmente. E no mar não perdesse o das partes em um naufragio que padeceu terrivel.*» Por effeito do naufragio e nas margens do rio Mecon, aonde se salvou a nado com o seu poema, escreveu as celebres *Redondilhas* paraphrasticas do Psalmo 138, como vimos pela tradição do commentador dos *Piscos*. Severim de Faria, concorda n'este ponto,

seguindo o dito de outrem. O titulo de *Cancioneiro* dado a essa paraphrase do Psalmo, não quer dizer, como o julga o snr. Visconde de Juromenha, uma collecção mais copiosa, de que estas poesias faziam parte; mas, segundo os habitos litterarios do seculo XVI, chamava-se *Cancioneiro* a toda e qualquer composição em redondilhas, principalmente em quanto andavam manuscriptas. Essa paraphrase a que o commentador de 1584 chamava *Cancioneiro* era octosyllabica e permaneceu manuscripta até 1595. Por estas Redondilhas se vê que desde que o poeta trabalhára em Macáo nos seus *Lusiadas,* nunca mais escrevêra versos lyricos; e além d'isso, que ignorava a morte da sua amante:

Mas deixar n'esta espessura
O canto da mocidade:
Não cuide a gente futura
Que será obra da edade
O que é força da ventura.
Que edade tempo e espanto
De vêr quão ligeiro passe,
Nunca em mi puderam tanto,
Que, *posto que deixo o canto*
A causa d'elle deixasse.

. . . .

Mas lembranças da affeição
Que ali captivo me tinha,
Me perguntaram então:
Que era da musica minha,
Que eu cantava em Sião?
Que foi d'aquelle cantar
Das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar?...

Personificando Lisboa sob o nome de Sião, escreve essa estrophe memoravel, que tanto tem dado que fazer aos commentadores:

> A pena d'este *desterro*
> Que eu mais desejo esculpida
> Em pedra, ou em duro ferro,
> Essa nunca seja ouvida
> Em castigo do meu erro.

Chegando a Gôa, naufrago e pobre, como elle diz na estancia LXXX do Canto VII:

> Agora da esperança já adquirida
> De novo mais que nunca derribado...

foi mandado recolher a uma prisão, tendo de defender-se de todas as intrigas com que o calumniaram na ausencia. A sua vida acha-se n'este periodo descripta no Canto VII dos *Lusiadas*, estancias, LXXIX, LXXX, LXXXI, e LXXXII, com uma desolação profunda, como quem geme na penumbra de um carcere arbitrario:

> Olhae, que ha tanto tempo que cantando
> O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
> A fortuna me traz peregrinando,
> *Novos trabalhos* vendo e *novos danos:*
> Agora o mar; agora experimentando
> Os perigos mavorcios inhumanos,
> Qual Canace, que á morte se condemna,
> N'uma mão sempre a espada na outra a penna.

Agora, com pobreza aborrecida
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado.
Agora ás Costas escapando a vida
Que de um fio pendia tão delgado;
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o rei Judaico accrescentar-se.

E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Se não que aquelles que eu cantando andava
Tal premio de meus versos me tornassem.
A troco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram
Com que em tão duro estado me deitaram.

Na estrophe LXXXVI d'este mesmo Canto allude á severidade de Francisco Barreto, dizendo que não hade cantar:

... quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do rei *severamente*...

Depois de Camões se achar preso nos carceres de Gôa, recebeu a nova da morte de D. Catherina de Athayde, succedida no mesmo anno em que elle partira para a China, em 1556.

No Soneto CLXXII, que nos manuscriptos trazia a rubrica *Das suas perdições,* descreve Camões a profundidade d'esta primeira impressão, na fórma de uma prophecia:

Liso, quando quizer o fado escuro,
A opprimir-te virão *em um só dia*
Dous lobos; logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som suave e puro.

Bem foi assim; porque um me degolou
Quanto gado vacum pastava e *tinha*,
De que grandes soldadas esperava.

Oh, por mais dano, o outro me *matou*
A cordeira gentil, que eu tanto amava,
Perpetua saudade da alma minha.

Por aqui se vê, que o *injusto mando* de Francisco Barreto, e a noticia da morte de D. Catherina de Athayde, o supplantaram no mesmo dia. O snr. Visconde de Juromenha fixa a morte d'esta dama da rainha em 1556, com o seguinte fundamento: «No Livro das *Moradias* da Casa da rainha D. Catherina, apparece o seu assentamento assignando ella quasi sempre os recibos do ordenado, ainda que algumas vezes por procuração, até ao ultimo quartel de 1555, que ainda assigna. No fim porém, do anno de 1556 apparece o assentamento de Dama de uma irmã d'esta senhora por esta fórma: *D. Joanna de Lima hade haver todo o quartel a rasão de 10$000 rs. por anno. Etc. recebeu por si em Lisboa a 30 de Dezembro de 1556. — D. Joanna de Lima. Descontou-se 600 rs. de registo do Alvará e 21 rs. de direitos.* Não torna mais a apparecer o assentamento de D. Catherina de Athayde, por onde se collige claramente, e ousamos dizer sem perigo de errar, que por morte d'esta senhora, pôde seu pae, pela sua vagatura no paço, obter da Rainha fazer entrar no seu logar esta

outra sua filha.» (1) D. Antonio de Lima, no seu Nobiliario, falando d'esta senhora, diz: «*morreu no paço, moça;*» o que leva a crêr que em 1556 não contaria mais de vinte e seis annos, ou que teria nascido não muito longe de 1530; sobre esta hypothese natural, quando Camões foi pela primeira vez desterrado da côrte, teria D. Catherina de Athayde dezeseis annos, o que nos explica a opposição que se fez a estes precoces amores. Um dos maiores inimigos de Camões, o mediocre Pero de Andrade Caminha, escreveu um Epitaphio (fórma poetica do seculo XVI) a esta Dama, que assombrava pela formusua:

«Aqui jaz escondida aquella Dama
Fermosissima e rara Catherina:
Que no mundo terá gloriosa fama,
De cuja vista a terra foi indina.
Aqui chorou o Amor, e d'aqui chama,
Que n'esta pedra toda de honra dina,
Cantem immortaes versos e louvores
A formosura, as Graças e os Amores. (2)

Os elogios de Caminha n'este Epitaphio, referem-se á *gloriosa fama* que D. Catherina de Athayde terá no mundo por ter sabido resistir ao amor. Emquanto este metrificador esgotava a banalidade, Camões sentia aquelle inimitavel Soneto XIX, que começa pela phrase com que termina o que se intitula *Das suas perdições:*

(1) Jur., *Obr.*, t. I, p. 35. Vid. supra p. 139.
(2) Epitaphio XXII. *Obras*, p. 269.

Almâ minha gentil que te partiste
Tão cedo, d'esta vida descontente;
Repousa lá no céo eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

. . . .

Roga a Deus, *que teus annos encurtou,*
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te
Quão cedo de meus olhos te levou.

Na Ecloga XIV, á morte de Nathercia, allude Camões a este golpe prematuro:

Como não te applauceu *tão tenra edade*
Ao cortar do seu fio, oh Parca dura,
Que agora o mundo matas de saudade?

Por estas mesmas novas chegadas de Lisboa nas Náos partidas no principio do anno de 1557, soube Camões da morte de el-rei D. João III, e principalmente da sentença que condemnava Simão Vaz de Camões, seu pae, para o degredo perpetuo do Brazil, com pregão e cadeado. Durante a sua perseguição nos carceres de Gôa, escreveu Camões um poema composto de quatro Sonetos ligados, que trazem nos manuscriptos o titulo: « *Trovas que fez um preso dizendo o mal que fizéra, e lamentando fortuna e tempo.* » (1) O Soneto primeiro, que é o V impresso, descreve a situação em que se achava o desgraçado poeta:

(1) Jur., *Obras,* t. II, p. 365.
*

Em prisões baixas fui um tempo atado,
Vergonhoso castigo de meus erros;
Inda agora arrojado levo os ferros,
Que a morte a meu pezar tem já quebrado.

. . . .

Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Que amor não quer cordeiros nem bezerros;
Vi magoas, vi miserias, vi desterros,
Parece-me que estava assi ordenado...

O governo duro de Francisco Barreto foi substituido pelo do Vice-Rei D. Constantino de Bragança; se nos lembrarmos das relações que teve o poeta, no tempo em que frequentava as Escholas de Santa Cruz de Coimbra, com o Duque D. Theodosio, de quem o Vice-Rei era irmão, facilmente se induz as esperanças que teria Camões de que seria posto em liberdade. A 3 de Setembro succedeu no governo da India D. Constantino de Bragança; Camões dedicou ao novo Vice-Rei as *Outavas segundas,* fortalecendo-o contra as intrigas dos aventureiros de Gôa, que elle ridicularisára na Satyra insolente dos *Disparates da India.* N'esta peça contra os partidarios de Francisco Barreto, caracterisa a miseravel gente d'esse bando:

Mas os máos são de têor
Que desque mudam de côr
Chamam logo a El-Rei compadre...

Outros vejo por aí
A que se acha mal o fundo,
Que andam emendando o mundo,
E não se emendam a si...

Guardae-vos de uns meus Senhores,
Que inda compram e vendem;
Huns, que é certo que descendem
Da geração de pastores:
Mostram-se-vos bons amigos;
Mas se vos vêem em perigos,
Escarram-vos nas paredes...

Ridicularisa tambem os que lhe tinham inveja por causa dos seus versos:

Adonde tienen las mentes.
Uns secretos trovadores,
Que fazem cartas de amores,
De que ficam mui contentes?
Não querem sair á praça,
Trazem trova por negaça;
E se lh'a gabais que é boa,
Diz que é de certa pessoa...

E dos pretendidos fidalgos, que inventavam genealogias:

Oh tu que me atarracas
Escudeiro de solia
Com bocaes de fidalguia,
Trazidos quasi com vacas;
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes que cheiram já...

Na Carta III da India insiste n'este mesmo pensamento: «Princepes de condição, ainda que o sejam de sangue, são mais enfadonhos que a pobreza; fazem com a sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias de seus

avós, onde não ha trigo tão joeirado que não tenha alguma hervilhaca.» E continúa Camões:

Ó vós que sois secretarios
Das consciencias reaes,
E que entre os homens estaes
Por senhores ordinarios;
Porque não pondes um freio
Ao roubar que vae sem meio
Debaixo de bom governo...

Esta Satyra teria sido escripta nos ultimos dias do governo de Francisco Barreto; quando tomou posse D. Constantino de Bragança, Camões foi posto em liberdade, e por esta occasião, ao congratular-se com os amigos e com os fidalgos que haviam chegado em 1558 com o Vice-rei, de Lisboa, é que deu esse celebrado banquete em que cada prato tinha por iguaria uma trova. Camões estava então em uma profunda pobreza, e não podia de outra fórma festejar a chegada dos amigos e a sua soltura, motivada por esse facto. Foram convidados para este banquete D. Vasco de Athayde, *o da Castanheira,* neto do poeta do *Cancioneiro geral* Alvaro Gonçalves de Athayde. Por isto se vê que era infundada a hypothese de ter sido Camões perseguido pelo Conde da Castanheira e por sua familia, como o queria Mendo Trigoso. O nome de D. Vasco de Athayde, prova que este banquete foi por 1558, por isso que em 1560 elle se achou no conflicto de Baharem, aonde ficou ferido. Figurou tambem n'este banquete D. Francisco de Almeida, neto do Prior do Crato D. Diogo Fernan-

des de Almeida, que tanto figura no *Cancioneiro* de Resende. Na Dedicatoria de Pedro Craesbeck da edição dos *Lusiadas* de 1626 a D. João de Almeida, encontra-se esta tradição que mostra o gráo de amisade de Camões por D. Francisco de Almeida: «Satisfaça V. M. em favorecel-o não só com a opinião da sua curiosidade, mas com as obrigações do senhor *D. Francisco de Almeida*, pay de V. M. *de quem o autor foi tão afeiçoado servidor, que embarcando-se em uma náo para este reino, dizia que se vinha da India porque não estava n'ella D. Francisco de Almeida...* »

A terceira iguaria, segundo as lições impressas, foi posta a Heitor da Silveira; segundo um manuscripto do snr. Visconde de Juromenha, vem no fim do *Convite*, com a rubrica: « *A outra a D. Jorge de Moura, e falla como era seu costume quando zombava, queixando-se do engano.* » (1) D. Jorge de Moura era collaço do fallecido principe D. João, e a sua amisade por Camões dataria dos ultimos annos em que frequentou a côrte, de 1550 a 1553. Camões, intimo dos principaes membros da familia dos Silveiras, tambem teve estreita amisade com o celebre Heitor da Silveira; mas cremos que elle não assistiu ao *Convite*, por que « *invernando em Gôa* » em 1561 é que viveu na convivencia de Camões.

A quarta iguaria foi posta ao antigo companheiro da côrte nos certames de poesia e de amor, o infeliz João

(1) *Obras*, t. IV. p. 435.

Lopes Leitão, do qual restam poucos subsidios para reconstruir-se a sua vida.

Contemporaneo e amigo da mocidade de Camões, este joven poeta pertencia á principal fidalguia portugueza; elle era o confidente dos amores do paço, galanteava com as damas violando ás vezes a etiqueta aulíca, entrou nos mais afamados torneios da côrte, e foi por fim combater na India, aonde se encontrou com o seu antigo amigo, que pelos seus versos nos dá noticia d'este vulto sympathico, morto longe da patria e em um desastre no mar. As poesias de João Lopes Leitão estão hoje completamente perdidas, mas as poucas referencias dos versos de Camões bastam para recompôr a sua vida moral, e conhecermos o vacuo que ellas deixaram na poesia do seculo XVI, principalmente para penetrarmos alguns problemas ácerca da vida do grande épico. Os *Nobiliarios* manuscriptos do seculo XVI dizem-nos que era João Lopes Leitão, filho de Francisco Leitão, fidalgo do tempo de D. Manoel, e de D. Joanna Freire, filha de Rodrigo de Sande, védor da rainha D. Maria, e embaixador ao rei catholico D. Fernando, a quem servira na conquista de Granada, e de quem recebeu o Dom. Este avô materno do poeta, figura tambem no *Cancioneiro* de Resende, em um apodo de 1498 ás ceroulas de Manoel de Noronha:

> Depois de bem apodadas,
> cheas de penna e de mel
> seram logo empicotadas,
> ou enforcadas,
> pois nos gastaram papel.

Fôra melhor de ouropel
meu coraçam
esta vossa envençam. (1)

O velho fidalgo lembrava-se do symbolismo juridico dos nossos foraes usado nas penas infamantes; o castigo das *pennas e mel*, encontra-se em um documento do seculo XII, que Raumer cita: «Havendo sido maltratada uma religiosa, tendo-a envolvido em mel e rolada em pennas, e passeada com a cara para traz sobre um cavallo, Philippe Augusto fez afogar os culpados em uma caldeira de agua a ferver.» (2) Este poeta, avô de João Lopes Leitão, era casado com Margarida Freire, dama tambem festejada no *Cancioneiro* de Resende, pelos principaes poetas da côrte de D. Manoel, taes como João da Silveira, Luiz da Silveira, Jorge da Silveira, D. Lourenço de Almeida, D. Francisco de Almeida, Conde de Alcoutim, Fernão Telles, Conde de Vimioso, Conde de Faram, D. Francisco de Biveiros, D. João Lobo, Diogo de Mello, Jorge de Mello, e outros muitos. (3)

Isto basta para mostrar como João Lopes Leitão teria na familia quem lhe recordasse os afamados serões da côrte de D. Manoel, e quem lhe suscitasse na alma os primeiros sentimentos da poesia. João Lopes Leitão entrou muito criança para o serviço no paço, e o facto de o encontrarmos pagem da lança do principe D. João,

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 137.
(2) Michelet, *Origines*, p. 383.
(3) *Canc. ger.*, t. III, p. 43.

filho unico de D. João III, por si nos revela a circumstancia que o levou a distinguir-se na poesia. Era o principe apaixonadissimo por versos; amigo de Jorge Ferreira, de Sá de Miranda, do joven Fernão da Silveira, elle tentava fazer um vasto Cancioneiro dos poetas do seu tempo. João Lopes merecia para o principe a consideração de bom poeta, por que no afamado torneio de Xabregas em 1552, celebrado por occasião de ter recebido as primeiras armas, João Lopes Leitão serviu de parelha com Fernão da Silveira, Vedor da Fazenda e Regedor das justiças, ao qual mandou pedir a collecção dos seus versos, quando estava fóra da côrte em Evora.

João Lopes Leitão pertencia a essa segunda geração dos *Fieis de amor,* que succedeu a Christovam Falcão e Bernardim Ribeiro; era menos profunda a sua paixão, e as peripecias que lhe aconteceram, accusam-no algum tanto de um galanteador a frio, que se alegra com todas as aventuras. Conhecido o caracter brigão e richoso de Camões, torna-se crivel que este seu amigo fosse companheiro das divagações nocturnas, que desde o seculo XVI a fidalguia portugueza começou a usar. Nas *Redondilhas* de Camões, se encontra uma pequena Satyra «*A João Lopes Leitão, sobre uma peça de cacha, que deu a uma dama, que se lhe fazia donzella:*»

MOTE

Se vossa Dama vos dá
Tudo quanto vós quizestes,
Dizei-me: P'ra que lhe destes
O que vos ella fez já?

VOLTA

Sendo os rostos envidados,
E vos de cachas mil contos,
Sabeis com quam poucos pontos,
Que lhos achastes quebrados;
Se o que tem isso vos dá,
Vos mui bem lh'o merecestes,
Porque se a cacha lhe destes,
Tinha-vol-a feita já. (1)

É porém difficil de explicar, como João Lopes Leitão sabia alliar a sua amisade com Camões e com Pedro de Andrade Caminha. Nos versos d'este ultimo se encontra referencia a uma engraçada anedocta do pagem galanteador: « *A João Lopes Leitão estando preso em sua casa, por entrar uma porta a vêr as Damas contra vontade do Porteiro:* »

Ainda hoje vim a saber,
Que se agora vos não vemos
E' porque quizestes vêr
O que todos vêr tememos: etc. (2)

« *Resposta de João Lopes:*

Bem podera eu soffrer
O trabalho em que me vejo,
Se vêr quem tanto desejo
Me a mim nom foram tolher.

(1) *Obras*, t. IV, pag. 48. Ed. Juromenha.
(2) *Poesias* de Caminha, pag. 361.

Que antes me quero perder
Por vêr o que mais tememos,
Que deixando de o vêr.
Viver seguro de extremos.

Estou-me agora doendo
De quem tiver para si
Que é melhor andar vendo
Verduras, que estar aqui.
Ninguem haja dó de mim
Por me vêr n'esta prisão,
Hajam de meu coração
Que vê tanto dano em si.

Por estes versos se vê o genero em que João Lopes Leitão primava, namorado gracioso, para quem o amor foi um pretexto de bons ditos. Depois d'esta prisão do poeta, é que se deve suppôr ter Camões escripto o Soneto CXXXIV, em que lhe fala da amante do pagem galanteador de quem recebia elogios:

Senhor *João Lopes*, o meu baixo estado
Hontem vi posto em grão tão excellente,
Que sendo vós inveja a toda a gente,
Só por mi vos quizereis vêr trocado.

O gesto vi suave e delicado,
Que já vos fez contente e descontente,
Lançar ao vento a voz tão docemente,
Que fez o ar sereno e socegado.

Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem dizia em muitas; mas eu chego
A expirar só de ouvir a dôce fala.

Oh, mal haja a Fortuna e o môço cego!
Elle, que os corações obriga a tanto;
Ella, porque os estados deseguala. (1)

Este Soneto foi escripto ainda em Lisboa, quando os dois jovens poetas frequentavam a côrte, e ambos communicavam os segredos de seus amores. Por causa d'esta paixão, já estivera preso João Lopes Leitão, e Camões depois de andar desterrado da côrte pelo Ribatejo e Ceuta, foi para a India, para onde «*aquella alma grande... para grandes emprezas e a regiões tão apartadas o levara,*» como tão bem dissera uma dama da côrte.

Camões partiu para a India em 1553; é de crêr que João Lopes Leitão abandonasse a côrte depois da morte do principe D. João em 1554. Nos versos de Caminha, a Epistola VII é dedicada «*a João Lopes Leitão, indo-se para a India, em resposta de outra sua.*» N'esta Epistola allude aos altos dotes poeticos de Leitão e á fatalidade que o arrasta para as emprezas do Oriente:

Nom m'espanto bom João, qu' assi movesse
Teu alto espirito a tua dôce penna,
Que com tam alto aparo assi escrevesse.

Nunca par' elle foi coisa pequena,
Tens mostrado já d'isso mil signais,
E ha muito, tudo em ti sempre se ordena.

(1) *Obras*, t. II, pag. 68.

Mas vindo ó de que tratas, com eguaes
Versos a teu engenho raro e puro
Que crece cada dia muito mais.

Quem andará entre a gente já seguro?
E quem se não verá tomado ás mãos,
Cad' hora de um imigo forte e duro? (1)

Esta ultima estrophe allude a alguma perseguição da côrte, com certeza depois de ter perdido o logar que occupava junto do fallecido principe. Perdeu-se a Epistola de João Lopes Leitão á qual Caminha respondia; depois de lhe fazer a comparação de uma vida recolhida, tal como Sá de Miranda vivia, com as perturbações das conquistas d'além mar, termina:

Mas nom te está ordenada inda esta vida,
Chamado a ella serás do céo que te ama,
Quando sobre outros bens te fôr devida.

Quer de ti mais agora, já te chama
A quanto com rasão de ti se espera,
Que a Marte darás nova gloria e fama.

Depois que João Lopes Leitão chegou á India tornou a estreitar os laços da amisade com Camões; elle figura no banquete poetico dado na India a certos fidalgos, por ventura na occasião da chegada do Vice-Rei D. Constantino de Bragança, em 1558; as iguarias

(1) Caminha, *Obras*, pag. 42.

do convite era coplas, a que alguns dos logrados convivas responderam: «*A quarta a João Lopes Leitão, a quem o Author fez uns versos, que vão adiante, sobre uma peça de cacha que deu a uma dama:*

Porque os que vos convidaram
Vosso estomago não danem,
Por justa causa ordenaram
Que trovas vos desenganem.
Vos tereis isto por tacha,
Converter tudo em trovar;
Pois se esse virdes zombar,
Não cuideis, Senhor, que é *cacha*
Que aqui não ha que cachar.

Responde João Lopes:

Pezar ora não de são,
Eu juro pelo Céo bento,
Se de comer me não dão,
Que eu não sou camaleão
Que me hei de manter do vento.

Responde o Author:

Senhor, não vos agasteis,
Porque Deos vos proverá;
E se mais saber quereis,
Nas costas d'estes lereis
As iguarias que ha.

(Virado o papel diz assi:)

Tendes nemigalha assada;
Cousa nenhuma de molho;
E nada feito em empada;
E vento de tigelada.

Picar no dente em remolho:
De fumo tendes tassalhos,
Ave de pena que sente,
Quem da fome anda doente:
Bocejos de vinho e d'alhos
Manjar em branco excellente.

N'este Convite figuraram outros poetas, amigos intimos de Camões, como D. Francisco de Almeida, D. Vasco de Athayde, e Jorge de Moura. As relações de intimidade em que estavam os dois poetas ainda hoje inspira uma dôce sympathia; João Lopes Leitão conhecia o talento dramatico de Camões, já revelado no *Auto dos Amphytriões,* e no de *El-rei Seleuco;* quando na India foi celebrada a investidura do governador Francisco Barreto, Camões concorreu tambem com a sua tragicomedia de *Filodemo* em 1555, que se representou nas festas de Gôa. A data d'esta composição, determinada pelo Manuscripto de Luiz Franco, que existe na Bibliotheca de Lisboa, tambem assignala, que a vinda de João Lopes Leitão foi logo depois de 1554. O antigo pagem do principe D. João, elogia Camões pelo seu talento dramatico, mas sobretudo presente que ha um outro monumento, que o seu amigo vae levantando, a gigante epopêa da nacionalidade portugueza. Eis o admiravel Soneto de João Lopes Leitão, que appareceu pela primeira vez na segunda edição das *Rimas,* em 1598:

Quem é este, que na harpa lusitana
Abate as Musas gregas e as latinas?
E faz que ao mundo esqueçam as plautinas
Graças, com graça e alegre lyra ufana?

Luiz de Camões é, que a soberana
Potencia lhe influiu partes divinas,
Por quem expiram as flôres e as boninas
Da homerica Musa e mantuana.

Se tu, triumphante Roma este alcançáras,
No teu theatro e scena luminosa,
Nunca do grão Terencio te admiráras.

Mas antes sem contraste, curiosa
Estatua d'ouro ali lhe levantáras
Contente de ventura tão ditosa.

Elogiando principalmente Camões como dramaturgo, descobre-se a circumstancia a que foi escripto esse Soneto que anda anonymo, mas que Faria e Sousa attribue a João Lopes Leitão. A prova fundamental que lhe pertence, está na resposta dada por Camões no Soneto LXII:

De tão divino accento em voz humana
De elegancias que são tão peregrinas,
Sei bem que minhas obras não são dinas;
Que o rudo engenho meu me desengana.

Porém da vossa penna illustre mana
Licor que vence as aguas caballinas,
E com vosco do Tejo as flôres finas.
Farão inveja á copia mantuana.

E pois a vós de si não sendo avaras,
As filhas de Mnemósine formosas
Partes dadas vos tem ao mundo claras.

A minha musa e a vossa tão famosa,
Ambas se pódem n'elle chamar raras,
A vossa de alta, a minha de invejosa.

Este Soneto é escripto nas mesmas consoantes do que se attribue a João Lopes Leitão; isto demonstra a intenção da resposta. Em um manuscripto do seculo XVI, Faria e Sousa o encontrou escripto em nome de Francisco Gomes de Azevedo.

João Lopes Leitão morreu na India, talvez quando andava no mar. Em uma Epistola de Caminha, «*a Heitor da Silveira á India, em resposta de outra sua,*» descreve-se a impressão causada por esta morte:

Ia eu lendo os teus versos manso e manso,
Porque fossem de mim melhor logrados,
Senão quando de súpito me canso.

Senão quando de súpito voltados
Os vejo na tristissima lembrança
Da dôr que nos terá sempre occupados:

Ah *João Lopes Leitão*, que confiança
Tinha o mundo no que de ti esperava!
Mas cortou-nos a morte esta esperança.

Tudo o que o largo céo em ti juntava
Ias tu cada vez melhor mostrando
O mundo que cad' hora mais te amava.

Mandas, Silveira meu, que vá cantando
D'este esprito gentil e claro amigo,
Quantos bens se ía n'elle renovando.

Mandas-me n'um gravissimo perigo,
Que de sua perda a pena aspera e grande
Nem me deixa falar isto comtigo, etc. (1)

Parece que a este pedido de Heitor da Silveira escreveu Caminha quatro Epitaphios a João Lopes Leitão, em que allude á sua morte no mar:

De João Lopes Leitão aqui se encerra
O claro nome, *e o mar seu corpo cobre;*
Cheo de siso em paz, de esforço em guerra,
E de um esprito em tudo claro e nobre.
Corre o mar sua fama, e corre a terra,
E maravilhas mil d'elle descobre.
Como todos amavam sua vida,
Sua morte de todos foi sentida.

Outro Epitaphio termina:

Seu corpo jaz no mar, sua alma pura
O' céo se foi, onde seu corpo espera;
Corôa mereceu de dois loureiros,
A dos Poetas e a dos Cavalleiros. (2)

O Soneto de Camões, feito á morte de um mancebo de vinte cinco annos, que ficou sepultado na costa da Arabia, poderia referir-se a João Lopes Leitão, se o commentador Faria e Sousa não tivesse provado que alludia a morte de Ruy Dias, e se a sua naturalidade

(1) Caminha, *Obras*, p. 86.
(2) *Ibid.*, pag. 266; Ep. XV a XVIII.

de Alemquer, não excluisse a de João Lopes Leitão, que Juromenha julga ser de Pedrogam. (1)

João Lopes Leitão teve dois irmãos, um chamado Pedro Leitão, a quem escreveu uma longa Carta, quando andava na India, e com o estylo de Camões; (2) guarda-se na Bibliotheca das Necessidades; o outro irmão era Estevam Leitão, frade dominico, que seguiu o partido do Prior do Crato. Segundo os *Nobiliarios,* consultados pelo snr. Visconde de Juromenha, João Lopes Leitão não casou, e d'elle ficára uma filha bastarda, chamada D. Violante Leitão, que se metteu freira em Odivellas.

De todas as poesias d'este intimo amigo de Camões só restam o epigramma a Caminha, o Soneto elogiando Camões, e a copla contra o *Convite;* tudo o mais se perdeu e só ficaram os documentos bastantes para se conhecer o seu bello caracter que o ligava com a alma mais sublime da sociedade portugueza do seculo XVI.

Por esta anedocta da vida de Camões, se vê que os fidalgos mais distinctos procuravam a sua convivencia, e com o seu discretear epigrammatico matavam as saudades dos serões do paço e de Lisboa, que no meio do trafico das especiarias era para elles uma Sião, por quem suspiravam. De vez em quando era esta harmonia perturbada com a nova de algum desastre, em que morria um amigo de muitos annos, que não chegou a ter o pra-

(1) Ed. Jur., t. II, pag. 432.
(2) *Ibid.*, t. IV, pag. 434.

zer de alcançar a patria. Depois da anedocta do *Convite,* de que Jorge de Moura tanto se lembrava, o espirito de Camões foi enluctado pela perda do seu principal amigo D. Alvaro da Silveira, na catastrophe de Baharem em 1559. Estava D. Alvaro da Silveira despachado para a Capitania de Ormuz; Camões feriu a covardia dos soldados que o abandonaram:

Eu só perdi o verdadeiro amigo,
Eu só heide viver n'esta saudade,
Sabe Deus a tristeza com que o digo.

O meu Silveira era huma vontade,
Um amor, um desejo, um querer
Ambos um coração e uma amisade.

Não tenho já rasão de vos fazer
Meus castellos de vento sobre o mar,
Que cousa ha hi no Gange para vêr...

E como increpa os soldados que o abandonaram:

Deixam morrer o proprio Capitão,
Deixam perder as forças que os sostem,
E tudo lhes consente o coração...
. . . .
Rodeado de mortos e feridos
Que aquelle forte braço derribava,
Sendo os seus ás náos já recolhidos,
Deu a alma a quem a desejava... (1)

Com esta perda Camões quasi que se sentia só no

(1) Jur., *Obras*, t. III, pag. 252.

mundo; a India já nada tinha com que o prender alí; as suas esperanças acabavam com aquella perda irreparavel. O Vice-rei D. Constantino de Bragança, apezar de seu amigo, não julgava seguro o seu governo, por isso que o povo o insultava com romances affrontosos que cantava debaixo das suas janellas.

N'estas condições percarias, e que lhe suscitariam novos inimigos, escreveu Camões essas celebres *Outavas* defendendo D. Constantino de Bragança d'aquelles que pretendiam manchar a sua honra, e alludindo com dureza ao governo de Francisco Barreto:

E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juizo alheio,
A' desordem do vulgo temeraria
Na santa paz ponhaes o duro freio;
Se com minha escriptura longa e varia
Vos occupasse o tempo, certo creio
Que com vagante e ociosa phantasia
Contra o commum proveito peccaria.

E não menos seria reputado
Por dôce adulador, sagaz e agudo,
Que contra meu tão baixo e triste estado
Busco favor em vós que podeis tudo;
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde e rudo,
Dirão que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.

E alludindo a Francisco Barreto:

E depois de tomar *a redea dura*
Na mão do povo indomito que estava
Costumado a larguezas e á soltura
Do pezado governo que acabava;

Quem não terá por santa e justa cura
Qual do vosso conceito se esperava
A tão desenfreada enfermidade
Applicar-lhe contraria qualidade?
Não é muito, Senhor, se o moderado
Governo se blasphema e se desama;
Porque o povo á largueza costumado
A' lei serena e justa dura chama...

N'estas Outavas allude a outros successos historicos, como a victoria de Janafapatão, de 1560:

Serão memoria vossa a fortes muros
De Cambaico Damão bem sustentado...
....
Pode tomar o vosso nome dino
Damão por honra sua clara e pura
Como já do primeiro Constantino
Tomou Byzancio aquelle que inda dura.
E tu Rei, que ao reino neptunino
Lá no seio gangético a natura
Te aposentou, de ser tão inimigo
D'este Estado não ficas sem castigo. (1)

Diogo do Couto, amigo intimo de Camões, tambem exalta o governo prudente e justo de D. Constantino de Bragança, proposto passados annos como modelo a D. Luiz de Athayde. No seu regresso de Macáo, veiu Camões encontrar em Gôa o celebre chronista Diogo do Couto, então na flôr da juventude, e ainda seguindo a carreira das armas. O amor das boas letras facilmente lhes cimentou a amisade, e nos seus tempos mais calamitosos encontrou Camões em Diogo do Couto um

(1) Juromenha, *Obras*, t. II, pag. 303.

leal amigo, que o tomou por companheiro de casa *(matalote)*, como o chronista declara.

Emquanto Camões trabalhava nos *Lusiadas*, ía Diogo do Couto lendo e emittindo a sua opinião franca, como vêmos em Severim de Faria: «Teve particular amisade com o nosso excellente poeta Luiz de Camões, *o qual o consultou muitas vezes, e tomou seu parecer em alguns logares dos seus Lusiadas*...»

Em Setembro de 1561 chegára a Gôa D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, mandado pela regencia para substituir D. Constantino de Bragança; o decaído Vice-Rei bem previra tudo isto, quando mandára construir logo no principio do seu governo a náo que o havia de trazer para o reino. Camões eucontrou favor no novo Vice-Rei, de quem era amigo do tempo em que frequentára a côrte, como se vê pela intimidade com que dedicava poesias a sua filha D. Guiomar de Blasfet. O Conde de Redondo, lembrado de seus talentos poeticos, pediu a Camões, como primeiro signal de intimidade, que lhe glosasse uma copla que trazia de memoria. «*Mote que lhe mandou o Vice-Rei:*

> Muito sou meu inimigo,
> Pois que não tiro de mi
> Cuidados com que nasci,
> Que põe a vida em perigo.
> Oxalá que fôra assi.

Camões satisfez o pedido, escrevendo ao Conde de Redondo uma Carta em redondilhas: «*Na India ao*

Viso-Rei, com o Mote adiante.» Na Carta se encontram alguns dados biographicos:

> *Conde*, cujo illustre peito
> Merece o nome de Rei,
> Do qual muito certo sei
> Que fica sendo estreito
> O cargo de Viso-Rei;
> *Servirde-vos d'occupar-me*
> *Tanto contra meu planeta,*
> *Não foi senão azas dar-me...*
> ....
> *Bem basta, Senhor, que agora*
> *Vos sirvaes de me occupar;*
> Que assi fazeis aparar
> A penna, com que alguma hora
> Vos vereis ao céo voar.
> Assi vos irei louvando,
> *Vós a mi do chão erguendo,*
> Ambos o mundo espantando,
> Vós com a espada cortando,
> Eu com a penna escrevendo. (1)

Em uma Carta, escripta pelo Vice-Rei, se vê como no expediente do seu governo occupava Camões: «Remeto-me a S. Domingos e mando tirar os preguadores do pulpito, para que venham despachar commigo os feitos: *aguora me valho algum tanto do Provedor mór dos defuntos...»* (2) Perto do fim do anno de 1562, soffreu Camões um novo revés; um fidalgo casado de Gôa, Miguel Rodrigues Coutinho, que tinha o alcunho de *Fios Seccos,* talvez pela valentia com que se houve no segun-

(1) Jur., *Ob.*, t. IV, p. 34.
(2) Publicado pela primeira vez pelo snr. Visconde de Juromenha, *Ob.,* t. I, p. 497, not. 46.

do Cerco de Diu, (1) requereu a prisão de Camões, por certa quantia que lhe devia e não pagava. Todos os biographos do poeta tem entendido mal a palavra *embargado,* suppondo que Fios-Seccos se oppuzera á soltura de Camões, (que já estava preso) no momento em que lhe iam abrir as portas do carcere, fundando-se na insolvencia d'elle. Não é assim; o *embargo,* para o devedor insoluvel, tinha o mesmo effeito que o arresto da legislação moderna com relação aos fructos, mobilias, etc., isto é, o devedor insoluvel era arrestado no seu corpo, á maneira da tradição juridica romana. Camões soccorreu-se da boa protecção que encontrára no Vice-Rei e escreveu essas: «*Trovas que mandou o Autor da cadeia, em que o tinha embargado por uma divida, Miguel Roiz, Fios-Seccos, d'alcunha, ao Conde de Redondo D. Francisco Coutinho, Viso-Rei, que se embarcava para fóra, pedindo-lhe o fizesse desembargar.*» Por esta rubrica se vê que o Viso-Rei estava para se embarcar, isto é, quando ia assentar pazes com o Çamorim, em Dezembro de 1562. Camões tirou uma vingança eterna com esse epigramma conhecidissimo, que começa:

Que diabo ha tão danado
Que nao tema a cutilada
Dos *fios seccos* da espada
Do fero *Miguel* armado?
Pois se tanto um golpe seu
Sôa na infernal cadêa,
De que o demonio arreceia,
Como não fugirei eu?

(1) Vid. Decada VII, cap. 9, de Diogo do Couto.

Com rasão lhe fugiria
Se contr'elle e contra tudo
Não tivesse um forte escudo
Só em Vossa Senhoria.
Por tanto, Senhor, proveja,
Pois me tem ao remo atado,
Que antes que seja embarcado
Eu desembargado seja.

Camões foi solto da cadeia, mas não acompanhou o Vice-Rei, na armada com que foi assentar as pazes com o Çamorim; porque voltando o Conde de Redondo para Cochim, para despachar as náos e escrever para o reino, aí se deram esses desafios aonde morreu o joven amigo de Camões D. Tello de Menezes, do qual diz:

Porque engeitaste a minha companhia,
E acompanhar-te eu não consentiste...

Quasi no fim na Elegia XX declara:

E por *intimo amigo* me tiveste.

Já em outro logar falámos d'estes duellos, em que morreram mais de cincoenta mancebos; mas esta loucura só se explica por um contagio moral do tempo, de que o proprio Camões foi victima. Na novella picaresca *Vida del Escudero Marcos de Obregon,* Espinel conta como obedeceu tambem a essa monomania: «entre muchas cosas que me sucedieron fué una, *dar en valentia;* que habia entonces, y aun creo que ahora hay, una es-

pecie de gentes, que ni parecen cristianos, ni moros, ni gentiles; sinó su religion es adoraren la diosa *Valentia,* porque les parece que estando en esta confradia, los tendran y respeitaran por *valientes,* no curando á serlo, si no cuanto á parcelo.» (p. 189.) Falando de si, o poeta Espinel descreve perfeitamente os perigos da mocidade portugueza: «Púseme espada y en las obligaciones en que se pone quien la ciñe, que con *el desvanecimiento de la valentia* y con haber dado en poeta y musico, que cualquiera de las tres bastaba para derribar otro juicio mejor que el mio, comencé á alear más de lo que me estaba y a tenerme por paseante y gran ventanero, y enamorar cuantas encontraba, de manera que *no habia portuguez mas azucarado que yo...» (ib.)* Esta comparação final, e as feições do valente do seculo XVI, descriptas por Espinel, dão-nos a comprehensão do caracter de Camões, das suas relações com Dom Tello, e dos desastres de Cochim.

Camões não acompanhou esta expedição, que era mais apparatosa do que bellica; a sua exiguidade de meios, e em uma occasião em que o haviam prendido por dividas, não lhe dava ensejo para competir com os galhardos mancebos que abrilhantavam o sequito do Vice-Rei.

Recolhida a armada ainda no inverno a Gôa, gosava Camões a bella convivencia d'esse typo dos cavalleiros antigos, o poeta e capitão Heitor da Silveira. Apezar de ser filho do riquissimo Coudel Mór Francisco da Silveira, partira muito cedo para a India, a 3 de Maio

de 1523, (1) para fugir aos rigores de seu pae. (2) Em principios do anno de 1563, estava tambem o valente Heitor da Silveira envolvido em invencivel pobreza; nas obras de Camões existem umas «*Trovas que mandou Heitor da Silveira ao mesmo Conde invernando em Goa.*» Aí diz:

> Vossa Senhoria creia
> Que não apura o engenho
> *Fome*, se é como a que tenho,
> Mas afraca e córta a veia...

No fim das trez interessantes decimas, vem esta «*Ajuda de Luiz de Camões:*

> Nos livros doutos se trata
> Que o grande Achilles insano
> Deu a morte a Heitor Troyano;
> Mas *agora a fome mata*
> *O nosso Heitor* luzitano...» (3)

As relações d'estes dois valorosos poetas e amigos eram uma consequencia do caracter leal e desinteressado de ambos. Camões já nos é conhecido, vejamos agora os traços principaes do caracter de Heitor da Silveira.

No *Nobiliario* de D. Luiz Lobo, (fl. 238) se lê este retrato do amigo de Camões: «Heitor da Silveira em

(1) Falcão, *Indice de toda a Fazenda*, p. 152.
(2) *Poetas palacianos*, p. 373 a 382.
(3) *Obr.*, t. IV, p. 83.

dez annos que andou na India sempre serviu sem ter nenhuma mercê nem despacho, sem tratar de interesses seus, podendo ter muitos de muitas prezas que tomou, das quaes não quiz nada para si, postoque muito lhe fosse necessario pera a meza que ordinario dava, e outras grandes despezas que fazia, as quaes suppria d'aquillo que da sua parte lhe vinha e mercês que os governadores lhe faziam e de emprestimos que buscava; e de todos esses grandes serviços morre sem satisfação, sem lhe ficar mais outra alguma cousa que um balandráo de chamalote carmezim, que costumava vestir sobre as armas, quando andava em alguma peleja; ao qual balandráo chamavam os soldados o *betele de Heitor da Silveira*, que é uma erva que os mouros tomam quando se querem esforçar, querendo dizer que elle com aquella véstea esforçava nas pelejas, e assim quando lh'a viam vestir «já o nosso Capitão toma o betele» pelo esforço que com ella vestida mostraria; pela qual rasão com bem era chamado o Drago, o que se entendia nas emprezas de guerra, porque na paz era muito brando e aprazivel e suave conversação, postoque no rosto sempre conservasse um parecer tristio e grave, devido a tão honrados e altos pensamentos; veiu de Portugal sem mercê nenhuma pelos serviços de Arzilla e depois que foi á India, tambem tendo já servido alguns annos, que lhe não mandassem nenhuma satisfação como de ordinario se costumava a mandar a pessoas de taes calidades e merecimento. O Coudel-mór seu pae, postoque no reino lhe não fizesse aquelle favor que elle por muitas razões me-

recia, depois de o ver na India, procedendo sempre na paixão que tinha com Fernão da Silveira seu filho mais velho, escreveu que se viesse, porque lhe queria dar sua casa, ao que Heitor da Silveira lhe respondeu com o seu valoroso animo: que elle não viera á India para tornar a Portugal e desherdar seu irmão mais velho, senão pera merecer para elle; a qual palavra não ser dita por cumprimento ou gentileza testeficou bem na hora da morte, deixando ao dito seu irmão Fernão da Silveira per herdeiro da satisfação de seus serviços, dos quaes até hoje se não deu nenhuma.»

As poesias de Heitor da Silveira perderam-se, como as de seu irmão Fernão da Silveira, senhor de Sarzedas; apenas resta a noticia de uma Epistola em tercetos, que mandou a Pero de Andrade Caminha, noticiando-lhe a morte do commum amigo e poeta João Lopes Leitão. Caminha respondeu-lhe na Epistola XVIII, em que lhe diz:

Mas se tu dos meus versos te lembraste,
Como me deste os teus claros e puros?
Como tua musa á minha asi mandaste?

Senão, se aos meus incultos, seccos, duros
Quizeste dar exemplo, a que seguindo
Possam vir inda a correr mais seguros?... (1)

Nas *Obras* de André Falcão de Rezende, encontra-se este Soneto de Heitor da Silveira, em que lhe dá

(1) *Obras* de Caminha, pag. 82.

noticia de seu irmão Antonio de Resende Falcão, que militava na India:

> No furioso e cruel mar em que ora
> Vou sujeito a perigos, e apartado
> D'aquella doce imiga, que o cansado
> Espr'ito meu socega, onde a alma mora:
>
> André, crescendo em mim sae d'hora em hora
> A luz do fogo teu, da qual guiado
> Seguindo alegre vou do alto e sagrado
> Parnasso a occulta via a mi té agora.
>
> Tambem do grande *Antonio* o claro lume
> Tirado o véo me tem da vista cega,
> Com seu engenho claro, grave e brando.
>
> E assi quem me arder faz e me consumme
> O repouso me dê, que m'ora nega,
> Como de ambos igual irei cantando. (1)

O Soneto fôra escripto quando Heitor da Silveira andava apaixonado por uma irmã de André Falcão de Resende; este lhe respondeu no Soneto LI:

> Mudar todo o elemento de hora em hora,
> Arando toda a vida o mar salgado,
> Poderás claro Heitor, *sem ser mudado*
> *O amor que levas n'alma e por ti chora...*

É tambem dedicada a Heitor da Silveira, a Satyra V de Falcão: «*Em que reprende os avarentos e os gulosos e os que gastam mal o tempo;*» (2) e a Satyra VIII,

(1) *Obras* de André Falcão de Resende, pag. 217.
(2) *Ibid.*, p. 308.

a que Heitor da Silveira responde, alludindo ao seu amor:

Que vida póde ser mais dura e forte
Que a que vive morrendo, e não vê guia
Da amada e clara luz e certo norte?

Não se vê na amada companhia
De *Beliza, amor doce, por quem vivo*
E por quem vejo a morte cada dia.

Ah! livre me eu veja d'este esquivo
Mal, que assi me atormenta e me embaraça
Do doce amor primeiro mais captivo!

D'estes meus tristes olhos se desfaça
A grossa nevoa, e veja cedo claro
Um bem, que a alma me ajunte e alegre faça:

O meu doce repouso, o meu sol claro,
Aquella alma da minha vida e gosto,
Que é só o meu desejo e o meu amparo.

N'esta saudade, André meu, fica posto,
Ou vae por esse mar ao vento entregue,
Juntando a um cada hora, outro desgosto;

Sperando dia ledo em que socegue
Da vã suspeita o esprito, e no qual possa
Livre do mal, que agora me persegue
Segurar vida e alma em honra nossa. (1)

A amisade de Camões por André Falcão de Resende seria occasionada pela intimidade com Heitor da Silveira e com Antonio de Resende Falcão, que tambem na India recebia Epistolas poeticas de seu irmão, Juiz de Fóra em Torres Vedras.

(1) *Ib.*, pag. 337.

Durante este inverno de 1563, que Camões se deteve em Gôa, continuou a gosar a amisade de D. Francisco Coutinho, que o apreciava pelos seus conhecimentos litterarios. N'este anno, o antigo professor da Universidade de Lisboa, Garcia d'Orta, que em 1533 partira para a India com Martim Affonso de Sousa, publicou o celebre livro intitulado: «*Colloquios dos Simplices e Droguas e cousas medicinaes da India, e assi de algumas frutas achadas n'ella, onde se tratam algumas cousas tocantes á medicina pratica, e outras cousas boas para saber, compostos pelo Doutor Garcia d'Orta, Fysico d'El Rei nosso Senhor, etc. Com privilegio do Conde Viso-Rei. Impresso em Gôa per Johanes de Endem, a X de Abril de 1563, annos.*»

Camões escreveu a Ode VIII, que acompanha esta obra ainda hoje notavel, apresentando-a ao Conde de Redondo, e falando com o respeito que se tem para com um velho mestre:

Favorecei a antiga
Sciencia, que já Achilles estimou;
Olhae que vos obriga
O ver que em vosso tempo rebentou
O fructo d'aquella *Orta*, onde florecem
Plantas novas que os doctos não conhecem.
. . . .
E vêde, *carregado*
D'annos atraz a varia experiencia,
Um velho, que ensinado
Das Gangeticas Musas na sciencia
Podaliria subtil e arte sylvestre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles mestre...

No mesmo livro dos *Colloquios dos Simples* vem um Soneto com a rubrica «*Do author falando com o seu libro e manda-o ao Senhor Martim de Souza*», por ventura tambem escripto por Camões, como se induz pelo estylo. A Ode VIII, allude á tentativa do Vice-Rei, que projectava ir contra o Achem em Septembro de 1563:

Posto que o pensamento
Occupado tenhaes na guerra infesta,
Ou c'o sanguinolento
Taprobano ou *Achem*, que o mar molesta...

A sorte de Camões parecia melhorar com a influencia de tão valiosa amisade; mas a India era fatalmente «de todo o pobre honrado sepultura». Os cavalleiros poetas verberavam as infamias da colonia portugueza; no *Cancioneiro* de Luiz Franco, encontra-se uma parodia do «*Recuerd el alma adormida*, sobre la India de Portugal»:

Recuerd la India dormida
ó bon Rey con braço fuerte
contemplando
como la tienes perdida,
y venga quien la despierte
batallando.
Todo lo hemos perder
lo por ganar y ganado,
qu'es peor,
y a nuestro parecer
el menor hecho passado
es mejor.
Y pues vemos el presente
de tiranno mal regido
y gobernado,
juzgaremos sabiamente
no ser el Rey bien servido
mas robado.

No se engañen nadie nó,
piensando que ade durar,
ni Dios lo quiera,
que quien la India ganó
fué con dar y no tomar
por tal manera.
. . . .
. . . .
Pues la sangre de los godos
nos rige con su flaqueza
envilecida,
por quales vias y modos
será nuestra fortaleza
conocida. Etc. (1)

De pressa se esvaeceram as esperanças que se auspiciavam a Camões; em Fevereiro de 1564 falleceu o Vice-Rei D. Francisco Coutinho, que tanto o soubera estimar. A contar d'esta data a vida de Camões ficou quasi completamente desconhecida. Seria para occultar-se aos seus inimigos ou por não ter meios para sustentar-se em Gôa? É n'este ponto que a tradição colloca as viagens de Camões a Malaca e ás Molucas. Na Canção VI, segundo alguns biographos, ha uma allusão á Ilha de Ternate, uma das Molucas; o snr. Visconde de Juromenha entende que se refere principalmente a Gôa:

Com força desusada
Aquenta o fogo eterno
Uma Ilha, nas partes do Oriente
De extranhos habitada,
Aonde o duro inverno
Os campos reverdece alegremente.

(1) Fl. 198 v. a 200.

A luzitana gente
Por armas sanguinosas
Tem d'ella o senhorio.
Cercada está de um rio
De maritimas aguas saudosas...

Aqui, minha ventura
Quiz que uma grande parte
Da vida que eu não tinha, se passasse;
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue e de lembranças matizasse.
....
Quem póde imaginar
Que houvesse em mi peccado
Digno de uma tão grave penitencia?
....
Canção, n'este desterro viverás
Voz nua e descoberta
Até que o tempo em ecco te converta.

Durante este periodo obscuro da sua vida em Gôa é que elle se distrahiu com esses amores mysteriosos de Dinamene. Tem-se considerado este nome como um anagramma; é mais crivel que fosse formado pela analogia da deosa *Diudymene.* (1) Esta dama partira de Gôa e morreu afogada no mar; em uma relação de naufragio do seculo XVI encontra-se um caso similhante. No Soneto LIII, canta Camões a partida dos novos amores:

Por uma praia do Indico Oceano...

E no Soneto LXXII:

(1) Ecloga VII. Jur., t. III, p. 97. Usado tambem por Garcilasso.

Brado: — Não me fujaes, sombra benina,
Ella (os olhos em mi co'hum brando pejo,
Como quem diz, que já não pode ser)

Torna a fugir-me; torno a bradar *Dina*...
E antes que diga *Mene,* acordo e vejo
Que nem um breve engano posso ter.

E no Soneto XXIII relata a sua morte no mar:

Faltou-te a ti na terra sepultura...
Eternamente as aguas lograrão
A tua peregrina formosura.

Repete o mesmo sentimento no Soneto CLXX:

Ah! minha *Dinamene!* assi deixaste
Quem nunca deixar pode de querer-te...

Puderam essas aguas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?...

No Manuscripto em que Faria e Sousa encontrou este Soneto, trazia a rubrica latina: «*Ad Dinamenem aquis extinctam.*»

Depois que se abriu a successão pela morte do Conde Vice-Rei, achou-se que estava nomeado D. Antão de Noronha, ausente no reino; por esta circumstancia se abriu a segunda successão, que recahiu em João de Mendonça, que governou nove mezes até á chegada de D. Antão de Noronha, á 3 de Setembro de 1564. Se nos lembrarmos das antigas relações do poeta com o Capitão de Ceuta, veremos que esperanças poderia en-

tão nutrir com esta nomeação. Camões dedicou-lhe a Ode XIII, por ventura antes de 1562 em que D. Antão partira para o reino; por essa Ode, se conhece que o valoroso irmão do Marquez de Villa Real, estimava tambem a poesia e lhe pedira os seus versos. Nomeou o Vice-Rei para a Feitoria de Chaul a Luiz de Camões, tendo porém de esperar pela vagatura d'esta sobrevivencia que rendia cem mil reis annuaes; sabe-se d'esta nomeação pelo Alvará de Philippe II de 1585, onde se encontra este facto: «ávendo respeito aos serviços... de Luiz de Camões... *e a não entrar na feytoria de Chaul, de que era provido*...» (1) Camões esperou algum tempo para entrar na pósse d'este cargo importante, a que andava annexo o de Provedor dos Defuntos, que já havia exercido; n'este periodo se deve collocar o trabalho da colleccionação do seu *Parnaso*, por ventura para comprazer com a predilecção que tinha pela poesia o Vice-Rei D. Antão de Noronha. O titulo de *Parnaso* foi sempre usado desde o seculo XVI como designando uma collecção de poesias lyricas; tudo nos faz crêr que Luiz de Camões começou este trabalho pelo anno de 1565, e que em 1569 ainda continuava a trabalhar n'elle em Moçambique.

Cansado de esperar pela vagatura da Feitoria de Chaul, offereceu-se a Camões um ensejo para mais facilmente regressar a Portugal; em 1567 vagára, por morte de Fernão Martins Freire, a capitania de Mo-

(1) Apud Jur., t. I, p. 172, Doc. L.

çambique. Sendo nomeado para este cargo o Capitão Pedro Barreto, sobrinho do antigo governador Francisco Barreto, offereceu-lhe o trazel-o comsigo para Moçambique; Camões acceitou a offerta, sem se lembrar dos velhos resentimentos motivados pelas suas queixas contra a severidade do Governador; n'este transporte de generosidade emprestou Pedro Barreto ao poeta duzentos cruzados, favor que em breve se converteu em um terrivel embaraço.

Já em Moçambique, soube Camões do triumpho de D. Leoniz Pereira em 1568, quando defendeu Malaca contra o poder do Achem. No Soneto CCXXVII celebra este extremado feito, comparando o heroe portuguez com um heroe da antiguidade:

> Oh Nymphas, cantae pois: que claramente
> Mais do que *Leonídas* fez na Grecia,
> O nobre *Leoniz* fez em Malaca.

Ou por ciume de se não ver tambem cantado em verso, ou por que no momento em que Camões recolhia as suas rimas, encontrasse essas queixas contra o governador Francisco Barreto, tornou-se em breve um duro inimigo de Camões; Pedro Barreto era de um genio irascivel, como se sabe pela sua morte, occasionada por se ter julgado affrontado com um acto do governo.

Esteve portanto Camões desde 1567 em Moçambique, até 1569, distrahindo-se da sua indigencia com o lavor poetico, á maneira de Ariosto. O modo como vi-

via está descripto nas palavras de Diogo do Couto, que lançam uma luz viva n'estes tempos calamitosos do poeta.

No canto v dos *Lusiadas,* estancia 84, deixou Camões um traço devido á impressão dos dias desgraçados que passou em Moçambique:

> Na *dura Moçambique* emfim surgimos,
> *De cuja falsidade e má vileza*
> Já serás sabedor......

Em 1569 partira de Gôa D. Antão de Noronha, substituido por D. Luiz de Athayde, tambem amigo de Camões; acompanhavam o ex-Vice-rei varios cavalleiros, e como elle fallecesse no mar, com os temporaes arribaram em Setembro d'este anno a Moçambique. N'esta Náo vinha o intimo amigo de Camões, Heitor da Silveira, Diogo do Couto, Lourenço Vaz *Pegado,* por ventura seu parente, e outros muitos, que então accudiram á miseria em que se achava.

Na *Decada VII* descreve Diogo do Couto esta situação terrivel: «Em Moçambique achámos aquelle Principe dos Poetas do seu tempo, meu matalote e amigo Lúiz de Camões, tão pobre, que comia de amigos, e para se embarcar para o reino, lhe ajuntámos os amigos toda a roupa que houve mister, e não faltou quem lhe désse de comer, e aquelle inverno, que esteve em Moçambique acabou de aperfeiçoar as suas *Lusiadas* para as imprimir, e foi escrevendo muito em um livro, que ia fazendo, que intitulava *Parnaso de*

Luiz de Camões, livro de muita erudição, doutrina e philosophia...» Por aqui se vê que a dissidencia com Pedro Barreto fôra pouco depois da chegada a Moçambique em 1567. Emquanto aperfeiçoava os *Lusiadas,* reconhecido ao antigo amigo e poeta Heitor da Silveira, introduziu no canto x, estancia 60, esta referencia honrosa, em que o compara com um heroe da antiguidade:

> E não menos de Diu a fera frota,
> Que Chaul temerá de grande e ousada,
> Fará co'a vista só perdida e rota,
> Por *Heitor da Silveira,* e destroçada:
> Por Heitor portuguez, de quem se nota
> Que na Costa Cambaica sempre armada
> Será nos Guzarates tanto dano
> Quanto já foi aos gregos o troyano.

Entre os amigos de Camões, que pela arribada a Moçambique o favoreceram, figuram além de Heitor da Silveira e Diogo do Couto, os nomes de D. João Pereira, D. Pedro da Guerra, Ayres de Sousa de Santarem, Manoel de Mello, Gaspar de Brito, Fernão Gomes da Gran, Luiz da Veiga, Antonio Cabral, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, e Lourenço Vaz Pegado. Partiu a Armada de Moçambique em Novembro de 1569; Camões vinha na Náo *Santa Clara,* de que era commandante Manoel Jaques, que em 1568 acompanhára a Armada que levava o novo Vice-rei Dom Luiz de Athayde. Durante a viagem, como refere Diogo do Couto, ia Camões escrevendo no seu *Parnaso;* já quasi a afferrar a terra da patria, soffreu a perda de Heitor

da Silveira. A Náo *Santa Clara* chegou a Lisboa a 7 de Abril de 1570; (1) e Camões, depois de dezessete annos de ausencia, veiu ainda encontrar accesos os antigos odios, e luctar mais duramente com a desgraça. Emquanto outros traziam ricas mercadorias da India, Camões possuia apenas um manuscripto, sentido nos desterros injustos, nos carceres, nos arraiaes, tempestades do mar, e naufragios: era a epopêa dos *Lusiadas*. Ali estava reconcentrada a vida gloriosa da nação portugueza; trazia o poema para a publicidade, como um marinheiro que atira ao mar a noticia do galeão que se afunda, para que um dia se saiba aonde e quando succumbiram á fatalidade.

(1) *Indice de toda a Fazenda*, p. 170. Este dia não vem assignalado em nenhum biographo.

TERCEIRA ÉPOCA (1570 a 1580)

CAPITULO VII

Camões depois do seu regresso a Lisboa

Fixação da chegada de Camões a Lisboa.—A *Peste grande* de 1569, segundo um manuscripto contemporaneo.—A procissão da Senhora da Saude na rua da Mouraria.—O *Auto das Regateiras*, e a reforma monetaria de D. Sebastião.—Estado de tristeza do espirito publico.—Camões offerece o manuscripto dos *Lusiadas* a el-rei D. Sebastião.—A amizade com D. Manoel de Portugal.—A censura do Santo Officio.—Caracter litterario do Padre Bartholomeu Ferreira.—Camões e os Frades de S. Domingos.—O odio de Caminha e de Bernardes, depois da publicação dos *Lusiadas*.—Pedro da Costa Perestrello rasga a sua epopêa manuscripta.—O roubo do *Parnaso de Luiz de Camões*.—Estacio de Faria teve este livro em seu poder.—Como se restitue esta obra pelos manuscriptos dispersos de Camões.—Relações com Manoel Barata, D. Luiz de Athayde e Magalhães Gandavo.—Estado de pobreza de Camões, pela Satyra de André Falcão de Resende.—Primeira jornada de D. Sebastião a Africa.—A façanha de D. Pedro da Silva.—A tença de Camões.—O desastre de Alcacer Kibir.—Bernardo Rodrigues e a segunda epopêa de Camões.—Relações com o divino Herrera, chefe da eschola lyrica de Sevilha.—Morte de Camões com a nacionalidade portugueza.—Os ultimos annos de sua mãe D. Anna de Sá.—Degradação do caracter portuguez, alimentado pelos sonhos do *Quinto Imperio*.—Como o sentimento descobriu a nacionalidade dos *Lusiadas*.—Tradição do respeito de Tasso por Camões.—Como a sciencia europêa acceitou Camões como o primeiro poeta do mundo moderno.

Depois de dezesete annos de ausencia e sem esperança de tornar a ver a patria, o momento em que se ouve o grito que annuncia a terra, faz estremecer de

alegria, e o coração estúa sob uma impressão tão forte como a do soffrimento. Camões sentiu isto, quando nos *Lusiadas* descreveu rapidamente esse instante, em que:

> .... da etherea gavea um marinheiro
> Prompto co'a vista:—*Terra! Terra!* brada.

A sensação dolorosa d'esse jubilo ainda não foi traduzida em linguagem humana, como nas palavras de Camões:

> Esta é a ditosa Patria minha amada,
> Á qual se o céo me dá que eu sem perigo
> Torne com esta empreza já acabada,
> Acabe-se esta luz ali commigo... (1)

Isto que elle diz do navegador que primeiro sulcou os mares do Oriente, cabe-lhe perfeitamente por ser o unico que até então levara ao cabo a empreza da creação de uma epopêa nacional. Esse momento excepcional da vida, em que o espirito sente robustecer-se pela lembrança do passado, reflectido em todas as cousas sobre que descançam os olhos, torna a ser cantado n'aquella primorosa estancia dos *Lusiadas:*

> O prazer de chegar á Patria cara,
> A seus penates caros e parentes,
> Para contar a peregrina e rara
> Navegação, os varios céos e gentes;
> Vir a lograr o premio que ganhara,
> Por tão longos trabalhos e accidentes,
> Cada um tem por gosto tão perfeito,
> Que o coração para elle é vaso estreito. (2)

(1) *Lus.,* canto III, est. 21.
(2) *Ib.,* c. IX, est. 17.

Entre as Cartas perdidas, de Camões, dá Faria e Sousa conta de uma, que fôra dirigida a um amigo do Porto, em que dizia que lhe custava ainda a crêr o ter conseguido voltar á patria; tinha esse amigo encaixilhada a Carta como uma preciosidade, mas tanta estima não obstou a que o acaso a destruisse.

O jubilo com que Camões regressava a Lisboa contrastava com a tristeza publica causada pela *Peste grande* de 1569, pela quebra da moeda e pela incerteza da administração e da politica absorvida pela classe ecclesiastica. Lisboa já não era essa côrte florente onde Camões passára os seus mais alegres annos; era uma necrópole quasi deserta aonde dominava o fanatismo, o escrupulo religioso, a cavilação traidora dos politicos, e uma criança hallucinada, novo Phaetonte, que empunhara as redeas do governo para apressar uma catastrophe. Camões regressava pobre, e veiu achar em Lisboa a indigencia motivada pelo abaixamento do valor da moeda. Em um manuscripto interessantissimo de 1569, se lêem estes dados: «A causa porque se tirou e abateu a moeda, *foi porque vinha muita e em grande numero de Inglaterra secretamente, entre barris de farinha e entre pipas de pregos, e em outras muitas partes d'onde a podiam trazer escondida,* e era tanto disto, que dentro em Inglaterra se estava fazendo e batendo em ruas publicas, e d'esta maneira nos enchiam Portugal de cobre e levavam todo o ouro e prata, e tanto com isto deitavam a perder este reino, que havendo grande multidão de moedas de ouro de mil reis, e de quinhentos reis de cruzes

e portuguezes, e de prata, despejaram o reino tão depressa d'esta boa moeda, que veiu a não haver uma senão por milagre.» (1)

Para corrigir este erro economico, os conselheiros do joven rei D. Sebastião commetteram outro erro mais desastroso, promulgando a lei e pragmatica de 14 de Abril de 1568, em que o patacão de dez reis era reduzido a trez; a moeda de cinco reis reduzida a real e meio; a de trez reis reduzida a um real; e a de um real reduzida a meio. Como para subtrahir D. Sebastião ás queixas do povo, levaram-no para Almeirim. É curiosissima a aproximação do *Auto das Regateiras,* de Chiado, com o manuscripto contemporaneo, da Bibliotheca de Lisboa; diz o Auto:

VELHA: Tudo vae fóra da estrada
bem o vejo e bem o sei!
COM.: E mais com *esta ida de ElRei*
não hade hauer venda nada.
VELHA: Comadre, eu vos direi,
fico-m' eu naqueste inferno.
COM.: Muitas vezes cuido em mim
que se vay Almeyrim
hum rei meado inverno.
VELHA: A fazer rico escourpim.
COM.: D'isso só me fica magoa,
nunca é contente a pessoa,
um Rei que estava em Lixboa
assi como peixe n'agoa;
mas vós veredes o que sôa.

(1) Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa. Apud Dr. Ribeiro Guimarães, *Summario de Varia Historia*, t. II, p. 160.

VELHA : *Todos nós isso cramamos,*
comadre, manso o dizeis,
mas sam vontades de reis,
que quereis que lhe façamos,
como dizem *lá vam leis.* (2)

Pelo Manuscripto contemporaneo explicam-se todas estas allusões do *Auto das Regateiras:*

«De maneira que esta Pragmatica saíu a quarta feira de trevas, *estando ElRei em Almeirim,* pelo que era lastima ver a gente de Lisboa pasmada, porque como havia pouca prata e não havia outra moeda senão cobre, e por terem todos esperanças de não cumprir a tal pragmatica, *e cerrarem-se todos sem querer vender nada,* e ser vespera de festa, julgue cada um aqui o povo de Lisboa, qual andaria e qual estaria, ao que accudiu a camara e a misericordia d'esta cidade, mandando a Almeirim dar conta a ElRei do reboliço que ía em Lisboa, que quizesse permittir houvesse emenda no mandado. — E a quinta e sexta feira estiveram assim todos esperando, *sem n'estes dias quererem vender cousa alguma.* E ao sabbado, vespera da Paschoa, vieram e trouxeram por novas, que ElRei mandava se cumprisse o que tinha mandado, sem remissão, havendo respeito ás isentas causas que para isso havia. — Foi tal a revolta e clamor n'este povo de Lisboa, por causa da muita perda que recebiam, *que houve desesperados que, com*

(2) Fl. 3.

sentirem o perdimento do dinheiro perdiam as vidas enforcando-se, outros andavam pasmados.» (1)

Não restam os minimos vestigios acerca da morte de Simão Vaz de Camões, pae do poeta; mas pela sua residencia na côrte, que elle como cavalleiro fidalgo acompanhava, se infere que morreu da *Peste grande,* que no mez de Junho de 1569 rebentou em Lisboa. (2)

Depois do rebate da moeda, a peste veiu acabar de reduzir á miseria o povo de Lisboa; reproduzimos aqui esse quadro de desolação, para figurarmos o estado em que Camões veiu encontrar a patria: «No mez de Junho de 1569 se acharam muitas pessoas n'esta cidade de Lisboa doentes de inchaços, e outras que morriam uma morte muito apressada, e todavia andava um ruge-ruge do povo que era peste, mas como havia trinta e nove annos que a Portugal não viera este mal, e o não conheciam, uns zombavam d'isso, outros de experiencia e edade affirmavam sel-o. — No mez de Junho veiu todavia a ser este rumor tão grande, que certificando alguns ser peste, mandou el rei fazer ajuntamento dos physicos, para o determinarem. Os modernos diziam não ser este mal, dando por rasão que o inverno fora muito grande, e a humidade causara taes postemas em os corpos; e os antigos e de experiencia, que tinham visto outros, affirmavam sel-o, e acolhiam-se, e davam de conselho aos amigos que se fossem por ser refinada

(1) *Ib.*, p. 158.

(2) A obscuridade d'este facto leva a collocal-o em uma epoca de confusão.

peste, e já a esse tempo morriam cada dia 50, 60 pessoas, mas andava tudo calado e secreto para não se despejar a cidade, e se viam ir os mercadores diziam que elles inventavam isto por fugirem para o Golpho. Andava a gente assim d'esta maneira indeterminada até entrar o mez de Julho, onde se inventou que no entre-lunio do dito mez, que era a 10 d'elle, se havia de subverter a cidade, e que o Castello se havia de ajuntar com o Carmo e com a Almada; e não se espante quem isto ler, nem me tenha por parte em escrever tal zumbaria, porque affirmo, e foi assim, que tão crente andava esta abusão e parvoice em toda a gente, assim popular como de muita qualidade, que chegou a tanto a crença d'ella, a vespera do dito entre-lunio se despejou toda a cidade com tão desatinado impeto, e tão sem ordem nem proposito, que cada um caminhava sem saber para onde, indo pôr arrabaldes e termo aos pés das oliveiras, com fato, mulheres e filhos, e passando o entre-lunio, em que deu muito grande pancada de mal, acabando de entender o que era, se foram os que poderam e tinham posses para as partes que queriam, e os pobres se tornaram á cidade.

«E não duvideis que a abusão que ouvistes se teve depois por mandado de Deos; porque como era ár corrupto, se se não despejara a cidade, o fogo fora ateado de maneira, com posse que nunca se acabara, pois na gente que ficou se ateiou de maneira que ardeu a cidade. No mez de Julho e Agosto não houve dia em que não morressem 500, 600, 700, não havendo já adros

aonde se enterrar, que 20, 30, 40, 50, 60, se deitavam em cada cova, que para isso se fizeram muitas grandes, como se disse na pregação da Saude. De maneira que morria a gente fallando uns com os outros e cahiam mortos, sendo já tanta a quantidade, que por não haver sagrado donde os podessem enterrar, sagraram monteiros, olivaes, praias para sepultar, até o campo da forca que foi todo lavrado de covas; e para haver quem levasse estes mortos ás sepulturas, se tiraram os forçados das galés para isso, que com esquifes andavam, no qual serviço se lhes commutava o degredo das galés, e com tudo isso não bastavam para dar vasão a tantos mortos, acudindo áquelles que peitavam aos forçados, e os que não estavam dois e tres dias pelas portas e ruas, amortalhados, esperando duas horas, até que já não estavam para os poder levar, lhes faziam suas covas pelas ruas e lojas, onde moravam, e ali os sepultavam...

«Corria-se toda a cidade e muitas vezes não se topava em toda ella cinco pessoas vivas e sans, e alguns, se se topavam era a cor de finado, e alguns maráos se serviam de jogar a bola na Rua Nova, mas deviam ser tão poucos, que não fizeram estorvo a deixar crescer muita herva e de grande altura. (1)

«De maneira, que a maior mortandade d'este mal foi nos mezes de Julho, Agosto e Septembro, e o menos dia de mortes n'estes mezes não desceu de 500 pes-

(1) Confirmado em uma Carta do Padre Antonio de Monserrate.
*

soas, e passando estes mezes começou a cidade a melhorar, de maneira, que quando veiu o Natal, já a cidade estava com a maior parte da gente, e logo se cerraram as portas da cidade, deixando abertas as necessarias, donde se puzeram guardas de homens principaes por não entrarem doentes de fóra, de villas e logares que ainda estavam iscados do mal, e se teve tão boa ordem n'isso, que sempre a saude da cidade foi por diante.» (1) Em uma Carta do jesuita Diogo de Carvalho, de 12 de Julho de 1569, encontra-se um quadro não menos sinistro do que o da *Memoria* manuscripta: «Entrou outro medo na gente, dizendo que ámanhã, que é quarta-feira 13 d'este mez, *se havia Lisboa de subverter*. Fez tanto medo esta nova, e dava-se tanta pressa a despejar a cidade, que não encareço o modo que n'isto houve, porque as ruas, caes e barcos, tudo era fato, e não havia na cidade mais do que gritos, desmaios e andar a gente douda e sem siso. Occupou a gente que d'esta cidade saía, sete ou outo legoas ao redor de Lisboa, e porque não havia casas se punhão pelos campos ao pé das oliveiras; e como não havia agua, nem hiam providos de comer bastante, nos dão por novas que morrem lá com fome, sede, com muitos outros damnos que ha n'esta cidade. As ruas estão desertas, a rua nova dos Ferros quasi toda fechada, e alguma loja que está aberta, anda-se entrouchando, e cavallos e mulas desapparecem, não sei encarecer a Vossa Reverencia o que se

(1) Citada *Memoria ms.*, *Ib.*, p. 161.

passa. Dizem que em todo o mundo nunca aconteceu cousa tão horrenda como esta, e tudo isto naceo do grande medo que lhe puzeram de se subverter a cidade; se estranhais isto aos que vão fugindo, elles dizem que não sabem porque fogem; e que fogem porque tambem vêem fugir. Não ha razão nem prudencia que os faça aquietar; mas parece que isto he juizo de Deus, que quiz meter nos corações dos homens hum medo maior que o do dia de juizo.—A mim me veiu desejo de pregar pelas ruas por onde ando, aonde toda a diversidade de povoação me cérca pedindo-me pelas chagas de Christo que os desengane e queira ir morrer com elles, e não basta mostrar-lhes que tudo isto é imaginação, para os socegar.—... *Acabado este mal veiu o da fome; os officiaes não tiveram que fazer por alguns mezes,* porque todos cuidavam unicamente em conservar a vida.» (1)

Por estas relações de testemunhas occulares, a catastrophe do panico foi produzida pela prophecia da subversão de Lisboa; d'onde podia ella provir senão do clero, como já vimos na prédica de Gil Vicente no terremoto de Santarem em 1531. Na relação manuscripta da Bibliotheca nacional, attribue-se a *peste grande* a castigo da quebra da moeda: «E as Egrejas tambem receberam seu grande pedaço de perda, por terem acabado de receber as esmolas das Endoenças da Semana Santa, que é uma grande copia de esmolas n'esta cidade.»

(1) Apud Jur., *Obr.*, t. I, p. 500.

Tendo aportado a Lisboa a náo *Santa Clara,* a 7 de Abril de 1570, foi Diogo do Couto a Almeirim levar as primeiras novas da India; por elle saberia Camões dos immensos desastres cahidos sobre Lisboa. Desde Outubro de 1569 começara a peste a desapparecer: «e pelo Natal estava já a cidade muito boa, porém com temor do grande fogo que era passado, não se vinham para a cidade senão pessoas pobres, que já não tinham que comer, que as outras esperavam que passasse Março, por dizerem os medicos, que em o renovar das ervas podia tornar a renovar o mal, o que assim não succedeu.» (1)

Como vimos pelo assento da Casa da India, de 1550, Camões morava na rua da Mouraria; n'esta mesma rua estava o Collegio dos Meninos Orphãos, e quando a cidade de Lisboa fez o voto de uma procissão solemne á Senhora da Saude, ali se recolheu a sua imagem. Logo a 20 de Abril de 1570 se fez pela primeira vez a Procissão de Nossa Senhora da Saude; provavelmente já Camões havia desembarcado, e abraçado sua mãe, n'esse tempo «*muyto velha e muyto pobre*», como diz um documento legal. No Manuscripto da Bibliotheca nacional descreve-se esta festa, que avivou diante de Camões o quadro de todas as calamidades do anno antecedente: «os vereadores tornaram a mandar denunciar ao povo nas egrejas ao domingo dezeseis de Abril da mesma era, de 1570, que a quinta feira pri-

(1) *Summario de varia hist.*, t. II, p. 167.

meira, que eram *vinte do mesmo mez de Abril*, se fazia a procissão, como se fez tão solemne, e com tantas danças e invenções, que fôra pouco de escrever, se poderam, sómente direi que partiu da Sé pela manhã e acabada de entrar em S. Domingos, deram duas horas depois do meio dia. — Iam n'ella todas as religiões d'esta cidade e toda a cleresia, e confrarias e freguezias. Ia no cabo uma riquissima charola com todas as principaes reliquias d'esta cidade, e adiante d'esta outra com Nossa Senhora da Saude. Houve em S. Domingos trez prégações, uma cá fóra no alpendre, outra dentro, e outra que já tinham feito dentro, antes da procissão chegar, por causa de despejarem a egreja aos que vinham na procissão, onde se prégaram muitos milagres e tudo o que succedeu no mal. Ouvi ao prégador de dentro, que foi Frei João da Silva, que *nas mais das covas se botavam cincoenta defuntos, e que passaram de cincoenta mil almas os fallecidos do mal.* — A quarta feira, vespera do dia d'esta procissão, se mandou deitar pregões, que toda a pessoa puzesse de noite uma vella acceza ou candeia a cada janella da banda do mar e da terra; fez-se assim. Estava a cidade muito para vêr. Houve tambem toda a noite fogueiras e festas pelas ruas... » (1)

Como não seriam para Camões estas festas differentes d'aquellas em que tanto figurara na côrte de D. João III! No meio d'esta depressão do espirito publico, como seria recebido o seu poema, que era a ultima es-

(1) *Ib.*, p. 167.

perança que lhe restava? No Canto x dos *Lusiadas* estão notadas as desalentadas impressões, aonde diz:

...... em vão pretendo
O gosto de escrever, que vou perdendo.
(Est. 8)

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passou até ao outono;
A fortuna me faz o *engenho frio,*
Do qual já me não jacto, nem me abono,
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno...
(Est. 9.)

Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não o dá a patria, não; que está metida
No gosto da cobiça, e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza.
(Est. 145.)

Camões vinha encontrar um rei affeiçoado á poesia, mas desvairado e dominado pelos jesuitas; escrevêra o seu poema com intenção de dedical-o a el-rei D. Sebastião, como se vê pelas primeiras estrophes da invocação:

E vós, oh *bem nascida segurança*
Da luzitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
Do augmento da pequena christandade;
Vós, oh novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa edade...

Inclinae por um pouco a magestade
Que n'esse tenro gesto vos contemplo...
. . . .
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão; vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos.

Ouvi! que não vereis com vãs façanhas
Phantasticas, fingidas, mentirosas
Louvar as vossas, como nas extranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas...

E no canto X, a estrophe 154, tambem leva a inferir, que Camões conseguiu apresentar ao rei o manuscripto do seu poema:

Mas eu que falo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado!
Da bocca dos pequenos sei comtudo
Que o louvor sae ás vezes acabado;
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

Dom Sebastião mostrara na sua infancia certo interesse pelos Autos de Gil Vicente; mas os jesuitas seus pedagogos abafaram esta tendencia. Como conseguiria Camões apresentar o seu poema ao rei? Na côrte ainda viviam a celebrada D. Francisca de Aragão, a infanta D. Maria e D. Manoel de Portugal.

Na Ode VII de Camões, dedicada a D. Manoel de Portugal, e na qual lhe chama seu Mecenas, allude ao poema dos *Lusiadas:*

O rudo Canto meu, que ressuscita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos bellicosos nossos Luzitanos,
Para thesouro dos futuros annos
Comvosco se defende
Da lei lethêa, á qual tudo se rende.

Na vossa árvore ornada d'honra e gloria
Achou tronco excellente
A hera florescente
Para a minha até aqui de baixa estima:
N'ella para trepar se encosta e arrima;
E n'ella subireis
Tão alto, quanto os ramos estendeis.

É d'estas estrophes que se infere ter D. Manoel de Portugal apresentado Camões a el-rei D. Sebastião; ao Conde de Vimioso pertencia um dos exemplares da edição dos *Lusiadas* de 1572, talvez offerecido pelo proprio Camões; Thimotheo Lecussan Verdier, que o viu, assevera que estava cheio de emendas do punho do poeta. (1) O argumento principal por onde se póde concluir da offerta dos *Lusiadas* a el-rei D. Sebastião, é o Alvará de tença que lhe foi concedido em consequencia da sua publicação, e antes do poema ter alcançado celebridade. Se os *Lusiadas* não ficassem sob a égide real, é mais do que provavel que nunca sairiam das licenças do Santo Officio, — que ainda assim amputou á sua vontade essa maravilha da arte: a dedicatoria a D. Sebastião, conhecendo-se o caracter generoso e desinteressado de Camões, tinha em vista vencer as delon-

(1) *Jur.*, t. I, pag. 447.

gas da censura, e não o conseguir tenças. No Alvará do Privilegio dado a Camões para a impressão dos *Lusiadas,* se ordena: «e antes de se imprimir será vista e examinada na meza do conselho geral do Santo Officio da Inquisição para com sua licença se haver de imprimir, e se o dito Luiz de Camões tiver accrescentado mais alguns Cantos tambem se imprimirão avendo para isso licença do Santo Officio, como acima é dito.» Este Alvará é datado de 23 de Setembro de 1571, e só d'esta data em diante é que os *Lusiadas* entraram na censura; podemos quasi asseverar que o poema esteve na revisão do Santo Officio até 12 de Março de 1572, por que é d'este dia em diante, em que o livro foi julgado digno de se imprimir, que se começou a contar o tempo desde que começaria a vencer a tença; este Alvará é de 28 de Julho de 1572, o que nos mostra tambem o tempo que o livro esteve nos prelos de Antonio Gonçalves, que foi perto de cinco mezes, que é o indispensavel para imprimir um volume d'essas proporções com os velhos recursos typographicos. Vejamos os perigos porque atravessaram os *Lusiadas* na meza do Santo Officio; campeava então em Portugal o *Index Expurgatorio;* vendo-se quaes eram as obras condemnadas no *Index* de 1564, sem difficuldade se conclue que os *Lusiadas* tinham de ser expurgados na fogueira. A poesia franceza da primeira phase da eschola italiana, ali se acha condemnada, como Clément Marot; os *Arestos de Amor* em francez ou hespanhol ou em outra qualquer lingua; o *Decameron* de Boccacio, a *Monarchia* de

Dante, os *Poemas* de Pulci, os *Epigrammas* de Sanazarro, as *Facecie* de Domenichi e del Guijardin, aí se acham rejeitadas com o estigma da intolerancia; os livros innocentes de cavalleria, que tanto estavam no gosto portuguez, tambem são repellidos pelo terrivel *Index* de 1564; taes são: *Constantino de Sevilha, Cavalleria celestial ou Pee de la Rosa fragrante, Consolação de Tristes, Leite da Fée, Harpa de David, Lições de Job applicadas ao amor profano,* e até os pobres Romances populares tirados da letra do Evangelho. Que liberdade de pensamento não havia nos *Lusiadas,* mais do que n'estes innocentes livros? E comtudo bastaram algumas omissões de estancias, algum verso estropiado, para poder correr na publicidade; Manoel Correia Monte-Negro, commentando a estancia 71 do Canto IX, escreve uma revelação importante e em harmonia com o que dizemos:

«Este é o sentido litteral d'estas Outavas, e n'este sentido ficam ellas sem nenhuma especie de deshonestidade que alguns lhe queriam attribuir, entendendo-as contra a intenção do Poeta, *como me consta que elle o dizia: e assim como aqui estão impressas, as tinha emendadas por conselho dos religiosos de S. Domingos d'esta cidade, com quem tinha grande familiaridade.*» Entre as estancias omittidas achadas por Faria e Sousa, notam-se as que pertenciam á descripção da batalha de Aljubarrota, cortadas por fazerem o elogio dos bastardos, e por n'ellas ter Camões dado largas ao caracter da sua mocidade, que se jactava a proposito de tudo de sua valen-

tia; o córte das estancias em que louvava o Duque D. Jayme, quando o poeta era amigo de D. Constantino de Bragança e de Dom Theodosio, só se póde explicar pela animadversão da censura. Finalmente, sabendo-se quanto Camões era harmonioso e facil na sua versificação, todos esses versos prosaicos dos *Lusiadas* se devem explicar pelo sacrificio do ideal á orthodoxia. Accresceu á protecção regia, e á familiaridade de Camões com os frades de S. Domingos, o ser em 1571 Qualificador do Santo Officio um homem de reconhecida erudição, e louvado pelos poetas do seculo XVI, o Padre Bartholomeu Ferreira; possuia uma excellente Livraria, e entendia de poesia, pelo que vêmos de Caminha que o consultava. A Censura feita pelo Padre Bartholomeu Ferreira, é um modêlo de bom senso, illudindo a desconfiança dos fanaticos boçaes; transcrevemol-a como um documento do espirito litterario d'esse seculo: «Vi, por mandado da Santa e geral Inquisição, estes dez Cantos dos *Lusiadas* de Luiz de Camõens, dos valerosos feitos em armas, que os Portuguezes fizeram em Asia e Europa, e não achei n'elles cousa escandalosa, nem contraria á fé e bons costumes, sómente me pareceu que era necessario advertir os lectores, que o author pera encarecer a difficuldade da navegação e entrada dos Portuguezes na India, usa de uma ficção dos Deoses dos Gentios. E ainda que Santo Agostinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos livros que compoz de Ordine, as Musas Deosas, todavia cómo isto he Poesia e fingimento, e o author

como poeta não pertende mais que ornar o estyllo poetico, não tivemos por inconveniente esta fabula dos Deoses na obra, conhecendo-a por tal, e quando sempre salva a verdade da nossa sancta fé, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceu o livro digno de se imprimir, e o author mostra n'elle muito engenho e muita erudição nas sciencias humanas. Em fé do qual assigney aqui.—*Fr. Bartholomeu Ferreira.*» Espanta-nos esta integridade do censor, por que sendo amigo de Caminha, que tanto odiava Camões, se não deixasse influenciar pelo ciume da mediocridade. Nas obras de Caminha encontramos este epigramma: «*Ao Padre Fr. Bartholomeu Ferreira, com os meus versos para os examinar:*

> Para poderem ser de ti aprovados
> Meus versos, e de todos bem ouvidos,
> Devem primeiro ser de ti emendados
> Com mão de amigo, e com cuidado lidos:
> Serão com tua lima confiados,
> Com tua approvação bem recebidos;
> D'aquella ficarão cultos e puros,
> Com esta poderão correr seguros. (1)

Por este epigramma se vê que Frei Bartholomeu Ferreira tambem era poeta; nas obras de André Falcão de Resende, vem um Soneto: «*Á Livraria de Berthola-meu Ferreira*» o que mais nos authentica a sua cultura litteraria. Reproduzimol-o por esse facto:

(1) *Obras*, p. 370, Epigr. CLXXXIV.

Lá onde o fertil Nilo réga e cria
De plantas e animaes gran variedade,
Plantou a Apollo e á immortalidade
Um grã pomar um Rei d'Alexandria.

Mas sem a distincção, que dar devia
Do venenoso fructo ao de bondade,
E sem tirar da má letra a verdade,
Só juntou copiosa Livraria.

Do patrio Tejo cá na alta ribeira
Que honras, leão benigno, e nos cultivas,
Vês que pomar plantou nosso Ferreira!

Regado só de puras fontes vivas,
E ornado da mão sua, douta e inteira,
Que livros tem, e que obras tão altivas! (1)

Seria na convivencia de Frei Bartholomeu Ferreira, que passava Camões grande parte do seu tempo no convento de Sam Domingos; a sua amizade com André Falcão de Resende, que elle só conheceu depois do regresso da India, tambem se explica por intermedio do erudito frade, possuidor de uma afamada Livraria. As conversas não versavam, como se suppõe, sobre assumptos de piedade; eram interessantes relações de viagens, de costumes, de perigos do mar, naufragios, e phenonemos estupendos da natureza. No Canto v, dos *Lusiadas* achamos o typo d'estes colloquios:

Contar-te largamente as perigosas
Coisas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas temerosas,
Relampagos que o ár em fogo accendem;

(1) *Obras* de Falcão de Resende, p. 107.

Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Os casos vi, que os rudes marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia;
E que os que tem juizos mais inteiros
Que só por puro engenho por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos os mal entendidos.

E depois de descrever o phenomeno de Santelmo, que a maritima gente tem por santo, e de retratar com uma verdade scientifica que assombrava Humboldt, as trombas marinhas, termina com esta consideração, que devia rematar essas profundas conversas:

Se os antigos philosophos, que andaram
Tantas terras, por vêr segredos d'ellas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as vellas,
Que grandes escripturas que deixaram!
Que influição de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

Tinha muita rasão Frei Bartholomeu Ferreira para considerar o author dos *Lusiadas* com «*muita erudição nas sciencias humanas.*» Á Ordem de S. Domingos, onde Camões passava grande parte do seu tempo, pertencia Frei Ayres Correia, e segundo D. Francisco Manoel de Mello, no *Hospital das Letras,* foi este um dos primeiros commentadores de Camões: «Ha mais certos Commen-

tos manuscriptos, um de João Pinto Ribeiro, outro de *Ayres Correa,* que depois redūziu a melhor forma Frei Francisco do Monte.»

Saíram por fim á luz os *Lusiadas,* no anno de 1572; o interesse que houve logo em commentar o poema, mostra quanto elle era discutido; aceram-se de um lado os velhos odios contra Camões. Na Ecloga XI, descreve a sua vida depois da chegada a Lisboa:

> Tinha lá para mim, *que a vida tinha*
> *Mais socegada cá, e mais segura*
> *Entre os meus,* que com gosto a buscar vinha;
>
> Foi de outro parecer minha ventura;
> *Discordias só achei,* achei dureza
> Em lugar de socego e de brandura.
>
> Achei as boas leis da natureza
> Vencidas do interesse e a gente cega,
> Tanto que mais que o sangue o gado preza.
>
> Dizem que quando o mar bonança nega,
> Correndo vae aquella Náo mór perigo,
> Que á desejada terra mais se achega:
>
> Assi me aconteceu a mi commigo:
> Seguro sempre ao longe, sempre ledo;
> *Triste ao perto, e tratado como imigo.*

O odio implacavel de Caminha havia angariado mais um adepto contra Camões; era Bernardes, que recebera a sua cultura poetica ao contacto de Sá de Miranda e de Ferreira; costumado a admirar estes dois vultos, já fallecidos, repugnava-lhe o ter de abnegar da sua admiração de tantos annos para dal-a a Camões, conhecido de

poucos dias. Os *Lusiadas* não foram por elle comprehendidos em quanto á concepção geral; viu-os apenas defeituosos pelo uso das palavras vernaculas.

Na Carta IV, Bernardes allude a Camões no terceto:

> Trate quem mais quizer *feitos alheios,*
> Diga mal, diga bem, fale á vontade,
> *Use palavras novas,* novos meios...

Era a mesma accusação de Caminha, no tempo em que Camões frequentava a côrte, e em que lia os seus versos manuscriptos. Bernardes tinha agora mais fundamento para a queixa, porque os *Lusiadas,* que cantavam *feitos alheios,* e aonde se dizia mal e bem, vinham com uma grande quantidade de *neologismos.* Faria e Sousa recolheu os seguintes vocabulos empregados pela primeira vez por Camões nos *Lusiadas:*

CANTO I

Est.	2 Devastando	Est.	22 Rutilar	Est.	73 Ethereo
	4 Grandiloco		24 Estellifero		84 Presago
	5 Tuba		34 Dea		88 Cornigera
	8 Hemisferio		» Belligera		89 Plumbea
	16 Excicio		37 Solio		90 Inerte
	» Ceruleo		67 Sagitifero		97 Malevolo
	18 Salso		72 Obsequente		101 Iniqua.
	» Argento		» Cognito		
	22 Vibrar				

CANTO II

Est.	1 Lucido	Est.	28 Noto	Est.	56 Lacteo
	» Méta		» Amaro		57 Galero
	4 Aurifero		» Immoto		62 Immolava
	12 Odorifero		30 Inopinado		67 Galerno
	19 Rubido		46 Bellacissimo		90 Trémulo
	18 Nautica		52 Instructo		90 Altissimo
	20 Cauda		» Pudica		95 Diamantino
	25 Celeuma		54 Longiqua		100 Horrisono.

CANTO III

Est. 21 Incolas
45 Matutino
49 Arido
» Sibilante
» Estridor
62 Flava

Est. 63 Nitido
57 Panico
73 Ovante
96 Tranquillo
108 Eburneo
109 Canoro

Est. 107 Fulgente
111 Inerme
117 Vate
122 Tálamo
133 Séva.

CANTO IV

Est. 10 Sordido
19 Infesta
» Mesto

Est. 23 Armigeros
37 Freme
71 Intonso

Est. 71 Hirsuto
75 Pudibunda
83 Fatidica

CANTO V

Est. 1 Vociferar
2 Truculento

Est. 6 Inopia

Est. 30 Valida.

CANTO VI

Est. 13 Crepitante
19 Insana
37 Obumbrar

Est. 46 Férvido
48 Intestina
54 Consocios

Est. 71 Procella
92 Celsa.

CANTO VII

Est. 8 Divicias

Est. 52 Frondente

Est. 57 Gemas.

CANTO VIII

Est. 9 Superar
37 Tumida
49 Aruspices

Est. 46 Victimas
67 Undivago

Est. 75 Prisca
88 Fluctuar.

CANTO IX

Est. 22 Aquaticas
» Coreas
32 Crebros
40 Ponto
48 Equoreo

Est. 49 Reciproco
54 Gramineo
» Limpha
64 Incautos
85 Regra

Est. 85 Egregia
90 Estelante
92 Ignava.

CANTO X

Est. 7 Diaphano
» Rotundo
20 Imbeles

Est. 20 Profligados
72 Quadrupe-
dante
74 Consona

Est. 79 Archetypo
102 Imitantes.

Esta lista de *neologismos* é por si um argumento para mostrar a animadversão que se levantou contra Camões pela audacia com que usava *palavras novas;* mas o odio que se acobertava com a reforma da lingua, tinha outra origem. Ronsard, accusado dos mesmos *neologismos,* era condecorado em Portugal, como vêmos por uma Carta de Carlos IX, ao Cardeal D. Henrique. (1)

El-rei Dom Sebastião, talvez por conselho do Conde de Idanha, Pedro de Alcaçova Carneiro, ou por alvitre do seu favorito Martim Gonçalves da Camara, que ambos estimavam Camões, depois da publicação dos *Lusia-*

(1) «Tres excellent et tres illustre Prince notre tres cher et tres aimé cousin. Ayant entendu la singuliere affection que notre aimé et féal conseillers aulmosnier ordinaire maitre Pierre de Ronsard gentilhomme vendomoyse a au service de grandeur et prosperité de l'ordre de la Croix de Christ e pour mieux s'y employer et parvenir au rang des chevaliers du dit Ordre nous escripvons presentement à notre tres cher et tres aimé bon frère et cousin le Roi de Portugal, en faveur du dit de Ronsard à ce que son bon plaisir soit le y vouloir reçevoir, et sachant combien vous pouvez pour lui en ceste endroit nous avons bien voulu vous prier comme nous faisons bien affectuesement vouloir moy *meme?* au dit de Ronsard ceste grâce envers notre dite bon frère de laquelle nous sommes assuré qu'il l'en trouvera digne pour estre personnaige tres excellent en sçavoir et qui nous a faictz de grands et signallés services à l'honneur de nous et de la Republique françoyse nous est grandement recommendé, vous assurant que nous receverons à singulier plaisir la faveur qu'il vous plaira lui impartir en notre consideration et dont nous nous souviendrons quand en pareil cas d'aulcune chose nous vouldrez requerir, priant Dieu tres excellent et tres illustre prince vous avoir en sa sainte garde. Escript à Soissons le XIIIIme jour de novembre 1570. Charles. Au Cardinal de Portugal.» *(Corpo chronologico,* Part. II, Maço 248, Doc. 11). Devemos a communicação d'este precioso documento á honrosa amisade do digno Official maior da Torre do Tombo, o snr. João Pedro da Costa Basto.

das mandou passar um Alvará de tença de 15$000 reis ao poeta, já então *cavallèiro fidalgo,* por isso que seu pae era morto. Eis o theor d'esse importante documento:

«Eu ElRey faço saber aos que este alvará virem, que avendo respeito ao serviço que Luiz de Camões cavalleiro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fará e a informação que tenho de seu engenho e habilidade, e a sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India ey por bem e me praz de lhe fazer merce de quinze mil reis de tença em cada hum anno por tempo de trez annos somente que começaram de doze dias do mês de março d'este anno presente de mil quinhentos setenta e dous, em diante, que lhe fiz esta mercê e lhe seram pagos no meu thezoureiro mór ou em quem seu cargo servir cada hum dos ditos trez annos, com certidão de Francisco de Siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa, de como elle Luiz de Camões reside em minha corte. E por tanto mando a Dom Martinho Pireira do meu conselho, vedor de minha fazenda que lhe faça assentar no livro d'ella estes quinze mil reis no titulo de thezoureiro mór para nelle lhe serem pagos cada hum dos ditos trez annos, com a certidao acima declarada e este alvará quero que valha como se fosse carta feyta em meu nome sem embargo da Ordenação do 2.º Liuro que despoem o contrario. Simão Boralho a faz em Lisboa a XXVIII de Julho de 1572. E eu Duarte Dias a fiz escrever.» (1)

Este Duarte Dias era tambem poeta e amigo de Caminha, como vemos pelo Epigramma CLXXXV: «*A Duarte Dias em resposta de uns versos seus.*» (2) Por ventura esta circumstancia nos explicará a difficuldade que Camões achava em receber isto que lhe era devido, o que lhe fez dizer, segundo a tradição recolhida em 1626, na edição

(1) *Torre do Tombo,* Liv. XXXII de D. Sebastião, fl. 86. Apud., Jur. t. I, p. 170.
(2) *Obras* de Caminha, p. 371.

dos *Lusiadas: «que havia de pedir a ElRei que trocasse os quinze mil reis por outros tantos açoutes nos ministros por quem corria o pagamento.»* Como poeta, Duarte Dias entrava na cabala contra Camões, e favoreceria Caminha, difficultando ao poeta o embolço da sua tença.

A commoção de despeito produzida na maioria dos poetas com o apparecimento dos *Lusiadas,* vê-se no desespero com que Pedro da Costa Perestrello rasgou o seu poema inedito sobre a descoberta do Oriente. O projecto de uma Epopêa portugueza, indicado por João de Barros e depois d'elle pelo Dr. Antonio Ferreira, ao passo que occupára a inspiração de Camões durante os annos que combateu na India, attrahiu tambem a attenção de um outro cavalleiro e poeta, Pedro da Costa Perestrello, que regressára glorioso do grande combate naval de Lepanto em 1571. D'este capitão escreve Barbosa: «Compoz: *Descobrimento de Vasco da Gama.* Consta o Poema de 16 Cantos. Não publicou esta obra, por ter saido o grande Luiz de Camões com a sua *Lusiada,* cujo argumento era o mesmo que elle emprehendeu: *Viendo la Lusiada* (são palavras de Manoel de Faria e Sousa, no Index dos Authores portuguezes, cujo original vimos) *cayeronle sus osadias, y fué su Poema por el suelo; fué todavia ventaja grande el reconocer la vantaja agena; hizo otras cosas buenas.» (Bibl. Lus.)* A perda da epopêa de Perestrello não é para se lamentar; qual seria a verdade do sentimento nacional do guerreiro de Lepanto, se elle foi um dos primeiros adu-

ladores de Philippe II, começando por acceitar prebendas do invasor da sua patria?

Isolado no meio d'esta lucta litteraria, Camões pediu a varios de seus amigos que o defendessem; Diogo do Couto regressara a Lisboa em 1570 na mesma náo em que vinha Camões, e em uma Carta de 1611, que o chronista dirigiu a um amigo, aí diz que os *Lusiadas* lhe haviam sido communicados por Camões, *pedindo-lhe que os commentasse*. A este mesmo facto allude Manoel Severim de Faria na biographia: «e *a seu rogo* commentou Diogo do Couto este seu heroico poema, chegando com os Commentarios até ao quinto canto, o qual não acabou de todo por outros impedimentos que lhe occorreram. Porém nem por isso deixaram de ser mui estimados estes seus fragmentos, e em poder de D. Fernando, Conego de Evora, está o volume original d'elles, que foi de seu tio D. Fernando Pereira a quem Diogo do Couto o enviou por ser particular amigo seu.» Estes *Commentarios* vieram a parar na Livraria do Duque de Lafões, como se sabe pelo prologo da *Henriqueida*, e d'ali se perderam. (1) Manoel Correia Montenegro, que se gaba de ter sido amigo intimo de Camões, tambem escreveu uns Commentarios dos *Lusiadas*, onde diz na declaração ao leitor: «que fizera, ha muitos annos estas annotações sobre os Cantos de Luiz de Camões a

(1) Ainda em 1741, escrevia D. Francisco Xavier de Menezes: « Bem justificam Camões, Manoel Correa, Manoel de Faria, João Soares de Brito, *Diogo do Couto nas suas obras manuscriptas, de que se conserva o original na grande Livraria do Duque de Lafões.* »

pedido de um amigo, sem intento de as imprimir, porque se o pretendera o fizera em vida de Camões, *que lh'o pedira com instancia.*»

Apezar de todas as maledicencias, Camões encontrava na côrte quem o sabia estimar; na edição dos *Lusiadas* de 1626 vem a tradição, de que perguntando Camões um dia a Pedro de Alcaçova Carneiro, qual era o maior defeito que encontrava nos *Lusiadas,* o Conde lhe respondera: que achava um defeito grandissimo, e era, não serem os *Lusiadas* tão breves que se podessem decorar, ou tamanhos, que nunca se acabassem de lêr. Nos versos de Camões, que se referem a factos d'este anno de 1572, encontra-se a prova de quanto elle estava em moda na côrte. O Soneto CXLIV é feito á profissão de uma donzella no Convento da Madre Deos, em 1572, festa em que prégou o Bispo D. Antonio Pinheiro e a que assistiu a familia real. Aí diz com a sua costumada galanteria.

> Que modo tão subtil da natureza
> Para fugir ao mundo e seus enganos!
> Permite que se esconda em ternos annos,
> Debaixo de um burel tanta belleza!

O Soneto LIX, foi escripto por Camões, quando em 1572 se celebrou a trasladação dos restos mortaes de Dom João III para o mosteiro de Belem:

> *Quem jaz* no grã sepulchro, que descreve
> Tão illustres signaes no forte escudo?...

Tambem em 1572 voltou a Lisboa o grande Vice-

rei da India, D. Luiz de Athayde, Conde de Athouguia, e tendo acabado de vencer a alliança dos reis da Asia, colligados para extinguir o dominio portuguez no Oriente, foi recebido em Lisboa com apparatosas festas. Camões escreveu o Soneto LXIV para celebrar essa recepção:

> Que vençaes no Oriente tantos reis
> Que de novo nos deis da India o Estado,...
> . . . .
> *Mais vencer é na Patria, desarmado*
> *Os monstros e as chimeras que venceis.*
> . . . .
> O que vos dá mais fama inda no mundo,
> *É vencerdes, Senhor, no Reino amigo*
> *Tantas ingratidões, tão grande inveja.*

Em 1572 publicou em Lisboa Manoel Barata insigne calligrapho, o seu livro intitulado: *Exemplares de diversas sortes de letras; tiradas da Polygraphia de Manoel Barata Escriptor portuguez acrescentadas pelo mesmo auctor para commum proveito de todos.* Manoel Barata era um dos ultimos illuministas da arte portugueza, e o seu conhecimento com Camões proviria do tempo em que frequentou a côrte de D. João III, porque, segundo inducções de Faria e Sousa, este calligrapho fôra mestre do principe D. João. O livro appareceu acompanhado do Soneto CLXXXVII:

> Ditosa penna, como a mão que a guia
> Com tantas perfeições de subtil arte...

E termina alludindo á sua antiga amisade e convivencia na côrte:

Teu nome, Emanoel. de hum n'outro pólo
Voando se levanta e te pregôa
Agora que ninguem te levantava.

E por que immortal sejas, eis Apollo
Te offerece de flores a corôa,
Que já de longo tempo te guardava.

Todos procuravam os versos de Camões; o fidalgo Ruy Dias da Camara, amigo tambem de Falcão de Resende que o louva nos seus versos, pediu-lhe uma traducção dos Psalmos penitenciaes. Este interesse que se ligava ás suas composições, e a que o poeta allude na ultima estrophe dos *Lusiadas:*

A minha *já estimada* e leda Musa

tambem nos explica o roubo que soffreu pouco tempo depois da sua chegada a Lisboa, da collecção de todas as suas Lyricas.

O primeiro que relatou este desastre, foi o seu intimo amigo Diogo do Couto, na *Decada VII*, onde diz: «e foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, que intitulava *Parnaso de Luiz de Camões,* livro de muita erudição, doutrina e philosophia, *o qual lhe furtaram. e nunca pode saber no Reino d'elle, por muito que o inquiriu, e foi furto notavel*...» Em consequencia d'este furto as poesias lyricas de Camões só começaram a apparecer truncadas quinze annos depois da sua morte. Camões tinha em Lisboa um amigo intimo, tambem poeta, chamado Estacio de Faria; é de crêr que este

amigo trabalhasse para descobrir o *Parnaso*, por que já depois da morte de Camões conseguiu havel-o á mão, segundo o testemunho de seu neto Faria e Sousa. As relações de Estacio de Faria com o poeta obrigam-nos a recolher as poucas noticias biographicas que d'elle temos. Poeta portuguez do meado do seculo XVI, as suas composições estão perdidas, mas o respeito que merece o seu nome é grande, porque soube ser amigo de Camões e merecer-lhe consideração. Camões escreveu-lhe um Soneto de louvor, o bastante para tornar as noticias da sua personalidade de alto interesse.

Era Estacio de Faria filho de D. Catherina de Faria, da Villa de Guimarães, e de Manoel de Sousa Homem, senhor de Val-de-melhorado em Pombeiro. Nos seus primeiros annos Estacio de Faria seguiu a casa do Commendatario de Pombeiro, que por este tempo dava protecção a muitos cavalheiros. No *Nobiliario ms.* de Meyrelles de Sousa, (fl. 251) diz-se que seguiu a Casa do Commendatario de Pombeiro por que era a casa de seu avô, visto se acharem memorias que dão D. Catherina de Faria por filha de João de Faria, Commendatario da Travanca na Ordem de Christo, no tempo de D. Manoel um dos tres Embaixadores enviados ao papa Leão X, Embaixador ao papa Adriano VI, e ao Imperador Carlos V, quando D. João III quiz casar com D. Catherina sua irmã. Por este ultimo serviço recebeu de el-rei em 1525 o cargo de Chanceller-mór; tambem foi Commendatario de Pombeiro que passou para seu filho Affonso de Faria.

Estacio de Faria serviu nas Armadas do Reino; o afamado general e poeta do *Cancioneiro geral,* Diogo Lopes Sequeira, louva-o pela coragem com que pelejava, e pela sua segurança no desempenho dos postos difficeis. Teve um dos primeiros officios da Fazenda real, e assentamento nos livros das Moradias. Eis as palavras textuaes do manuscripto que seguimos: « *Foi douto em as letras humanas, grande e luzido poeta, e um dos singulares cortezãos do seu tempo.*»

É aqui que cabe o Soneto CXCII de Camões:

> Agora toma a espada, agora a penna
> *Estacio* nosso, em ambas celebrado,
> Sendo, ou no salso mar de Marte amado,
> Ou na agua doce amante da Camena.
> Cysne sonoro por Ribeira amena
> De mi para cantar-te é cobiçado;
> Porque não podes tu ser bem cantado
> De rude frauta, nem de agreste avena.
> Se eu que a penna tomei, *tomei a espada,*
> Para poder jogar licença tenho
> D'esta alta influição de dois planetas;
> Com uma e outra luz d'elles lograda
> Tu com pujante braço, ardente engenho,
> Sarás *Faro* a soldados e a poetas.

Este Soneto deve suppôr-se escripto depois de 1549, por que Camões tambem já havia entrado em combate. Estacio de Faria tinha a desastrada organisação de poeta; apesar da fortuna lhe correr favoravel, occupou-se mais em gastar do que em ajuntar riquezas. No verso de Camões:

> Cysne sonoro por *Ribeira* amena

ha uma allusão aos seus amores com uma dama chamada Francisca Ribeira, no Couto do Pombeiro de Entre Douro e Minho, de quem teve uma filha chamada Luiza de Faria, casada com Amador Peres de Eyró, de quem nasceu entre outros filhos o principal commentador e collector das Obras de Luiz de Camões, Manoel de Faria e Sousa. Mal suspeitava o infeliz epico, que um neto do seu amigo seria um dos primeiros proclamadores do seu genio. Estacio de Faria, tambem teve amores em Lisboa com uma certa D. Bernarda, de quem no secuxvii ainda eram conhecidos os netos.

Faria e Sousa fala do *Parnaso* de Camões, que se perdeu, escrevendo uma interessante lembrança d'este seu avô: «y es cierto que avia compuesto un libro, intitulado el *Parnaso de Luiz de Camões,* el qual se perdiò en mis proprias manos...» E accrescenta esta explicação: «Mi abuelo *Estacio de Faria* concorrió con Luiz de Camões en tiempo, y fue su amigo en Lisboa, despues que el vino de la India. O ya por que poco antes de la enfermedad de que murió le ubiesse fiado aquel libro que cumpuso, intitulado *Parnaso de Luiz de Camões,* o ya porque despues desso le veniesse a las manos, entre las cosas que del, por su muerte quedaran a mi madre, avia algunos papeles y libros, y entre ellos un manuscripto de prosas y versos; obra que yo tuvo por de mi abuelo, por aver el sido de grande ingenio; hasta que en una de las *Decadas* de Diego de Couto hallé escripto, que Camões avia hecho aquel libro, y que haziendo el mismo Couto en Lisboa mucha diligencia, despues de fallecido

Camões por alcançarle, no le avia sido possible. Desde entonces tuve para mi que este libro (no era grande en tomo) era aquel, porque acordando-me aun de algunas clausulas, hallava en ellas el aliento de Luiz de Camões. Al tiempo que empecé a estudiar, que fué por los años de 1600, y los onze de mi edad, me cogió este libro un moço, que luego se fue a estudiar en Coimbra, aonde entonces florecia Francisco Rodrigues Lobo, que entonces publicó un libro intitulado *Primavera,* que consta de prosas y versos, y siempre me pareció que en el avia algunas cosas de las que estavan en aquel libro.» Esta allusão de Faria e Sousa a seu avô Estacio de Faria, indica-nos o modo como as tradições de familia o levaram insensivelmente para o estudo de Camões.

Podemos asseverar que o *Parnaso de Luiz de Camões* está hoje publicado pelos diversos editores que foram augmentando com varios achados parciaes as suas lyricas. Este titulo de *Parnaso,* tanto na poesia italiana, como na hespanhola e portugueza, só se costuma dar desde o seculo XVI ás collecções de poesias lyricas, em substituição do titulo de *Cancioneiro,* usado até meado d'esse seculo. O primeiro collector foi Affonso Lopes, moço da Capella real, que em 1587 publicou os dous Autos *Amphitriões* e *Philodemo;* seguiram-se o bacharel Fernão Rodrigues Lobo Soropita e Estevam Lopes em 1595 e 1598; o livreiro Domingos Fernandes recolheu collecções de differentes fidalgos e mandou procurar em Gôa tudo quanto houvesse por letra de Camões; entre os papeis de João Rodrigues de Sá, Conde de Pe-

naguião, tambem se encontrou o Auto de *El-Rei Seleuco* em 1645; D. Antonio Alvares da Cunha, Manoel de Faria e Sousa, Thomaz José de Aquino e o snr. Visconde de Juromenha, foram investigando os manuscriptos do seculo XVI e recolhendo todas as copias das lyricas de Camões. Vejamos a extensão d'esses manuscriptos; na livraria do Conde de Vimieiro existia um intitulado: «*Obras de varios Poetas portuguezes, em que entram 268 Sonetos, de que a maior parte são de Luiz de Camões; alguns não andam impressos, e tem diversas lições e declaram o assumpto.*» O Conde da Ericeira na conta que deu d'esta Livraria, n.º 100, á Academia de Historia Portugueza em 1724, cita esta preciosa collecção, hoje perdida. Na mesma Livraria, n.º 172, existia outro manuscripto intitulado: «*Obras varias que não só contem muitos versos, discursos e Cartas, em que entram muitas de Luiz de Camões, e todas as do celebrado Fernão Cardoso.*»

Sabendo-se a amisade que tinha Camões na familia dos Condes de Vimioso, comprehende-se tambem a importancia do Manuscripto de D. Cecilia de Portugal, casada com o celebre poeta D. Francisco de Portugal, auctor da *Arte de Galanteria;* (1) n'este Manuscripto vem as *Outavas ao desconcerto do mundo,* e lições diversas. O snr. Visconde de Juromenha possue um Manuscripto do seculo XVII formado de dois encadernados, e ambos completos, comprehendendo a primeira parte, poesias

(1) *Çedatura,* fl. 263 v. Bibl. do Porto, Ms. 443.

de contemporaneos de Camões, taes como Bernardes, Caminha, D. Manoel de Portugal, Jorge Fernandes *(o Fradinho da Rainha)*; a segunda parte, de letra diversa, pertence totalmente a Sá de Miranda, de quem traz algumas poesias ineditas. De Camões traz variantes, principalmente da Ecloga II, completando diversos fragmentos. O *Cancioneiro* manuscripto do Padre Pedro Ribeiro, formado em 1577, e que existiu na Livraria do Duque de Lafões, tambem trazia poesias de Camões. Na Bibliotheca publica de Lisboa se guarda o Manuscripto in-folio de 296 folhas, copiado por Luiz Franco Correia, com o titulo: «*Cancioneiro em que vão as obras dos melhores Poetas do meu tempo ainda não impressas, e trasladadas de papeis dos mesmos que as compuzeram: começado na India a 15 de Janeiro de 1557 e acabado em Lisboa em 1589 por Luiz Franco Correia, companheiro em o Estado da India e muito amigo de Luiz de Camões.*» É provavel que Soropita ou Domingos Fernandes consultassem Luiz Franco; Bernardes dedica-lhe uma poesia; este manuscripto restitue a ordem chronologica a muitas composições do poeta, como Canções e Elegias, sendo a que anda com o numero de terceira ali a primeira, com esta importante rubrica: «*de Ceita, a um seu amigo.*» (fl. 2, v.)

Faria e Sousa logrou consultar differentes manuscriptos; cita um «*que casi todo es de Obras suyas, aun que notablemente viciadas dos copiadores.*» Aí achou sete Eclogas de Camões; a ordem do manuscripto era a seguinte:

Fl. 1: Carta VII de Bernardes. Ecloga XIV.
Fl. 45: Soneto do Duque de Aveiro (ou 133 de Camões).
Fl. 48: Estancias da Ecloga II de Bernardes.
Fl. 50: Soneto de Luiz de Crasto a D. Sebastião. Outro amoroso de Luiz Franco; outro de Garcilasso, que começa: *O dulces prendas.*
Fl. 54: Soneto de Luiz Franco a um desafio que teve em Castella D. Martin de Castelbranco.
Fl. 55: Soneto de Simão da Veiga a Dom Luiz de Athayde (é o 64 de Camões) e resposta de D. Luiz de Athayde (é o 196 de Camões).

Tudo o mais pertencia n'este manuscripto a Camões, apesar das poesias não trazerem o seu nome, como são a Ecloga III, Canção I, e muitos Sonetos já conhecidos; vem com o seu nome a Ecloga XV, faltando nas Eclogas IX, X, XI, XII, XIII e XIV; n'este corpo estão as que foram roubadas por Diogo Bernardes (da IX a XIII.) Faria e Sousa, além do proprio manuscripto do *Parnaso*, que soube ter existido na mão de seu avô Estacio de Faria, viu em Escalona, outro manuscripto, com poesias de Camões, e trazia a declaração: «*Acabou-se de trasladar a 29 de Julho de 1593 em Evora, por Francisco Alvares, de alcunha o Socio, por uma uma* Copia de Manoel Godinho, *que diz a tirou do proprio original, anno 1562. Se aqui houver erros eu o trasladei assim como estava, porque o Godinho não sabia latim. Tinha por titulo Fabula de Narciso.*» Pela extensão d'estes manuscriptos se vê não só o interesse que se ligava ás poesias de Camões, mas como providencialmente se pôde salvar

por um meio indirecto o seu *Parnaso*. Se no naufragio na foz do Mecon tivesse perdido os *Lusiadas*, depois do roubo do *Parnaso*, nenhum documento restava do seu genio: a mesma fatalidade perseguiu as mais bellas creações de Leonardo de Vinci. Pelo modo como as Lyricas de Camões se foram restituindo, póde-se reconstruir o seu *Parnaso*. Tentamol-o no seguinte quadro:

Reconstrucção do PARNASO de Luiz de Camões, furtado em Lisboa depois de 1570, segundo o testemunho de Diogo do Couto.

Edições	Sonetos	Canções	Odes	Elegias	Eclogas	Sextinas	Outavas	Redondilhas	Cartas	Satyras	Comedias	Poemas	Collectores das poesias de Camões
1587											2		Recolhidos por Affonso Lopes, moço da Capella real.
1595	65	10	5	4	8	1	3	76					—Fernão Rodrigues Lobo Soropita.
1598	43		5	1				20	3	1			—Id. e Estevam Lopes, mercador de livros.
1616	31	2	2	3			1	18					—Domingos Fernandes, (durante 7 annos,) recebeu da India muitas curiosidades.
1645											1		—Ms. de João Rodrigues de Sá, conde de Penaguião.
1668	93	4		10		3		11					—D. Antonio Alvares da Cunha, algumas de Ms. de Camões.
1685	70	1		3			4					1	—Manoel de Faria e Sousa, que achou muitos manuscriptos.
1779					7								—P.e Thomaz José de Aquino (recolheu os plagiatos de Bernardes e obras attribuidas).
1860	51	4	2	5	1	1	1	29	1			1	—Visconde de Juromenha, recolheu ineditos de Luiz Franco, de Faria e Sousa, e varios Mss. do seculo XVII.

A phrase com que Diogo do Couto caracterisa o *Parnaso de Luiz de Camões:* «livro de *muita erudição*, doutrina e philosophia,» suggere-nos uma violenta suspeita de que sob esse titulo entrassem tambem a traducção dos *Triumphos* de Petrarcha e o seu erudito Commentario achados em um manuscripto in-4.º do principio do seculo XVII pelo snr. Visconde de Juromenha. Esse manuscripto não tem frontispicio, por tanto nenhuma prova materialmente authentica nos diz pertencer a Camões; mas da leitura da obra se induzem irretorquiveis argumentos que fundamentam essa attribuição. Classifiquemol-os:

1.º A traducção e Commentario foram feitos entre 1515 e 1553, no periodo dentro do qual floresceu Camões; porque no Commentario se expõem as Biographias de varios trovadores (de p. 120 a 123) que só podiam chegar ao conhecimento do traductor por meio do livro de João Nostradamus, publicado n'esse anno de 1515, em Lyon; e tambem se cita um Commentador de Petrarcha, chamado Gesualdo, que só publicou a sua Glosa em Veneza em 1553: «*E o author d'esta grosa, que he Gesualdo,* diz que o viu muitas vezes...» (p. 147.) D'esta segunda parte da prova se tira um novo argumento:

2.º No Commentario, (p. 102) se lê o seguinte erro historico, reproduzido por Camões nos *Lusiadas:* «Este he Annibal, que nos primeiros annos dos sete que fez continua guerra aos romãos sempre foi victorioso, e nos outros as mais vezes, *e huma moça na Pulha o foi prender,* sendo de uma baixa qualidade, natural de Salapia,

porque namorando-se d'ella lhe fez brando e sujeito o seu fero e orgulhoso animo.» Eis o logar parallelo dos *Lusiadas:*

> E pois se os peitos fortes enfraquece
> Um inconcesso amor desatinado,
> . . . .
> Tu tambem, Poeno prospero, o sentiste
> *Depois que uma moça vil na Apulia viste.* (1)

Este erro historico só se encontra na Glosa de Gesualdo, e a authoridade de Petrarcha influiu na opinião de Camões. João Nunes Freire, nos *Campos Elysios,* (p. 217) rebate-o d'esta fórma: «Bem quizera o engenhoso Petrarcha no seu *Triumpho do Amor, a quem seguiu o famoso Camões*, que o sitio d'este carthaginez valoroso fosse no jardim do lascivo Cupido, quando em Capua o pintou namorado de uma moça; mas não vejo certo onde Petrarcha lêsse d'elle que tivesse amores, nem tratasse mais que poucos annos a sua mulher Imilce, que não são amores deshonestos, nem foram na Apulia como o *engenhoso portuguez diz,* pois nenhum historiador conta que elle tivesse amores em parte alguma, nem o commentador de Petrarcha, Alexandre Vellutello, allega mais n'este passo que o Plutarcho, o qual não falla cousa alguma de amores que Annibal tivesse, antes no principio da segunda guerra punica fez recolher sua mulher Imilce a Carthago, para alli conservar reliquias

(1) Cant. III, est. CXLI.

suas contra os romanos.» (1) Mas esta influencia entre os Commentos dos *Triumphos* de Petrarcha e os *Lusiadas* accusam um mesmo auctor, como se vê:

3.º No Commentario, diz-se, falando de Homero: «*gram pintor das memorias antigas*, porque elle foi o primeiro escriptor de *poesia, que é chamada pintura* por que n'ella se falla de coisas memoraveis dos antigos.» (p. 214.) Nos *Lusiadas* Camões tambem compara a Poesia com a Pintura, no quadro que faz da Historia de Portugal:

> Outros muitos verias, que os *pintores*
> Aqui tambem por certo pintariam;
> *Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe as côres,*
> *Honra, premio, favor que as artes criam*
> Culpa de viciosos successores...
> (VIII, 39)
>
> Estes os seus não querem ver *pintados*
> Crendo que côres vãs lhe não convenham;
> E como a seu contrario natural
> *Á Pintura que fala querem mal.*
> (VIII, 41)

4.º Um argumento de igual força se tira do seguinte parallelo entre o Commento dos *Triumphos* e os *Lusiadas*: «*E aquelle que a penna na mão dextra, como que escreve a alguem desesperada, è núa tem a espada na sinestra,* he Canace, que sendo irmão etc.» (p. 97.) Nos *Lusiadas* Camões serve-se d'esta imagem mythologica para mostrar o seu amor pela patria usando a um tempo da penna e da espada:

(1) Apud Jur., t. v, p. 441.

Qual Canace, que á morte se condemna,
N'uma mão sempre a espada, n'outra a penna.

5.º Na Carta I da India, escreveu Camões no fim do anno de 1553: «as derradeiras palavras que na nau disse, foram as de Scipião Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.*» No Commento dos *Triumphos,* repete-se: «aquelle divulgado dito de Scipião, que disse partindo de Roma e do juizo a que fôra citado por uma conta de quanto gastara na guerra: *Ingrata patria, non habebis ossa mea*». (p. 147.) Camões acabara de ser julgado pelo ferimento de Gonçalo Borges.

6.º Os Sonetos de Camões, resentem-se de um completo conhecimento dos Sonetos de Petrarcha; no Commentario dos *Triumphos* ha esse conhecimento que por si revelava Camões, se aí se não citassem Sonetos, que se encontram traduzidos na Lyrica de Camões. No Commento dos *Triumphos* allude-se ao primeiro Soneto de Petrarcha, sendo o ultimo verso tal como se acha na traducção de Camões: «onde no Soneto: *Vos que escutaes em rima*... diz: *que quanto apraz ao mundo he breve sonho.*» (p. 124.) O Soneto CI de Camões é esta versão, que começa:

Vós que escutaes em Rimas derramado,

e termina:

Que quanto ao mundo apraz é breve sonho.

Os outros Sonetos de Petrarcha citados no Commentario dos *Triumphos,* são: «*Só e pensativo.*» (p. 170)

Cesar depois que o traidor do Egypto, (p. 71) *Laura serena...* (p. 114) *Oh de ardente virtude ornada* (p. 114, e p. 128.)

> *Junto Alexandro á famosa tumba*
> *Que de Homero dignissimo e de Orpheo,* (p. 127)

Arvore victoriosa, (p. 140) *Vi antre mil damas...* (p. 159) *Cada dia mil annos me parece,* (p. 167) *Na sua idade mais bella e mais florida* (p. 167.) N'estes esboços de traducção, sente-se o estylo de Camões, como na fórma *Alexandro,* e no uso monosyllabico de *sua.* Nos Sonetos de Camões encontram-se versos quasi repetidos com leves variantes da traducção dos *Triumphos:* O Soneto x começa:

> Transforma-se o amador na cousa amada

e na traducção dos *Triumphos:*

> O amante se transforma no amado.

7.º Nos *Lusiadas* conhece-se ainda mais palpavelmente a mesma mão que traduziu e commentou os *Triumphos.* No episodio de Ignez de Castro o verso:

> De seus annos colhendo o doce fruito,

é uma variante d'este outro da traducção dos *Triumphos:*

> De seu casto viver colhendo os fructos.

A palavra *immoto,* introduzida na lingua portugueza pela primeira vez nos *Lusiadas*, acha-se na versão dos *Triumphos.* Nos *Lusiadas* Baccho é considerado uma divindade indiana; no *Commento dos Triumphos* declara: «outros escrevem que o primeiro Bacco foi da India...» (p. 197.) Nos *Lusiadas* cita as cidades que disputaram o berço a Homero:

> Sobre quem tem *contenda* peregrina
> Entre si Rhodes, Smyrna e Colophonia,
> Athenas, Chio, Argos e Salamina.
>
> (C. v. est. 87.)

E no *Commento* aos *Triumphos*: «*E aquelle ardente* no fallar, Homero, porque viveu longo tempo sobre cuja patria *contendem* sete cidades: Smirna, Rhodo, Colophom, Salamina, Io, Argo e Athenas.» (p. 213.)

8.º Um outro argumento, pertencente ao snr. Visconde de Juromenha, é, que antes de 1553 ninguem tinha feito em Portugal uma traducção de Petrarcha, a não serem as castelhanas por dois portuguezes, de Salusque Luzitano em Veneza em 1567, e de Henrique Garcez em Madrid em 1591. João Pinto Delgado, natural de Tavira, viveu já no seculo XVII, e a sua traducção *inedita* era em outava rima, e a do seculo XVI é em tercetos. O digno editor d'esta valiosa traducção dos *Triumphos,* fortalece a sua opinião com os seguintes factos: a inovação de vocabulos, que tanto caracterisa Camões, o uso de certas rimas, epithetos, locuções e até versos inteiros; e a mudança da terminação *ivel* em *ibil.*

Em uma nota de um *Cancionero ms.* do principio do seculo XVI, que pertenceu ao bibliographo hespanhol D. Bartholomé José Gallardo, encontramos: «en el *Triunfo de Amor,* traducido por Alvar Gomez, hay en este Cancionero 132 estrofas más que en el de la *Diana* de Monte Mayor (Madrid, 1622, 8.º), que viene á ser casi un doble: pues el de la dicha edicion no tiene mas que 170 estrofas, y el de este *Cancionero* tiene 308 estrofas.» (1) Gallardo reproduz a versão do *Triunfo de Amor* de Alvar Gomez, que é em verso de redondilha, o que denota o gosto palaciano, que reduzia os tercetos de Petrarcha ao metro de Cancioneiro. Camões lisongeou tambem esta paixão da aristocracia pela eschola velha. A traducção que anda junto á *Diana* de Jorge de Monte-Mór, que teve relações com Camões, indica-nos a corrente litteraria a que este obedecera.

A versificação portugueza dos *Triumphos* é fidelissima mas incorrecta; a fidelidade prova-nos que esse trabalho foi a primeira tentativa, que não chegou a receber a perfeição final, em consequencia do roubo que Camões soffreu em Lisboa. Falando da viagem de Moçambique em companhia de Camões, diz Diogo do Couto: «*e foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, que intitulava Parnaso...*» Isto é, o trabalho estava nos borradores, e depois da chegada á patria, os seus primeiros cuidados foram a publicação dos *Lusiadas,* de sorte que até soffrer o roubo não teve tempo de o apri-

(1) *Ensayo de una Bibliotheca española*, t. I., p. 610.

morar. Como suppõe o snr. Visconde de Juromenha, esta traducção pertence á primeira época da vida litteraria de Camões; o Commento é posterior, e os estudos feitos para elle coincidem com o trabalho dos *Lusiadas,* porque lá se encontram na maior parte as allusões mythologicas e historicas ali explicadas.

O roubo do *Parnaso* de Camões, não era uma violação da sua gloria tanto como um attentado contra a sua pobreza. O estado de miseria em que vivia está descripto n'aquella phrase em resposta a Ruy Dias da Camara, quando foi á sua mansarda da rua de Santa Anna increpal-o por não ter feito a traducção poetica dos Psalmos penitenciaes: «*Senhor, quando eu fiz esse Poema, era moço e favorecido das damas e tinha o necessario á vida; e agora não tenho espirito nem contentamento para nada, porque tudo isso me falta, e em tal miseria me vejo que aí está o meu Antonio a pedir-me um vintem para carvão e não o tenho para lh'o dar.*»

O Antonio era o pobre escravo jáo, que naufragára com Camões na foz de Mecon, e com quem contrahira a confraternidade da desgraça; era o seu irmão mendicante, que segundo a tradição, pedia de noite pelas ruas de Lisboa. Quando Camões se achava mais mergulhado na indigencia e enfraquecido pela doença, morreu-lhe o escravo Antonio. Miguel Angelo não deixaria com tanta grandeza de alma as contemplações profundas da arte para velar nos derradeiros momentos do seu velho creado, como Camões acompanharia o suspiro ultimo d'este desterrado por amor.

Eram acabados os trez annos da tença concedida a Camões; com os adversarios que procuravam tornal-o odioso na côrte, era-lhe quasi impossivel conseguir a renovação d'essa mesquinha graça. Alcançou-a comtudo, pela Apostilla de 2 de Agosto de 1575, mas de um modo inefficaz, porque não chegou a tocar o rendimento d'esse anno. Eis o theor d'essa Apostilla:

« Ey por bem fazer mercê a Luiz de Camões dos quinze mil reis cada anno contheudos n'este alvará por tempo de trez annos mais, que começarão do tempo em que se acabaram os outros trez annos paguos no meu thesoureiro mor asy e da maneira que se lhe ategora paguarão com certidão do Scripvão de como reside em minha corte, e com essa declaração se hassentarão no Livro de minha fazenda e se levarão no caderno do assentamento, e esta apostilla se comprirá posto que o effeyto d'ella aja de durar mais de um anno. Symão Boralho a fez em allmada a II dagosto de M. D. LXXV. E eu Duarte Dias a fiz escrever. » (1)

Pela Ementa sobre a tença dos 15$000 reis, se vê que desde Janeiro de 1575 até 22 de Junho de 1576, esteve Camões sem receber esta miseravel quantia; a rasão d'esta incuria foi por não estar assentada a provisão da tença no Livro da Fazenda, como se vê por este documento:

«15$000 rs. no thesoureiro mor a Luiz de Camões que lhe são devydos de sua tença do anno passado de 1575, que lhe não foram levados no caderno do asentamento do dito janeiro nem paguos em parte alguma por a provisão da dita tença não estar asentada no Livro da Fazenda em Lixboa 22 de junho de 1576 pelo dito Miguel Coresma. » (2)

(1) *Torre do Tombo*, Liv. XXXIII das Doações de D. Sebastião, fl. 229. Apud Jur., *Obr.*, t. I., p. 170.
(2) *Ibid.* Liv. II de Ementas, fl. 145, Apud Jur., ib.

O snr. Visconde de Juromenha explica esta interrupção nos pagamentos da tença a ter Camões acompanhado Dom Sebastião no seu primeiro desembarque na Africa em 1575: «Uma interrupção se nota n'este anno no pagamento da tença, por não estar assentada no Livro da Fazenda; não podendo attribuir-se a descuido da parte de quem tinha tão vivo despertador como a miseria, *denota ausencia.*» (1) Este facto é omisso em todos os biographos, e não tem prova directa que o abone. Camões conseguiu a Ementa de 22 de Junho de 1576, por que no anno antecedente felicitando o Rei pelo presente do Papa Gregorio XIII, que lhe mandára uma Seta de S. Sebastião para o enthusiasmar para a guerra em Africa, acompanhou os seus versos com um novo exemplar dos *Lusiadas:*

> Estes humildes versos, que *pregão*
> *São d'estes vossos Reinos* com verdade,
> Recebei com benigna e real mão,
> Pois é devida a reis a benignidade.
> Tenham *(se não merecem galardão)*
> Favor sequer da regia magestade. (2)

Por esta queixa de *falta de galardão* se vê a verdade da tradição, em que Camões se lamenta dos ministros por quem corria a tença. Camões não podia acompanhar D. Sebastião a Africa, por que estava pobre e doente, e essa expedição era uma especie de torneio da

(1) *Obras*, t. I, p. 116.
(2) Outavas III.

joven fidalguia, e um pretexto para alardear os ricos jaezes da cavalleria. Na Ecloga XI, fala Camões do primeiro desembarque de D. Sebastião em Africa em 1575:

> E mais saber desejo
> Se a fama nos engana
> Que diz que *o grão Pastor dos Lusitanos*
> *Com todos os do Tejo*
> *E com fato e cabana*
> *Reside já nos campos africanos.*
> ....
> Que sendo assi te digo
> *Que não espero mais*
> *N'esta para mi sempre ingrata terra.*
> Quem traz comsigo guerra
> Entre seus naturaes
> Não deve de extranhar a extranha guerra.

N'este anno de 1575 estava por Capitão de Tanger o joven D. Pedro da Silva; censuravam o rei por ter nomeado um capitão tão novo, mas D. Pedro da Silva desaggravou-se com o aprisionamento de Aláfe, o mais terrivel guerrilheiro de Africa. Camões, sempre partidario da coragem e valentia, escreveu-lhe a Elegia XIX, que justifica o rei por essa escolha:

> De Capitão de Tanger te proveu
> Em tempo que o Maluco assás valente
> O grande Imperio de Africa venceu.
>
> E sendo esta eleição do rei valente
> *Da cega inveja foste murmurado*
> Porque ninguem escapou ao maldizente.
>
> Não te negaram seres esforçado,
> Mas diziam que á guerra n'essa edade
> Servia Capitão experimentado.

E que em tempo de tal necessidade
Convinha velho amparo e forte escudo
Em quem não possa haver temeridade.

....

Tomaste descuidado um Capitão
No tempo e assi na guerra experimentado,
Em quem se confiava Tetuão.

Aláfe; irmão de Alafe, nomeado
Que não só o seu campo defendia,
Mas entrava no nosso confiado, etc.

Era para Camões uma humilhação o não acompanhar estes jovens cavalleiros na expedição de 1575; elle estava pobre, doente e era o unico arrimo de sua velha mãe D. Anna de Sá; consolava-se elogiando o valor dos amigos que com os seus feitos mais incitavam a inveja. Emquanto Dom Sebastião se distrahia com esta tentativa, o povo de Lisboa fazia preces publicas, e da Misericordia saía uma imponente procissão de penitencia em que pregára o Doutor Diogo de Paiva de Andrade, primo d'aquelle infeliz Dom Antonio de Noronha, o intimo amigo de Camões. D. Joanna de Noronha, que mandára vir de Ceuta os ossos de seu irmão, era quem colligia os Sermões d'aquelle eloquente prégador.

Pouco tempo depois armava-se um apparatoso palanque defronte dos paços de Xabregas, e o Rei insensato vinha jogar cannas com os principaes fidalgos da sua côrte. N'este tempo distrahia-se Camões com o estudo, o unico mister, que segundo a velha cavalleria

podia substituir as armas. Pedro de Magalhães Gandavo, havia publicado em 1574, junto com as suas *Regras da Orthographia,* um *Dialogo em defeza da lingua portugueza* contra os que a deprimiam por usarem de preferencia da castelhana os poetas portuguezes; Gandavo tirou do genio de Camões o principal argumento: «Pois se no verso heroico vos parece que a vossa vos póde fazer vantagem: *vede as obras do famoso poeta Luiz de Camões, de cuja fórma o tempo nunca triumphará;* etc.» Em 1576 publicou Magalhães Gandavo a sua *Historia da Provincia de Santa Cruz,* e talvez por conselho de Camões, dedicou-a a D. Leoniz Pereira, que Camões conhecera na India. Camões escreveu a Elegia IV para servir de Dedicatoria ao livro, e n'ella mostra o espirito cavalheiresco do seculo XVI:

> Nunca Alexandre ou Cesar, nas confusas
> Guerras, o *estudo* deixam grande espaço;
> Que as *armas* jamais d'elle são escusas.
>
> N'uma mão livros, n'outra ferro e aço;
> Aquella rege e ensina; est'outra fére;
> Mais com saber se vence, que c'o braço.

No meio da loucura da côrte, parece que todos os homens de senso se aproximavam de Camões; D. Leoniz Pereira, D. Francisco de Almeida, D. Luiz de Athayde respeitavam-no, emquanto na côrte o bobo do rei era mais festejado e recompensado. No anno de 1577 escreveu André Falcão de Resende uma curiosa Satyra dos costumes da sociedade portugueza, e dedicou-a a Camões; fixamos esta data, porque em 1577 foi

elle nomeado Juiz de Fóra de Torres Vedras, muito perto de Lisboa. Era então já amigo de Diogo Bernardes, e pelo facto de Magalhães Gandavo citar em 1574 o nome de Bernardes junto com o de Camões, sômos levados a crêr, que o poeta do *Lima* viveu pelo menos n'estes tres annos na boa intimidade com o auctor dos *Lusiadas*. Na Satyra de André Falcão de Resende ha traços que parecem desenhar a situação de Camões:

> *Aos princepes* tambem *da poesia*,
> Como cegos tangendo a samphonina,
> Ouvil-os fôra gran sensaboria.
>
> Melhor philosophia e sã doutrina
> E' já, e segura a torto e a direito,
> Saquiteis d'ouro encher sem ir á Mina.
>
> Ande o pobre poeta um doudo feito,
> *Mendicando o comer*, e as consoantes,
> *Compondo os seus Poemas sem proveito.*
>
> Bem tenho eu, (diz o vil) por mais galante,
> Os truhães chocarreiros com guitarras,
> Que applazem aos Reis, aos princepes e infantes.
>
> Estes alegres, co'as coroas de parras
> Festejam Baccho e Ceres todo o anno,
> E o prazer tem seguro a quatro amarras.
>
> Nunca lhes falta pão, calçado e o panno,
> Seja um doudo, é *Dom Felix, Dom Briando,*
> E bem que parvo é ciceroniano.

André Falcão de Resende referia-se aos bobos de el-rei D. Sebastião, que usavam de *Dom,* e eram muito

estimados no paço. Depois de descrever à corrupção dos costumes, insiste, como fortalecendo Camões:

E o que rico se achar d'altos espritos,
Seu talento de engenho e estilo terso
Empregue em ditos bons, em bons escriptos:

Sem que o dente invejoso e o tempo adverso
A lingua baixa, má, vil, indiscreta
Lhe impida falar bem em rima e verso.

Em versos escreveu el-Rei Propheta
Tudo o que lhe ditava a divindade;
Em versos a cantou, qual bom poeta...

E que em tempos dourados isto fosse
Mais prezado que agora, e mais validos
Os poetas, e tidos n'outra posse;

Os premios da virtude merecidos,
Inda que os máos lhe chamem disparates
Nunca de todo pódem ser perdidos.

Dão barbaros cada hora mil combates
Aos doutos, e a ferro e a fogo os seguem;
Não os socorre Augusto ou Mecenates.

Mas assim perseguidos só soceguem
Em sua Musa, e d'agua d'Aganippe
A terra inculta, sêcca e dura reguem.

E bem que a veia esteril se anticipe
Pera afogar a boa semente e tolha
Que o *juizo Real a participe;*

Não poderá tolher que se não colha
Alguma hora o bom fructo, e o bom esprito
Em seguro celleiro que o recolha.

....

Camões! bem te confesso e bem conheço
Que entre o joio infelice e má zizania
De tanto máo costume, e em tempo avèsso,

Engenhos nascem bons na Luzitania,
E ha copia d'elles, que é menoscabada
Dos máos, e nomeada por insania.

Por isso, *como preso em tua pousada*,
Solta este sonho, *e esperta o adormecido*
Tempo com tua voz bem entoada;

Qual ella é, clara e pura, em som devido
Decente, honesto e grave, *até que chegue*
Áquelle affable e real ouvido.

Farás que estime, que honre, e que a si chegue
Os que bebem na fonte pegasêa;
Que seu favor lhes mostre, e não lh'o negue.

Como o bom rei da patria da Sereia,
Aquelle inclyto Affonso, que amou tanto
Os doutos e avisados d'alta veia.

Então teu celebrado e efficaz Canto
Do Estreito do Mar roxo ao nosso Estreito
Aos extranhos será piedade e espanto,
Se a ti e aos teus não for honra e proveito. (1)

E na realidade os *Lusiadas* tornaram-se logo um motivo de espanto e piedade para os estrangeiros, como vemos pelos sentimentos de Herrera e de Tasso para com Camões. Na Ode VI Camões o declara:

Por vós levantarei não visto canto,
Que o Betys me ouça, e o Tybre me levante;
Que o nosso claro Tejo
Envolto um pouco o vejo e dissonante.

(1) *Obras* de Falcão de Resende, p. 289 a 292.
*

No meio dos seus detractores, Camões alludia ás homenagens que recebera. Diz Faria e Sousa, commentando esta estrophe: «Mi entendimiento sobre este lugar, es que el Poeta, quando lo escrebió avia sabido que Luiz Gomez Tapia y Fernando Herrera (ambos de *Sevilla,* y esso es el *Betys)* le celebravan; el primero traduziendo y anotando su *Lusiada* poco despues de publicada, y fué impressa la traducion el año de 1580. El segundo alabandole mucho en sus Notas a Garcilasso, que por este mismo tiempo escrivia y estampava.» (1) Em outro logar, confirma: «y le celebrava Fernando Herrera, tambien allá (Sevilha), que en sus Notas a Garcilasso, p. 93, dize esto: *Luis de Camões en aquella hermosa y elegante obra de sus Lusiadas.* Y esto viene a ser aquello de que *el Betys le oye*...» De facto Herrera, chefe da eschola lyrica de Sevilha, cita os seguintes versos do Canto IV:

> Que assi se vae alternando o tempo iroso
> O bem co'mal, o gosto com tristeza.

Commentando a Canção IV de Garcilasso, cita outra vez Herrera: «Luiz de Camões, canto VI:

> Por quem das causas é ultima linha.» (1)

(1) *Comm. ás Rimas*, t. III, p. 160.
(2) *Obras* de Garcilasso de la Vega, con annotaciones de Fernando Herrera, p. 259. Sevilha, 1580.

Apezar de Herrera ser versado na litteratura portugueza do seculo XVI, (1) estas referencias a Camões foram resultado de relações pessoaes; Herrera era protegido por Dom Alvaro de Portugal, Conde de Gelves, primo do nosso poeta Dom Manoel de Portugal; ambos estes fidalgos eram excellentes poetas, e por intermedio d'elles é que os dois mais consummados lyricos da Peninsula se communicaram. Herrera, acclamado o *divino,* allude na sua Elegia VII a Camões, como tendo já publicado o seu poema:

> Do si al deseo mio Amor no engaña
> pienso en la cumbre veros venturoso;
> que riega i la castalia linfa baña.
> Si en medio el curso no perdeis dudoso
> la via llana a vos, i no ofendido
> llevais por el el passo trabajoso.
> *El rico Tajo vuestro*, *conocido*
> *será por vos, do estiende'l curso el Indo,*
> *i el collado de Cintra esclarecido*
> com tal onra será otro nuevo Pindo. (2)

Na Elegia VIII, Herrera allude outra vez ao talento lyrico de Camões:

> *I quien del rico Tajo los cristales*
> *mescla no inferior al Arno frio*
> tierno en encarecer sus proprios males. (3)

(1) *Ib.*, p. 99, aonde cita «*Bernardim Ribeiro en sus Eclogas*»; p. 205 cita o Soneto de *Sá de Miranda:* «Entre Sesto e Abido», etc.; p. 419 cita *Jorge de Resende,* pae de André Falcão de Resende, reproduzindo quatorze versos da Canção: «Senhora pois me mal», que vem no *Canc. ger.*

(2) Ed. de 1582, fl. 5.—Na ed. de 1619 vem erradamen- *Cintia* por *Cintra.*

(3) *Obras* de Herrera, ed. 1619; p. 237.

Herrera celebrava nos seus versos a formosa Condessa de Gelves, Dona Luiza Milan, com o nome de Luz; era um culto platonico approvado por Dom Alvaro de Portugal; o chefe da eschola de Sevilha desabafava com Camões, quando escrevia na Elegia IX, como alludindo ao projecto da nova epopêa sobre a expedição de Africa:

> No sufre mi fortuna tanta gloria
> qu'espere merecer alguna parte
> de mi dolor lugar en su memoria.
> *El fiero estruendo del sangriento Marte,*
> de que tiembla medroso *el Lusitanto*
> *atonito de tanto esfuerço y arte,*
> Incita este mi canto umilde e llano,
> en su alabança, pero apenas puedo
> juntar las Musas al furor insano.
> *Otro, que tenga espirito é denuedo*
> *podrá cantar igual a tan gran hecho*
> que yo en dezir mis malos estoy ledo.
> El dolor que padece vuestro pecho
> permita, i la serena luz ardiente,
> i el oro, qu'os enlaza en nodo estrecho.
> Que yo, *ó sublime gloria d'Occidente,*
> osé mostrar en este rudo canto
> lo qu'el deseo publicar consente. (2)

Por este mesmo tempo passava a Portugal o poeta sevilhano Juan de la Cueva, auctor do *Coro Febeo,* tambem intimo do Conde de Gelves; vinha aliviar-se da perda da sua amada D. Luiza de Belmonte, que fallecera. Pela sua parte Vicente Espinel dizia: «que era un encanto la lengua portuguesa en la suavidad del soni-

(1) *Ibid.*, p. 443.

do.» (1) Mais adiante mostraremos como Sevilha estava cheia de Portuguezes no seculo XVI, o que fortalece as relações de Camões com Herrera, e portanto a verdade do verso: *O Betis me ouça.* Quanto ao hemistychio: *o Tibre me levante,* sustenta Faria e Sousa, que alludia Camões ao Soneto que lhe dedicou o Tasso (fl. 47, da P. VI.): «y avria visto el Soneto que Torquato Tasso escrivió en su alabança en Roma, y por ella está aqui *el Tibre*». O Soneto de Tasso leva ás lagrimas, n'aquelle terceto em que o eleva acima do seu heroe:

> Et hor quella *del colto, e buon Luigi*
> *Tant'oltre stende il glorioso volo*
> Che: tuoi spalmati legni andar men lunge.
>
> Ond'aquelli, a cui s'alza il nostro Polo,
> Et achi ferma incontra i suoi vestigi
> Per lui del corso tuo la fama aggiunge. (2)

Que contraste n'estas sublimes homenagens dos grandes genios europeus, e no desprezo indifferente que pezava sobre Camões, humilhado pelos seus, que elle personifica no *Tejo envolto e dissonante!* A palavra *envolto* encerra uma revelação historica.

Este anno de 1577 foi para Camões de grandes perdas para as poucas esperanças que lhe restavam; em Março, falleceu a Infanta D. Maria, cuja côrte erudita frequentára nos seus mais alegres annos; D. Manoel de

(1) Faria e Sousa, *Comm. aos Lus.* c. I., est. 33.
(2) *Obras* de Tasso, vol. VI, son. 384, p. 227. Ed. de 1736.

Portugal e Pedro de Alcaçova Carneiro andavam como embaixadores em Castella, e este ultimo levara comsigo Diogo Bernardes, que soubera introduzir-se nas suas graças, talvez por influencia de Camões, que depois combateu. (1) Tambem no fim do anno de 1577 partiu pela segunda vez para a India o seu venerando amigo D. Luiz de Athayde, a quem escreveu o Soneto CXCI, como despedida:

(1) É d'este anno de 1577 a primeira mercê que Diogo Bernardes recebeu: «Dom Sebastião, etc. Faço saber a quantos esta minha Carta virem que por confiar de *diogo bernaldes,* escudeiro fidalgo de minha casa, que n'isto me servirá como a meu serviço cumpre, ey por bem fazer-lhe mercê do officio de meu servidor da toalha com seis mil reis de vestiaria cada anno, e as iguarias ordinarias como tem cada huũ dos outros meus servidores da toalha presentes e como tiveram os passados. E mando ao Comde mordomo moor lhe leyxe servir o dito officio e avêr as ditas iguarias quando lhe couberem e aos veedores de minha fazenda que lhe façam asentar nos livros d'ella os ditos seis mill reis de vestiaria, e lhe dem carta d'elles pera lhe serem pagos em cada hum año e jurará em minha chamcelaria que o sirva bem e como eu d'elle confio e começará a vencer a vinte e trez de setembro d'este presente anno em que lhe fiz esta mercê e pera firmeza d'ello lhe mandei dar esta carta per mim assinada. Jeronymo da mota a fez em Lisboa aos quinze de novembro anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mill quinhentos setenta e sete annos.» Livro 43 da Chancellaria de D. Sebastião, fl. 12.—Communicação do meu amigo José Basto. Pelos serviços que Camões fizera na India, dava-se-lhe 15$000 de tença com clausulas onerosas; a Bernardes, que até então era nullo em todo o sentido, dava-se-lhe 6$000 reis de vestiaria e outras achegas. No *Cancioneiro* do P.e Pedro Ribeiro, de 1577, tinha Bernardes 116 Sonetos, 26 Eclogas, 5 Cartas, 4 Canções, 1 Ode. Vid. Barbosa, *Bibl. Luz.*, t. I, p. 638.

Pois torna por seu Rei e juntamente
Por Christo, a governar aquella parte
Onde se tem mostrado um Numa, um Marte
O *famoso Luiz*, justo e valente...

Por este tempo conheceria Camões em Lisboa esse poeta hoje ignorado, chamado André de Quadros, que ficou captivo em Alcacer Kibir. Aproximava-se o tempo da catastrophe; tudo conspirava inconscientemente para precipitar esse instante tenebroso; o erro politico de D. João III em abandonar as possessões de Africa pelas conquistas longiquas da India, provocava agora uma errada reacção, e fazia acceitar como um grande passo governativo uma invasão intempestiva nos plainos de Africa. O mallogrado epico Pero da Costa Perestrello, escreveu essa celebre Carta, que traz Miguel Leitão de Andrade na *Miscellanea:* «em que por exemplos e razões mui ajustadas dissuadia El-rei Dom Sebastião d'aquella empreza d'Africa em que se perdeu; a qual lhe foi dada pelo Padre Mestre Ignacio, da Companhia de Jesus, e posto que não foi de effeito para o Rey, foi para o vassalo mostra de seu grande e leal amor.» (1) Na *Vida del Escudero Marcos de Obregon,* cita Espinel o presagio que corria da proxima ruina de Portugal: «Estando en esta casa y en Valladolid, se descubrió *aquel gran Cometa,* tantos años antes pronosticado por los grandes Astrologos, *amenazando á la cabeza de Portugal.* Hubo tan grandes juicios sobre

(1) Ineditos, de Caminha, t. I, p. 62.

ella y algunos tan impertinientes, que dieron harto que reir, etc.» (Rel. I, descanso 23:) No emtanto o refalsado Philippe II formava o seu dilemma infernal: «Ou o joven rei D. Sebastião vence, e tenho n'elle um bom genro; ou é vencido, e então adquiro um magnifico reino.» A 14 de Junho de 1578 benzeu o Arcebispo na Sé de Lisboa o Estandarte real, com que se havia de entrar em campanha; Bernardes cantou-o no Soneto que tem a rubrica: «*Ao Estandarte que levou El-Rei na jornada d'Africa, no qual hia Christo Crucificado.*» No Soneto CCCLI, de Camões, recolhido dos ineditos de Luiz Franco, celebra-se esta cerimonia da benção, como quem assistiu:

> Oh gloriosa Cruz, *ó victorioso*
> *Tropléo* de despojos rodeado...
>
> *Todo o imigo ante ti desappareça...*

E no Soneto CCXLIII, exalta Camões esse Estandarte que tinha o symbolo da paixão:

> Siga-se esta bandeira militante
> Por quem são taes victorias conseguidas...
>
> A Arvore sublime, marchetada
> De branco e carmesi, de ouro embutida
> Dos rubís mais preciosos esmaltada...

El-rei Dom Sebastião assim como levava a corôa com que se havia de acclamar Imperador de Marrocos, tambem queria levar o poeta que havia de cantar os seus feitos. É crivel que Bernardes e Camões concor-

ressem com esses Sonetos; mas Bernardes estava nas graças de Pedro de Alcaçova Carneiro e foi o escolhido.

Desde 1575, que Camões projectava fazer uma nova epopêa para cantar a empreza de D. Sebastião, como o prova Faria e Sousa commentando as Outavas III, escriptas por occasião do presente do Papa: «porque me consta de buenas informaciones, que salio el Rey del puerto de Lisboa para Africa, quando el Poeta no dudoso que bolveria con vitoria, empeçó a cantarle en un Poema; e quando vino la nueva de su perdida, tenia ya escritas muchas estancias. Assi lo affirmó Bernardo Rodrigues su amigo, y hombre de grande ingenio como se ve de sus versos, e de mucha verdad e limpeza; afigurando-se de que en este *Poema* sobrepujava a la *Lusiada*. Fué tal el sentimiento del Poeta con la nueva d'aquel successo, que luego quemó lo que tenia escrito: y andava como assombrado. Referiranlo despues sus amigos Bernando Rodrigues, de quien ya dixe; i Manoel Ribeiro, i Alvaro de Mesquita, hombres tambien de juicio, y estudios buenos; añadiendo que por aver perdido el furor poetico, no avia tomado mas la pluma.»

Vejamos o valor d'esta tradição ainda não discutida. Quem era este *Bernardo Rodrigues?* Na *Visita das Fontes,* Dom Francisco Manoel de Mello fala d'elle satyricamente, mas como tendo na realidade pertencido ao seculo XVI: «eu conheci *Bernardo Roiz,* que chamavam o *mocho*, e foi Secretario do famoso Miguel de Moura, o mayor Ministro de Portugal em seus tempos,

e governador d'este Reyno...— De *Bernardo Roiz* falo, e com licença do Senhor Appollo que nos ouve, era elle o Appollo d'este reino: que tanta opinião se tinha de suas letras e juizo!—E como desempenhou essa opinião?—Máo signal é que vós o não saibaes; mas saybaes ou não, seu desempenho foi compôr em cincoenta annos *Outavas a Sam Thomé,* e no cabo errou-lhe a uma as consoantes.—Quanta graça isto tem. —Como se desculpava?—Com peor razão que a mesma com que havia errado. Dizia o velho vendo-se opprimido dos moços que o apertavam: Senhores, eu o fiz com energia; porque o Santo vendo-se admirado com os mysterios que o Senhor lhe deu a crêr, ficou de modo que não soube o que disse... galante escuza! como se Sam Thomé fosse no seu tempo poeta de outava rima.— D'onde vistes esse Poema?—Na famosa Academia de Lisboa, que se chama dos Singulares, por ser a primeira que se celebrou n'esta cidade á imitação dos Illuminados, Insensatos e Lyricos de Italia, em Urbino, Padua e Roma.» (1) Bernardo Rodrigues, como se vê, era um homem de exagerada boa fé para poder propalar uma tradição infundada; Dom Francisco Manoel de Mello fala tambem das suas obras poeticas: «tal homem não ouvi em meus dias; folgara de achar quem me dera razão d'elle?—Algumas obras suas encontrareis em um pequeno *livro, que imprimiu em Florença*

(1) *Apologos Dialogaes*, p. 202 e 203.

Estevam Rodrigues de Castro.» (1) De facto, no livro alludido por D. Francisco Manoel, encontram-se um Soneto, trez Balatas e uma Ecloga com as iniciaes D. B. R., que d'ora em diante se deve entender irrefragavelmente *De Bernardo Rodrigues*, e não *De Bernardim Ribeiro* como o propalou Barbosa Machado. A Ecloga tambem anda erradamente sob o nome de Camões, se é que Bernardo Rodrigues a não guardou como simples collector. (2)

Na *Bibliotheca Luzitana,* (t. I, p. 537) cita-se um Bernardo Rodrigues, poeta, author de uns *Tercetos ao SS. Nome de Jesus;* d'esta composição transcreve João Pinto Ribeiro, no *Lustre ao Desembargo do Paço* (cap. 3, n. 34), o seguinte terceto:

> Trabalhos lhe custou nome tão nobre,
> Veiu ao mundo, morreu, venceu o imigo,
> Deixou o inferno despojado e pobre.

Barbosa Machado não suspeita quem seja este poeta, apezar dos exagerados encomios que lhe faz; no *Elogio dos Poetas Portuguezes* (est. 59), de Jacintho Cordeiro, é exaltado, o que se vê que a critica de D. Francisco Manoel de Mello ainda não havia restituido a verdade:

(1) *Ibid.*, p. 204.

(2) O livro de Estevam Rodrigues já era tão raro no fim do seculo passado, que Caminha reproduziu o exemplar guardado na Livraria de Monsenhor Hasse; portanto vid. essa reproducção, p. 165 e 192.

De *Bernardo Rodrigues* luze el fruto
De versos, de conceptos, y de flores,
Coronas del laurel por attributo
A tal ingenio quedan inferiores.

Barbosa dá-nos o facto de ter Bernardo Rodrigues morrido em Lisboa a 20 de Outubro de 1631 e de estar sepultado na Igreja velha de Santo Antão o novo. D. Francisco Manoel de Mello diz, a proposito d'elle, «*tal homem não ouvi em meus dias*». Por tanto é este o homem de quem Faria e Sousa recebeu a tradição do poema inutilisado de Camões.

Insistimos sobre este ponto, porque existe um outro Bernardo Rodrigues, do qual fala tambem Barbosa (t. IV, p. 80), natural de Arzilla e filho de Mestre Antonio, Physico-mór d'aquella cidade; este escreveu um «*Tratado memorial das cousas que passaram em Africa do anno de 1508 para qua, especialmente das cousas que aconteceram em Arzilla.* Feito por um homem africano...» etc. Este manuscripto guarda-se hoje na Bibliotheca da Academia das Sciencias, (G. 5., n. 19) com o titulo *Successos de Arzilla.* Barbosa diz que o livro foi escripto em 1561. Não é este o amigo de Camões, nem por ventura se conheceram. Innocencio fala d'este escriptor ampliando Barbosa com a noticia da proveniencia do livro para a Academia, mas omittiu o poeta dos *Singulares,* de quem Faria recebeu essa importante tradição sobre Camões. Agora conhecemos o homem, separado do seu homonymo, com a sua feição moral, está fundamentada a tradição.

Segundo a opinião de Bernardo Rodrigues, sabe-se que Camões começou a escrever um Poema da Expedição de el-rei Dom Sebastião, que não continuou, depois de chegar a noticia da derrota de Alcacer Kibir. Entre as poesias ineditas do seculo XVI, publicadas por Antonio Lourenço Caminha, cuja authenticidade sustentamos em outro logar, vem diversos fragmentos de uma Epopêa sobre a empreza do infeliz monarcha. Apezar das outavas estarem mediocremente metrificadas, não hesitamos em attribuir esses fragmentos a Camões, porque estão em um primeiro esboço, e alem d'isso, porque a empreza de Africa não o enthusiasmava; os fragmentos indicam por meio de rubricas o logar que deviam occupar na futura Epopêa; reproduzimol-as para se fazer uma ideia da estructura do Poema:

a) *De quando El-Rei Dom Sebastião sonhou que huma das parcas cujo nome é Atropos, isto é morte, lhe falava o seguinte, torcendo um fio, depois que partiu para Barberia, no Cabo do Sam Vicente.* (3 Outavas.)
b) *Oração de El-Rei Dom Sebastião ao Martyr Sam Vicente.* (2 Outavas.)
c) *Cumprimentos que o Xerife teve com el-rei D. Sebastião.* (2 Outavas.)
d) *Resposta d'el-Rey.* (2 Outavas.)
e) *De quomo Atropos tornou a falar ao Rey.* (3 Outavas.)

f) *Resposta do Rey.* (2 Outavas.)
g) *Carta do Maluco a El-Rei Dom Sebastião.* (10 Outavas.)
h) *De como o Rey vendo os seus examinados se irou dizendo assi:* etc. (6 Outavas.)
i) *De como Atropos tornou outra vez ao Rey dizendo d'este modo...* (4 Outavas.)
j) *De como o Xarife falou ao Rey parecendo-lhe fazerem os imigos traição.* (6 Outavas.) (1)

São ao todo quarenta estrophes *(muchas estancias*, diz Faria), nucleo bastante para se lhe poder chamar principio de um Poema; desde a partida de Dom Sebastião até á sua derrota em Africa, não havia tempo para compôr mais, querendo seguir os successos da empreza. Esses fragmentos interrompem-se notavelmente na occasião em que se ia dar a batalha. Se ficaram interrompidos, é porque a noticia da derrota veiu anullar o poema. Antonio Lourenço Caminha não comprehendeu o valor do que publicava; na *Oração do Rei a Sam Vicente*, conhece-se a invocação epica:

> Dá–me prospero successo e vencimento
> Dá-me ao Reino tornar victorioso,
> Pois tendo teu favor e teu alento
> Não temerei o imigo mais forçoso;

(1) *Obras ineditas dos nossos insignes Poetas*, t. I, p. 152 a 171.

E se alcanço tornar a salvamento
D'este duro Combate, e perigoso,
Prometo que teu Templo frequentado
Seja, e com mil triumphos adornado.

Fóra de toda a hypothese, é indubitavel que estas quarenta estrophes pertencem a uma tentativa de Epopêa sobre a Jornada de Africa; sabe-se que Camões pertendeu cantar estas façanhas, e que Diogo Bernardes foi o preferido, o que não obstou que Camões começasse a escrever. O poema de Bernardes não chegou a ser começado, por que elle ficou immediatamente captivo. Os fragmentos de Camões foram abandonados, e só esses é que poderiam chegar até nós, no estado em que inconscientemente os publicou Caminha.

Foi a partida para Africa, em 25 de Junho de 1578; n'este mesmo mez foi passada uma nova Apostilla nas costas do Alvará da tença dos 15$000 reis, talvez para contentar Camões de não ser escolhido para cantar o sonhado triumpho de D. Sebastião:

«Ey por bem de fazer mercê a *Luis de Camõis* contiudo no meu alvará escripto na outra meia folha atraz que elle tenha e aja cada anno por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilha que está no dito alvará os quaes tres annos começarão de dous dias do mez dagosto d'este anno presente DLXXVIII em deante e os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu thesoureiro mór asy e da maneira que atégora se lhe pagaram com certidão dayres de siqueira, escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como reside em minha corte, e com esa declaração se assentaram no liuro de minha fazenda e se levarão no caderno de assentamento, e esta apostilla me praz que valha e tenha força e vigor posto que o effeyto della aja de durar mais de hum anno semmbargo da

ordenação em contrario. Gaspar de Seixas a fez em Lisboa a II de Junho de M.D.LXXVIII. E posto que acima diga que o dito Luiz de Camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de dous dias do mez dagosto deste anno presente, não os vencerá senão de XII dias de março passado do dito anno em diante, que é o tempo em que se acabarão os tres annos que lhe foram dados pela dita apostilla. Jorge da costa a fez escrever. » (1)

A 4 de Agosto de 1578 aconteceu a derrota de Alcacer Kibir; viu-se então claro o abysmo da politica hespanhola, que se mostrava claramente demonstrando a morte de el-rei D. Sebastião. O Soneto CCCXLVI de Camões foi talvez a sua ultima composição:

> Com o generoso peito alanceado,
> Chea de pó e sangue a real fronte,
> Chegou á triste barca de Acheronte
> O grão *Sebastião* sombra tornado... (2)

Segundo o testemunho do poeta Bernardo Rodrigues, Camões ao saber do desastre de Africa «*andava como assombrado*». Hernando Herrera, que elogiava Camões, escreveu uma soberba Ode á morte de D. Sebastião, e cinco admiraveis Sonetos, que por ventura mandaria ao desalentado poeta.

N'esta derrota total ficaram prisioneiros bastantes amigos de Camões e tambem poetas, como Miguel Leitão de Andrade, Fernão d'Alvares do Oriente, André de Quadros e Diogo Bernardes. O joven D. Miguel de

(1) Torre do Tombo, Liv. XXXIII de Doações de D. Sebastião, fl. 119, v. Apud Jur., t. I, p. 171.
(2) *Obr.*, t. II, p. 174.

Menezes, filho do afamado poeta do *Cancioneiro geral* D. Manoel de Menezes, e neto do celebrado trovador D. João de Menezes, de quem dissera Sá de Miranda:

> Pórem, oh bom *D. João*, o *de Menezes*,
> E oh *D. Manoel*, que taes tempos lograstes,
> Dous Condes, nos amores tao cortezes,
> Que com tanto louvor aqui cantastes...

morreu na infeliz jornada de Alcacer Kibir. Camões escreveu a Elegia x, mal interpretada pelos Commentadores, aonde lamenta esse desastre:

> Que tristes novas, ou que novo dano
> Que inopinado mal incerto sôa,
> Tingindo de temor o vulto humano?
>
> Que vejo? as praias humidas de Goa
> Ferver com gente attonita e *turbada*
> *Do rumor* que de bocca em bocca vôa!

Por se alludir aqui ás praias de Goa entenderam os commentadores que o desastre fôra passado na India; no rigoroso sentido litteral, vê-se que o *rumor* das tristes novas *vôou até ás praias de Gôa*, deixando todos attonitos com o novo damno. N'esta Elegia x, Camões em vez de lamentar o desastre de Alcacer Kibir em nenia patriotica, irrompe com indignação estigmatisando a covardia do exercito portuguez:

> Mas ai! qual terror subito occupou
> O vosso claro peito, ó Portuguezes?
> Qual pávido temor vos congelou?

Que lançadas, que golpes, que revezes
Vos fizeram fazer tamanha injuria
Aos fortes, luzitanicos arnezes?

Ou já de Capitão sobeja incuria?
Ou fraqueza? Nao: que elle sustentava
Com seu peito dos barbaros a furia.

Ou já do ferreo cano a força brava,
Com estrondos que atroam mar e terra,
Os corações ardentes congelava?

Ah! quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustentasses com valor ousado,
Desprezando o valor que a vida encerra?

A vida por a Patria e por o Estado
Pondo nossos avós, a nós deixaram
Em terra e mar exemplo sublimado.

Elles a desprezar nos ensinaram
Todo temor. *Pois como agora os netos*
Subitamente assi degeneraram?

Não podem certo, não, viver quietos
Com feia infamia peitos generosos,
Já em publicos logares, já em secretos.

Para Camões, que era valoroso por caracter, e que tantas vezes expuzera a vida pela patria, a lembrança d'essa derrota quasi repentina e sem resistencia mina-va-lhe a saude, matava-o de indignação. Esses versos foram o seu ultimo grito; desafogava escrevendo aos seus amigos. Com que razão não escreveu esta phrase profunda na sua doença desalentada: «Quem ouviu dizer que em tão pequeno theatro como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da

sua parte, porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desavergonhamento.» De todos os desgostos que lhe tinham envolvido a existencia, nenhum penetrava mais fundo do que este.

Subira então ao throno o Cardeal D. Henrique, velho e com a perfidia de Inquisidor, dispéptico e preso á vida por cuidados egoistas que o obrigavam a alimentar-se sugando nos peitos de uma mulher; a missão rasoavel d'este homem seria o aproveitar a crise neutral do seu governo para indicar o herdeiro da corôa a contento dos estados; não fez assim. Deixou-se embair pelos ardís de Castella, e encobriu o seu ciume contra o Prior do Crato com os escrupulos de canonista. D. Antonio, Prior do Crato, era filho natural do Infante D. Luiz; a fidalguia portugueza amava-o, porque na sua mocidade havia frequentado com elle as Escholas de Santa Cruz de Coimbra. Os principaes amigos de Camões, por isso que eram do partido da independencia nacional seguiam o partido do Prior. D. Francisco de Almeida, antigo companheiro de Camões na India, e seu commensal no celebre banquete poetico, andava na comarca do Alemtejo ajuntando gente para resistir á invasão de Philippe II; Estevam Leitão, irmão de João Lopes Leitão o amigo intimo de Camões, seguia a parcialidade do Prior do Crato; Luiz da Silva Brito que, segundo Faria e Sousa, commentou os *Lusiadas,* seguiu o partido de D. Antonio e se achou na batalha de Alcantara; Fernão Rodrigues Lobo Seropita, que colligiu o primeiro corpo de poesias lyricas de Camões, tambem se incli-

nou á causa nacional. Dom Manoel de Portugal, o ultimo amigo de Camões, foi sempre suspeito a Philippe II, que perseguiu a Casa de Vimioso; Miguel Leitão de Andrade, que mais tarde embellezou a sepultura do poeta, esteve a ponto de ser degollado pelo invasor hespanhol. E mais tarde os *Lusiadas* foram commentados pelo revolucionario de 1640 João Pinto Ribeiro! Astuto e sabendo o gráo de popularidade que se consegue pela poesia, Philippe II tratou de captar alguns poetas portuguezes; Caminha e Bernardes acceitaram mercês do usurpador castelhano, e Rodrigues Lobo celebrou em verso a sua visita a Portugal.

A 26 de Março de 1580, já estava prompta para se imprimir, a primeira traducção castelhana dos *Lusiadas* por Benito Caldera, joven portuguez que residia em Madrid; pelo desenvolvimento que a typographia tinha então em Hespanha, cremos que a traducção estaria impressa em fins de Abril, e que pela frequencia com que os mercadores e aventureiros politicos vinham a Portugal, Camões chegou a vêr esta homenagem prestada á sua obra. N'este mesmo anno de 1580, publicou outra nova traducção dos *Lusiadas* Luiz Gomez de Tapia, visinho de Sevilha; n'ella se allude á de Caldera, e podia muito bem ser publicada por meiado de Maio d'esse anno, porque no exemplar que existe em Lisboa na Bibliotheca publica se encontra no frontispicio a assignatura de Camões. Pode ser que estas traducções fossem mandadas fazer por ordem superior, para captar por esse modo Camões a favor de Philippe II. O exercito ini-

migo entrava já pela fronteira, como se declara no prologo da traducção de Tapia; Camões não podia resistir a esta morte da nacionalidade, e doente durante todo *o tempo das alterações,* isto é, durante os seis mezes posteriores á morte do Cardeal D. Henrique, escreveu a D. Francisco de Almeida essa celebre Carta que se perdeu em Madrid, aonde lhe dizia, que o amor da patria não só o trouxera a morrer n'ella, mas que morria tambem com a patria. Esta importante tradição, recolhida por D. João de Almeida, filho de D. Francisco de Almeida, acha-se na edição dos *Lusiadas* de 1626, aonde Pedro Craesbeck escreve de Camões: «*adoecendo no tempo das alterações,* n'esta cidade de Lisboa, e estando o senhor Dom Francisco por Capitão general da Comarca de Lamego, se despediu d'elle por Carta, (que é ultima que sabemos sua) da qual acabarei esta com trasladar algumas regras para que veja este reyno o miuto que deve á sua memoria; queixa-se pois de estar opprimido da doença, de necessidades e de tristeza de ver a Portugal dividido em tantos bandos, e depois de particularisar cada cousa d'estas, diz as seguintes palavras: —*Em fim, acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não só me contentei de morrer n'ella, mas com ellã.*» A morte de Camões, ao saber que os exercitos de Philippe II pisavam o solo de Portugal, nada tem de extraordinario; um facto analogo se deu com Frei João da Silva, o que prégara na procissão da Saude em 1570. Diz Faria e Sousa: «Estando enfermo Fray Juan da Silva, Religioso de S.

Domingo, y dandosele la nueva de la perdida del Rey Don Sebastian, vuelto el rostro a la pared, espiró.» (1) Vejamos como se realisou o presentimento de Camões, quando elle disse que morria com a patria. A 5 de Março de 1580, partia Philippe II para Guadalupe com o intento de apoderar-se de Portugal; a 9 de Abril passaram a uma legua de Merida 80 peças de campanha para a invasão, com mais de sessenta mil homens. (2) A data da morte de Camões dá uma luz sublime de verdade ás suas palavras; morava o poeta em companhia de sua *velha e pobre* mãe, D. Anna de Sá, em *casa humilde,* (como lhe chama Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo) na rua de Santa Anna, junto ao Arco do mesmo nome e Casa da Encarnação, e pegada com a Ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz. (3) A data da sua morte foi pela primeira vez fixada de um modo indubitavel pelo snr. Visconde de Juromenha, por um documento achado no Livro III das Ementas, fl. 137, do Archivo nacional, aondo se lê, que falleceu a 10 de Junho de 1580. N'este mesmo anno, e quasi ao mesmo tempo entravam os exercitos de Philippe II a tomar conta de Portugal pelo direito da força. Camões expirava ao som d'essa cantiga desesperada que se cantava pelas ruas, em que o

(1) *Comm.* ao Soneto 37, p. 91.
(2) *Documentos para a Hist. de España*, t. VII, p. 285.
(3) O snr. Visconde de Juromenha, diz que é ao subir da calçada, á mão esquerda, uma casa que faz frente para o becco de S. Luiz, com os numeros 52 a 54. *Obr.*, t. I, p. 149.

povo saudava a entrada do Cardeal no inferno por ter deixado em testamento Portugal aos Castelhanos. (1) A sua agonia foi obscura e desacompanhada; Diogo do Couto, na Decada VII, diz: «e em Portugal *morreu este excellente Poeta em pura pobreza.*» No exemplar da primeira edição dos *Lusiadas* que pertenceu a Lord Holland, encontrou o Morgado de Matheus esta preciosa nota manuscripta, de Frei Josep Indio, monge carmelita do convento de Guadalaxara: «Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande ingenio mal logrado! Yo lo bi morir en un hospital en Lisboa, sin tener una savana con que cobrir-se despues de aver triunfado en la India Oriental, de aver navegado 5:500 leguas por mar: que aviso tan grande para los que de noche y de dia se cançan estudiando sin provecho como la araña en urdir tellas para cazar moscas!» É possivel que o hospital de que aqui se fala fosse a Albergaria de Santa Anna, em cujo Convento o poeta foi enterrado; só assim se pode conciliar a tradição com a historia. Faria e Sousa conheceu a tradição e explica: «Algunos dizen que el Poeta murio en un Hospital. Pero los mas dizen que el murio en una pobre casita en que vivia cerca del Convento de Monjas Franciscas y vocacion de Santa Anna.» No *Commentario* de Manoel Correa, repete-se isto egualmente vago: «até o nosso Luiz de Camões... viveu miseravelmente *e morreu quasi ao desamparo*».

Quando Philippe II entrou em Portugal, teve em

(1) *Cancioneiro popular*, p. 40.

vista captar os homens que mais poderiam influir sobre a opinião publica. O seu primeiro cuidado foi perguntar por Camões. Diz Faria e Sousa, na segunda *Vida de Camões:* «El Rey Don Felippe el Segundo podia juzgar de escritos; y aviendo leido su Poema heroico, por el le estimaba mucho. Despues *quando entró en Lisboa el año de 1580,* deseoso de verlo, mandó que se lo trouxesen, y se mostró pesaroso de oir que *pocos mezes antes era falecido.*» (§. 35.) (1) Ao passo que Philippe II truncou todas as cabeças dos homens de coragem, para que lhe não perturbassem a posse do seu novo reino, comprava com mercês aquelles que, por qualquer fórma, poderiam levantar a opinião publica. Na *Chancellaria* de Philippe II encontram-se mercês rendosas ao infame Pedro de Andrade Caminha, e a Diogo Bernardes (2), am-

(1) Apezar de Faria e Sousa dizer erradamente (§. 27) que o poeta fallecera em 1579, comtudo a tradição que reproduz leva á descoberta da verdade. A entrada solemne de Philippe II em Portugal foi em 26 de Junho de 1581, por isso é verdadeira a phrase «*pocos mezes antes era falecido,*» referindo-se a 10 de Junho de 1580.

(2) Eis os desconhecidos documentos que provam o gráo de corrupção dos antigos poetas nacionaes:

« Eu elrei faço saber aos que este alvará virem que avemdo respeito aos serviços de *diogo bernardes* cavalleiro fidalgo de minha casa fez ao senhôr Rei Dom Sebastião meu sobrinho que Deus tem seimdo seu servidôr da toalha e a ir com elle na Jornada dafrica e sêr cativo na batalha d'alcacere ey por bem e me praz de lhe fazêr mercê de quinhentos cruzados em propriedades e fazendas que sejão tomadas e arrematadas pera minha fazenda assi nesta cidade de Lisboa como em quaesquér lugares e partes fóra della que já estiverem assentadas e lançadas nos livros dos meus proprios dos comtos do Reino e das comarcas omde lhe as taes propriedades forem dadas pelo que man-

bos inimigos de Camões; Francisco Rodrigues Lobo, accusado do roubo do *Parnaso* de Camões, bajulou nos

do ao contador mor dos ditos contos e aos contadores de minha fazenda desta cidade de Lisbôa e sua comarca e de quaesquer outras comarcas do Reino que sendo lhe este alvará presentado por parte de diogo bernardes fação peramte si vir o livro dos proprios de cada hua das ditas comarcas e avendo nellas asentados quaesquér bens e fazendas que se tomasem e arrematasem pera minha fazenda como dito hei os dem ao dito diogo bernardes nas mesmas contias em que se pera mim tomaram, e arremetarão a conta destes quinhentos cruzados de que lhe faço mercê em proprios e lhe passem disso suas cartas em que declare as propriedades e fazendas que lhe em cada hua das ditas comarcas derem e cujas (?) forão e porque duvidas ou causas se tomarão e em quanta contia cada huũ e omde estão e as confrontações dellas nas quaes cartas irá trelladado este meu alvará e sendo feitas na maneira sobredita e asinadas pelos ditos contadores ey por bem que o dito diogo bernaldes tenha e aja e posua as propriedades e fazendas que se lhe assi derem e lhe seja dada a pose dellas a elle ou a seu certo procurador pondo-se primeiro verbas nos asentos dos ditos bens e propriedades dos livros dos proprios e assi neste alvará de como lhe por elle foram dadas á conta dos quinhentos cruzados de que lhe assi faço mercê em fazendas de proprios e por essa causa as taes fazendas e propriedades já não são minhas nem dos ditos proprios nem me pertence cousa alguma dellas e nas ditas cartas se faça declaração de como se poseram no Livro dos proprios e neste alvará as taes verbas E que outras taes se porão no Livro dos proprios dos contos pelo contadôr mór delles estando as ditas propriedades já assentadas nelle de que passará sua certidão nas costas de cada hua das ditas cartas e dahi em deante as deixem a diogo bernaldes têr possuir aproveitar vemder dar doar e fazer nellas e dellas o que lhe aprouver como de cousa sua propria livre e desembargada e como a mim pertenceram e podiam pertencer e sendo as ditas cartas assinadas pellos contadores das comarcas onde lhe as fazendas e propriedades forem dadas e feitas na maneira sobredita ey por bem que elle diogo bernaldes e seus erdeiros ou pessoas, a que por qualquer via vierem tenhão as ditas cartas por titulos dellas e mando a quaisquer minhas justiças officiaes e pessoas a que forem presentadas que lhas cumprão e guardem e

seus versos o invasor; André Falcão de Resende ia requerer mercês a Madrid; Fernão Alvares do Oriente ac-

façam inteiramente cumprir e guardar como nellas fôr conteudo sem duvida nem contradicção que lhe a isso seja posta e estando alguas das ditas propriedades lançadas no sumario da fazenda para o rendimento ir levado nos cadernos do assentamento dos almoxarifados ou casas de meus direitos mando aos vedores de minha fazenda que as fação desapegar do dito sumario com as declarações necessarias pera que mais em tempo algum posão ir nos ditos cadernos e querendo o dito Diogo bernaldes antes estes quinhentos cruzados em quáesquer bens que já forem confiscados ou se confiscárem pera mim e pera a corôa destes reinos por sentença ou sentenças de que não aja apellação nem aggravo ey por bem que lhe sejão dados nos ditos bens confiscados e mando ás justiças e officiaes a que o conhecimento pertencer que lhe dem e fação dar dos taes bens tanta cantidade que valhão os ditos quinhentos cruzados de que lhe assi faço mercê e lhe pasem carta em forma delles na maneira em que conforme a este alvará lhe ouvera de sêr passada dos bens dos proprios que lhe foram dados com declaração de cujos os ditos bens forão e da causa perque forão julgados pera o fisco e onde estão e das confrontações delles e todas as mais declarações que pera isto cumprirem e forem necessarias, a qual carta elle diogo bernaldes terá por titulo dos ditos bens pondose em quaesquer livros, autos ou papeis que se acerqua delles procesaram as verbas necessarias e cumpram este alvará que quero e me praz que valha etc na forma. Gonçalo Ribeiro o fez em Lisbôa a dezeseis d'outubro de mil quinhentos oitenta e dous. E eu Diogo Velho a fiz escrevêr.»

'A margem = «A'conta dos duzentos mil reis em prios aqui registados ouve o sobredito pagamento de setenta e trez mil reis en certas propriedades, que lhe forão dadas por estarem mettidas nos proprios de sua magestade de que lhe mandou passar carta nos contos do Reyno e casa pelo que não had'aver mais que cento vinte e sete mil reis dos duzentos de que aqui faz menção. E do sobredito se poz esta verba por um despacho do contadôr mór en Lisbôa a dezenove de Novembro de 158 — = Gaspar Maldonado.»

L.º 10 da Chancellaria de D. Filippe 1 fl. 5.

«Dom filippe etc. Aos que esta minha carta virem Faço sa-

ceita em 18 de Fevereiro de 1584 a mercê de duas viagens de Coromandel; e o mallogrado epico Pero da Costa Perestrello acceitou o cargo de *Secretario* de Philippe II junto do Archiduque Alberto. Era por isso que Soropita dizia na sua celebre Satyra:

> Que o som do metal covarde
> Abateu todos os mais.

bêr que avendo respeito aos serviços de Diogo bernardes cavalleiro fidalgo de minha casa e avêr muito tempo que serve ey per bem de lhe fazer mercê de corenta mil reis de tença cad'anno em dias de sua vida, os quaes começará a vencêr de trinta dias dagosto deste anno presente de quinhentos noventa e trez em diante em que lhe fiz esta mercê, e mando a Dom Fernando de noronha, conde de linhares do meu conselho do estado e vedôr de minha fazenda que lhe faça asentar os ditos quarenta mil reis de tença no livro della e despachar cadanno pera lugar onde delles aja bom pagamento, e pera firmeza de todo lhe mandei dar esta carta per mim asinada e pasada pela minha chancellaria e asellada com o meu sello pendente. Dada na cidade de Lisbôa a treze dias do mez de Setembro João Alvares a fez Anno do nascimento de nosso Senhôr Jezus Christo de mil e quinhentos noventa e trez, Sebastião Perestrello a fez escrevêr.»

«Eu ElRei Faço sabêr aos que este alvará virem que avendo respeito aos serviços de Dioguo bernardes cavalleiro fidalguo de minha casa e aver muito que serve lhe fiz mercê de corenta mil reis de tença cadanno em dias de sua vida e ora por lhe fazêr mercê ey por bem que por seu fallecimento possa testar de vinte mil reis de tença por sua mulher e filhos como lhe aprouver, e pera minha lembrança e sua guarda lhe mandei passar este alvará, que inteiramente mandará cumprir per seu fallecimento conforme as nomeações, que fizer dos ditos vinte mil reis de tença, João Alvares o fez em Lisboa a treze de Setembro de mil quinhentos noventa e trez, Sebastião Perestrello o fez escrevêr.

Liv. 32 da chancell.ª de D. Filippe I, fl. 48.

Nas luctas entre os diversos pretendentes ao throno de Portugal, a satyra politica vem revelar as ambições tenebrosas de Hespanha; as antigas *Coplas de Mingo Revulgo,* que retratavam o estado deploravel de Hespanha no seculo XV, foram imitadas por Luiz Brochado e por Soropita com relação a Portugal. A estrophe VI do *Revulgo:*

Fasta aquella zagaleja,
La do Navaluz y Teja
Lo ha trahido al retortero

refere-se a Portugal, como o declara a Glosa vernacula do seculo XV offerecida ao Marquez de Santillana: «*que es interpretado ó llamado antiguamente Portugal.*» (1) Esta referencia ás luctas de Henrique IV estava para nós consagrada como typo satyrico. N'esta mesma estrophe vem o celebre anexim do *Renard:*

Mas *El lobo y la gulpeja*
Siempre son de una conseja,

anexim que Jorge Ferreira de Vasconcellos já havia nacionalisado na Comedia *Eufrosina:* (p. 84, ed. ult.)

O Lobo e a Golpelha
Fizeram uma conselha.

Soropita, que seguira sempre o partido nacional do Prior do Crato contra Philippe II, ao alludir ás torpe-

(1) Apud *Bibliotheca española*, de B. J. Gallardo, p. 831. Sem duvida allude á dama portugueza D. Guiomar de Castro, amante de Henrique IV. Tichnor, I, 272.

zas da politica d'esse filho de quatro nações, serve-se da mesma estrophe das *Coplas de Mingo Revulgo,* que já no seculo XV se referiam a Portugal; diz elle (p. 136):

Ao retorteiro te trazem...

e em outro logar mostra mais claramente que conhecia as celebres Coplas politicas:

Brada-lhes *Mingo,* o do *saio,*
Cisfranco, o do saco, brada...» (p. 138.)

As *Coplas do Moleyro,* de Luiz Brochado, tão glosadas no seculo XVI, relatam sob a allusão do *pelote domingueiro,* o *saio de blao* de Revulgo; o moleiro do Alemtejo personificava o partido do Prior do Crato. Tudo isto eram fracos meios para levantarem o espirito publico, envilecido pela intolerancia catholica e pelo cesarismo; aonde não ha vida não ha resistencia. Por isso em uma Carta de 7 de Abril de 1580, escrevia Philippe II: «En Portugal no hay gente, aunque tienen por lista para 20 de Mayo salgan todos los listados, que dicen son *ochenta mill hombres:* todo es nada y fanfarria; no tienen que comer un dia, ni municiones: la necessidad les hade hacer venir á lo que mucho les pesa, que no le pueden llevar en paciencia los señores portuguezes.» (1) Philippe II realisava a segunda parte do

(1) Documentos publicados pela Academia de Historia de Madrid, t. VII, p. 285.

seu dilemma infernal. O poeta D. Diogo de Menezes, que defendia Cascaes, foi estrangulado por se atrever a resistir. (1)

Na Elegia XI, o chefe da eschola poetica sevilhana, Fernando Herrera, amigo de Camões, alludia á invasão de Philippe II, e condemnava a resistencia nacional:

> L'ardiente Libia es triste sepultura
> del destruido reino lusitano,
> i eterna pena á su fatal locura.
> ....
> No a visto (el que vê todo) immenso cielo
> empresa de maior atrevimiento;
> mas firme coraçon i sin recelo.
> Contumaz i cobarde movimiento
> Furor plebeyo, *i desleal nobleza,*
> *indina de sufrir vital aliento;*
> Do está la fe que á la real alteza
> deves? a do fuyó de tu memoria,
> a do la religion i su firmeza?
> Piensas ó esperas alcançar vitoria
> contra Dios? contra el Rey? o intento ciego
> dino de vituperio i no de gloria.
> *O como crias en tu pecho el fuego*
> *qu'ade abrasar tu patria generosa,*
> *sin que esfuerzo te valga ó umilde ruego.*
> *Cual sobervio turbion de la fragosa*
> *alcaçar se despeña d'Apenino,*
> *tal va contra ti España poderosa.*
> *Apresurar el passo a su destino*
> *veo las cosas todas;* i en mi pecho
> hazer los pensamientos un camiño etc. (2)

(1) Vid. no *Cancioneiro ms.* de Luiz Franco, fl. 90 e 118, aonde vem uma Epistola e um Soneto.
(2) *Obras,* p. 134 a 136.

Vicente Espinel, na novella picaresca de *Marcos Obregon,* diz que Philippe II abafando a resistencia nacional, reduzira a melhor forma as cousas de Portugal:

«Luego que por el pronostico y significacion de aquel cometa, ó por lo que la Magestad de Dios sabe y fué servido, murió el Rey Don Sebastian de Portugal, en aquella tan memorable batalla, donde se hallaron tres Reys, y murieron todos tres; como succedió el Cardenal D. Enrique, tio de Felippe II, *y lo llamó á la succession del Reino,* toda Castilla y Andalucia, se movió á ir sirviendo á su Rey con el amor y obediencia, que siempre España ha tenido à sus legitimos Reyes. — Sosegadas ó por mejor decir, *reducidas á mejor forma las cosas de Portugal...»* (Descanç. II, Rel. II.)

O mesmo Espinel descreve a vida dos portuguezes em Hespanha, depois do desastre d'Alcacer Kibir: «En este espacio vinieron algunos portuguezes, de los que en Africa se habian hallado *en aquel desdichado conflicto del Rey Don Sebastian,* muchos de los cuales rescató Filipe II. Travé amistad com algunos de ellos, y como tienen tanta presteza en las agudezas del ingenio, pasé con ellos bonissimos ratos. Estaba un caballero portuguez, amigo mio, haciendose la barba con un cual oficial, que con mala mano y peor navaja le rapaba, de manera que le llevaba los cueros del rostro. Alzó el suyo el portugués, y le dijo: señor barbero, si desfollades, desfollades dulcemente; mas si rapades, rapades muito mal. Estando un amigo mio y yo á la puerta de una Iglezia que se llama *Omnium Sancto-*

rum, paró um caballero portugués con seis pajes y dos lacayos muy bien vestidos á la castellana, y quitándose la gorra á la Iglesia, quitamosela nosotros á él usando de cortesia. Volvió como afrontado, y me dijo: Ollai senhor castillano, non vos tirei á vos á barreta, se naon á ó Santisimo Sacramento; dijo yo, pues yo se la quité á vuesa merced. Compungido de esta repuesta dijo el portugués: ainda vos á tirarei á vos sennor castillano. Venia por la calle del Atamba un portugués con un castellano, y como el portugués iba enamorando las ventanas, no vió un hoyo donde metió los piés y se tendió de bruces; dijo el castellano: Dios te ajude, y respondió el portugués: já naon pode. Estando jugando tres castellanos con un portugues á las primeras, los engañó agudisimamente, que habiéndole dado despues de quinoleada da baraja cincuenta y cinco, dijo con desprecio de naipe entre si, como lo pudiesen oir: os annos de Mafoma. Los demás que estabam bien puestos, y lo vieron pasar, embidaron su resto: el quiso, y echando el uno cincoenta, y los demás lo que tenian, arrojó el portugués sus cincoenta y cinco puntos, y arrebatoles el resto; dijo el uno de ellos: ¿ como, dijo vuesa merced que tenia los de Mahoma, que son cuarenta y ocho años, si tenia cincuenta y cinco? Respondió el portugués: eu cuidei, que Mafoma era mas vello. Otros excelentisimos cuentos y agudezas pudiera traer, que por evitar proligidad los dejo.» (Relacion II, Descanço 6.) Tal era o estado moral em que se achavam os portuguezes, que acceitaram as graças de

Philippe II, o resgate á custa do dinheiro hespanhol, e por consequencia o jugo despotico. Estavam como os charadistas de hoje.

O nome e a sepultura de Camões tornaram-se sagrados para aquelles que ainda sonhavam com a independencia da patria; quando Fernão d'Alvares do Oriente voltou do captiveiro, escreveu essas palavras da *Lusitania Transformada:* «Mas entre todos (estava) a estatua do Principe dos Poetas da nossa idade, que contou a larga navegação dos Lusitanos, a qual se divisava das outras com este letreiro *Principe dos poetas,* titulo que d'ali parece trasladar á sua sepultura um peito illustre e generoso.» (1) Referia-se á homenagem prestada por D. Gonçalo Coutinho, quando o trasladou para uma mais honrosa sepultura.

No prologo do editor das *Rimas* de Camões, Estevam Lopes, escreve a D. Gonçalo Coutinho: «Mas como não heide exalçar até ao céo a magnifica e mui heroica obra que v. m. fez em dar sepultura honrada aos ossos d'este admiravel varão, que pobre e plebeiamente jaziam no Mosteiro de Santa Anna. Tomou v. m. á sua conta a obrigação commũa, não d'este Reino só mas de toda Espanha; e assi recolheu pera si toda a gloria que a toda esta provincia viera, se para tão devida obra se ajuntara. Bastante rasão era esta para suas poesias serem dedicadas ao nome de v. m. e não conhecerem outro.»... Lisboa, 27 de Fevereiro de 1595.

(1) *Op. cit.*, fl. 69, v.

No Soneto de Luiz Franco se lê:

> Di Gonzallo mercê gentil Coutigno
> Per Muse illustre, e arme e avi illustri
> Ch'al Camões nella morte fu Mecena.

Tambem Miguel Leitão de Andrade veiu á sepultura do poeta, mandando pôr junto d'ella na parede uma tarja de azulejos com uma cruz no meio, tendo de cada lado uma inscripção e uma figura, a primeira com um ramo verde na mão, a segunda com um livro, tinteiro e penna. Ao pé da Cruz lia-se:

> O grão Camões aqui jaz
> Em pouca terra enterrado,
> Nas terras tão nomeado,
> De espada tão efficaz,
> Quanto na penna afamado. (1)

Tambem Diogo Bernardes, que tanto hostilisara Camões por causa de lisongear a Pero de Andrade Caminha, desejou, segundo a tradição, ser enterrado junto da sepultura de Camões. De facto Bernardes foi enterrado no Convento de Santa Anna, como se lê em Frei Fernando da Soledade, na *Historia Seraphica:* «De outro poeta illustre, chamado Diogo Bernardes, temos noticia que fora sepultado n'este templo, porém n'elle não vêmos pedra ou epitaphio que assignale o logar do seu deposito.» (2) Quando Philippe II veiu a Portu-

(1) Achado pelo snr. Visconde de Juromenha, no Livro de Diogo de Moura de Sousa, feito em 1638, que existe na Bibliotheca das Necessidades.

(2) *Op. cit.*, t. IV, p. 526. Importante para determinar os problemas relativos á sepultura de Camões.

gal desejou vêr Camões, talvez lembrado do Soneto 83 que começa: *Que levas cruel morte,* feito, segundo se vê, á morte da Infanta D. Maria, filha de D. João III, que morreu em 1545 de edade de desoito annos, sendo casada com Filippe de Hespanha. A phrase na *aurora da vida* só póde quadrar a esta Infanta, e não á Infanta que morreu em 1577, que contava cincoenta e sete annos. Philippe II conheceria o poeta tambem pelas tres traducções castelhanas dos *Lusiadas;* não o achando vivo, e sendo informado de que sua mãe D. Anna de Sá era *muyto velha e pobre,* mandou que ella ficasse recebendo 6$000 reis, da tença que vagara por morte de seu filho:

Alvará pelo qual se manda dar a Anna de Sá, mãe de Luiz de Camões, 6$000 reis da tença que vagou por morte de seu filho.

Eu El-Rey faço saber a vos João rodrigues de palma cavalleiro fidalgo de minha casa Recebedor do dinheiro do hum por cento e obras pias ou a quem o dito cargo servir que eu ey por bem e me praz fazer merce a ana de Sá mài de Luiz de Camõis seis mil reis cada anno dos quinze mil reis de tença que vagarão pelo dito seu filho, avendo respeito aos serviços que elle fez na India e no reino, e a ella Anna de Sá ser muyto velha e pobre, e d'elle não ficar outro erdeiro pelo que vos mando que de vinte e dous dias deste mes de mayo do anno presente de DLXXXII, em diante em que fiz esta merce a dita Anna de Sá lhe deis e pagueis os ditos seis mil reis em cada anno aos quarteis por este só allvará sem mais outra provisão e pelo treslado d'elle que será registado no Livro de vosa despeza pelo escrivão de voso cargo com seus conhecimentos mando que vos sejam levados em conta, e esto ey por bem que va-

lha, etc. na forma Gonçalo Ribeiro a fez em Lisboa a XXXI de maio de M.D.LXXXII. E eu Diogo Velho a fiz escrever. (1)

Depois d'este documento descobriu o snr. Visconde de Juromenha este outro com que restabeleceu um dos factos mais importantes da biographia de Camões:

Ementa pela qual consta se mandou pagar o saldo de 6$765 reis que se deviam a Luiz de Camões, a sua mãe, por seu fallecimento a 10 de Junho de 1580.

6$765—do thesoureiro da chancellaria da Casa do Civel a Anna de Sá, mãe de Luiz de Camões, que Deus haja, por outros tantos que ao dito seu filho eram devidos de 1 de Janeiro do anno de 1580 até 10 de Junho d'elle em que falleceu, a rasão de 15$000 por anno, de tença. Em Lisboa, 18 de Novembro de 1582.—Por Duarte de Castel Branco.» (2)

Por este ultimo documento sabe-se que a mãe de Camões era ainda viva a 5 de Fevereiro de 1585, e se encontra o facto desconhecido de ter Camões sido nomeado para a Feytoria de Chaul, quando andava na India, cuja sobrevivencia não acceitara, para regressar á patria:

Alvará que mandou dar a tença de 15$000 reis a Anna de Sá mãe de Luiz de Camões.

D. Felippe Et. Faço saber a quantos esta minha carta virem que avendo respeito aos serviços de Simão Vas de Camõis,

(1) *Torre do Tombo*, Liv. XLV de Doações de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 388. Jur., t. I, p. 171.

(2) *Torre do Tombo*, Liv. III, de Ementas, fl. 137. Apud Jur., t. I, p. 171.

e aos de Luiz de Camõis seu filho, Cavalleiro da minha Casa e a não entrar na feytoria de Chaul de que era provido e a vagarem por sua morte quinze mil reis de tença, hei por bem e me praz fazer merce a Anna de Sá sua mulher do dito Simão Vaz e mãy do dito Luiz de Camõis, de nove mil reis de tença em cada hum anno e dias de sua vyda alem dos seis mil reis que já tem de tença em sua vyda os quaes nove mil reis de tença começará a vencer de desasete dias de mez de novembro do anno passado de MDLXXXIV em diante em que lhe fiz esta merce e portanto mando aos vedores de minha fazenda que lhe façam assentar os ditos nove mil reis de tença nos livros della e despachar em cada um anno em par e onde haja delles bom pagamento, e por firmeza de todo lhe mandei dar esta minha carta de padrão por mim assignada e assellada com o meu sello pendente. Antonio Pireira a fiz a cinco dias do mez de fevereiro anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de MDLXXXV e eu Manoel de Azevedo a fiz escrever. (1)

No principio d'este trabalho mostrámos como pela imitação servil da antiguidade classica abraçamos esse ideal phantastico da *Monarchia universal;* todas as nações se embalaram com um tal sonho e as que mais se entregaram á fascinação d'este devaneio, foram as que mais cedo se viram annulladas pela fatalidade das circumstancias. Em quanto tinhamos autonomia politica exercida nas vastissimas conquistas da Africa, da Asia e America, e a negação da actividade economica era illudida com os productos coloniaes e com as páreas e expoliações de guerra, comprehende-se que a aspiração da *Monarchia universal* lisongeasse o animo dos cesaristas portuguezes; mas Portugal depois de 1580 ficou reduzido á condição de colonia de Hespanha, de pro-

(1) *Torre do Tombo*, Liv. XI de Doações de Filippe I, fl. 132. Jur. 172.

vincia annexada, e foi justamente n'esta crise de morte que o espirito publico se entreteve em apropriar as lendas de Arthur na Ilha de Avalon ao seu defuncto rei Dom Sebastião, de quem fazia o monarcha do *Quinto Imperio* do mundo constituido pelos portuguezes. No *Index Expurgatorio* de 1581, fl. 23 ha uma linha eloquente, que mostra este estado phantasmagorico: é a condemnação das *Trovas de Bandarra.* Se nos lembrarmos da tradição que conta ter sido dada a mortalha a Camões pela Casa do Conde de Vimioso, espanta-nos a fatalidade que fez com que as *Trovas de Bandarra* fossem escriptas para serem offerecidas ao Bispo D. João de Portugal, tambem filho do Conde de Vimioso. Depois da derrota de Alcacer Kibir, D. João de Portugal foi privado da sua mitra do bispado da Guarda, e clausurado em um mosteiro augustiniano; começaram então a serem lidas e interpretadas essas *Trovas* do Sapateiro de Trancoso, e segundo declara o Editor de Nantes, havia uma «*immensa multidão de treslados d'estas Trovas, todos viciados e corruptos, pois não havia pessoa que não tivesse um Bandarra a seu modo*». Fóra da realidade historica alentámos o espirito nacional com um sonho, e continuámos a conquistar o mundo em sonhos. Os livros que mais se liam então, e que por isso se acham condemnados no Index de 1581, são ficções novellescas, como *Desengano de Perdidos, Gamaliel, Dianas, Lazarilho de Tormes, Menina e Moça, Peregrino de Genebra, Perla preciosa, Roberto el Diabo, Selva odorifera, Selva de Aventuras, Tratado de Belial,* e outros

muitos livros (1) de imaginação doente e para quem se encommoda com a realidade.

Alguns espiritos illustrados, como abaixo veremos, iam procurar nos *Lusiadas* um consolo, aspirar a independencia no documento mais vivo e perenne da gloria portugueza. Mas a Inquisição completava a Obra da politica, e entendeu que os *Lusiadas* deviam ser mutilados para não terem *cousa contra a fé e bons costumes.* Fez-se então em Lisboa essa edição de 1584, cheia de mutilações e alterações criminosas, sob mandado do Arcebispo Inquisidor, e á qual se lhe deu com o andar do tempo o nome ridiculo de *edição dos Piscos.* (2) Era um meio de salvar o povo do deslumbramento que podia causar a reflexão da sua grandeza extincta.

O caracter nacional dos *Lusiadas,* antes que a critica o determinasse, foi pela primeira vez reconhecido pelo sentimento da independencia; as almas mais puras, que menos se avergavam ao jugo hespanhol, buscavam n'esse poema um lenitivo á ruina da patria. Como é triste ver esse venerando Bispo de Targa, Frei Tho-

(1) Fl. 18 a 23.

(2) Diz D. Marcos de S. Lourenço: «acaso um dia tomei um livro dos *Lusiadas* na mão, que tinha algumas annotações ou declarações á margem e ali donde o Poeta falla de Cezimbra chama-lhe *piscosa*, por causa de muito pescado que n'aquelle mar se toma; a notação declarou este passo dizendo, piscosa chama-se por razão dos muitos *piscos* que n'ella se juntam; e quando vi tamanho disproposito, senti muito achalo em lingua portugueza e d'aquelle instante tomei á minha conta commentar isto como havia de ser, ou o melhor que eu pudesse.» Apud Jur., I, 326.

mé de Faria, traduzindo aos oitenta annos para latim o livro da gloria portugueza, com o fim de aliviar a magoa que lhe causava o estado de abatimento e degeneração produzido por cincoenta annos de captiveiro. Tambem no Cerco de Columbo, os soldados distrahiam-se dos trabalhos e da fóme cantando estancias inteiras dos *Lusiadas;* (1) são estes testemunhos que dão a uma obra d'arte a consagração da nacionalidade. Mas o povo estava realmente degenerado no fim do seculo XVI; não era debalde que passava por sobre elle o obscurantismo da Inquisição, e que uma pequena alteração de genealogia monarchica o fazia reconhecer o momento da sua morte: a causa estava na organisação da entidade nacional, que não tinha creado uma forte industria para a alentar quando se acabasse o periodo das conquistas. Esta falta de comprehensão, acha-se em um facto bem simples; quando Philippe II visitou Portugal decretaram-se festas publicas, e os Sapateiros da Confraria de S. Crispim, da Egreja de Santa Anna, embellezaram o seu arco para receberem o rei intruso com versos tirados dos *Lusiadas!* (2) Uma falta não menor de respeito foi a parodia do primeiro Canto dos *Lusiadas* em estyllo de bebedice pelos quatro estudantes de Evora, Manoel Luiz Freire, Manoel do Valle de Moura, Bartholomeu Varella, e Luiz Mendes de Vasconcellos; foi composta em 1587, com o titulo de

(1) Facto recolhido pelo snr. Visconde de Juromenha. *Obr.*, t. I, p. VXI.
(2) Apud Juromenha, *Ib.*, p. 154.

Festas bacchanaes. A irreverencia d'estes *caprichosos auctores* não era motivada sómente pela travessura de estudante, estava na incapacidade de comprehender-se então em Portugal esse grito da nacionalidade. Não foi por simples imitação academica, que adoptou Camões as fórmas virgilianas; ha o quer que é de fatalidade no espirito das duas epopêas, que exprimem um mesmo estado moral de povos que foram grandes em quanto estiveram na vida historica, mas que depois de haverem saido d'ella se contentaram com o vigor ficticio que vinha da tradição das suas glorias.

Os *Lusiadas*, escriptos sobre os moldes classicos, exprimem o sentimento da nacionalidade pela consciencia que teve Camões da vida historica de Portugal; porém a forma é que nada tem de popular: linguagem culta, versificação endecasyllabica fóra dos habitos vulgares, maravilhoso extranho á nossa imaginação, subjectivismo de um espirito acostumado á abstracção, essencialmente descriptivo em vez de narrativo e dramatico, este poema nunca chegou a penetrar na memoria do povo. É uma obra d'arte, a primeira do genio moderno; pertence á epoca em que as profundas faculdades poeticas de creação estão substituidas pela reflexão consciente. O nome de Camões não é conhecido pelo povo, nem tão pouco em Portugal se repete nas classes aonde subsistem as tendencias e as feições nacionaes um unico verso de Camões. O mesmo facto se dá na Italia: ninguem mais do que Virgilio sentiu o genio nacional italiano; elle era o *pontifex maximus* da justiça; conhe-

ceu a connexão do genio grego com o italico como uma transmigração da civilisação antiga; recolheu as tradições etruscas das velhas cerimonias auguraes; e com tudo o nome de Virgilio não é conhecido na Italia, e o povo só tem noção de um poeta sobre que tece fabulas ridiculas. Quando em 1740 o Presidente de Brosses viajava na Italia, ao chegar a Mantua, escrevia: «Ainda bem não tinha chegado, embarquei-me logo á pressa pelo lago para chegar á villa e casa em que nasceu Virgilio. Edificaram sobre o local um castello, que me gabaram e no qual esperava encontrar cousas dignas de um homem que tanto honrou sua patria. Não achei outra cousa mais do que uma aceiada casa de campo, aonde nada mostrava a minima lembrança de Virgilio. A villa chama-se Pretola. Perguntei á gente do sitio porque é que esta casa tinha o nome de Virgiliana; responderam-me, que este nome lhe vinha de um antigo duque de Mantua, que era rei de uma nação que se chama os Poetas, e que tinha escripto muitos livros, que haviam sido mandados para França.» (1) O povo portuguez ainda sabe muito menos do que isto de Camões; pela sua parte os eruditos do seculo XVII e XVIII esqueceram-se totalmente do local aonde estava a sepultura de Camões, e hoje apesar dos mais pacientes esforços das Commissões officiaes de 1835 e de 1854, chegou-se á conclusão de que é impossivel determinar com verdade

(1) President de Brosses, *Lettres familières*, t. I, p. 117. Ed. 1869.

a sua sepultura. Todos conhecem essa anedocta de um sujeito que lia *O Braz de Camoez (Obras de Camões)* que não é inferior ao juizo litterario do árcade Castilho, que avançou—não haver na geração moderna um poeta que se não envergonhasse de assignar uma estrophe dos *Lusiadas.* Estes documentos, que mostram a falta de comprehensão da epopêa nacional, resultam da falta de consciencia da nacionalidade. É por isso que desde o seu apparecimento, os *Lusiadas* encontraram no estrangeiro o verdadeiro criterio para serem lidos. Tasso, n'esse conhecidissimo Soneto em que diz que os Cantos de Camões vôam mais longe do que as náos do Gama, chama-lhe com uma doce melancholia da confraternidade *el colto e buon Luigi.* Na edição dos *Lusiadas* de 1632, em um Panegyrico intitulado: *Diogo Henriques de Vilhegas, á memoria de Luiz de Camões, Principe dos Poetas,* allude-se a uma correspondencia que o Tasso tinha com o Conde de Villa-Mediana, D. João de Tarsis, em que se referia a Camões; e Pato Moniz, que tanto defendeu Camões contra as inepcias do padre José Agostinho de Macedo, traz estas palavras, que o auctor da *Gerusalemme liberata* escrevia de Camões: «N'este seculo, não tenho senão um rival que me possa disputar a palma.—Ah! dize-me, és tão desgraçado como eu, cantor virtuoso do mais alto feito que os da tua nação commetteram? Por cá tem soado que és infeliz! tu não o és tanto como eu. Poderá acontecer que o Imperio das Indias saia das mãos dos successores de Manoel, e que a soberba Lisboa não veja

mais chegar ao seu porto os thesouros da Africa e da Asia; mas a primeira gloria das suas immensas conquistas viverá sempre resplandecente no Poema de Camões; as nações mais remotas admirarão nos *Lusiadas* o valor incrivel de um punhado de homens, que affrontando perigos terriveis, enormes e nunca vistos, e domando populosas nações, levaram ás extremidades do universo as suas virtudes e a religião de seus paes.» (1) Tambem na *Academia dos Singulares* de 23 de Dezembro de 1663, dizia o Dr. João de Almeida Soares: «Por essas reliquias, cinzas ou ossos que temos em Santa Anna, davam os Venezianos ao Senado de Lisboa vinte e quatro mil cruzados, para ajuntarem ao seu este maior thesouro.» (2) Estas tradições vagas estão hoje confirmadas pelo modo como a sciencia europêa considera Camões, a quem pela bocca do sabio Humboldt lhe deu o nome de *Homero das linguas vivas.*

(1) Apud Jur., *Ib.*, p. 157.
(2) *Acad. dos Sing.*, t. I, acad. 9, p. 142.

Restituição das principaes epocas da Vida de LUIZ DE CAMÕES

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1524	Nasce em Lisboa, filho de Simão Vaz de Camões e Anna de Sá e Macedo.	Cartorio da Casa da India, Registo das pessoas que passaram a servir na India desde 1550; consultado por Faria e Sousa em 1643.—A Canção XI allude ao anno de 1524.	Vide supra. Pg. 60 Not. 14.
1527	Por occasião da peste, a côrte foge de Lisboa para Coimbra, e Simão Vaz de Camões regressa ao solar de seu avô João de Camões. Isto explica a sua pobreza.—N'este anno seu irmão D. Bento de Camões toma o habito em Santa Cruz de Coimbra. Isto fundamenta o ter o poeta passado a sua infancia em Coimbra.	Sá de Miranda, *Carta a Pero Carvalho; Agiologio Lusit.* t. I, p. 32; Cam., Canção IV.—Diogo Fernandes, Dedicatoria da ed. de 1616.	Pg. 57, 63, 69, Nota 3.
1537	Faz-se a reforma dos Estudos em 1537; era aos *doze annos* de edade que se entrava para Santa Cruz de Coimbra. Camões é interno no Collegio de S. Miguel, dos *Estudantes honrados pobres.* A principal fidalguia frequentava as escholas de Santa Cruz, e d'aí datam as valiosas relações do poeta.	*Carta* de Ayres Barbosa.—D. Nicolau de S. Maria, *Chron. dos Regrantes*, p. 413,—*Ib.*, t. II, p. 300.	Pg. 105, 70, 74 e 75.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1539	Dom Bento de Camões é eleito Geral de Santa Cruz de Coimbra em 5 de Maio; e por Carta de 15 de Dezembro, nomeado Cancellario da Universidade. —A *Elegia á Paixão de Christo*, foi dos primeiros trabalhos poeticos de Camões, dedicando-a a seu tio. N'esta epoca traduz e commenta os *Triumphos* de Petrarcha.	Jorge Cardoso, *Agiol. Lusit.* t. I, p. 41. — *Chron. dos dos Coneg. Reg.*, liv. x, p. 290. — *Ms.* de Luiz Franco Correia, ed. Jur. Soneto 349 e Elegia 29.	Pg. 83, 85, 88.
1542	O Duque de Bragança Dom Theodosio hospeda-se em Santa Cruz de Coimbra, vindo da romaria de S. Thiago. Camões acabava os estudos, e dedica-lhe dois Sonetos. N'este anno vae para a côrte. André Falcão de Resende chama-lhe *bacharel latino.*—O *Auto dos Amphytriões* foi escripto para os folguedos escholasticos.	*Chronica dos Coneg. Regrantes*, t. II, p. 298. Camões, Sonet. 21 e 227, e Sonet. 133. — Carta I da India, alludindo aos *trez mil dias.* *Obras* de Falcão de Resende, p. 283.	Pg. 99, 114, 101.
1543	Frequenta Camões os serões poeticos do paço, escrevendo a pedido das damas da Infanta D. Maria. Compõe uma *tensão* ao episodio de *Miraguarda*, do *Palmeirim de Inglaterra*, que n'este anno trouxe de França Francisco de Moraes. Envolve-se nas intrigas amorosas do paço, como se vê pelo epigramma a Jorge da Silva, *Perdigão perdeu a penna*, etc. El-rei Dom João III pedia-lhe versos, como se vê pelo *Não quero, não quero, Jubão amarello.*	Camões, *Sonet.* 133. *Palmeirim*, cap. 60, 71.— *Quarta Parte das Familias nobres de Portugal* — Silvas. — Carta II de Camões. D. Marcos de S. Lourenço, Commentarios ined. ap. Juromenha.	Pg. 118, 121, 125, 123.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1545	Escreve Camões a Comedia de *El-rei Seleuco*, representada em casa de Estacio da Fonseca, enteado de Duarte Rodrigues, reposteiro de D. João III. Primeiro motivo da perseguição de Camões. — Os amores com D. Catherina de Athayde, filha de D. Antonio de Lima e D. Maria Bocca Negra.	Allude á moeda dos *basarucos* (sambarcos). *Nobiliario Ms.* de D. Antonio de Lima. — Ecloga XV, rubrica; *Acrostico* dos ineditos de Faria e Sousa; Soneto III. — *Epithaphio* XXII de Caminha. — Papeis de Fr. João do Rosario.	Pg. 164, 139, 140, 142.
1546	Desterro para fóra da côrte por se tornarem publicos os seus amores. — Dirige-se a Coimbra, para visitar seu tio D. Bento de Camões, mas demora-se na aldeia de Pugnete. Não chega ao seu destino, porque D. Bento de Camões morre a 2 de Janeiro de 1547.	Tradições em Mariz, Severim de Faria, D. Marcos de S. Lourenço. — Camões, Ecloga III, Carta VII. — Canção XIII, Elegia I, e Ecloga II.	Pg. 145, 166, 171.
1547	Espalha-se a noticia do cerco de Mazagão em Africa; Camões resolve acabar n'essas expedições o seu desterro. — Aporta na ribeira do *Boyna*, no Algarve. Demora-se *dois annos* em Ceuta. Perde em uma surpreza dos arabes o *olho* direito.	Chiado, *Pratica de Outo figuras;* Jorge Ferreira, *Ulyssipo;* Camões, Canção XVI, Elegia II, Carta em redondilhas — Confidencia de D. Catherina, mulher de Ruy de Miranda Borges. — Canção XI, Carta I da India. — Epigramma CX. — Ele-	Pg. 171, 175, 180, 182.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
		gia de Ceita a um seu amigo, *Ms.* de Luiz Franco, fl. 2 v.	
1550	Em 1549 foi nomeado Vice-Rei da India Dom Affonso de Noronha. Camões regressa a Lisboa, e alista se para ir como soldado para a India na Náo *S. Pedro dos Burgalezes.* A náo arriba desarvorada, e Camões não segue viagem. Espera no favor que o Principe D. João ligava aos poetas Quinhentistas. Morava á Mouraria com seus paes.	Registo da Casa da India, visto por Manoel de Faria e Sousa, no alistamento de de 1550. — Carta I, falla das suas grandes esperanças.	Pg. 181, 183.
1552	Na procissão de Corpus Christi fere Gonçalo Borges, moço dos arreios de el-rei D. João III. — E' preso na cadeia do tronco da cidade. — Antes da prisão toma relações com Jorge do Monte-Mór, que viera a Portugal por occasião do casamento do principe D. João com a princeza D. Joanna. — Compõe o primeiro canto dos *Lusiadas*,estando preso. A publicação das *Decadas* de João de Barros influe na sua concepção.	Carta de Perdão no Livro XX de *Perdões e Legitimações* de D. João III, fl. 296 v. — P. J. Supico, Apophtegmas, Part. I, p. 38, ed. 1761. — Epigramma CXLV de Caminha. — Dom Marcos de S. Lourenço, *Com. ined.* apud Jur.	Pg. 203, 191, 188 e 189.
1553	A 23 de Fevereiro Gonçalo Borges perdoa a Camões a offensa corporal. A 7 de Março é-lhe passada a Carta de perdão e soltura. — A 24 de Março, parte para a India na Náo *S. Bento*,	Carta de Perdão, etc. — Soneto 190, Luiz Figueiredo Falcão, *Indice de toda a Fazenda*, p. 165. — *Lus.*	Pg. 204, 208, 210, 219, 226.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	substituindo Fernando Casado. Seu pae reside em Lisboa, mas foi-lhe fiador seu tio Belchior Barreto. — Chega a Goa em principio de Setembro d'este anno, (ou segundo Perestrello, na entrada de Fevereiro do anno seguinte). Em Novembro acompanha o Vice-rei D. Affonso de Noronha na expedição contra o Chembé, regressando a Goa depois de dois dias de combate. Vive na intimidade de D. Antão de Noronha.	c. v, est. 3, Sonetos 158, 139, 193; Canção XI, Elegia III. Registo da Casa da India visto por Faria. — *Comm.* de D. Flaminio. *Relação* de Mesquita Perestrello. *(Hist. trag. maritima)* — Carta I. Ode XIII.	
1554	Acompanha a Armada com que D. Fernando de de Menezes saiu de Goa, indo esperar junto do Monte Felix as Náos do Achem; em Abril a armada deu á vela pelas costas da Arabia, ancorando junto á fortaleza de Dofar. D'ali correndo toda a costa, dobraram o cabo de Rosalgate; chegados a Mascate, D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rei entrega a Armada a Manoel de Vasconcellos. A 23 de Septembro de 1554 succede a D. Affonso de Noronha D. Pedro de Mascarenhas.	Canção x. Apoiado por todos os biographos.	Pg. 227, 229.
1555	Logo a 15 de Junho, morto o viso-rei pela sua avançada edade, succede o joven e severo Francisco Barreto. Camões escreve o Auto de *Filodemo* para celebrar a nomeação, e uma Satyra	*Ms.* de Luiz Franco, rubrica do *Filodemo*. Sonet. de João Lopes Leitão. — *Satyra do Torneio.*	Pg. 237, 239.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	nas festas da successão do Governador, que lhe provoca novas inimisades em Goa.		
1556	Parte Camões para a China, mandado por Francisco Barreto com o cargo de *Provedor-Mór dos Defunctos e Ausentes de Macáo*, com o fim de regular a arrecadação das heranças dos commerciantes portuguezes ali fallecidos. Parte na armada capitaneada por Francisco Martins, em Março. — Demora-se em Macáo, e compõe na aldeia de Patane os primeiros *seis cantos* dos *Lusiadas*. — Morre em Lisboa D. Catherina de Athayde.	Determina-se a partida pelas *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto. — Regimento do Thesoureiro dos Defuntos. — Manoel Correia, e o Commentador da edição dos *Piscos*. — Livro das Moradias da rainha D. Catherina. Caminha, Epitaphio 22.	Pg. 241, 245, 249, 257.
1558	Terminados dois annos de serviço em Macáo, vem preso para Goa, por ordem de Francisco Barreto por intrigas dos que o odiavam; vem responder ás accusações que lhe faziam da sua administração no Cargo de Provedor-Mór dos Defuntos. Naufraga na Costa de Camboja, na Cochinchina; perde toda a sua fazenda, e salva-se a nado com o manuscripto do seu poema. Na foz do Mecon, escreve as *Redondilhas* paraphrasticas. Chega a Goa quasi nos ultimos tempos do governo de Francisco Barreto e é mettido na cadeia. Só em Goa é que sabe da morte de D.	Manoel Correia, *Comm.* ás est. 81 e 128 do Canto VII dos *Lusiadas*. — *Lus.* c. VII, est. 80. *Ibid.* ed., de 1584. — *Redondilhas*. — Soneto 172, 19. — Ecloga IV. O Convite.	Pg. 251, 253, 256, 262.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	Catherina de Athayde. Succede a 3 de Septembro no governo da India D. Constantino de Bragança, que o põe em liberdade. Dá o celebre banquete de trovas, em que figura Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, etc.		
1559	Camões inverna em Goa, sabe da morte do seu intimo amigo D. Alvaro da Silveira, no desastre de Baharem.—Allude ás parcialidades dos que maldiziam o governo de D. Constantino de Bragança.	Elegia, no *Ms.* de Luiz Franco.—Outavas.	Pg. 277.
1560	Allude ao successo de Janafapatão, uma das glorias de D. Constantino de Bragança.	Outavas.	Pg. 279.
1561	Chega a Goa D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, como Vice-Rei. Era cunhado de D. Guiomar de Blasfet, e lembra-se das antigas relações da côrte, dando-lhe versos para glosar.—Camões ajuda o Vice-Rei no despacho dos Feitos.—Miguel Rodrigues Coutinho, por alcunha *Fios Seccos*, prende Camões por dividas.	*Motte que lhe mandou o Vice-Rei* (Redondilhas.) Carta do Vice-Rei (apud. Juromenha).	Pg. 280, 281.
1562	Perto de Dezembro, quando o Vice-Rei ia assentar pazes com o Çamorim, Camões requer para que o mande soltar.—Camões não acompanha a expedição.	Epigramma e Requerimento.—Elegia xx a Dom Tello de Menezes.	Pg. 282, 273.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1563	Invernando em Goa, intercede para com o Vice-Rei a favor da pobreza de Heitor da Silveira.—Publica o celebre Garcia d'Orta o livro dos *Colloquios dos Simples e Drogas*, recommendado por Camões ao Vice-Rei.	Trovas de Heitor da Silveira e Ajuda de Camões. — *Nobil.* de D. Luiz Lobo, fl. 238. — Ode VIII.	Pg. 285, 290.
1564	Morre em Fevereiro Dom Francisco Coutinho; n'este periodo obscuro da vida de Camões é que se colloca a hypothese da viagem de Camões a Malaca e ás Molucas. — Em 3 de Setembro chega a Goa D. Antão de Noronha, como Vice-Rei; era amigo intimo de Camões, e nomeia-o para a sobrevivencia da Feytoria de Chaul para entrar na posse effectiva na primeira vagatura. — Occupa-se em recolher as suas poesias lyricas com o titulo de *Parnaso*.	Canção VI. Ode XIII. — Alvará de Philippe II de 1585.	Pg. 292, 295 .
1567	Acompanha Pedro Barreto quando foi occupar a Capitania de Moçambique. — Quebram as relações, exigindo Pedro Barreto a Camões duzentos cruzados.	Biographos *passim;*	Pg. 296.
1568	Celebra a victoria de D. Leoniz Pereira na defeza de Malaca contra o Achem, talvez a causa do odio de Pedro Barreto. — Vive em Moçambique tão pobre que comia de amigos, trabalhando nos *Lusiadas*.	Soneto CCXXVII; Couto, *Decada* VII.	*Ib.*, 297.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1569	Arriba a Moçambique a armada em que voltava para o reino Dom Antão de Noronha; protegem Camões, dão-lhe roupa e pagam-lhe a passagem para o reino Heitor da Silveira, Diogo do Couto, D. João Pereira, D. Pedro da Guerra, Ayres de Sousa de Santarem, Manoel de Mello, Gaspar de Brito, Fernão Gomes da Gram, Luiz da Veiga, Antonio Cabral, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão e Lourenço Vaz Pegado. Regressa na Náo *Santa Clara*. Morte de Simão Vaz de Camões.	Couto, *Ibid.*, — *Descripção da Peste Grande*, ap. Dr. Ribeiro Guimarães, *Summ.* t. II, p. 160.	Pg. 298, 305.
1570	A 7 de Abril chega a Lisboa a Náo *Santa Clara*, depois da *Peste Grande*. — Segundo Diogo do Couto, Camões trazia os *Lusiadas* para os imprimir no reino; soffre immensas delongas. Consegue apresentar a D. Sebastião o *Ms.* do Poema, por intervenção de D. Manoel de Portugal.	*Indice de toda a Fazenda*, de Falcão. *Lusiadas*, cant. x, est. 8, 9, 145. — *Ib.*, est. 154. — Ode VII.	Pg. 299. 312.
1571	Alvará de 23 de Setembro concedendo a Camões o privilegio da impressão dos *Lusiadas*. Depois d'esta data é que o livro foi admittido á censura.	Ed. de 1572.	Pg. 315.
1572	A 12 de Março sáem os *Lusiadas* da Censura do Santo Officio, aprovados pelo P.e Bartholomeu Ferreira, e talvez pelas relações de amizade com os Frades de S. Domingos. — Em princi-	*Ib.*, Manoel Correia, *Comm.* á Est. 71 do Canto IX. — *Arch. Nac.*, Liv. XXX de D. Sebastião, fl. 86. — Ber-	*Ib.* 317, 325, 322, 326, 327, 329, 330,

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	pio de Julho sáem a lume os *Lusiadas*, por isso que a 28 d'este mez foi concedida a Camões a tença de 15$000 reis durante tres annos, pelo *«seu engenho, e habilidade e sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India.»* Camões é censurado pelos poetas contemporaneos por usar de neologismos. — Pero da Costa Perestrello rasga o seu poema do *Descobrimento de Vasco da Gama.* — Camões pede a Diogo de Couto e a Manoel Correia Montenegro que o defendam. — Frequenta por pouco tempo a côrte; celebra o regresso de D. Luiz de Athayde, e o apparecimento do livro de Manoel Barata. E' por este tempo que lhe roubam a collecção das suas poesias lyricas intitulada *Parnaso*, que veiu a parar na mão de Estacio de Faria. Magalhães Gandavo louva Camões.	nardes, Carta IV. — Faria e Sousa, *Index dos Authores portuguezes.* — Carta de Diogo de Couto de 1611. — Soneto CXLIV, LIX, LXIV, CLXXXVII. Diogo do Couto, Decada VII, Faria e Sousa, *Comm.* — *Dialogo em defeza da lingua portugueza.*	333, 352.
1575	Acabados os tres annos da miseravel tença, alcança a Apostilla de 2 de Agosto, que lhe concede tres annos mais, não chegando comtudo a receber cousa alguma este anno, por não estar assente no Livro da Fazenda. Allude á primeira expedição d'Africa.	*Arch. Nac.* Livro XXXIII das Doações de D. Sebastião, fl. 299. — Elegia XI, Elegia XIX.	Pg. 348, 350.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1576	Alcança a Ementa de 22 de Junho para que se lhe pague a quantia que lhe pertence.—Offerece a El-rei Dom Sebastião as Outavas III, quando o Papa lhe mandou a Seta.—Louva Magalhães Gandavo, pela sua *Hist. da Provincia de Santa Cruz.*	*Ibid.* Livro II das *Ementas*, fl. 145. Elegia IV.	Pg. 348, 352.
1577	André Falcão de Resende dirige-se a Camões alludindo á indifferença que havia na côrte pelo poeta.—Herrera em Sevilha, e Tasso em Roma admiram Camões e procuram exaltal-o. A causa d'esta indifferença de Camões na côrte, explica-se pela morte da Infanta D. Maria, e pela ausencia de D. Manoel de Portugal, embaixador em Castella.	*Obras* de Falcão de Resende, p. 289 a 292.—Ode VI de Camões; obras de Herrera, p. 237, 443.—Tasso, Soneto 384.	Pg. 353 a 355, 356, 359.
1578	Celebra a benção do Estandarte com que se havia entrar na campanha de Africa.—Bernardes é preferido para acompanhar D. Sebastião e cantar o seu triumpho. Em 2 de Junho d'este anno é passada uma nova Apostilla nas costas do Alvará da tença de 15$000 reis, talvez para contentar o poeta por ter sido recusado.—A 4 de Agosto é a derrota de Alcacer-Kibir; o poeta condemna a cobardia do exercito. Em volta de Camões agrupa-se o partido nacional.	Sonetos CCCLI e CCXLIII.—Faria e Sousa, *Comm. ás Outavas* III. D. Francisco Manoel, *Apologos Dialogaes*, p. 202 a 204.—Liv. 33 das Doações de D. Sebastião, fl. 119. Soneto CCCXLVI.—Elegia X.	Pg. 362, 363, 369, 371.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1580	A 26 de Março já estava prompta para a impressão a versão castelhana dos *Lusiadas* por Benito Caldera.—Na versão da Tapia, já se allude a entrada do exercito de Phillippe II em Portugal.—Camões escreve a D. Francisco de Almeida despedindo-se da vida.—Morre a 10 de Junho em uma casa pobre na rua de Santa Anna, n.º 52 a 54.	Licenças e Advertencia. — Edição das *Lusiadas* de 1626, na dedicat. Livro III das *Ementas*, fl. 137. Frei Francisco de St. Agostinho Macedo, e Juromenha, *Obras*, t. I, p. 149.	Pg. 374, 375, 376.
1582	A 31 de Maio, mandou Philippe II, que quando entrara em Portugal perguntara por Camões, que se desse a D. Anna de Sá, muito velha e pobre, 6$000 réis da tença que pertenceu a seu filho.	*Arch. Nac.* Liv. XLV de Doações de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 338.	Pg. 389.
1584	A 17 de Novembro é pago a D. Anna de Sá o saldo da pensão vaga por morte de seu filho.	*Ibid.* Liv. III das Ementas, fl. 137.	Pg. 390.
1585	A 5 de Fevereiro é inteirada a tensa dos 15$000 reis a D. Anna de Sá, mãe de Camões.	*Ib.* Liv. XI das Doações de Filippe I, fl. 132.	Pg. 391.

NOTAS E EXCURSUS

Pelo processo feito no Santo officio........ p. 22, e p. 392.

Anno do nasc. de 1541, 18 de Septembro, em Lisboa, o Inquisidor João de Mello; appareceu Gonçalo Annes, sapateiro de Trancoso, etc. «E por elle foi dito que era verdade, que haverá tres annos, pouco mais ou menos, que elle viera a esta cidade (Lisboa) negociar algumas cousas, e pousara em casa de João Cansado ourives da rainha nossa senhora (D. Catherina) e que muitos christãos novos souberam como elle estava n'esta cidade, e que estando elle Gonçalo Annes um dia, em casa de um alfaiate seu amigo, se chama Luiz do Valle, que vive defronte de N. S. da Conceição, viera um Christão novo, a saber João Lopes o caixeiro que mora na Rua nova d'El-rei, e o convidara que fosse lá com elle, e elle fôra e acabado de comer, que era já de noite, trouvera elle João Lopes um livro, que parecia *Brivia* em linguagem, o qual liuro tocava ás vezes em cousas da Brivia e ás vezes em outra cousa que elle não entendia e que elle dissera logo, que lhe parecia aquillo grosa do Talamud, e que aquillo não tinha auctoridade nenhuma, porque não estava na Sagrada Escriptura, e que então elle João Lopes não dissera nada e se calara. E que sua mulher dissera: Não fales n'essas cousas, que bem sabes que vos pode vir mal n'isso, e que então elle Gonçalo Annes lhe começara a dizer algumas trovas graciosas, d'el-rei nosso Senhor, que elle fizera em louvor do Senhor Deus e d'El-rei. Item. perguntado que rasão tinha o dito João Lopes de o ir buscar, e de o convidar e logo lhe amostrar o Talamud, sem primeiro se descubrir um ao outro seu coração e seu proposito donde viesse a confiar d'elle, e lhe mostrara um liuro tão prejudicial

como aquelle, mormente estando aqui a Inquisição como estava, disse: Que haverá dez annos, pouco mais ou menos, que elle Gonçalo Annes viera a esta cidade e pousara com um João de Bilbis, mercador que pousava na rua nova dos Mercadores, christão novo, e que estivera em sua casa bem 30 e tantos dias, até que se fora, e que trazia comsigo liuro, que está em poder d'elle Inquisidor, e que d'ali o dito João Lopes o conhecia, por aquelle tempo lhe vir vêr aquelle liuro, e lhe vinha perguntar a declaração das trovas, a saber d'alguma d'ellas; que lhe diziam que queria dizer:

> Um grande Leão se erguerá
> E dará grande bramido,
> Seu brado será ouvido,
> A todos assombrará.
> Correrá e morrerá
> E dará grande bramido (*bis.*)
> ....
> E fará mui grandes damnos
> Grandes reis dos arianos
> A todos sojugará.

E que lhe perguntava por a declaração d'esta trova, a qual lhe declarou segundo está no dito liuro declarado, o qual liuro está em poder d'elle Inquisidor. E que assim o dito João Lopes e assim um Francisco Mendes de Setubal, como outras pessoas christãs novas que não conhecia nem sabe os nomes lhe perguntavam pela declaração desta e das outras trovas, o que elle fez, que vão adiante d'esta que tem dito, que é a primeira da obra que fez, d'el-rei nosso senhor. E assim lhe perguntaram os sobreditos, sobre o Leviatão, que era e gosavam-se muito de dizer e perguntar sobre dizer que brincava com elle como com passarinho, e que elle Gonçalo Annes as entendia bem, porque o perguntavam em outra má tenção, a qual (trova) lhe elle declarára, segundo se contem no dito livro, e resposta que mandou ao dito João Cansado, com uma Carta do proprio Francisco Mendes. E que d'estas pessoas e d'outras muitas, com quem elle falou a que não sabe o nome, dá por testemunhas, a Pero Gonçalves alfaiate, christão velho, que vive á rua de Mata-porcos, e assim a João Ferreira tosador, christão velho, que vive defronte do dito Pero Gonçalves, e ao dito João Cansado. E que era verdade que uma Carta que lhe mandara Francisco Mendes de Setubal, que elle Gonçalo Annes levara o trelado d'ella e que a propria ficara ao dito João Cansado. Item, perguntado se mais alguns christãos novos lhe perguntaram por a

declaração das trovas, ou lhe fizeram outras algumas perguntas, por lhe parecerem pessoas suspeitosas e duvidosas da fé, disse que lhe não lembrava agora mais pessoas que dito tinha. E que elle não dissera isto aos Inquisidores, porque esperava que a Inquisição fosse á sua terra, para lá, em Trancoso dizer tudo isto aos Inquisidores, e que tambem por não saber as culpas, que havia de dizer na Inquisição. Item, perguntado se lhe lembrava mais de alguns christãos novos, que passassem mais alguma cousa sobre estas trovas, ou outra alguma cousa, disse que lhe não lembrava mais nenhuma outra pessoa, sómente um christão novo, velho, natural d'Evora, que este andava em companhia dos ditos João Lopes e Francisco Mendes, e lhe perguntava muitas perguntas, o qual diziam que era mercador, homem velho e seco, e que ia comer a casa de João Rodrigues, sangrador da rainha Nossa Senhora, e que era verdade, que era mais lembrado, que os sobreditos João Lopes e Francisco Mendes, lhe perguntaram se lêra na Sagrada Escriptura, que as Tribus haviam de vir, e que lhe elle Gonçalo Annes lhe respondera, que estava um dito de Jacob, e que ouvira prégar a um mestre Gaspar allegando com esta auctoridade de Jacob que havia de vir o Antechristo, da tribu de Dan, e que estes estavam encerrados até que o Senhor os soltasse para d'aí vir o Antechristo, por que diz o texto: «Tu Dão, cobra sarás, que andes por tral-os valados como sorrateiro, que mordes o cavallo, e matas o cavalleiro;» e em a sua salvação espero o Senhor. Item, perguntado se os sobreditos lhe replicavam, ás auctoridades que lhe elle declarava, ou recebiam suas declarações, disse que lhe parecia que elles recebiam suas declarações, e que se íam, e porém lhe parece que íam duvidosos nas declarações que elle Gonçalo Annes declarava por o que lhe disse Mestre Gaspar. E disse mais elle Gonçalo Annes, que era verdade que estando elle em Trancoso, haverá tres ou quatro annos, ao que se achara em verdade, viera a elle um Heitor Lopes, Christão novo, tosador, que vive na dita villa de Trancoso, e lhe dissera, que aquelle seu livro das Trovas, andava já velho e roto e que elle lh'o queria mandar traladar em muito boa letra, e que elle Gonçalo Annes lho dera para o mandar tralar em muito boa letra, e que então levara o dito livro e então traladou as ditas Trovas em boa letra, e tanto que o teve treladado, se partira com elle e dera comsigo em Lisboa, e em Evora, e lhe deixara o seu livro, e elle Heitor Lopes trouvera o trelado, e andou cá mostrando a quem quiz, e que elle Heitor Lopes escrevêra de cá a Tran-

coso e tambem o lá disse, que lhe tomara o dito livro um Mestre Affonso de Medina, prégador, que andava na Conciencia, e lhe não dera mais; e que d'esta maneira se enchera a terra das ditas Trovas, e disse mais que haverá um anno pouco mais ou menos, que estando elle testemunha em casa de Manoel Alvares, christão novo, morador em Trancoso, com outras muitas pessoas, vieram a falar em nosso Senhor e que a mulher do dito Manoel Alvares dissera: «Dizei, rogo-vol-o, ha ainda de vir o Mixias, porque dizem que hade vir ou veiu já?» E que então respondera o dito Manoel Alvares, mercador: «Já veiu, e vós sois doida em falar isso.» E que sua mulher dissera: «Que em tempo dos Judeus ouvia dizer que havia de vir o Mixias.» E disse que era verdade, que todos os christãos novos de Trancoso lhe perguntavam pela declaração de suas Trovas, e elle lhe as declarava e amostrava e as grosas d'ellas, e quando viam a grosa, não curavam mais de lhe perguntar d'ellas nada. E disse mais elle Gonçalo Annes, que era verdade que haverá trez ou quatro annos, ao que se achou na verdade, que um christão novo de Castello Branco ou da Covilhã, que se chama Vargas, fôra ter com elle a Trancoso, a sua casa, estando com elle Gonçalo Annes, com João Fernandes Vinhateiro, e que lhe dissera o dito Vargas, christão novo, homem velho, que elle Gonçalo Annes sabia muito da Brivia, segundo lhe diziam, que elle vinha a disputar com elle, e que elle se puzera a falar com elle Gonçalo Annes em muitas cousas da Brivia, até que elle o fez calar e lhe disse elle Gonçalo Annes: «Confessaes isto, e não é como vós outros cuidaes, e elle dissera = Confesso = e que elle lhe dissera: — Pois crede-o — e elle dissera: Eu creio o que creio = e que então se fôra, e que d'isto era testemunha o dito João Fernandes. E disse mais elle Gonçalo Annes, que era verdade, que haverá dois ou tres annos pouco mais ou menos, que estando elle testemunha em a dita Villa de Trancoso, fôra ter aí com elle Filelfo, e que elle Gonçalo Annes estava a este tempo, que Filelfo lá foi, na cidade da Guarda, e lhe dissera: que elle ouvira dizer que Gonçalo Annes tinha um Livro de que tirava todalas cousas, que lhe desse o signal d'elle ou onde o tinha, por que d'aquelle dia até o outro dia ao meio dia, havia de ser seu o dito livro. E que elle lhe dera os signaes d'elle, o qual era um Avangeliorum. E que o dito Filelfo se erguera então, e fôra para outra casa, e tornara e dissera, que elle não tinha outro livro nenhum, somente um, o qual era muito bom Liuro e de cousas santas e de Deos, e al não disse. Item. perguntado se algumas vezes

dava algumas declarações, conforme as vontades e desejos das pessoas que lhe vinham perguntar, ao menos pera comprehender d'elle sua tenção, ainda que não fossem conformes em serviço de Nosso Senhor, disse que se elle tal fizera, segundo o animo que conhecia d'elles christãos novos, que lhe perguntavam, que elle Gonçalo Annes fôra rico e abastado, mas que queria mais sua pobreza em dizer a verdade, e o que cumpria á sua consciencia, que não dizer outra cousa. Item, perguntado d'onde alcançara elle este saber entender da Brivia, e as cousas da Sagrada Escriptura, e da Brivia, disse que elle tinha uma veia de fazer trovas, e que teve grande memoria, e lêra por muitas vezes em uma Brivia em linguagem, a qual leu por outo ou nove annos, pouco mais ou menos, e esta Brivia era de um João Gomes de Grão, escudeiro, natural de Trancoso, a qual Brivia agora tem o Marichal, e por elle ter grande memoria, casi lhe ficou as principaes partes na cabeça. E quando lhe mandam perguntar alguma pergunta, e lhe esquece, vae a casa do Doutor Alvaro Cardoso, e assim a casa de Bertolameu Rodrigues, clerigo de Trancoso, e que elles a leem per latim na Brivia, e lha declaram em linguagem, e que d'esta maneira sabe o que dito tem. Item perguntado que livros tinha em linguagem, disse que não tinha senão um Avangeliorum e um Salterio, que lhe emprestaram, e livros de resar em linguagem, e que outro livro nenhum em linguagem, e al não disse. Antonio Rodrigues, Notario da Santa Inquisição o escrevi. Gonçalo Annes.

SENTENÇA

«Accordam os deputados da Santa Inquisição, que vistos estes Autos, e como por elles se mostra, Gonçalo Annes réo, ser amigo de novidades, e com ellas causar alvoroço em christãos novos, escrevendo Trovas, que por falta de declaração se entendiam em outra maneira, e não segundo sua tenção, dando outrosim declarações a muitas auctoridades da Sagrada Escriptura, e respostas de semelhantes cousas, sem letras, o que não carece de suspeitas, com o mais que pelos Autos se mostra, havendo-se porém respeito á qualidade de sua pessoa vida e costumes, mandam que publicamente declare sua tenção acerca das Trovas que tem feito, segundo se lhe dará por apontamento, e que d'aqui por diante se não intormetta mais a responder nem escrever em nenhuma cousa da Sagrada Escriptura, nem tenha nenhuns livros d'essa mesma, salvo sendo

*

o Flos Sanctorum, o Evangeliorum sómente, e fazendo o contrario será castigado como o caso merçcer, e se publicará que qualquer pessoa que tiver as ditas Trovas as apresente á Santa Inquisição dentro de tres dias, que vier á sua noticia e o puder fazer. O Bispo de Angra, Frater Georgius de Santo Jacobo, Antonius, João de Mello, Didacus, Mendus. Foi publicada e escripta a sentença em Lisboa aos tres dias do mez de Outubro, de 1541 annos, no cadafalso da Ribeira, onde se fez o Auto da Fé da Santa Inquisição, estando presente o sapateiro Gonçalo Annes de Trancoso, que ouviu a dita Sentença e cumpriu o n'ella contheudo, e fez a dita declaração e leu o que lhe foi mandado. Jorge Coelho, o escrevi.

DEPOIMENTOS

«1.º Em 31 de Maio de 1541, Jorge Fernandes, Christão novo; sabia por Pedro Alvares, mercador d'Evora.

2.º A 29 de Maio de 1541, João Fernandes Sapateiro, «disse que vira mais coplas do Sapateiro de Trancoso, e disse mais elle João Fernandes vira uma carta que mandara a Luiz Dias, que lhe mandara um Manoel Ferreira, etc. e que o dito Manoel Ferreira lhe mostrara estas Trovas, as quaes trovas elle sabe algumas de cór.»

Processo da Inquisição de Lisboa, n.º 7197. Devemos esta cópia ao ex.mo snr. João Basto.

Vasco Pires de Camões foi um dos fidalgos do principio do seculo XV que mais medrou com os sacrificios pela causa de el-rei Dom Fernando; etc....... (p. 45.)

Abundam os documentos que levam este facto á evidencia; citamol-os aqui pela sua ordem chronologica:

1.º Carta de 15 de Março de 1373 (de Villa Nova d'Anços) em que se concede a Vasco Pires de Camões a mercê da Quinta do Judeu no termo de Santarem.

2.º Carta de 15 de Março de 1374 (de Santarem) conferindo-lhe os bens de um tal Vasco Pires, do Chão de Couce, porque andava servindo na parcialidade de Henrique de Castella.

3.º Carta de 15 de Abril de 1378 (de Vallada) concedendo-lhe o juro e herdade da Quinta de Gestaçó, Casaes e herda-

des em Evora-Monte, Avis e Extremoz, que haviam pertencido á Infanta D. Beatriz.

4.º Carta de 28 de Fevereiro de 1379 (de Villa Nova da Rainha) fazendo-lhe mercê de certas terras de Monte-Mor-o-Novo, que pertenceram á mesma Infanta.

5.º Decreto de 7 Junho de 1380, nomeando-o Alcaide mór de Portalegre, tendo já sido agraciado com o Senhorio do castello de Alcanede, Villas de Sardoal, Punhete, Marvão e Amendoa.

Depois d'estas immensas liberalidades, o Mestre de Avis confiscou-lhe uma grande parte dos seus bens, por:

—Carta de 15 de Março de 1384 (de Lisboa) dá o Mestre de Avis ao seu criado Gil Affonso, parte dos bens que pertenceram a Vasco Pires de Camões.

—Carta de 20 de Maio de 1384, dá o Mestre de Avis á Alvaro Francisco Rego, de Alemquer, umas casas que possuia em Lisboa Vasco Pires de Camões.

(Vid. *Alemquer e seu Conselho*, por Guilherme João Carlos Henriques.)

De Simão Vaz de Camões restam bastantes documentos historicos... (p. 58.)

Infelizmente os documentos apresentados na edição das Obras de Camões, pelo snr. Visconde de Juromenha, não dizem respeito ao pae do grande epico, mas a um primo, como provamos no texto. Era este Simão Vaz de Camões filho de Duarte de Camões de Tavora, e de D. Isabel Lobo. Eis a lista dos documentos relativos a este homonymo Simão Vaz de Camões, que só casou em 1562, em Coimbra, com Francisca Rebella filha de Alvaro Cardoso, a qual casou depois em segundas nupcias com Domingos Roque Pereira:

—Carta do Corregedor da Comarca de Coymbra de 25 de Junho de 1553, dando conta a el-rei Dom João III do crime commettido pela entrada no mosteiro das Religiosas de Santa Anna.

—Alvará de 12 de Agosto de 1558 perdoando a Simão Vaz de Camões a pena do degredo perpetuo para o Brazil com pregão e cadeado ao pé, a que fora condemnado.

—Alvará de 10 de Dezembro de 1563, isemptando-o de exercer cargos do Concelho, por isso que a este tempo era Procurador do Collegio de Sam Thomaz de Coimbra.

—Alvará de 25 de Março de 1567, não admitindo que Si-

mão Vaz de Camões se excuse de servir de Almotacé quando fosse eleito, apesar da provisão anterior.

—Carta regia de 24 de Março de 1567 ácerca de lhe serem pagos os gastos occasionados pela sua prisão (1553), por isso que se achava em Lisboa tratando negocios da cidade de Coimbra.

—Carta regia de 26 de Janeiro de 1567 concedendo-lhe o privilegio da isempção do cargo de Almotacé.

(Publicados no t. I e V da Edição Juromenha.)

No *Indice e Summario dos Livros e documentos mais antigos e importantes do Archivo da Camara Municipal de Coimbra*, pelo Dr. Ayres de Campos, vem apontados mais estes:

—Vereação da Camara de Coimbra de 31 de Julho de 1563, que determina que apesar de ter casado o *anno passado*, já tinha casa apartada, e devia submetter-se á obrigação do officio de Almotacé.

—Provisão de 16 de Maio de 1576, ácerca de injurias e offensas praticadas por Simão Vaz de Camões e seus criados na pessoa do Almotacé em exercicio.

Estes dois ultimos documentos foram desconhecidos ao snr. Visconde de Juromenha, e se houvesse logrado vel-os, sem esforço concluiria, que o turbulento Simão Vaz de Camões de 1553 e de 1576, casado só em 1562, não podia ser o pae do poeta Luiz de Camões nascido em 1524, cuja mãe, D. Anna de Sá e Macedo, ainda era viva em 1585. De mais no Alvará de Tença a Luiz de Camões, chama-se-lhe em 1572 *cavalleiro fidalgo*, signal que seu pae já a este tempo era fallecido, por ventura pela occasião da *Peste grande* de 1569.

Aqui ficam indicados esses outo documentos, inutilisados para a vida de Camões, mas para ficarem accessiveis a quem quizer discutir de novo e com mais largueza este problema.

Nasceu Luiz de Camões em Lisboa, no anno de 1524; etc..... (p. 60.)

Além do processo achado por Faria e Sousa para fixar a data do nascimento de Camões, ha na Canção XI uma allusão ao anno de 1524, que vem corroborar a inducção de Faria. Falando do desgraçado horoscopo do seu nascimento, escreve o poeta:

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado...

Não é isto uma vaga queixa de um destino sem ventura; no periodo em que se colloca o seu nascimento houve um anno que teve os mais tremendos vaticinios.

De facto o anno de 1524 era prognosticado como para acontecer um grande diluvio. Em um folheto de Cristobal de Arcos, intitulado *Reprobacion nuevamente ordenada contra la falsa prognosticacion del diluvio que dicen que será el año de 1524 por el ayuntamiento y conjuncion de todos los Planetas en el signo Piscis,* se lê na dedicatoria a Carlos v: « Como el autor del Almanac en la tabla del año de 1524 haya dicho y pronosticado que por el ayuntamiento y conjuncion de los planetas todos en Piscis, será una indubitable mutacion... en todo el mundo... hase divulgado por todo el vulgo commumente una adivinanza y opinion que hade ser un muy grande diluvio... *y de esta causa muchos ya tienen señalados montes muy altos donde se suban, otros hacen arcas ó náos, otros casas y baluartes para se escapar de tan gran diluvio; asi que, por asegurar y quitar de temor tantas gentes y naciones, hice y ordené este tratadillo.* » (Vid. Gallardo, *Ensayo de una Bibl. españ.* p. 266.) E' a este desesperado prognostico de 1524, que parece alludir Camões no verso das *Estrellas infelices*, que presidiram ao seu nascimento, como teria ouvido contar mais tarde.

Gil Vicente residia então em Santarem, como vêmos por uma rubrica sua; e esta circumstancia torna admissivel o ter relações intimas com *Simão Vaz de Camões,* que era casado com uma senhora illustre de Santarem...... (p. 65.)

Effectivamente, na *Farça dos Almocreves,* representada em Coimbra, se lê:

Peor voz tem *Simão Vaz*
(Ed. d'Hamb., t. III, p. 207.)

Este nome no Auto é dado a um thesoureiro e capellão, *mas com voz fraca para pedir.* Gil Vicente lembra-se tambem de Santarem, d'onde eram conhecidos:

Que como, Senhor, me ficastes,
(Isto dentro em *Santarem)*
De me pagardes mui bem...

Se d'estes factos se não deduz uma allusão manifesta, então o nome de *Simão Vaz* apparece no Auto por uma coincidencia ainda mais extraordinaria.

Depois do Documento achado no Archivo do Hospital de S. José, encontrámos no Archivo Nacional, ácerca de *Gil Vicente*, documentos de 1482, de 1485, 1486, 1491, 1496, 1513, 1521 e 1525, cujas copias devemos á bondade dos ex.^mos^ snrs. Goes e José Basto. Finalmente, devemos tambem ao nosso amigo José Maria Nepomuceno, o fragmento do Testamento da Rainha D. Leonor, em que se fala em Gil Vicente. Todos estes documentos serão devidamente interpretados em uma monographia. Vid. o artigo das Artes e Letras, intitulado *Gil Vicente e a Custodia de Belem*, vol. II, p. 4 e p. 18.

.... o espirito *nacional*... apesar de todos os esforços tentados pela pedagogia do seculo XVI, não pode ser de todo obliterado na sua alma....... (p. 72.)

Como aristocrata e galanteador no paço, Camões conheceu a tradição dos Cancioneiros do seculo XV, e traz muitos motes que são cantigas velhas.

Em um *Cuaderno de diferentes obras y Romances y coplas differentes*, impresso no seculo XV, a fl. 57, vem um Villancico que começa:

Di Juan, de que murió Bras

(Vid. *Bibl.* de Gallardo, t. I, p. 176.)

Este antigo Villancico vem na Carta II de Camões: «e por que não digaes qne sou herege de amor, e que lhe não sei orações, vêdes, vae huma: *Di Juan, de que murió Blas?* Com um pé á portugueza e outro á castelhana: e não vos espanteis da libré, que eu em qualquer palmo d'esta materia perco o norte; e os supplicantes dizem assi:

Di Juan, de que murio Blas
Tan niño y tan mal logrado?
Gil murió de desamado.» etc.

D. Maria Bocca-Negra, dama da rainha D. Catherina, mulher de el-rei Dom João III, que com ella veiu de Castella...... (p. 139.)

Na *Chronica* de Don Francesillo de Zuñiga, bobo official de Carlos V, ao descrever-se a jornada da rainha D. Catherina

para Portugal, vem a seguinte anedocta ácerca de D. Maria Bocca-Negra: «Don Pedro d'Avila llevaba una bestia menor, que en romance se dice asno, y llevaba una moza de camara que se llamaba *Boca-Negra,* y el requiebro que le decia era:

> N'hora mala os conoci,
> pues por *Boca-Negra* me perdi.
> (Cap. XLIII.)

Jorge Ferreira de Vasconcellos, vivia tambem na intimidade do principe...... (p. 186.)

Faria e Sousa, nos *Comm. ás Rimas,* t. I e II, p. 34, traz este facto: «En el libro que se imprimió en Coimbra el año de 1567, y que sin nombre de Autor se intitula *Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda,* desde el cap. 47 se describen unas fiestas y torneo que hizo el principe Don Juan, hijo del Rey Don Juan el III, y entre los cavalleros que sirvieron en este regosijo se nombra á don Antonio de Noronha, que se combatió com el principe, y se dize del en margen del proprio cap. 47 esto: *Murió en Ceuta á lanzadas, muy mozo, como gentil caballero.*» Portanto, a Novella de Jorge Ferreira ficou inedita desde 1554 até 1567. Jorge Ferreira continuou a sua amisade em Dom Sebastião, filho d'aquelle principe; no n.º 79 do Extracto da Livraria do Conde de Vimeiro, apresentado á Academia de Historia portugueza em 1724, pelo Conde da Ericeira, vem citado: *Obras moraes de Jorge Ferreira de Vasconcellos para direcção da Infancia de el-rei Dom Sebastião, que se compoe de um:* Dialogo das grandezas de Salomão, *e de um:* Colloquio sobre o Psalmo V; *escreveu este liuro em 1550.*» Esta obra é totalmente ignorada, mas basta o seu titulo para ajudar a conhecer as relações de Jorge Ferreira com a côrte.

Frei Paulo da Cruz, mais conhecido pelo nome do *Fradinho da Rainha*.... (p. 186.)

No rarissimo livro de Diogo Pires Cinza, *Vida Morte e Trasladação do invicto Martyr S. Vicente,* fl. 114 v. vem a seguinte rubrica de um poema em cinco cantos: «*Oitavas ao In-*

victo Martyr S. Vicente, feitas pello P. F. Paulo da Cruz, chamado o Fradinho da Rainha.» Na reproducção das Obras de Estevam Rodrigues de Castro, feita por Caminha (Ineditos, t. II, p. 194) pelo exemplar da Bibliotheca de José Pedro Hasse de Belem, vem um mote com a rubrica: « *De Jorge Fernandes, o Fradinho da Rainha.*» Era este o nome que Frei Paulo da Cruz tinha no seculo, e emquanto foi poeta amoroso. De Frei Paulo da Cruz, diz Cinza, com relação ás Outavas a S. Vicente: «que por serem de *Poeta tão celebre* e religioso, é bem cheguem á noticia dos que a tem da poesia; etc.» Frei Paulo da Cruz allude assim ao seu passado poetico, isto é, quando se chamava Jorge Fernandes:

> Seja grato o meu breve *ultimo verso,*
> *Reliquias da esquecida inutil arte*
> *Com que vãmente já folguei menino,*
> *Não de todo infeliz no canto indino.*
>
> (Cant. I, est. 2.)

De Jorge Fernandes, transcrevemos aqui este mote e voltas, que nos revelam o seu caracter lyrico:

> Foste meu bem; mas já agora
> Nem meu, que d'outrem vos vejo;
> Nem bem, que vos não desejo.

VOLTAS:

> Perdido o gosto que havia
> No Amor, perdi o amor
> Por não perder minha dor,
> Pois não sois minha alegria.
> Bem d'outrem meu mal seria,
> Que o que d'outrem em fructo vejo
> Ficará meu no desejo.
>
> Meu, pudereis inda ser
> Segundo em vós vi mudanças;
> Mas quiz perder esperanças
> Por não guardar que perder.
> Já não posso menos ter,
> Que nem vos quero, nem vejo
> Nem espero, nem desejo.
>
> Meu bem cortado em flor,
> Que fostes ou parecestes
> Mas emquanto vós quizestes;
> Bem emquanto quiz Amor.
> Não me daes gloria nem dor,
> Gloria não, que vos não vejo,
> Nem dor, que vos não desejo.

O poema da *Trasladação de S. Vicente* foi escripto talvez por 1616, e por isso sómente o lyrismo de Jorge Fernandes é que teria sido conhecido pelo principe D. João.

A tradição conservada por Faria e Sousa (*), de Camões chamar a Bernardim Ribeiro *o seu Enio*...... (p. 192.)

Nos Ineditos de poetas portuguezes, publicados por Antonio Lourenço Caminha, t. II, p. 245, vem uma Canção com esta rubrica: «*Recitada nos asperos desertos de Libia por um desventurado portuguez*», a qual, pelo sentido, se refere á situação moral de Bernardim Ribeiro. Demais, na estrophe III e V, fala-se em *Aonia:*

> Felicissima ventura me ajuntou
> A um bem, n'esta vida desejado;
> Inquieto destino me apartou,
> Acerbo, peregrino e extranho fado.
> Para a alma, honra e gloria me dotou
> Para viver com ella atormentado.
> Oh ausencia, oh tormento, oh gram cuidado,
> E de um bem apartado tão unido,
> Alternar sequer gosto com desgosto
> Mas quando chego a vel-o sou partido;
> Assim d'annos mal goso uma hora em gosto
> Oh desejada *Aonia,* quando, quando
> Verei comtigo esta alma descansando!

Bernardim Ribeiro, segundo a tradição, tivera a Capitania da Mina em Africa; isto explica a rubrica da Canção, e o sentido da ausencia de *Aonia.* Na estrophe V parece alludir á profissão religiosa de D. Joanna de Vilhena:

> Quando os males de bens são occasião,
> E pelo bem commum só se padecem,
> Quando tanto remedio a tantos são,
> Ainda que com dor, se compadecem;
> Mostrou isto esse ausente coração,
> De que os trabalhos meus se favorecem,
> E por vós os descanços bem merecem,
> Em mil successos, *Aonia,* nos mostrastes
> O animo, o primor, o *christão peito*
> Invencivel valor, de quanto obraste,
> E como em temporal do céo desfeito
> Eterna te fizeste; olha o que monta
> Em toda a perfeição com Deos ter conta.

(*) *Fuente de Aganipe,* Disc. dos Sonet., n.º 4.

Tendo permanecido Camões em Africa, de 1547 a 1549, ali teria pelo menos recolhido a tradição poetica de Bernardim Ribeiro, e só n'este periodo é que podia dar-se o caso de o tratar pessoalmente.

...perdiamos a India, que nos custara tanto sangue... (pag. 218.)

Glosa de RECUERDE EL ALMA DORMIDA *sobre la India de Portugal (de Luiz Franco Correia ?)*

Recuerde la India dormida
ó bon rei con braço fuerte
contemplando,
còmo la tienes perdida,
ó venga quien la despierte
batallando.

Todo lo hemos perder
lo por ganar y ganado,
qu'es peor,
y a nuestro parecer
el menor hecho passado
fue mejor.

Y pues vemos lo presente
de tirano mal regido
y gobernado,
jusgaremos sabiamente
no ser el Rey bien servido.
mas robado.

No se engañe nadie no
piensando que ade durar,
ni Dios lo quiera,
que quien la India ganó
fué con dar y no tomar
por tal manera.

Nuestras vidas son desvios
pera nunca mas pagar
buen servir,
las armas y atabios
venden-se por sustentar
al bivir.

Las pagas no siendo yguales
a los grandes y medianos
y mas chiquos,
cresceu males sobre males
y desto vienen tyranos
a ser riquos.

Dexo las invocaciones
de personas muy discretas
y senhores,
que al Rey con sus razones
lansan agudas saetas
sin temores.

A el pido yo gemiendo
que mire pues no miró
la fieldad,
y nos quiera soccorriendo
remediar lo que perdió
con flexedad.

Esta India es camiño
da vida triste cansada
y de pesar,
el que viene es desatino
no hazer otra jornada
sin parar.

Partimos donde nasemos
andamos siempre y servimos
y gastamos,
la vida y quanto tenemos
y se con razon pedimos
no alcansamos.

Esta tierra buena fue
y sera siempre fiel
si queremos,
de nos guardar la fee
y a otros guerra cruel
como devemos.

Mas el no temer a vós
hizo que sin mas recelo
se mudó
y las guerras entre nos
que pobreza y desconsuelo
se tornó.

Ved con quan poco temor
los nabios mal tratamos
que tenemos,
las galeras, es dolor,
primero que las varamos
las perdemos.

D'ellas por su edad
mas que casos desastrados
que acaesen,
otras por flexedad
nuevas quillas y costados
apodresen.

Dezidme la hermozura
de la armada que a Suez
bien llegara,
no mireis quan sin bintura
sin llegar a la vejez
qual separa.

Las manhas que la pareza
y l'avaricia mortal
sin virtud
nos muestra con sotileza
pera dar dobrado mal
a la salud.

Pues la saugre de los Godos
nos rige con su flaqueza
envelecida,
por quales vias y modos
será nuestra fortaleza
conocida.

Los unos por no tener
por quan baxos y abatidos
los que tienen,
los otros por conocer
que Rumes no son punidos
quando vienen.

Los estados y riqueza
que la India adesora
quien lo duda,
que no pene su alteza
pues de contino empeora,
e no se muda.

Que se cresce la fortuna
al reyno será la rueda
presurosa,
la qual no una vez una,
mas mil mande la moneda
trabajosa.

Pero digo todo pagen
que todo se va a la hueça
con su dueño
mas al rey que no lo engañen
pues se va la vida á priesa
como sueño.

Y los poderes de a cá,
que en victorias ganamos
triumphales,
Dios sabe lo que será,
s'el remedio no cobramos
destos males.

Los plazeres y dulçores
d'esta India trabajada
que tenemos
son llenos de mil temores
de vêr la gente y armada
que perdemos.

Tememos ver nuestro daño
viendo la gente tan suelta
camiñar,
recebendo algun engaño
y que hagan Rumes buelta
sin tardar.

Se fuese en nuestro poder
hazer la vida dañosa
immortal
como podemos hazer
vida no tan peligrosa
en Portugal.

Que diligencia tan viva
tuvieramos toda ora
mui despuesta
la liberdad no cativa,
y la vida mui señora
sin requesta.

Estes grandes codiciosos
que mandan per escripturas
assinadas,
siendo avaros maliciosos
fueran sus buenas venturas
trastornadas.

Y no ha y nada fuerte
a Reis ni a governadores
ni privados
que asi los trata la muerte
como los mucho menores
y mandados.

No hablo de los troyanos
que sus hechos no los bimos,
ni sus glorias,
mas de nuestros lusitanos
que son mas que quantos livros
por historias.

No quiero de otros saber
lo de aquel siglo passado
que fue dello,
diré de nuestro poder
pues no está tan olvidado
como aquello.

Qué daquel gran Capitan
gran Viso Rey y baron,
que se hizieron,
del y su hijo asaleman
por armas y coraçon
fenecieron.

Sus armas y sus meneos,
las gentes fuertes seguras
plazenteras,
que fueron si no deseos
a nuestras desaventuras
lastimeras.

Las su muy luzidas famas,
y nuestros tristes oydos
son dolores,
viendo-nos arder en llamas
de mil fuegos encendidos
de temores.

Que bien se puede notar
destas gentes gobernadas
que trayan,
al tiempo del pelear
siendo contentos pagados
que hazian.

Pues el otro su heredero
Albuquerque que poderes
gobernava,
que Goa e Ormuz primero
y Malaca y sus averes
conquistava.

De moros tan enemigo
tan contrario tan cruel
se mostró,
que nunca temio perigo
y se fama quedó del
mui mas ganó.

Sus dadivas mui sobidas
eran pagas generales
sus tesoros,
eran armas proveydas,
con providos espitales
sin mas oro.

Sus arreos y caballos
eran galeras, nabios
bien armados,
a los Rumes hian buscallos
por no estaren baldios
descuidados.

Pues el otro mas eloquente
que en su vida successor
se llamó,
que mesa tan excellente
y quanto noble señor
n'ella comió!

Tambien era natural
contra moros vivo fuego
en la fragua,
con coraçon muy leal
viejo sin tener sociego
sobre el agua.

Pues al otro muy loable
Siquera, que conocimos
preparado,
logar es que d'esse hable
pues de todos claro vimos
ser amado.

No le vimos mas tesoros
que galeones reales
por la mar,
tomando siempre a los moros
por sueldos mui generales
nos pagar.

Pues los otros dos hermanos
tan queridos y amados
de los Reys
a grandes y a medianos
truxeran mais gobernados
con sus leys.

Son Menezes de bondad
en las armas, tan crecida
y enxalçada,
su muy grande claridad
que no sea mas perdida
ni offuscada.

Pues hechos muy excelentes
te hizieron Conde entre Condes
con mil dones
y tus victorias prezentes
por mas que tu las escondes
dan pregones.

Porque tus claras hazañas
que heziste en las guerras
y en las pazes,
con tan poquitas compañas
bien lo muestran estas tierras
donde jazes.

FINIS.

Cancioneiro ms., de Luiz Franco Correia, fl. 198 v. a 200.

... foi da familia dos Severins, que Luiz de Camões recebeu as primeiras homenagens... (p. 220)

O sobrinho do Chantre Manoel Severim de Faria, Gaspar de Faria Severim, é que mandou gravar o unico retrato authentico, que existe de Camões. Nos *Discursos Varios* se lê: «mas por não carecer d'este premio (uma estatua) no modo em que se permitte a um particular lhe mandou Gaspar de Faria Severim, meu sobrinho, esculpir em bronze o seu natural retrato...» (p. 254.) E citando a inscripção do retrato, continúa: «Chegou porem quarenta e tres annos depois de morto, o bem merecido galardão a suas obras procurando o agradecimento livral-o da adversidade da fortuna e esquecimeuto da morte com este novo genero de estatua, que Gaspar de Faria Severim primeiro lhe levantou, emquanto outros de marmore e de ouro lh'as preparam. Anno de 1622.» — «N'este retrato ficou Camões aventajado a qualquer grande estatua por maravilhosa... porém as estampas tem aquella propriedade da pintura, com a qual diz o mesmo Plinio, que os homens se fizeram eguaes aos Deoses podendo estar presentes em toda a parte, e por beneficio da impressão.» (p. 258.) A gravura foi feita por um retrato que pertenceu a Manoel Correia Montenegro amigo e commentador de Camões, por um *A. Paulus*, e publicou-se em 1624 na edição dos *Discursos Varios* do Chantre Severim. Gaspar de Faria Severim era filho de Francisco de Faria Severim, neto materno de Duarte de Camões da Camara; herdou a casa e officio do seu pae, que era Escrivão da Fazenda de Philippe II: «Foi do Conselho de sua magestade, e Secretario das Mercês e Expediente de D. João IV e Affonso VI; Commendador de Moura na Ordem de Christo, Alcaide Mor na villa de Outeiro, e senhor da Villa de Maquial; no anno de 1659 Gaspar de Faria Severim foi declarado por Luiz XIV Marquez de Sou-

*

re, que dizem lhe pertencia como descendente d'aquella casa; mas isto foi mais por obsequio da sua privança que por indicios que houvesse da realidade; e assim não teve nunca em Portugal tratamento de Marquez, nem foi havido por tal.» (Apud Alão de Moraes.)

Consta, pela tradição, que o poeta escreveu grande parte dos *Luziadas* em uma gruta...... (p. 249.)

Eis o que ha de aproveitavel na descripção da gruta de Macáo, pelo viajante portuguez Carlos José Caldeira: «Assemelha-se muito á celebrada *Penha-Verde, ou quinta de Dom João de Castro em Cintra*, mas contém ainda mais bellezas naturaes. — É um monticulo proximo á margem do porto ou rio interior de Macáo, e quasi a pique para este lado, que fica sobranceiro á povoação chineza de Patane: sobre elle estão lançadas confusamente grandes massas de granito — todas arredondadas nas extremidades, como se nota nas penedias de Cintra. — Esta gruta... fica quasi na parte mais elevada do monticulo, e é formada de tres grandes rochedos: dois separados um do outro, formando duas paredes aproximadamente parallelas, distantes 135 centimetros, em um prolongamento de 332, com a altura de 450; o terceiro assenta horisontalmente sobre estes dois, formando o tecto, ficando bastante saliente para o lado da gruta que olha para o Oriente, e formando como um alpendre.» O *Paiz* (de 1851) n.º 43, 45 e 46. A semelhança da gruta de Macáo com o sitio da Penha Verde de Cintra, explica-nos a sympathia que attrahia Camões, que folgára nos seus annos mais felizes com as damas do paço junto da quinta de D. João de Castro, em Cintra. (Vid. p. 125.)

Hernando Herrera, que elogiava Camões, escreveu uma soberba ode á morte de Dom Sebastião...... (p. 370).

Por lá pérdida del Rei Don Sebastian

Voz de dolor, i canto de gemido
i espirito de miedo, embuelto en ira,
hagan principio acerbo a la memoria
d'aquel dia fatal, aborrecido;

que Lusitánia misera suspira
desnuda de valor, falta de gloria.
y la llorosa historia
assombre con horror funesto i triste,
dend' el Africo Atlante i seno ardiente,
hasta do el mar d'otro color se viste;
i do el limite roxo d'Oriente,
i todas sus vencidas gentes fieras
ven tremolar de Cristo las vanderas.

Ai de los que passaron confiados
en sus cavallos, i en la muchedumbre
de sus carros, en ti, Libia desierta;
i, en su vigor i fuerças enganados,
no alçaron su esperança a aquella cumbre
d'eterna luz; mas con sobervia cierta
s'ofrecieron la incierta
vitoria, i sin volver a Dios sus ojos,
con ierto cuello i coraçon ufano
solo atendieron siempre à los despojos;
i el Santo d'Israel abrio su mano,
i los dexó; i cayó en despeñadero
el carro, i el cavallo i cavallero.

Vino el dia cruel, el dia lleno
d'indignacion, d'ira i furor, que puso
en soledad, i en un profundo llanto
de gente, i de plazer el Reino ageno,
el cielo no alumbró, quedó confuso
el nuevo sol, presago de mal tanto.
i con terrible espanto
el Señor visitó sobre sus males,
para umillar los fuertes arrogantes;
i levantó los barbaros no iguales,
que con osados pechos i constantes
no busquen otro, mas con hierro irado
la ofensa venguen i el error culpado.

Los impios i robustos, indinados
las ardientes espadas desnudaron
sobre la claridad i hermosura
de tu gloria i valor, i no cansados
en tu muerte, tu onor todo afearon;
mesquina Lusitania sin ventura;
i con frente segura
rompieron sin temor con fiero estrago
tus armadas, escuadras i braveza;
l'arena se tornó sangriento lago,
la llanura con muertos aspereza.
cayó en unos vigor, cayó denuedo,
mas en otros desmayos i torpe miedo.

Son estos por ventura los famosos,
los fuertes, los belligeros varones,
que conturbaron con furor la tierra?
que sacudieron reinos poderosos?

que domaron las orridas naciones?
que pusieron desierto en cruda guerra,
cuanto el mar Indo encierra;
i sobervias ciudades destruyeron?
do el coraçon seguro i la osadia?
como assi acabaron, i perdieron
tanto eroico valor en solo un dia?
i lexos de su patria derribados,
no fueron justamente sepultados?

Tales ya fueron estes, cual hermoso
cedro d'el alto Libano, vestido
de ramos, hojas, con cielsa alteza,
las aguas lo crearon poderoso,
sobre empinados arboles crecido,
i se multiplicaron en grandeza
sus ramos con belleza;
i, estendiendo su sombra, s'anidaron
las aves, que sustenta el grande cielo;
i en sus hojas las fieras engendraron,
i hizo a mucha gente umbroso velo,
no igualó en celsitud i en hermosura
jamas arbol alguno a su figura.

Pero elevóse con su verde cima
i sublimó la presuncion su pecho,
desvanecido todo i confiado;
haziendo de su alteza solo estima
por esso Dios lo derribó deshecho,
a los impios i agenos entregado,
por la raiz cortado;
qu'opresso de los montes arrojados,
sin ramos i sin hojas, i desundo,
huyeron d'el los ombres espantados;
que su sombra tuvieron por escudo.
en su ruina i ramos, cuantos fueron
las aves i las fieras se pusieron.

Tu, infanda Libia, en cuya seca arena
murio el vencido Reino Lusitano,
i se acabó su generosa gloria;
no estés alegre i d'ufania llena;
porque tu temerosa i flaca mano
uvo sin esperança tal vitoria,
indina de memoria;
que si el justo dolor mueve a vengança
alguna vez el Espanol corage,
despedaçada con aguda lança
compensarás muriendo el hecho ultrage;
i Luco amedrentado, al mar immenso
pagará d'Africana sangre el censo.

Cancion II. Ediç. de Pacheco, de 1619, p. 149.

... apesar dos mais pacientes esforços das commissões officiaes de 1835 e 1854, chegou-se á conclusão de que é impossivel determinar com verdade a sua sepultura. (p. 397)

Relatorio do Visconde de Monção acerca das diligencias que se fizeram para encontrar os ossos de Camões:

Ill.mo Ex.mo Snr.—Havia tempo que algumas pessoas desejavam fazer uma seria investigação para se acharem os ossos de Camões, quando S. M. El-rei, o snr. D. Fernando, então regente do reino, se dignou pela Portaria de 30 de dezembro de 1854 encarregar os abaixo assignados, de tão honrosa incumbencia e ao mesmo tempo pela repartição das obras publicas lhes foram dados os operarios e instrumentos que fossem necessarios e a junta administrativa do patriarchado na ausencia do ex.mo prelado deu as indispensaveis licenças, tanto para a entrada no convento de santa Anna onde é bem sabido que o poeta fôra enterrado, como para se fazerem as excavações sepulchraes.

Os membros da commissão sabiam, como todos, que os despojos mortaes do grande poeta foram enterrados na igreja de Santa Anna d'esta cidade, e tinham pelos seus estudos litterarios conhecimento do que a respeito da sepultura estava escripto assim nas biographias do poeta, como em outras obras. Sabiam tambem que geralmente se reputava perdido o conhecimento certo do logar da sepultura desde o terremoto de 1755; bem como sabiam que alguns esforços se fizeram para a achar em 1836, e esperavam serem mais felizes, do que entendiam que foram os que n'aquelle anno a procuravam. Mas por isso mesmo que tinham grande confiança no resultado de sua busca, lhes pareceu que nada deviam precipitar, e que lhes cumpria examinar todos os cartorios e papeis onde podessem achar algumas noticias que servissem para os dirigir no seu trabalho.

Como é bem sabido, o convento de santa Anna é fundação da Rainha a snr.a D. Catharina, mulher do snr. rei D. João III, a qual o fez junto a uma ermida da mesma invocação que havia poucos annos tinha fundado a Irmandade dos Sapateiros da Padaria, ficando a ermida provavelmente acrescentada, sendo a igreja do convento. E quando annos depois o snr. rei D. Henrique, então arcebispo de Lisboa, quiz augmentar o numero das freguezias da cidade, de uma porção do que desmembrou da vastissima antiga freguezia de santa Justa, constituiu

uma freguesia de que fez igreja parochial a ermida de santa Anna, igreja do convento.

E como é egualmente bem sabido, a mesma igreja continuou n'aquella qualidade até que em 25 de Março de 1705, se passou o Santissimo para a igreja de Nossa Senhora da Pena, que desde então ficou sendo a igreja parochial d'aquella freguezia.

Foi pois um dos primeiros cuidados da commissão vêr se no cartorio da freguesia acharia alguma noticia que lhe conviesse. Mas infelizmente nada achou, porque o livro mais antigo dos obitos e enterramentos começa no anno de 1588, e portanto só oito annos depois do fallecimento de Camões: não deixou todavia de examinar todo o mesmo livro porque poderia dar noticia da trasladação de que falla Manoel de Faria e Sousa, ou pelas confrontações das sepulturas conhecer-se alguma coisa que podesse ser de utilidade, mas nada absolutamente se achou de quanto se procurava.

Como ha na igreja de santa Anna uma confraria da mesma santa, e poderia ser que a actual irmandade succedesse á antiga dos sapateiros, em cujo cartorio poderia haver importantes noticias, porque foi no principio e continuou por largo tempo a ser a padroeira da igreja, procuramos noticias do seu cartorio, mas logo se achou que a actual irmandade de santa Anna não recebeu a herança da dos sapateiros, nem possue o seu cartorio. Feitas as convenientes diligencias no archivo da actual irmandade de S. Chrispim, e igualmente na torre do Tombo, e no hospital de S. José, tambem em parte nenhuma se achou noticia d'aquelle cartorio. Restava sómente o cartorio do convento, em cujos livros de contas e obras algumas noticias se encontram das obras do convento, mas n'ellas nada se achou relativamente á sepultura de Luiz de Camões.

Vimos tambem os livros das visitas dos prelados diocesanos á antiga parochia de santa Anna e n'elles igualmente nada encontramos relativamente a Camões. Mas vimos que o direito do padroado da antiga irmandade dos sapateiros era causa de immensos conflictos com as religiosas, e d'elles vimos que a mesma irmandade recebia o pagamento dos covaes, o que mais nos fez sentir o não acharmos o seu cartorio onde suppunhamos poder-se colher o instrumento da venda da sepultura perpetua de Luiz de Camões, ou alguma noticia de tal transacção.

Só restava haver as tradições do convento, onde ainda existia uma senhora secular de mais de 86 annos de idade e 62 de convento, e a respeitavel abbadeça com 40 annos de conven-

to, ambas as quaes portanto trataram largo tempo com uma religiosa que falleceu em 1820 com 100 annos de idade. As noticias que d'ellas se houveram, bem como das mais religiosas logo as diremos em seus competentes logares.

Antes de proceder a quaesquer excavações ponderou a commissão que segundo a voz commum, em harmonia com a relação de Manoel de Faria e Sousa, na segunda vida de Camões, a sepultura do poeta estava no meio ou perto do meio da igreja, e que cahindo o tecto pelo terremoto de 1755, a loisa se quebrara, e em seu logar se posera outra sem inscripção alguma, e que fazendo então as religiosas o côro de baixo a grade fôra collocada em cima ou quasi em cima d'esta pedra. Se pode ser verdadeira esta narração adiante o veremos. E comtudo verdade que quando alguns litteratos em 1836 procuraram os ossos do poeta, alguem se persuadiu que os ossos achados em uma sepultura na linha da igreja junto á grade do côro eram effectivamente os ossos de Camões. Mas segundo outra tradição tendo alguns estrangeiros feito diligencias para acharem a sepultura do cantor dos Lusiadas, e tendo já quasi perdidas as esperanças uma religiosa já velha disse que olhando por uma fenda do altar que estava perto da grade do côro, lhe parecia ver uma pedra sepulchral com lettras gravadas; e que tirando-se o altar se achara a campa da sepultura de Camões com as bem conhecidas inscripções, mas que estando quebrada se lhe substituira outra, donde conclue um escritor modernamente fallecido, ser sem duvida *que a sepultura que existe na igreja de Santa Anna junto á grade do côro de baixo, que antigamente correspondia ao meio do templo encerra os ossos do cantor da gloria patria*, não attendendo este escritor que a sua narração não podia de sorte *nenhuma* provar o que elle concluia, porque segundo elle a sepultura tinha-se achado debaixo de um altar, e não no meio da igreja.

Mas qualquer que seja o respeito devido aos propugnadores d'estas tradições, outro foi o entender da commissão, que passamos a justificar.

Luiz de Camões, falleceu no tempo de grande agitação quando os cuidados da sorte futura do reino absorviam a attenção dos Portuguezes, e as armas de Filippe II já começavam a invadir Portugal, e esta simples consideração basta para explicar a pouca attenção que o publico deu ao fallecimento de um poeta posto que altamente illustre. O enterramento do seu cadaver fez-se na respectiva freguezia, e é bem de crêr que sem pompa. Alguns annos depois D. Gonçalo Coutinho, que-

rendo honrar as cinzas do poeta, procurou a sua sepultura, achou-a, e sobre o jazigo poz uma campa de marmore com uma singela inscripção, a que algum tempo depois Martim Gonçalves da Camara, mandou accrescentar um elogio em versos latinos, dos quaes não tratamos por não ser necessario, mas da inscripção de D. Gonçalo Coutinho, adiante havemos de fallar.

Se crermos Manoel de Faria e Sousa, na segunda vida de Luiz de Camões, teremos que D. Gonçalo Coutinho, tendo achado os restos do poeta á entrada da igreja á mão esquerda os trasladou quasi ao meio da igreja, e ahi lhe poz a loisa com a inscripção que já mencionamos. Esta asserção de Faria e Sousa, tem sido muitas vezes copiada, e acreditada, sem se examinar se merecia credito. E como é ponto fundamental na busca dos ossos de Luiz de Camões, determinar o logar onde se deveriam achar, permitta V. Ex.ª que n'isto nos alonguemos alguma coisa, e o ponhamos com inteira clareza.

Que Camões fosse enterrado na igreja de Santa Anna, é ponto de que ninguem duvída, nem mesmo se tem asseverado senão que elle foi enterrado á entrada da igreja á mão esquerda. Mas trasladou-lhe os ossos D. Gonçalo Coutinho? e ou os trasladasse ou não, onde ficou sendo a sepultura dos ossos do poeta?

Primeiramente dizemos que nos parece que não houve trasladação.

Pedro de Mariz, o mais antigo biographo de Camões (1613) apenas diz que um fidalgo Portuguez *lhe mandou fazer sepultura propria*, mas tão *raza como a do mais povo*.

Manoel Severim de Faria (1624) diz unica e expressamente, que D. Gonçalo Coutinho, *lhe mandou cobrir o logar da sepultura com uma campa de marmore*. Foi pois Faria e Sousa, o primeiro que fallou em trasladação, e para o meio da igreja. O facto de ter ou não havido trasladação importar-nos-hia pouco, se o biographo não tivesse dito para onde. Mas houvesse ou não houvesse trasladação o facto é que a sepultura de Camões, que por mais de um seculo se venerou n'aquella igreja não estava no meio d'ella, mas á entrada pela porta principal á mão esquerda, junto á parede. E para que isto fique fóra de duvida começaremos por notar que a authoridade de Faria e Sousa não só é contraria a todas as memorias que d'elle não foram copiadas, mas que é fóra de duvida que elle apesar de grande admirador do poeta, não teve ao menos a curiosidade de lhe visitar o jazigo, pois que além d'elle o não dizer em parte alguma, e achar-se em contradição com a authoridade indubita-

vel de outros escriptores, se conhece pelo texto que elle dá da inscripção posta na campa por D. Gonçalo Coutinho, a qual segundo Faria e Sousa é a seguinte:

> Aqui jaz Luiz de Camões, principe dos Poetas
> do seu tempo: viveo pobre e miseravelmente, e assim
> morreo no anno de 1579.
> Esta campa lhe mandou aqui pôr D. Gonçalo
> Coutinho, na qual se não enterrará pessoa alguma.

Ora a clausula—*viveu pobre e miseravelmente e assim morreu*—não estava na inscripção, como expressamente nota o veridico continuador da *Historia Seraphica*, que como logo diremos, escreveu com inteiro conhecimento e estudo do objecto, que elle viu pessoalmente, e a sua asserção se acha confirmada com o texto da inscripção, impressa com as *Rimas* na edição de 1614, onde tal clausula tambem não apparece. Já se vê pois que pouco seria necessario para destruir a authoridade de Faria e Sousa, ainda que nos faltassem testemunhos tão respeitaveis como vamos ver.

No livro de Diogo de Moura de Sousa, manuscripto da antiga Bibliotheca das Necessidades, collecção de diversas noticias escripta no anno de 1638, e portanto já posterior ao tempo em que Faria e Sousa fazia os seus estudos, se lê o seguinte:

> *—A' entrada da porta principal de Santa Anna, á mão esquerda, está a sepultura do famoso poeta Luiz de Camões, a qual mandou fazer D. Gonçalo Coutinho.*

E continua depois dos epitaphios bem conhecidos:

> *E na parede junto á sepultura está huma tarja de azulejos que lhe mandou pôr Miguel Leitão de Andrade, com uma Cruz no meio, e no pé d'ella está escrito este epithaphio:*

> O grão Camões aqui jaz,
> Em pouca terra enterrado,
> Nas terras tão nomeado,
> De espada tão efficaz
> Quanto na penna affamado.

E prosegue dando outras noticias dos azulejos.

Fr. Fernando da Soledade continuou a *Historia Seraphica* que tinha começado Fr. Manoel da Esperança. Escreveu do Convento de Santa Anna por ser da sua ordem. A sua veracidade, é fóra de duvida em quanto elle pôde examinar: e quanto elle diz da sepultura de Camões é tanto mais digno de credito que se conhece evidentemente que elle viu e examinou com os seus proprios olhos, como se prova pela emenda do epitaphio e pelas palavras com que conhece a sua noticia: « *De outro poeta illustre, chamado Diogo Bernardes, temos noticia que fôra sepultado n'este templo, porem n'elle não vemos pedra ou epitaphio, que assignale o logar do seu deposito.*»

Ora é este mesmo historiador que fallando da Igreja do Convento de Santa Anna, diz: « Na parede que fica da parte esquerda, ao entrar pela porta principal d'esta Igreja, junto da sua sepultura, se vê outra memoria de Luiz de Camões, que mandou fazer em azulejo Miguel Leitão de Andrade. » E na segunda edição de 173 accrescenta: «Hoje existem estas memorias dentro da clausura em o côro inferior d'este mosteiro, o qual ha poucos annos se fez, tapando-se para esse fim a porta principal e da banda da Igreja, a porta d'elle que ficava debaixo do côro superior.»

E' pois evidente pelos escriptores que se conhece terem visitado a Igreja de Santa Anna, annos e muitos annos depois de D. Gonçalo Coutinho, que elles viam a sepultura de Camões com todas as suas memorias á entrada da Igreja entrando pela porta principal á mão esquerda. Mas ainda a estes accrescentaremos outra authoridade respeitavel do meio do seculo 18.º (1752), author que estava tão certo de que a sepultura de Camões era no logar que dizemos, que não querendo duvidar da asserção de Faria e Sousa, diz que D. Gonçalo Coutinho trasladou as cinzas de Camões para o lado esquerdo da porta principal da Igreja. As palavras de Diogo Barboza Machado, o famoso author de quem fallamos, são estas:

«Foi sepultado na Igreja (que juntamente era Parochia) do Convento de Santa Anna, de Religiosas Franciscanas d'esta côrte, em logar humilde, d'onde o transferiu no anno de 1595, dezeseis depois de sua morte, D. Gonçalo Coutinho, igualmente illustre pelo esplendor do sangue, que pelo zêlo da patria, para parte mais decorosa qual foi o lado esquerdo da porta principal da dita Igreja.»

A estas authoridades devemos accrescentar o testamento (digo) o testemunho uniforme das religiosas, de terem sempre

ouvido dizer que a sepultura de Camões era no fim da escada que do pavimento superior desce para o côro de baixo: o que inteiramente se conforma com a authoridade dos escriptores.

Determinado já no nosso entender sem duvida, o logar em que estava a sepultura de Camões, conviria examinar que authoridade teriam as cinzas que D. Gonçalo Coutinho honrou como taes, pois que, como é bem sabido, Manoel de Faria e Souza diz, que quando D. Gonçalo Coutinho as procurou *fue bien dificil el hallarle:* e o mesmo havia já dito Pedro de Mariz.

Em primeiro logar diremos que o intento da commissão não podia ser outro senão procurar os ossos que D. Gonçalo Coutinho se persuadiu que eram os de Camões—mas cumprenos mostrar que sempre taes ossos foram considerados como os verdadeiros de Camões. Nem os dois contemporaneos Martim Gonçalves da Camara, nem Miguel Leitão de Andrade, lhe teriam posto o primeiro o elogio latino, e o segundo os azulejos com os emblemas e inscripção, se se não persuadissem que ali estavam realmente os restos de Camões. Mas esta crença foi constante nos tempos seguintes.

Na Academia dos Singulares em 23 de Dezembro de 1663 disse o Dr. João d'Almeida Soares: «Por essas reliquias, cinzas, ou ossos que temos em Santa Anna, davam os venezianos ao Senado de Lisboa vinte e quatro mil cruzados para ajuntarem ao seu este maior thesouro.»

E logo em 6 de Janeiro seguinte de 1664, disse na mesma Academia Luiz da Costa Corrêa: « *O insigne poeta Luiz de Camões, foi tão efficaz na espada como affamado na penna. Assim o testefica o epithaphio, que no Convento de Santa Anna da Cidade de Lisboa está no funebre docel, que cobre aquellas cinzas:*

O grão Camões aqui jaz, etc. »

E' o mesmo epitaphio que já vimos lhe pôz Miguel Leitão de Andrade.

Em 1668 o editor da terceira parte das *Rimas*, o bem conhecido fundador da Academia dos Generosos, D. Antonio Alvares da Cunha, na dedicatoria d'aquella edição mostra a mesma convicção, quando diz: « *que apezar do marmore que cobre as cinzas do cadaver do nosso Orfeo em Santa Anna, etc.* »

Escusado é já accrescentar a crença de Fr. Fernando da Soledade, de Barboza, e outros.

Resta agora examinar se apezar do que temos dito a noticia do logar da sepultura de Camões se perdeu com o terramoto de 1755, ou quando.

E' tradição do Convento que o côro de baixo se fizera no anno de 1729. E d'esta tradição não póde duvidar-se pois que está em harmonia com o que já vimos que dizia Fr. Fernando da Soledade em 1736, que este côro se fizera havia poucos annos. E o abbade Barboza escrevia em 1752 : « *Como se convertesse em côro a entrada da Igreja.* »

Este côro fez-se pois antes do terramoto de 1755, e dentro d'elle ficou a sepultura de Camões, como dizem não só o chronista franciscano, mas tambem o abbade Barboza : « *Como se convertesse em côro a entrada da Igreja do Convento de Santa Anna, merecerão as cinzas d'este Homero Portuguez e Virgilio Lusitano, serem respeitadas em tão illustre clausura.* » Ora cahindo pelo terremoto de 1755, uma parte do tecto da Igreja de Santa Anna, a parte que cahiu não foi a do côro, o qual nem em cima, nem em baixo padeceu damno algum. Isto é constante de algumas das memorias do terremoto de 1755, e mais ainda da tradição do Convento. Não foi pois o terremoto d'este anno o que fez perder os signaes da sepultura de Camões. Qual póde pois ser a causa de tal acontecimento?

Não podendo asseverar qual fosse a causa, com certeza igual á do que temos dito, parece-nos que as memorias e tradições do Convento, e o que vimos nas excavações, nol-o explicam sufficientemente bem. Com a factura do côro de baixo tornou-se necessario, ou logo, ou algum tempo depois, assoalhar o chão do mesmo côro. Dos livros das visitas se conhece que anteriormente a parte da Igreja de baixo do côro de cima não era nivelada ou convenientemente applanada, como ainda se viu ao levantar o soalho. E para este assoalhamento se conhece que tiveram de rebaixar alguma cousa a parte esquerda do côro, ao mesmo tempo que para o nivelarem tiveram de levantar algum tanto o lado direito. Ora parece mais que provavel que n'esta occasião se tirasse a campa de Camões. Nem tal falta de respeito a tão illustres cinzas póde admirar, a quem sabe quantas profanações semelhantes se tem praticado ainda em outros logares, e ainda em outras epocas. Mas prosigamos.

Algum tempo antes do terremoto de 1755, quizeram as religiosas ornar o côro de baixo, fazendo-lhe alguns oratorios com imagens e reliquias de santos, e cobrindo o resto das paredes de obras de talha. Este trabalho se estava fazendo no

tempo do terremoto, e estando quasi acabado, de todo se suspendeu, de modo que ainda hoje existem por acabar de dourar parte dos ornamentos de um dos oratorios. E parece ser esta a occasião em que, dando os sentimentos das religiosas mais valor ás obras de devoção que queriam no côro, do que á conservação das memorias de Luiz de Camões, se tiraram da parede os azulejos que junto da sepultura lhe pozera Miguel Leitão de Andrade.

Mas fosse qual fosse o motivo da destruição das memorias sepulchraes de Camões, seriam então tirados os seus ossos para outro logar?

E' isto o que o exame do terreno evidentemente mostra que não.

Todo o chão do côro está assoalhado como uma casa e por isso é claro que ninguem se tornou alli a enterrar; e todo o chão do côro estava alastrado de ossaduras inteiras, que bem mostravam que para o assoalhamento se não tinham d'ali tirado os ossos. A este facto só uma excepção se acha, que foi no canto do côro, onde a commissão de 1836 tinha começado a excavar; pois que os ossos achados n'este logar, não estavam na sua disposição natural. Esta é igualmente a tradição do Convento; e em especial de Camões escrevia o abbade Barboza, pouco antes do terremoto, que as suas cinzas, *foram respeitadas em tão illustre clausura.*

Convencida pois a commissão de que os ossos de Camões ainda estavam no seu antigo jazigo do côro á mão esquerda de quem entrasse pela antiga porta principal, começou por levantar cuidadosamente da parede a obra de talha e os oratorios que a cobrem, a ver se na parede appareciam os azulejos postos por Miguel Leitão de Andrade ou ao menos signal d'elles; mas infelizmente nem achou azulejos, nem signaes d'elles.

Levantou-se o soalho em busca da loisa, mas nenhuma loisa se achou, mas logo terra por baixo do soalho, ou então em alguns logares mais baixos restos do ladrilho. Começou depois a excavação ainda na esperança de que se poderia achar alguma obra de alvenaria ou cantaria que designasse a sepultura do poeta: mas igualmente nada se achou: más a uma certa altura ossos em fórma que se lhe não tinha mexido. Alguns d'estes eram pois sem duvida os de Luiz de Camões: mas quaes, se nem era possivel distinguir a sepultura, nem os indicios de quantas memorias a commissão conhece lhe diziam se não á entrada da Igreja, á parte esquerda. Que havia pois a fazer? Ou deixar tudo no antigo repouso, ou juntar os ossos que se acha-

vam *á entrada da Igreja á mão esquerda.* Com o desejo que a commissão tinha de juntar os ossos do illustre poeta, e bem convencida de que todos quantos esforços se fizessem, seriam inuteis para inteiramente os extremar, preferiu este ultimo arbitrio. Confessamos que é isto penoso, que talvez com os ossos de Camões estejam misturados os de pessoa de bem pouco valor, mas assim já elles estavam, e o oiro de seus ossos não deixa de o ser por estar junto com outro metal de pouca estimação.

A commissão fez levantar o soalho em toda a Igreja, porque todo elle cobre grande cópia de loisas com inscripções sepulcraes, e em nenhuma achou o menor signal de ter sido de Camões.

Procurou todas as pedras do Convento onde havia letras, e em nenhuma achou o menor vestigio do que procurava. E isto mesmo a convenceu ainda mais, de que as memorias de Camões tinham sido tiradas em epoca de falta de estima de taes memorias, e que por isso mesmo não houve trasladação dos seus ossos. E para que nada restasse a examinar, excavou-se o patim da escada que desce para o côro de baixo, e nada indicou que ali houvesse sido sepulturas como já era sem duvida attendendo-se a que o vão da escada é tirado á casa exterior da portaria e roda, que nem a authoridade dos escriptores, nem as tradições do Convento, nem a inspecção dos logares levam a crer que ali se fizessem enterramentos.

Em vista do exposto escusa a commissão de concluir dizendo que julga superior a toda a duvida que nos ossos que colligiu, e estão depositados em um caixão no côro das religiosas de Santa Anna, estão os ossos de Luiz de Camões.

Tudo quanto se tem dito que não seja conforme ao que temos narrado, entende a commissão que está sufficientemente refutado com a exposição tão singella como veridica dos testemunhos que colligiu, assim de livros, impressos e documentos, como de tradições, como dos seus proprios exames e buscas, nem julga necessario combater tradições, legendas, ou opiniões contrarias ao complexo das mais respeitaveis authoridades historicas, e ás mais venerandas tradições em harmonia com as mesmas authoridades.

A' patria, ao governo, como representante do estado, cumpre agora dar honrada sepultura aos ossos do mais illustre dos escriptores portuguezes.

Terminando este relatorio só nos resta accrescentar que o ex.mo Rodrigo da Fonseca Magalhães, que não só foi o ministro que nomeou a commissão, mas muitas vezes lhe fez a honra

de assistir aos seus trabalhos, se quiz reunir a ella, e por isso s. ex.ª achará a sua assignatura com a dos outros membros da commissão.

Rodrigo da Fonseca Magalhães,
Presidente.

Visconde de Monção,
Relator.

Visconde de Juromenha.
Carlos da Silva Maya.
J. Maria Feijóo.

ERRATAS ESSENCIAES

Pag. 85, linha 14, ler: accrescentar: — se chama «*Companheiro*.

» 96, linha 5, ler: — 1539 por *1839*.

» 233, » 17, ler: — primo por *pae*.

» 242, » 21, e pag. 259, linha 17, ler: — primo por *pae*.

» 280, » 17, ler: — cunhada por *filha*.

INDEX

HISTORIA DE CAMÕES

OBRAS DE THEOPHILO BRAGA

Epopêa cyclica da Historia

Visão dos Tempos, (2.ª edição) . . . . 1 volume
Tempestades Sonoras (esgotado) . . . . 1 volume
Ondina do Lago . . . . 1 volume
Torrentes . . . . 1 volume
Folhas Verdes; versos dos 15 annos (2.ª edição) . . . . . 1 volume

Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez

Historia da Poesia popular portugueza . . . . . . 1 volume
Cancioneiro popular . . . . 1 volume
Romanceiro geral . . . . 1 volume
Cantos populares do Archipelago açoriano . . . . . 1 volume
Floresta de Romances . . . . 1 volume

Historia da Poesia Portugueza

Introducção á Historia da Litteratura portugueza . . . . . 1 volume
Epopêas da Raça Mosárabe (eschola nacional) . . . . 1 volume
Trovadores galecio-portuguezes (eschola provençal) . . . 1 volume
Poetas palacianos do seculo XV (eschola hespanhola) . . . 1 volume
Bernardim Ribeiro (eschola hispano-italica). . . . . 1 volume
Os Quinhentistas — Vida de Sá de Miranda (eschola italiana) . 1 volume
Historia de Camões . . . . 1 volume
Eschola de Camões (no prélo) . . . . 1 volume

Historia das Novellas de Cavalleria

Formação do Amadis de Gaula (no prélo) . . . . . 1 volume

Historia do Theatro portuguez

Vida de Gil Vicente e sua eschola (seculo XVI) . . . . 1 volume
A Tragedia classica e as Tragicomedias (seculo XVII) . . . 1 volume
A Baixa Comedia e a Opera (seculo XVIII) . . . . . 1 volume
Garrett e os Dramas romanticos (seculo XIX) . . . . 1 volume
Theoria da Historia da Litteratura portugueza, 3.ª edição (no prelo) I volume

Philosophia — Contos — Versões

Historia do Direito Portuguez . . . . 1 volume
Estudos da Edade Media . . . . 1 volume
Poesia do Direito — Ensaio da Symbolica . . . . . 1 volume
Contos Phantasticos . . . . 1 volume
Obras Primas de Chateaubriand . . . . 1 volume
Obras Primas de Balzac . . . . 1 volume
Edição popular dos Lusiadas . . . . 1 volume

Questões de Litteratura e Direito

Os Criticos da Historia da Litteratura portugueza . . . . . Folheto
Caracteristicas dos Actos Commerciaes . . . . . . Folheto
Espirito do Direito Civil moderno . . . . . . Folheto
Theses escolhidas de Direito . . . . Folheto
Theocracias Litterarias . . . . Folheto
Gaia, romance de João Vaz, d'Evora . . . . . . Folheto
Obras de Christovão Falcão . . . . Folheto